

Anexo D – CD-ROM

Transcrições das entrevistas realizadas com os 13 participantes da pesquisa

RENESTO, Ana Paula Carneiro. **Jovens leitores em meios populares: paradoxais constituições leitoras.** 2009. 293 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

ÍNDICE

1	AK47	3
2	ÁLVARES	17
3	ANDRÉ	47
4 e 5	BEATRIZ E PAULA	67
6	DANDARA	87
7	FRIDA	101
8	LAÍS	115
9	MARLIK	129
10	MARIA	155
11	MARLEY	167
12	TAIKO	187
13	ZAPATA	205

ENTREVISTA COM AK47

P.: Queria que você me dissesse que tipo de livro você vem lendo, que tipo de livro você gosta de ler.

AK47: Ultimamente, estou caçando o que ler, na verdade. Eu terminei de ler alguns livros e estou procurando algum livro de romance para eu ler, mas um livro diferente de algum autor que eu nunca li. Estou na procura ainda. Mas eu gosto mais de ler livro ligado mais às questões humanas, como filosofia, sociologia também e algum livro de literatura que fala da nossa condição humana. Aí eu acho que entra a parte do romance crítico, não só como romance como forma estética. Romance que tem mais a ver com os temas centrais da humanidade.

P.: O que é um romance crítico?

AK47: Não sou muito especialista nesse assunto, mas, como eu tenho contato com alguns livros, eu acho que romance crítico é aquele que traz mesmo algumas questões da humanidade que não foram superadas, tanto questões objetivas como subjetivas do próprio ser humano. Que não seja aquele romance que fique naquele amor platônico, do Platão. Que não fica em alguns temas do povo antigo, do mito, não que seja ruim, mas algum romance que tenha a ver mesmo com as nossas vidas.

P.: Você pode me dizer de alguns livros que te marcaram, que foram fundamentais para você?

AK47: Então, na linha do romance, que, na verdade, não é um romance, é um conto, o que eu li e o que eu mais gostei foi do Kafka, “Um Artista da Fome”, é o nome do conto que eu mais gostei e achei mais interessante. Tanto que, depois que eu li o Kafka, eu fui ler *O Processo*, *A Colônia Penal*, li *A Metamorfose* também. Mas esse conto eu acho que foi o melhor que eu li. E brasileiro que eu gostei bastante foi Frei Beto, um romance dele *Alucinado Som de Tuba*, e o da Esmeralda, *Esmeralda por que não dancei*, que conta a história da Esmeralda desde que ela saiu da casa dela por vários motivos e foi morar na rua, mas esse livro ela conta, escreve um conto, mas teve ajuda do Gilberto Dimenstein, porque ela participava de um projeto, “O Aprendiz do Futuro”. Então, esses foram os textos que eu mais gostei, tanto o Kafka quanto o da Esmeralda. E tem um também que eu li há pouco tempo que é do Ferréz, *O Manual Prático do Ódio*. Gostei bastante também e está na lista dos livros que eu mais gostei. Só que o primeiro eu li, romance mesmo, foi *O Mundo de Sofia*, que é um romance filosófico, na verdade. Além de contar uma história, uma ficção, conta a trajetória da Filosofia até os dias contemporâneos, até o mundo atual.

P.: Quantos anos você tinha quando leu *O Mundo de Sofia*?

AK47: *O Mundo de Sofia* quando eu li, nem tinha entrado na faculdade ainda, foi em 2003, tinha então vinte anos.

P.: E esse foi seu primeiro livro de filosofia que você leu?

AK47: De filosofia, eu li vários: *A História da Filosofia*, alguns filósofos, biografias, um monte. Mas esse, *O Mundo de Sofia* tem uma característica diferente, ele é romance.

P.: É verdade. E você lembra das primeiras coisas que você leu na sua vida?

AK47: As primeiras coisas que eu li na minha vida foram os gibis quando eu era criança. Quem teve oportunidade de ter gibi em casa, revista em quadrinho, aí você começa a ler e vai se identificando. E depois que eu passei da idade escolar, eu não lia mais nada porque você não tem acesso à biblioteca da escola e das escolas que eu passei quando eu entrei na escola, só uma aqui na Tiradentes que eu cheguei a ir na sala de leitura. Nas outras, eu nem sabia que existia biblioteca. E o meu contato com a biblioteca, só fui uma vez na biblioteca pública, uma infanto-juvenil e depois que eu tive contato com essa biblioteca comunitária.

P.: Depois você teve contato com a Solano Trindade?

AK47: É, com a Solano Trindade. De resto, nunca tinha pisado numa biblioteca pública. Então, o acesso que eu tinha a livros, no período escolar, não tinha nenhum. Depois, eu

comecei a fazer alguns cursos comunitários, cursos de cidadania e aí foram abrindo novas perspectivas. A gente vai conhecendo coisas novas e aí a necessidade de você buscar informação. Aí você vai buscar nos livros.

P.: Me fala uma coisa, como era o acesso aos gibis? Era emprestado, era você que comprava, era dos seus irmãos, era do vizinho? Como era o acesso a esse material?

AK47: A questão dos gibis, eu não sei como foi parar lá em casa, mas tinha umas caixas de gibis lá, quando eu era criança. Duas ou três caixas.

P.: Gibis de segunda mão?

AK47: Várias caixas. Não sei se meus irmãos compravam, não sei como aquilo foi chegar lá, mas tinha lá. Então, comecei a ler.

P.: Você é o irmão mais novo?

AK47: Não, depois de mim ainda tem Douglas, Diogo, Gerson e Daiane.

P.: Então você é qual?

AK47: São meus irmãos intermediários.

P.: Quando você ficava lendo gibis por que você preferia ficar lendo gibis em vez de ver televisão, jogar bola na rua, fazer qualquer coisa assim?

AK47: Então, desse período, eu tenho uma vaga lembrança, porque eu acho que dava para fazer isso tudo. Eu sempre gostei de praticar esporte, até hoje. Então, sempre jogo futebol, basquete. Só que, quando você é criança, as nossas mães e pais não deixam a gente ficar muito na rua. Então, você ficando em casa você vai ter acesso à televisão e a todo lixo que passa na televisão você tem acesso, no meu caso eu cresci vendo Cultura, SBT e aí tem a questão da leitura também. Se você tiver sorte de ter alguma coisa em casa para ler, um incentivo. No meu caso, foi o gibi. Tinha o gibi lá, então eu ia ler.

P.: E alguém te incentivava?

AK47: Eu acho que ninguém em casa. Como eu aprendi a ler e escrever um pouco na pré-escola, então isso facilita bastante.

P.: Você foi para a escola com cinco anos, seis?

AK47: É fui para a pré-escola com cinco ou seis anos. Então, eu aprendi a ler muito rápido. Quando eu entrei na primeira série, eu já tinha noção de leitura também. Minha mãe nunca incentivou, como eu te falei, meus irmãos mais velhos também não. Então, eu acho que é um pouco de acaso, um pouco de interesse também.

P.: Na escola, como você era como aluno? Você tinha uma boa relação com a escola ou achava a escola chata? Você chegou a repetir ou você era sempre o melhor da classe ou era intermediário, mais ou menos? Como que era assim sua relação com a escola?

AK47: Então, a escola é um prédio ali, mas não sei se contribuiu muito para a minha formação, porque, da primeira à quinta série, eu lembro que sempre tirei nota vermelha na escola, embora sempre soube ler, escrever, dominava as operações simples da matemática, tinha algum conhecimento de História, Geografia e Ciências também. Só que eu só tirava nota vermelha, não sei por quê. Nesse período infantil na escola, eu lembro também que a escola, ao invés dela potencializar a criança, ela vai sempre reprimindo a criança porque ela seleciona: quem tira nota azul são os melhores, os outros, não. Então, você já perde um pouco de estímulo de sempre querer ir buscar conhecimento, de ir atrás. Então, da primeira à quinta, eu fui isso na escola, fui um adolescente reprimido e que não era incentivado a nada. Passava porque freqüentava a escola. Da sexta até a oitava, já mudei um pouco a minha postura escolar. Tirava nota azul em tudo, em matemática. Então, a professora me colocava no grupo dos melhores alunos.

P.: O que te aconteceu na virada da quinta para a sexta?

AK47: Eu acho que mudar para a Cidade Tiradentes. É que eu estudava numa escola que parecia muito um regime militar. Tinha que cantar o Hino todos os dias, disciplina total com

as crianças, com os adolescentes e aí eu senti, quando eu mudei para a Tiradentes, foi em 1996, eu achei que as escolas daqui foram melhor para mim.

P.: Que legal. Onde era a outra escola? Que bairro era?

AK47: O Ana Lambert, aqui perto de casa, no setor G.

P.: A escola até a quinta?

AK47: Não, até a quinta eu estudava na Escola Anísio Teixeira. Nunca me falaram na escola quem foi Anísio Teixeira.

P.: Um cara da Educação.

AK47: Ninguém, só sabia que era Anísio Teixeira. Aí quando eu mudei para o Vereadora Ana Lambert, nem sei quem era, acho que foi uma vereadora, minha relação com a escola melhorou em tudo, tinha mais vontade de ir para a escola, foi o período que eu aprendi mais, embora eu não lia nada, só estudava, só ficava estudando na escola. E foi um período em que minha relação com os outros adolescentes foi bem melhor.

P.: Você lembra das suas aulas de Língua Portuguesa serem legais, se não eram, lembra se você gostava, se tinha incentivo à leitura, se tinha prática de leitura na escola ou não, ia na sala de leitura da quinta à oitava ou não?

AK47: Eu vim saber o que era uma sala de leitura na sexta série aqui no Ana Lambert. Aí que eu soube que existia sala de leitura nas escolas e aí a professora de Língua Portuguesa levava a gente para a sala de leitura. Só que a gente chegava lá na sala de leitura e ficava vendo os livros. A professora não falava nada. A gente só pegava livro e ficava vendo.

P.: Não tinha nenhuma atividade?

AK47: Não, não tinha nada e aí a gente escolhia um livro para ler, quem conseguia ler e gostava, lia os livros lá, mas essa era a relação que eu tinha com a sala de leitura. Aí, quando eu mudei para Itaquera de novo, estudei o ensino fundamental lá no Fabolo. Aí eu já tinha vontade de prestar vestibular para alguma coisa para faculdade.

P.: Você estava no ensino médio?

AK47: Aí eu queria prestar para Matemática. Eu só tirava nota azul em matemática e pensei que sabia matemática. Só que a escola engana junto com a professora, né. Porque não basta você tirar dez em matemática. Por que um tira dez em matemática e o outro tira dois em matemática? Será que um sabe mais que o outro? Aí eu tive vontade de prestar vestibular e então me dedicava mais aos estudos. Eu sempre queria ter aula de Filosofia e Sociologia na escola. [risos]

P.: E de onde vinha essa vontade da aula de Filosofia e Sociologia na escola?

AK47: Por escutar os mais adultos falarem que era chato as aulas.

P.: De Filosofia e Sociologia?

AK47: De Psicologia. Então, no ensino médio, é que você tem. E aí, quando eu fui para o ensino médio, foi quando o Fernando Henrique proibiu – o querido presidente do Malik – proibiu essa disciplina na escola.

P.: Ele proibiu?

AK47: Proibiu. Não se estudava mais Sociologia e Filosofia na escola. Só as escolas que quisessem ter essas aulas poderiam. Aí eu não tive e foi quando eu comecei a buscar livro de filosofia, para saber o que era filosofia. Foi quando eu comecei a ler coisas básicas sobre filosofia.

P.: E onde você ia pegar livro de filosofia?

AK47: Comecei a pegar em casa.

P.: E na sua casa tinha?

AK47: Meus irmãos começaram a acumular livro em casa e eu não entendia o porquê.

P.: Livros didáticos?

AK47: Não, eram livros de economia, sociologia, filosofia. Eu não entendia porque eles liam tanto e aí eu comecei a mexer nos livros deles. Aí eu comecei a achar algumas coisas básicas sobre filosofia e sociologia. Aí eu fui me interessando cada vez mais.

P.: Aí você lia onde, que horário, como eram as suas práticas de leitura?

AK47: Mínimas, mínimas mesmo. Só mesmo quando eu não estava fazendo nada. Nada que eu achasse importante, não estava jogando bola, não estava na quadra, não estava na rua, não estava vendo televisão e aí eu ia procurar livro para ler.

P.: Entendi. E tinha livros na sua casa porque eles estavam fazendo faculdade dessas coisas? De sociologia ou eles estavam interessados no assunto? Por que eles tinham esses livros?

AK47: Então, meus irmãos começaram a acumular livros desde que eles começaram a se envolver com o movimento *hiphop*. Só depois de dez anos que um foi para a universidade. Isso foi no ano de 1995. Então, eles já participavam do *Força Ativa*, já faziam discussão sobre a importância da leitura aqui na biblioteca. Tinha uma biblioteca aqui na Cidade Tiradentes e aí eles começaram a juntar os livros. E como eles faziam trabalhos relacionados à questão racial, à história da esquerda, eles começaram a acumular esse tipo de livro em casa. O primeiro só foi entrar na faculdade nove anos depois, no ano de 1995 até o ano de 2004.

P.: Você foi o primeiro então que entrou?

AK47: Não, primeiro foi o Wilson.

P.: O Wilson é seu irmão? Ah, tá.

AK47: Foi no ano de 2003 que ele entrou, depois foi o Zapata na sequência em Letras no Mackenzie e eu e o Fernando entramos juntos em Ciências Sociais. Ele na Fundação e eu na PUC.

P.: Pelo jeito, essa família está tentando dominar o *Força Ativa*. [risos]. Brincadeira. Ah, que legal. Seus irmãos então já estavam no Movimento *Hiphop* e do *rap*?

AK47: Com o movimento *Força Ativa* é que eles começaram a acumular vários tipos de livros.

P.: E esses livros que eles estavam acumulando, eles foram ficando na sua casa, depois eles vieram?

AK47: Não, esses livros eles foram comprando, não tinha nada a ver com a biblioteca.

P.: Nada a ver com a biblioteca. Ah, entendi.

AK47: Eu não entendia porque eles sempre falavam de Marx, tinha umas referências, mas não entendia. Já tinha ouvido na escola alguma coisa sobre socialismo, mas sem aprofundar. Mas eu tinha curiosidade de conhecer. E eu sempre gostei de temas voltados para política, sempre buscava uma leitura sobre isso.

P.: Você é bem mais novo que o Fernando? Ele tem vinte e sete anos não é? O Wilson tem quanto?

AK47: Eu acho que ele tem vinte e nove.

P.: Vinte e nove e o Zapata?

AK47: O Zapata tem trinta e um e eu vinte e quatro.

P.: Os seus pais, seus avós, tios e primos eles falavam o quê desse hábito de leitura, do Wilson, do Fernando, do Zapata e depois seu? Que visão eles tinham dessa história de ler bastante? Incentivavam, achavam estranho? Porque tem gente que fala para mim que os pais falam: "Você está lendo demais, você vai ficar doente." Minha mãe falava isso para mim: "Pára de ler menina, vai brincar." Brincar, não. Vai fazer outra coisa porque eu tinha uns doze ou treze anos. No seu caso, eles falavam o quê?

AK47: O ano que eu nasci foi o ano que minha mãe se separou do meu pai. Então, a minha convivência com ele era na adolescência que eu ia lá na casa dele e minha mãe faleceu no ano de 1999. Então vai, no ano de 1999, eu tinha dezesseis anos, por aí. Então, meio que não tinha essa relação, acho que essa fase minha mãe não acompanhou. Mas, quando eles estavam no *hiphop*, desde Itaquera no ano de 1994, minha mãe foi sempre aberta a tudo isso. Ia um monte

de gente em casa ensaiar músicas de *rap*, faziam reuniões em casa porque não tinham espaço. Minha mãe deixava, mas ela não se metia muito porque ela sempre foi malufista.

P.: É mesmo? Que legal.

AK47: Ela lembro que ela só falava no Maluf, votava no Maluf e meus irmãos iam numa outra linha né, o PT. Mas nunca teve problema. Eu acho que ela não entendia muito o que eles estavam fazendo, só sabia que eles eram envolvidos com o *rap*.

P.: E qual era a visão que sua mãe tinha da escola? Ela te batia se você tirasse nota vermelha? Ela ia nas reuniões e voltava dizendo “Não está bom assim, você tem que estudar mais.”? Ou ela tinha uma visão mais distanciada, era mais distante da escola? O que ela falava para você? Ela pegava no pé ou não pegava no pé?

AK47: Eu lembro que ela pegava muito no pé porque ela tinha essa coisa que todo mundo tem de que você tem que estudar para ser alguém. Ela tinha essa visão comum de estudar para ser alguém. E eu lembro que ela falava que todos dos mais velhos já tinham concluído o ensino médio e então ela achava isso legal. Ela tinha orgulho disso. Ela não viu ninguém entrar na universidade. Acho que ela achava isso uma coisa muito distante. Então, ela cobrava. Ela não gostava que ninguém repetisse de ano. Se repetisse, era castigo para o ano inteiro.

P.: E você chegou a repetir?

AK47: Eu repeti quando eu mudei para cá, para a Cidade Tiradentes, porque eu estava estudando lá no Anísio Teixeira na quinta série. E aí, quando eu mudei para cá, fiz a transferência e aí foram os seis meses que eu faltei bastante na escola. Foi o ano que eu repeti, mas o próximo foi normal. Porque, quando eu cheguei aqui, eu estranhei um pouco, não sei o porquê, mas a professora tinha a prática de mandar a gente comprar livro. Livro que ela usava era tudo comprado.

P.: Professora de quê, de Português?

AK47: Ciências, a maioria dos professores. Aí eu estranhei, porque lá no Anísio Teixeira, a gente recebia os livros e aqui mandavam comprar. Só agora que eu sei que isso é contra a lei, não pode. E como em casa a gente nunca teve dinheiro para comprar livro, para nada, às vezes, eu ficava excluído das aulas dela. Porque eu não tinha o livro, sentava com alguém um dia, sentava com alguém outro dia. Isso me afastou bastante. Mas aí no ano seguinte não teve mais isso. E eu não entendi porque a professora usava esse método. E aí foi o ano que eu reprovei.

P.: Quando sua mãe faleceu, você tinha dezesseis anos e aí vocês ficaram morando só vocês irmãos ou vocês ficaram morando com uma tia, com uma avó, como que foi?

AK47: Lembro que foi em Itaquera numa casa de aluguel. Aí meus irmãos, quer dizer, meu irmão mais velho alugou outra casa e a gente saiu de lá e fomos morar nós, os irmãos, ele e a mulher dele e o meu sobrinho até eles juntarem dinheiro, tanto o Fernando e o Gil e comprarem esse apartamento aqui na Tiradentes. Aí viemos todos para cá e, como nós éramos em onze, tirando os casados, veio todo mundo morar aqui, mas a minha irmã ficou na casa da tia que era no mesmo prédio.

P.: Mas a sua irmã era pequenininha?

AK47: Era. Mas na outra escada, mas agora nós estamos morando em seis aqui e o resto está por aí.

P.: Eu perguntei isso porque, às vezes, com sua mãe falecendo, se viesse morar um outro adulto no caso para cuidar dos que ainda eram menores de idade e talvez ele pudesse ter influenciado nos hábitos de leitura, às vezes um tio... Dentro da escola, você falou que, no ensino médio, você já estava mais interessado em filosofia e ficou decepcionado porque lá não tinha. E no seu ensino médio? Você se lembra das suas aulas de Língua Portuguesa? Teve alguma coisa interessante no trabalho com essas obras de Literatura? Ou não, não teve diferença nenhuma? Ou te deixou às vezes com reticências com relação à obra? Como é que

foi? Você falou que a escola não te ajudou muito porque não tinha sala de leitura ou porque não lia ou então o acervo não circulava e no ensino médio?

AK47: No ensino médio, nada também. Eu lembro que a professora mandava ler algumas obras, mas eu nunca gostei de ler literatura brasileira, porque eu pegava o livro e sempre estranhei a linguagem da literatura brasileira. Até hoje, eu estranho, eu estranho. Aí hoje eu acho, eu entendo, porque o Brasil sempre foi colônia de Portugal, inclusive na literatura brasileira. Depois é que veio o Movimento Modernista tentando dar uma cara nova para a literatura brasileira. Só que eles escrevem numa linguagem que eu não gosto. Hoje eu já consigo ler, eu pego um romance. Já li aquele Manuel Machado de Almeida, já li Machado de Assis, já li *O Cortiço*, *O Quinze*, *A Hora da Estrela*, mas eu não gosto da literatura brasileira. Então, na época, a questão da linguagem me afastou muito de ler. Hoje, eu até posso pegar um Lima Barreto, posso pegar alguns para ler, só que eu estranho o modo que eles escrevem e o modo de uma literatura russa ou uma literatura francesa. Acho que os estilos são bem diferentes e o estilo brasileiro de literatura eu não gosto, muito embora tenha livros bons, que eu considero bons e que dá para ler.

P.: E que diferença você acha que tem entre a literatura brasileira da literatura russa, da literatura francesa?

AK47: Eu acho que essa tentativa do Brasil tentar achar uma cara para a literatura brasileira eu acho que prejudicou.

P.: Como?

AK47: Você vai estereotipando alguma coisa, você tenta estabelecer o que é um personagem brasileiro e eu acho que embaralha muita coisa. E a literatura brasileira, tirando essa coisa da linguagem que é estranha, que não é o português que a gente está habituado, acho que é um português muito ligado a Portugal ainda, tirando essa coisa da linguagem, os temas que a literatura brasileira trata, que são temas que não são ligados a nós aqui no Brasil. Muitos deles não são ligados a nós. Até mesmo você pega um Machado de Assis, o cara não era branco, não era um europeu, era o dito mulato e era o cara que não tinha condições de estudar, o cara que aprendeu ali até conhecer um padre que deu uma assistência a mais, o acesso a livros, foi para a universidade. E mesmo ele tendo toda essa trajetória, nos romances que ele escreve, ele descreve muito o ambiente da elite, as reações ali da elite. Então, fica uma coisa que não é acessível mesmo. Já as literaturas estrangeiras, algumas né, a francesa, por exemplo, eu li Vitor Hugo, *Os Miseráveis*, ele traz uma temática totalmente coerente com o momento que ele escreveu lá na França. Você pega o Gorki, que eu acho ele difícil para ler, mas ele traz umas temáticas legais. Eu acho que a literatura brasileira está muito restrita ainda à questão estética. Tentar ter um movimento sério que vai definir: Olha, isso é literatura brasileira. Acho que está preso a isso e esquece um pouco do conteúdo mesmo.

P.: Você acha que o livro didático da Língua Portuguesa na escola de alguma forma te chamou a atenção para a literatura, por exemplo, algum poema, alguma coisa assim ou não?

AK47: Então, os livros didáticos todos, sem exceção, são um lixo, todos os livros didáticos. Eu lembro que livro didático da Língua Portuguesa tem aquele texto, a maioria da Ruth Rocha. Acho que não tem ninguém que não tenha lido Ruth Rocha, que vem sempre no livro didático e vem sempre uma historinha, traz um fato de um adolescente. Traz alguma coisa que não ajuda, não incentiva a mente e traz algumas histórias que não têm nada a ver com a gente, histórias inventadas a maioria, são criadas e que não têm nada a ver com a nossa condição de vida e não estimula a reflexão, o pensamento. Não estimula a criança a buscar, a ir atrás do saber e do conhecimento. Os livros didáticos são todos fracos na Língua Portuguesa. Traz uns poemas que você às vezes nem entende o poema, de tão abstrato que ele é. Você não consegue entender. E a linguagem... Eu acho que o livro didático para criança e adolescente não pode ser uma linguagem que a gente não está habituado, uma linguagem muito culta como chamam.

P.: Então, quando a gente estava conversando durante a entrevista, você disse que, na verdade, quando eu perguntei como você começou a gostar de ler, você disse que se interessou por filosofia, foi ler coisas de filosofia e aí que você foi ler outras coisas. Você pode me explicar isso de novo?

AK47: Pela curiosidade que eu sempre tive de conhecer a filosofia, porque eu escutava falar, isso atraiu o meu gosto pela leitura, tanto que eu fui querer saber o que é filosofia, fui buscar mesmo. Eu tive contato com alguns livros e até eu deixei a Matemática de lado porque eu queria estudar Filosofia. Só que aí, quando eu comecei mesmo a pesquisar sobre Filosofia, eu percebi que, pelo tipo de conhecimento que eu estava querendo me aprimorar, a Filosofia era muito restrita, até mesmo aonde eu ia prestar, na São Judas. Eu fui lá ver a grade de Filosofia e vi que era muito restrita. E aí, depois é que eu fui descobrir a Ciências Sociais, porque eu não queria ser um filósofo, estudar só uma parte do conhecimento. E eu fui entender que a Ciências Humanas é muito mais ampla do que a Filosofia. Só que, no início, o contato com a Filosofia me proporcionou o gosto pela leitura, ler por gosto e de também querer entender algumas questões.

P.: Quantos anos você tinha quando começou a ler filosofia?

AK47: Eu tinha dezoito anos, estava saindo do ensino médio.

P.: E aí você já participava do *Força Ativa* ou não?

AK47: Não. Eu não participava do *Força Ativa*, eu não participava de nada. Eu tinha interesse num monte de coisas, mas eu acho que o contribuiu também foi o *hiphop*. O *hiphop*, além de proporcionar uma série de reflexões e você começar a escrever músicas de *rap*, você tem contato com a escrita e com a leitura.

P.: E quando você começou a escrever esses *raps*?

AK47: Isso foi com uns vinte anos que eu comecei a me interessar em fazer *rap*.

P.: Você faz até hoje?

AK47: Não, agora tem um grupo de *rap* aqui no *Força Ativa*.

P.: Porque eu preciso de algumas, chama... epígrafe né, com alguns textos que são literários, trechos de música que às vezes ilustram o que as pessoas disseram na entrevista, se você tiver interesse em passar algum *rap* seu, mas nisso a gente fala mais para a frente.

AK47: A filosofia foi fundamental, mas eu percebi que eu queria estudar filosofia e ser um cara centralizado na filosofia.

P.: Aí você foi da filosofia para biografias e literaturas, é isso? Ou você prefere literatura?

AK47: A literatura foi bem depois.

P.: Como foi o processo?

AK47: Comecei a ler filosofia, ler textos sobre política, sobre economia, sobre sociologia e aí a literatura veio bem depois, porque comecei a procurar mesmo outro tipo de leitura. Eu sempre escutava o pessoal falando de romance, mas eu nunca, tirando alguns brasileiros, eu não me interessava muito.

P.: Quando você fala “Eu escutava o pessoal falando”, quem é o pessoal? São seus amigos, seus irmãos ou era o pessoal do *hiphop* que fazia reunião aqui?

AK47: Não, o pessoal do *hiphop* não lê nada. Os amigos inclusive eu comecei a fazer um curso de Cidadania no ano de 2000 e 2001. Depois, eu comecei a fazer um curso sobre Direitos Humanos e aí eu conheci o pessoal daqui do *Força Ativa* e de outro grupo que também fazia esse curso. Aí nesse curso, o pessoal também discutia a questão da biblioteca. Aí foi no período que montou a biblioteca e eu comecei a ser mediador de leitura na biblioteca. E aí eu tive um contato maior com outras possibilidades de leitura, sendo mediador de leitura nessa biblioteca.

P.: Quando você foi mediador de leitura nessa biblioteca, você acha que as outras pessoas também ficavam envolvidas aqui na biblioteca, os líderes também foram mediadores para

você, eles te falaram “Lê isso, lê aquilo, isso é legal”? Eles discutiam o que você estava lendo ou isso não acontecia com você?

P.: Sempre tem, desde que eu tive contato com o pessoal do *Força Ativa* e com o que eles faziam, o pessoal sempre falava da importância da leitura porque eles vinham desde o ano de 1995 aqui na Cidade Tiradentes fazendo essa discussão, né. Dentro do *hiphop*, a importância do pessoal do *Hiphop* não ficar só falando sabedoria de rua e ir atrás do conhecimento, tanto é que eles tem uma música de *rap* que é “Bom ler um Livro”, e toda vez que tinha uma apresentação de *Hiphop* que o pessoal do *Força Ativa* fazia, cantava essa música, desde o ano de 1995. Quando, no ano de 2001, eu estava tendo um contato mais com o grupo de jovens aqui do *Força Ativa*, o pessoal sempre dava indicação de leitura e falava que tais livros são legais, sempre orientando.

P.: Você foi mediador de leitura e o que você acha que caracteriza um bom mediador de leitura? O bom mediador de leitura faz o quê?

AK47: Primeiro, ele tem que conhecer o livro, coisa que eu não conhecia quando eu entrei na biblioteca. Para mim conhecer os livros, eu tive que ir folheando, ter contato com os livros, contato com o consulente que vinha buscar o livro. Então, conhecer o livro é fundamental e também saber fazer esse diálogo com o consulente, é apresentar as várias possibilidades de leitura, principalmente aquelas que tem mais a ver com a nossa realidade, nós que estamos aqui na Cidade Tiradentes, porque o consulente que vem na biblioteca buscando muitos livros, que parece não ter nada a ver com a gente. Então, o pessoal lê e não faz a ponte com a realidade na qual nós estamos inseridos. Então, você pode falar para o consulente: “Olha, esse aqui tem a ver com a gente, com a nossa condição de vida, por que foi criada a Cidade Tiradentes, por que existe essa biblioteca comunitária, por que não tem uma pública? Dá para você, dependendo do título do livro, fazer várias pontes com a nossa situação aqui na Cidade Tiradentes. Então, é conhecer os livros, saber dialogar com as pessoas que vêm até a biblioteca também acho que é importante, também estar tentando criar um vínculo maior com a comunidade. Então, eu ficava aqui de segunda à sexta-feira das dez à uma hora. Agora, eu não posso mais ficar todo esse tempo, mas pelo menos dois dias na semana eu estou aqui na biblioteca. Eu acho que esse trabalho na biblioteca do ano de 2001 até aqui foi o trabalho que mais me potencializou para muitas coisas, tanto para entrar na universidade quanto para fazer outros trabalhos que a gente faz na comunidade.

P.: Te potencializou como assim? Para ajudar os consulentes tinha que ter bom conhecimento do material que tem aqui na biblioteca, os próprios livros, te potencializou pelas lições do *Força Ativa*, te potencializou a lidar com o público? Explica melhor.

AK47: Eu acho que me potencializou para tudo, tanto para o modo de me expressar, saber falar em público, saber organizar uma atividade, uma oficina, preparar uma sala, aprender a catalogar livro porque eu não sou bibliotecário, não fiz Biblioteconomia, mas a gente fez uma formação aqui de como catalogar livro, como organizar um acervo, distingui as áreas de conhecimento, ter mais disciplina quanto ao estudo porque senão a gente não consegue entrar na universidade.

P.: Como é essa história da disciplina?

AK47: No estudo? Eu aprendi num grupo de estudo de domínio de texto, mesmo que o texto você não entender nada, mas você aprender não só ler as palavras, mas abrir o dicionário, pesquisar, pegar outro livro que está falando a mesma coisa. É estudar de verdade, escrever sobre o texto, tentar fazer uma resenha sobre o texto, o que você entendeu sobre o texto, organizar as idéias, tentar relacionar com o que a gente vive. Isso eu chamo de disciplina: não só ler o texto, mas você decompor.

P.: E quando você lê um texto de um livro de Literatura você também tenta fazer isso de relacionar com outras coisas ou é ler pelo prazer de ler, agora é minha hora de lazer como que é?

AK47: Não, para mim todo tipo de leitura é para mim uma leitura prazerosa.

P.: Mesmo para estudar?

AK47: Mesmo para estudar, depende do estudo. Mas todo tipo de leitura para mim é prazerosa menos aquela leitura que você é obrigado a fazer. Agora quando você pega um romance para ler, o que me chama a atenção num romance? O tema que está tratando o romance, a temática do romance. Também um pouco o estilo porque eu não gosto de ler aquele romance realista exacerbado que dá o detalhe até da pinta que estava na testa da menina, eu não gosto de ler coisas muito minuciosas, detalhes assim, mas tirando isso eu gosto mais de narrativa, que eu acho legal, a poesia também eu gosto de ler Markovisk, Brecht, que eu acho que foram os melhores que eu já li na poesia. Carlos Drummond teve uma fase muito boa também. O que me chama mais a atenção é a temática porque mesmo que o pessoal separe o objetivo e o material porque tem essa divisão, corpo e alma.

A poesia trabalha com essa dimensão humana só que ela trabalha separado e eu vejo isso sempre como integrado mesmo que o cara está viajando, mas a gente pode dar o sentido material para aquilo. Então eu gosto mais de temas assim que tratam mais do humano com questões que não foram superadas até hoje. Várias questões.

P.: Você disse que você só foi uma vez na biblioteca pública só depois que você já conhecia a biblioteca daqui. Como foi essa experiência na biblioteca pública? Como foi a ligação com a atendente?

AK47: Então, eu fui lá na Mario de Andrade só que tinha uma palestra, primeira vez que eu entrei na Mario de Andrade e nunca mais entrei não, eu entrei lá para fazer uma palestra.

P.: Fazer ou assistir?

AK47: Primeiro fui assistir depois eu fui fazer. Duas vezes que eu fui na Mario de Andrade, não sei que tipo de livro que tem lá, como que faz para pegar livro lá, só sei que não sei se é uma biblioteca ou um Museu, que as pessoas não podem nem relar num livro. Eu fui na biblioteca Juvenil Monteiro Lobato lá na General Jardim.

P.: No centro?

AK47: No centro e lá eu fui fazer minha carteirinha e eu nunca tinha feito uma carteirinha numa biblioteca pública e lá eu achei bem diferente da Mario de Andrade porque o sistema deles é bem engraçado porque eles não usam computador lá, é tudo manual feito na máquina de escrever, a carteirinha, o controle de empréstimo. Eu achei isso interessante porque como a gente sempre fez manual aqui também. Só teve um período que a gente tentou incorporar o computador e aí eu achei engraçado o sistema deles, funciona bem e não é informatizado. Lá eu achei bem diferente porque eu pude ter contato com o livro e escolher o livro que eu queria levar embora tenha aquela questão do balcão os funcionários ficam ali atrás, gente que não te dá muitas instruções, não te dá indicação de livro, não conversa sobre nada em relação à leitura, porém eu nunca mais fui lá. Só fui devolver o livro e eu achei que nunca mais fui lá porque não foi uma coisa que me chamou a atenção naquela biblioteca. E aí eu fui aqui no clube que tem uma sala de leitura.

P.: Que clube?

AK47: Clube André Vital. Só que é assim, é um projeto do Governo do Estado, ao invés de abrirem biblioteca pública eles estão abrindo Pontos de Leitura e eu fui lá só para ver como era esse Ponto de Leitura, constatar a propaganda, mas eu percebi que é um lixo, o Ponto de Leitura. Tem uma sala que é do tamanho dessa sala em que nós estamos, literatura de baixa qualidade, coisa muito ruim e o cara que estava lá naquele dia ele era muito impaciente e também não indicava nada, então quando eu quero livro eu vou lá em casa e vejo o quem tem para ler ou venho aqui na biblioteca e vejo o que eu acho aqui para ler ou então vou em algum Sebo e sempre que eu vou num Sebo pelo menos eu entro em três livrarias e se eu estiver com tempo vejo vários livros mas não compro nenhum porque nessas livrarias só tem esses

bestsellers mais vendidos, de auto ajuda que não contribui em nada e no Sebo se você procurar se acha muita coisa boa.

P.: Em que Sebo você vai?

AK47: Qualquer um que eu vejo, eu entro lá no centro. Tem uns que tem coisas boas e outros que não dá para achar nada mas e você estiver com tempo e também tiver dinheiro você consegue comprar alguns livros.

P.: A primeira vez que você foi num Sebo foi quando e como você descobriu o Sebo?

AK47: Eu ouvia falar e sabia que era alguma coisa que tinha a ver com livro. Eu acho que a primeira vez que eu fui foi no ano de 2.003 (dois mil e três). Aí eu não sei se eu estava acompanhado ou estava sozinho, mas eu acho que eu estava com outra pessoa, com algum amigo. Essa foi a primeira vez que eu fui num Sebo.

P.: Na verdade é assim, eu estou perguntando sobre a família, a escola, a biblioteca, você falou do seu grupo de amigos por causa do *Hiphop*, pessoal do *Força Ativa* e a Igreja, você acha que a Igreja contribuiu de alguma forma para você se tornar leitor?

AK47: A Igreja não, ainda bem, porque minha mãe ela sempre se dizia católica, porém ela não ia para a Igreja. Até onde eu a conheci ela nunca foi para a Igreja e assim, embora ela se dizia católica, tinha fé em Deus, mas a gente nunca teve uma educação religiosa. Então eu acho que isso é um ponto positivo na minha família por não ter doutrina religiosa. Tem um pessoal que acredita em Deus, tem gente que não acredita, tenho um irmão que é Testemunha de Jeová e segue lá. Tenho várias revistas daquelas *Despertaí*, tenho várias caixas. Eu acho que mesmo as pessoas que vão para a Igreja não sei se elas tem algum incentivo para a leitura, não sei nem se incentivam a ler a Bíblia porque quem geralmente lê a Bíblia é um grupinho da Igreja, o mais iluminado e o resto só tenta ouvir e reproduzir. Então, o pessoal nem lê a Bíblia, eu fui ler a Bíblia porque eu queria saber o que estava escrito lá na Bíblia e eu achei muitas coisas estranhas na Bíblia.

P.: Quantos anos você tinha?

AK47: Já tinha uns vinte e um. Mas é normal e antes de ler a Bíblia quando eu era adolescente eu sempre lia aquelas do meu irmão, as de Jeová, acho que no total eu li umas vinte.

P.: O que você achava na época?

AK47: Na verdade eu só lia para saber o que estavam falando, tinha um tema lá: Gravidez na Adolescência e aí a gente tinha uma visão de Testemunha de Jeová. Eu acho que consegui absorver muita coisa, mas eu não tinha interesse de ler, mas a Igreja não sei se ela contribuiu ou não e até que ponto para a questão da leitura. Até o que eu conheço dos meninos daqui do bairro não contribui em nada.

P.: Tem alguém que você acha que foi modelo de leitor para você? Se eu disser de pessoas que liam muito, você lembra de quem?

AK47: Eu vou ter a experiência dos meus irmãos, o Fernando, o Zapata e o Wilson, eles sempre andavam com um livro na mão e sempre falavam da questão da leitura, então vou lembrar deles.

P.: Você acha que a qualidade e o material dos livros que você leu influenciou seu interesse? Se você tivesse lido livros de auto-ajuda você acha que teria despertado interesse por ler? Você acha que a qualidade gera interesse ou não no leitor?

AK47: Eu não sei nem se é qualidade porque a revista em quadrinhos ela chama mais a atenção porque lá em casa eu lembro que a gente tinha uma coleção de livros de capa vermelha e eu nunca li esses livros, provavelmente eu acho que era Enciclopédia. Eu nunca abri esses livros e eu sempre lendo gibis. Por que eu ia nos gibis? Porque nos gibis está lá o que você assiste nos desenhos, o Wolverine, o X-Man, o Batman um monte de coisas, o Superman e então você vai ler revista em quadrinhos. Acho que por você assistir no desenho e

ver ali na revista em quadrinhos, acho que chama a atenção o desenho, o modo que está a leitura.

P.: Que gibi você mais gostava?

AK47: Hoje não consigo lembrar, mas tinha gibi da Turma da Mônica que eu tinha de quilo, hoje eu olho e se eu pudesse eu queimava o que está aí na biblioteca, os gibis da Turma da Mônica.

P.: Por quê?

AK47: Porque é muito tosco, é muito zoadado não sei. Agora, o Batman já tem a questão, proporciona mais ação embora ele está sempre ajudando os políticos, mas é uma coisa mais dinâmica. O X Man também é uma coisa mais legal para ler. A Turma da Mônica eu acho muito parado e com diálogos assim que eu nem sei como explicar, eu acho zoadado.

P.: O Ferréz falou, fala normalmente: a Literatura me salvou. Se você pensar numa frase, não A literatura me salvou, mas se pensar numa frase a leitura me salvou, teve uma outra pessoa que eu entrevistei que falou a mesma frase e ela nem sabe que o Ferréz falou isso e essa teoria que muitas vezes criticam essa idéia de que a leitura salva alguém de alguma coisa. Você acha que a leitura te salvou de alguma coisa ou não?

AK47: Então, quando a gente começou a organizar Oficina de Leitura e aí a gente que pesquisar um pouco toda essa questão da leitura que a gente ia começar a Oficina de Leitura aí eu encontrei por acaso no Sebo e comprei o livro do Paulo Freire que é A Importância do ato de ler e aí eu estou sempre recorrendo a ele. E aí o Paulo Freire tem uma frase que ele fala que a leitura do mundo precede a leitura da palavra só que a leitura da palavra é um complemento dessa leitura do mundo, quer dizer, meio que você está usando a leitura como uma arma, complementa a visão de mundo que você tem e aí dentro dessa linha eu não acho que a leitura tenha me salvado só que ela me potencializou para muitas coisas. Acho que a leitura eu ponho como fundamental porque no contexto que a gente vive hoje, teve povos que não conheceram a leitura e viveram muito bem. Não é esse tipo de leitura que a gente vive hoje, tem outras codificações só que eu acho que para mim foi fundamental. Não vou dizer que me salvou, mas abriu várias portas para eu saber onde estou pisando, onde eu quero chegar e o que eu quero para a minha vida porque se não fosse a leitura eu estaria afastado de todo esse universo que eu estou hoje e eu coloco a leitura e o meu envolvimento com o trabalho comunitário que são as duas coisas que se juntaram porque sem essas duas coisas eu poderia ser qualquer pessoa desinformada de tudo, sem noção de nada e mais um jovem na estatística do tráfico, do crime e poderia ir para outras coisas.

P.: Você acha que isso poderia ter acontecido?

AK47: Eu acho que qualquer jovem que não tem uma orientação mínima, ele está muito vulnerável, não que ele vá para o crime ou para o tráfico, mas ele está muito vulnerável a qualquer coisa, mas agora quando você tem uma instrução você está vulnerável também, mas você consegue refletir mais sobre seu cotidiano, você consegue pensar em sua vida em tal local. Então a leitura dá informação, o conhecimento ajuda bastante nesse sentido e também você tentar lutar por uma coisa melhor para você a para a comunidade e para as outras pessoas isso te humaniza mais e de qualquer forma te humaniza mais.

P.: A gente não falou muito do seu pai e você falou que seus pais se separaram quando você nasceu, mas seu pai tinha praticas de leitura ou não?

AK47: Penso que não. Acho que não, nem meu pai e nem minha mãe.

P.: E tio, tia, um primo?

AK47: Tio não, tia não. Até onde eu conheço, não. Acho que só meus irmãos mais velhos mesmo tanto o Wilson, quanto o Fernando, o Zapata pelo envolvimento com o *Hiphop*.

P.: Se o pessoal do *Hiphop* não lê, você disse que o pessoal do *Hiphop* não lê, agora é uma curiosidade, eles se envolveram com o *Hiphop* e acabaram se tornando leitores, como que eles transcenderam essa história de que o pessoal do *Hiphop* não lê e eles começaram a ler?

AK47: Então é assim, o pessoal no *Hiphop* fica muito no campo descritivo do cotidiano, fica descrevendo muito o cotidiano violento, como é o jovem no tráfico, a questão do racismo e tal só que aí não pode generalizar porque a *Força Ativa* fazia essa discussão, como o pessoal discutia muito essa questão racial se você não lê nada, você não sabe nada sobre questão racial e combate ao racismo então é necessário você ir que buscar nos livros, não tem outro meio. Não adianta ficar assistindo palestra e anotando. Tem um pessoal de *Hiphop* que rotula o *Força Ativa* como que querendo ser os intelectuais do Rap porque a gente acha necessário a gente ir buscar a leitura, é lógico que a sabedoria de rua tem importância porque ela mostra o cotidiano, saber o que acontece é importante, mas não tem que parar nisso, não dá para descartar os livros e pensar que os livros não servem para nada e ficar só escrevendo e cantando músicas de Rap. Tem um lado do *Hiphop* que acha que não é importante e a gente bate na tecla de que é importante.

P.: Para finalizar, você acha que a PUC te incentivou a ler também ou não?

AK47: Na PUC, eu lembro do primeiro semestre, quando eu entrei, que eu não conseguia ler um texto inteiro. Do que eu conseguia ler, eu não conseguia entender dez por cento. Eu acho que a universidade me ajudou na questão de você dominar as técnicas de leitura. Acho que nessa coisa técnica de como ler o texto, fazer o fichamento, escrever sobre o texto. Lá na universidade, você vai aprender bem melhor. O conhecimento está lá e a gente tenta trazer para cá. E tem uma pessoa lá que eu acho que foi a única professora que tem uma concepção diferente, porque ela percebeu essa defasagem quanto à leitura, porque ela me deu uma nota, acho que ela me deu cinco, e ela não me reprovou para eu não perder a bolsa. Depois, ela veio conversar comigo o porquê da defasagem da minha leitura na Antropologia. E aí, quando eu entrei na faculdade lendo Antropologia, lendo coisas que eu nem sabia que existia, foi bem difícil. No começo, eu tinha dificuldade quanto às xérox, porque lá a xérox era dez centavos. Se você tiver, aí você lê muito. Tem que ler muito e aí ela foi me dando texto, me dando uns livros, a gente marcava conversa dentro da sala de aula e aí ia me dando orientação. E depois não fiquei muito perdido como eu era no primeiro semestre. E aí eu comecei a ler, a entender mais e a escrever mais os textos, comecei a escrever melhor até. Quando eu pego as provas do primeiro ano, eu acho um lixo e agora eu estou bem melhor. Eu acho que a universidade te ajuda nesse lado técnico: como você ler, saber entender o texto, saber dialogar com o texto, pegar as contradições do autor. Me ajudou até para eu poder fazer outro tipo de leitura.

P.: Agora, juro que é para finalizar... [risos]. Se você tivesse que classificar, aqui tem várias instituições, tem várias agências socializadoras, na verdade. Tem a família, a escola. A escola como uma instituição como um todo, a escola pensando no papel de um professor específico, a escola pensando no livro didático, a biblioteca, aqui estou dividindo em três tipos diferentes, a igreja, os amigos ou acesso ao material impresso. O que você acha que não te ajudou em nada a se constituir leitor e o que você acha que mais te ajudou a se constituir leitor? Ler com autonomia porque quer e não porque precisa.

AK47: Então, antes de falar sobre isso, só vou relatar que eu gostava muito de ler jornal. Sempre gostei de pegar jornal para ler, até hoje, a Universal está ali distribuindo jornal, vou lá, pego e vou ler. Embora eu ache que todos os jornais que eu li são um lixo, sem exceção. Melhor foi *A Folha de São Paulo*. Eu ainda leio e sempre que eu tenho acesso eu ainda leio.

P.: Onde você pegava jornal quando você era adolescente, por exemplo?

AK47: Em algum momento, lá em casa, alguém fez a assinatura do jornal *A Folha de São Paulo*.

P.: E você era adolescente ou era criança?

AK47: Eu estava saindo da adolescência, de dezessete para dezoito anos. Em algum momento, alguém fez a assinatura do jornal e eu pegava o jornal para ler, eu gostava de ler. Mas hoje, quando eu ainda tenho acesso, quando eu vou para a PUC, sempre eu passo na biblioteca e vejo as notícias, mas eu gostava de ler jornal.

P.: O que você mais gostava de ler no jornal?

AK47: No jornal? Temas mais ligados ao cotidiano da cidade. Na *Folha de São Paulo*, é o cotidiano, gostava da página de esportes. Hoje, eu já gosto de diversas coisas, gosto da primeira página, que é o editorial, tem a parte que fala mais do Brasil e do mundo, tem a Ilustrada... Até hoje não sei porque eu leio a Ilustrada, mas eu gosto de ler, talvez porque sai alguma coisa relacionada à arte e à cultura, página de esportes que não pode faltar, sobre o Corinthians e sobre cinema, programação de teatro. O que não contribuiu foi a Igreja.

P.: A Igreja é o último.

AK47: Tem mais, tem um monte aí: a Igreja, a escola.

P.: A escola não contribuiu. No máximo, ela te forneceu a tecnologia da leitura. Te alfabetizou e só?

AK47: O que contribuiu bastante foi a biblioteca comunitária, que, até então, eu não tinha contato com a biblioteca pública, da escola, também foi minha experiência com a sala de leitura, mas eu só tinha acesso ao livro. A família, eu não vou colocar a família de um modo geral, mas a família também porque, quando você tem referências dentro da sua casa, facilita bastante, embora não é nada mecânico: Ah, um irmão fala de livro, o outro logo vai vir lendo. Não é de forma mecânica. Até porque em casa nunca teve nenhuma doutrinação de nenhuma parte, nem da minha mãe e nem dos meus irmãos, de nada.

P.: Eles não ficavam te falando: “AK47, vai ler, cara. Pára de ver televisão.”

AK47: Não, mas você vê o cara toda hora chegando com um livro e fala de não sei quem e isso vai despertando a curiosidade. Então, é nesse sentido que a família ajudou.

P.: Você pensava assim: “Ah, quando eu for mais velho, acho que é legal eu ser como o Fernando ou é mais legal eu ser como o Wilson do que ser como meu amigo tal do futebol.” Tinha uma coisa assim de ter modelo ou não?

AK47: Não, eu nunca cheguei a fazer essas comparações, mas eu só tinha curiosidade.

P.: Ah, tá. Então, a curiosidade era a palavra-chave.

AK47: Acho que a biblioteca comunitária, porque, depois que eu entrei aqui, eu comecei a ler bastante.

P.: Você acha que em primeiro lugar vem a biblioteca comunitária, vêm seus irmãos ou é igual? Você coloca: um, dois. Dois, um. Um, um. Como é que você pensa?

AK47: Eu acho que a biblioteca vem em primeiro.

P.: Então, a família, nesse caso, vem em segundo. Amigos, só se a gente considerar como amigos o pessoal da biblioteca comunitária, mas aí você vai estar diferenciando, porque seus amigos são outros.

AK47: É porque meus amigos de infância, da idade escolar, não.

P.: Então, esse é não. E o fato de você ter acesso aos gibis, às revistas *Despertai*, ao jornal, aos livros que estavam na sua casa dando sopa, você acha que isso também foi importante, ou não?

AK47: Eu acho que não, porque eu até tenho feito esse esforço de reflexão da época que eu lia gibi até o primeiro livro que eu li tem uma distância enorme, porque esses gibis se perderam. Eu acho que foi quando a gente mudou de Itaquera para a Tiradentes, que foi em 1995. E depois disso não tinha mais gibi em casa. E aí, em algum momento, eles se perderam, tanto que até hoje não leio mais gibi. Não li. Acho que os últimos que eu li, eu tinha uns sete ou oito anos. Teve um período muito extenso. Aí, quando eu vim para a Tiradentes em 1995, 1996, aí foi o período que os meus irmãos já estavam acumulando um monte de livros em casa.

P.: Então, o mais importante é realmente a biblioteca e a família. Tá legal.

Então AK47, muito obrigada. Foi muito interessante.

ENTREVISTA COM ÁLVARES

P: Você se lembra das primeiras coisas que você leu, do seu processo de alfabetização, você já estava falando sobre isso comigo no telefone, se foi gibi, se foi livro da escola, se foi livro de outro lugar, se foi revista, como é que você se lembra assim do seu contato com a leitura?

Álvares: Meu pai sempre leu revistas, jornais, e ele era militante do PT, minha avó era comunista e tem todo um histórico assim de pessoal da parte do meu pai e mesmo antes de eu ser alfabetizado, antes de ser alfabetizado eu tive é...eu me lembro do processo de alfabetização que eu via e eu sabia que um dia eu ia saber o que estava escrito nas coisas, nos lugares e aí eu decorava as letras. Eu via símbolos, eu via um círculo e era O, e diversas coisas parecidas com letras eram letras para mim, só que eu não sabia juntar as letras, mas eu sabia que decorando aquelas letras, porque eu morava na rua de uma escola, eu sabia que lá era uma escola e eu saberia o que estaria escrito ali, então eu decorava letras, via nos gibis. Então, antes de eu ser alfabetizado eu já tinha esse contato, tinha os livros, meu pai tinha os livros.

P: Eram livros de que, você se lembra mais ou menos?

Álvares: [risos] Não, eu não me recordo assim.

P: Eram livros infantis?

Álvares: Não, eram livros de adultos mesmo sobre diversos temas, meu pai ele, ele até tinha sido militar, então ele tinha alguns livros. E ele gostava do partido do trabalhador e tinha uma veia comunista e minha avó também e foi desde livros esotéricos a livros políticos, tinha toda uma gama assim.

P: Você fala que seu pai era, por que ele é falecido?

Álvares: É falecido. Já faz uns nove anos. Eu me recordo que quando eu fui alfabetizado, eu entrei na escola um ano mais cedo e eu fui alfabetizado antes de entrar na escola.

P: Pelo seu pai, pela sua mãe?

Álvares: Em casa, pelo meu pai e pela minha mãe. Em casa. E nisso que eu fui alfabetizado na primeira série eu alfabetizei minha irmã. Eu que ajudei a alfabetizar minha irmã, que era um ano...eram dois anos de diferença.

P: Você é o mais velho?

Álvares: Sou o mais velho e eu ajudei a alfabetizar, a gente brincava de lousinha em casa eu peguei até caxumba na primeira série e li *O Caminho Suave* e aí nesse um mês que eu tive que ficar em casa eu li todo *Caminho Suave*. Eu fiquei o ano todo sem fazer nada. Eu era o mais adiantado e ainda fiquei em casa um mês. Aí fiquei lendo *Caminho Suave*.

P: E sua mãe, ela te ajudava ou era mais seu pai?

Álvares: Minha mãe me ajudava. Meu pai eu não tinha muito contato.

P: Por quê? Ele ficava na militância?

Álvares: Ele era sério comigo. Eu tinha contato com meu pai pelas conversas que ele tinha com as pessoas, ele ficava conversando e eu ficava escutando. Eu não tinha muito contato com meu pai. Ele não gostava muito de criança.

P: E você ficava ali só de “butuca” na conversa dos adultos.

Álvares: E tem isso também... Até folclore, essas coisas de Mula sem cabeça, Lobisomem e todas essas histórias imaginárias da área folclórica eu peguei oralmente e antes de ser alfabetizado também. Me recordo de muitas coisas que acho que também foi instrumento para depois eu me adaptar assim...muitas coisas que eu buscava na oralidade e depois na escrita. Eu me lembro de muita coisa.

P: E sua mãe trabalhava fora, era dona de casa?

Álvares: Dona de casa, ela era escrava doméstica [risos]. Meu pai era extremamente machista e minha mãe era como várias outras tantas mulheres casadas com homens machistas e eram

escravizadas no espaço doméstico. Era aquela visão de só criar filho, só cuidar, reclamar, cobrando, eu só podia assistir o programa de televisão se eu fizesse a lição.

P: Ah, ela ficava em cima?

Álvares: Quando eu tirei a nota vermelha, a primeira, só foi um ano na sétima série, se eu tirasse qualquer nota abaixo de... se fosse C, eu já apanhei porque eu tirei C uma vez. já ia em cima porque era menos. Eu dizia: mas é azul, mãe. Mas mesmo que fosse nota azul abaixo de seis não servia para ela.

P: E sua mãe ficava falando para você que ler é bom?

Álvares: Eu acredito que no imaginário das pessoas, principalmente as pessoas que não tiveram acesso ao estudo o imaginário das pessoas é que você lendo, você vai conseguir galgar um espaço na sociedade e se você adquirir conhecimento vai te fazer com que você sofra menos e que no futuro você vai estar numa posição social mais estável. A leitura tem o imaginário da questão da emancipação econômica, de salvar a família, de que sendo diferente você vai tirar a gente de uma situação econômica inviável, ou difícil ou paupérrima. Aí acaba você também sendo aquele portador de uma responsabilidade. O estudo não vem só como o prazer de obter conhecimento, o estudo vem com o peso de você estar trazendo o melhor para sua família, de você ser inteligente com o objetivo de ter um emprego bom de estar bem como um médico, um advogado, aqueles doutores, médico, advogado. Porque traz também a questão dos status social que as famílias almejam, por ganhar bem por ter status né... o serviço intelectual... o serviço braçal você usa pouco a mente e recebe pouco. No serviço intelectual, você como engenheiro não faz nada, não põe a mão na massa e ganha dez mil. E você como pedreiro se mata, trabalha, você ganha quinhentos assim. Então tem todo esse imaginário de que com a parte intelectual você vai receber mais.

P: E sua mãe, você falou que ela não tinha tido tanto acesso. Ela estudou até que ano?

Álvares: Ela veio a terminar depois o primeiro grau, depois que ela já tinha casado. Ela parou de estudar para trabalhar.

P: Isso quando ela era jovem?

Álvares: Quando ela era jovem. Depois que ela teve filhos que ela terminou o primeiro grau e estava com projeto de fazer o segundo grau. Então, ela falava assim que, em certos pontos, que: “daqui eu não posso te ajudar”. Tipo, eu fiquei sozinho, porque o meu pai tinha conhecimento, mas ele não me ajudava e minha mãe não tinha instrumentos... intelectuais mesmo, ela não podia, então ela ficava meio até... Até a sétima série, sexta série assim, ela me ajudou bastante. Mas depois aí já ficou aquém das possibilidades dela.

P: E você tinha uma rotina assim: não pode brincar antes de fazer lição, não pode ver televisão sem ter feito ter feito a lição?

Álvares: Tinha. Minha mãe todos os dias ela olhava os cadernos, todos os dias ela via todos os bilhetinhos, todas as reclamações, eu sempre fui um aluno acho que exigente também, eu tirava as melhores notas também, sempre fui quietinho, nunca dei trabalho então, eu acho que nesse sentido eu acredito que tem um fator... eu sempre fui introspectivo. Então, favoreceu, numa fase da minha vida, eu não falava quase então me favorecia e eu tinha bastante capacidade de concentração. Aí eu pegava os livros da escola: na ... eu estava na terceira série, eu pegava livros da quinta, sexta, sétima série para eu ver o que ia ter depois. Eu sempre pegava livros assim, estava quarta, pegava da quinta assim.

P: E você pegava onde, com quem?

Álvares: Na biblioteca da escola os livros paradidáticos. Eu tinha acesso a livros paradidáticos, mais paradidáticos. E pela minha família, eu tive mais acesso a algumas literaturas, algumas pessoas me davam isso, minhas tias...

P: As suas tias eram professoras ou elas... Eram tias irmãs do seu pai ou eram tias irmãs da sua mãe?

Álvares: Irmãs do meu pai. E elas eram pessoas já tinham feito universidade e tal. Então, eles

acreditavam que a leitura era o caminho, mas dentro do viés, dentro da estrutura do capital, dentro do... você vai ser inteligente... “Ah, esse menino aqui é inteligente, vai ganhar bem”.

P: Vai ter futuro?[risos]

Álvares: [risos] É vai ter futuro. Não no sentido do prazer estético de se ler ou do conhecimento para si para a emancipação do humano.

P: Um objetivo mais utilitário.

Álvares: É. Utilitário. Pragmatismo... é pragmático.

P: Isso. O seu pai, você falou que ele tinha sido militar. E é engraçado isso porque, na verdade, a gente às vezes vê como opostos, ser militar e ser de esquerda, porque às vezes o militar é mais conservador mesmo e a pessoa de esquerda até chama militar de milico, não sei o quê. Aí, como que era isso? Como que ele era isso assim, como que ele era do PT, mas também era militar, assim?

Álvares: Primeiro geralmente quem é militar é até os dezoito, dezenove anos porque são pessoas que vão morrer pela Pátria, são fáceis de você impregnar uma ideologia nacionalista, de que você tem que servir a Pátria, morrer e aí o que acontece? Através dessa idéia de nacionalismo, que é historicamente construído, eles motivam essas pessoas a crer nisso, até que no começo ele acreditava que os universitários eram terroristas e achava que o Lamarca foi um desertor, lógico. Mas aí depois, quando ele começou a ter acesso, se distanciou, saiu e viu aquilo, aí ele começou a perceber que os revolucionários e o pessoal da época, porque a ditadura fala que foi uma revolução em 1964, não foi um golpe, o golpe é pelo viés do comunismo, aí ele começou a perceber, ele percebeu que ele estava no caminho errado, que aquilo ali... não iria... tanto é que ele saiu, apesar que ele saiu por uma eventualidade, porque o militar quando eles fizeram algo de errado, ele acabou saindo, porque aconteceu alguma coisa lá, tanto é que ele acabou ficando seis meses em coma...

P: Em coma no hospital?

Álvares: Em coma, psicológico, foi. Ele ficou em coma psicológico porque ele... nos dez meses de pelotão lá, ele tirou o primeiro lugar e quando ele foi pegar o diploma de Oficial, aí ele desmaiou antes de pegar. Aí tiraram ele e falaram que quem tem problema de saúde não pode ser oficial e quiseram aposentar ele como militar. Então, ele já tinha até uma raiva, contra o Estado, ele viu que o Estado tipo, pegou uma parte da vida dele e desconsiderou. Ele poderia ter se aposentado como Oficial do Exército e acabou... eles falaram: “Não, você não deu dez passos para pegar o diploma, então você não...”

P: Não acredito!

Álvares: Por isso que meu pai a vida toda, que ele sabia só pular de pára-quedas e dar tiro né, tirou a vida de um ser humano, ele tinha capacidade e era inteligente e acabou...

P: Ele era da Aeronáutica então?

Álvares: Não. Exército, Marinha tem pára-quedista. Ele era de incursão na selva.

P: Entendi.

Álvares: Complicado, né, mas aí que entra a história do meu pai falar “vai estudar”. Ele tinha esse incentivo assim, e ele cobrava da minha mãe também. Ele tinha esse incentivo.

P: Ele cobrava que a sua mãe estudasse ou cobrava da sua mãe que cobrasse vocês?

Álvares: Da gente. Porque ele passava toda a responsabilidade para a mulher e ele era o mantenedor da casa, portanto só ele dava o dinheiro. Então, ele não queria ter o acesso aos problemas corriqueiros do dia a dia que serviria só para quem está lá, que era minha mãe. Então, ele fazia uma cobrança indireta, a cobrança era indireta.

P: Meu pai era assim também. [risos] E eu sou mais velha que você.

Álvares: [risos] E quantos anos você tem?

P: Eu tenho trinta e nove. Bem mais velha que você, você tem vinte e...

Álvares: Vinte e oito.

P: Vinte e oito, dá onze anos.

Álvares: É, mas os pais...

P: Meu pai já faleceu também. Ele faleceu no ano de 1999, quase nove anos.

Álvares: Meu pai também.

P: Em 1999.

Álvares: Em setembro.

P: O meu foi em dezembro.

Álvares: E aí a gente tem que ver também que a família é uma instituição e que ela reproduz a ideologia dominante dentro de casa. A família nada mais é do que uma instituição, é uma instituição e ela reproduz o que a sociedade é. O que ocorre na minha casa, com certeza, mesmo sem eu saber acaba ocorrendo em diversas famílias, aquela estrutura, que a gente é definido através das instituições, não é nada...

P: Nada é assim: eu nasci hoje e eu sou diferente da cultura que está à minha volta.

Álvares: Você pensa que sim, né.

P: Você quer crer, né.

Álvares: Você quer crer que sim na individuação, mas aí não tem, porque tem a homogeneização do social que é a regra dominante.

P: Sem dúvida.

Álvares: Que é a regra geralmente. E a família cumpre o papel dela, a escola... com a difusão da ideologia dominante, os aparelhos de informação, a mídia... E é interessante por eu ter esse viés desde pequeno que eu comecei a perceber que a mídia falava... ou a leitura da mídia, ou a Folha de São Paulo, o Jornal da... eu não acreditava mais nos jornais, na revista Veja, Isto é, porque essas revistas estavam representando as pessoas que estavam contra mim.

P: Mas quando você começou a ter essa consciência?

Álvares: Antes dos onze anos.

P: Antes dos onze?

Álvares: Por causa da minha avó.

P: Ah, não é porque rolava reunião do PT na sua casa?

Álvares: Não. Era na casa da minha avó

P: Me conta da sua avó. É interessante.

Álvares: A minha avó ela tinha acesso, ela sabia a questão das classes sociais, de como funcionavam as coisas e ela sempre ficava martelando alguma coisa e ficava jogando algumas coisas para a gente, na questão de não acreditar na mídia, na questão de qual a finalidade do ser humano, pra que nós estamos aqui, qual a nossa finalidade individual, social e acabou me mostrando esse viés e acabou me fazendo mais – que eu sempre fui considerado sensível na família – e a sensibilidade fez eu, eu, eu me sentia mal de ver um documentário da Somália e eu chorava. Eu comia e não entendia porque umas pessoas comiam e outras não comiam. Por que essas pessoas não comem? Eu queria entender e fazer algumas coisas para aquelas pessoas comerem. Me incomodava que algumas pessoas no mundo não tinham água, luz, não comiam e eu não entendia porque. E o *marxismo* quando eu comecei a ter é...é...o meu encontro com a literatura *marxista* me fez interpretar a realidade de uma outra forma. Então, eu comecei com a literatura né, a literatura brasileira, a literatura francesa, Stendhal que eu mesmo li, *Dostoievski* ou *Tolstoi*.

P: Isso com quantos anos?

Álvares: Adolescente. Eu li muito dos catorze aos dezenove. Li muita literatura. Só que aí depois eu já estava partindo para leituras marxistas. Eu participei de grupos ditos de movimentos sociais e aí eu fiz, minha sensibilidade foi buscando até que numa fase da minha vida que eu queria fazer sacerdócio, eu queria abdicar da minha vida para poder tentar fazer alguma coisa pelas pessoas, mesmo se eu abdicasse da minha sexualidade, porque eu sentia atração por mulheres e eu achava interessante você abdicar de algo para fazer alguma coisa maior. Eu sempre achei legal essas biografias e eu gostava muito de ler biografias como

Malcom X, Che Guevara, essas grandes pessoas que te apontam e que a mídia não coloca como referência, mas que te apontam como o ser humano pode ser. Tanto que o primeiro livro que eu li quando eu tinha dez ou onze anos que eu não me lembro bem a série, que foi Paulo de Deus, que é a história de Francisco de Assis e a leitura me fez começar a estudar sobre isso e comecei a perceber que era revolucionário você querer ir contra uma Igreja rica e você querer fazer uma revolução social e eu quase foi queimado na fogueira na minha casa mas aí tinha que fazer o voto de pobreza e a Igreja continuava rica. Mas aí eu percebi que não era isso que eu quero. Não quero participar disso porque a Igreja ficava sempre do lado dos ricos, dos poderosos, fora a Teologia de Libertação do Frei Beto e outras, que eles tentaram fazer a leitura da Bíblia com um viés do proletário. Aí eu passei da parte mítica da história do Deus hebraico cristão que era igualo que fala o *De Bret* do personagem Deus hebraico cristão. Aí eu comecei a ver que não me satisfazia aquilo e que só a Literatura não iria me, eu precisava ler livros específicos para eu entender a realidade mas que era legal falar das coisas humanas, subjetivas mas eu não queria saber das subjetivas, maior drama porque você conseguia ler *Otelo* de quinhentos anos atrás e sentir na pele a questão racial. Eu sentia isso e essa questão racial tinha muito a ver com a leitura como uma coisa da elite e a elite ser branca.

P: Você percebia isso ou a sua avó te falava isso?

Álvares: Percebia. Eu queria ser branco também. Eu quero ser branco. Eu queria ser branco. Eu achava que eu sendo branco ia resolver todos os meus problemas e não ia ser discriminado socialmente. E as leituras me fizeram perceber o que era essa discriminação, que é em virtude da escravidão, que é tudo uma coisa histórica que ocorreu no Brasil. Então, foi interessante a leitura da literatura propriamente dita que é o tema do seu trabalho, da literatura eu passei para literaturas mais específicas, seria uma literatura que não é classificada como literatura. Seria ou não?

P: Eu acho que... vamos chamar de leitura porque é um termo mais abrangente, porque existe uma discussão sobre o que é literatura e aí você fica cinco anos discutindo e também não chega a conclusão nenhuma, então vamos chamar tudo de leitura.

Álvares: Leitura aí seria interessante trabalhar então a idéia até os dezenove anos, quando eu ainda estava no paralelo e uma pessoa me falou assim: “Você ainda lê?” E eu estava lendo *Crime e Castigo* do Dostoiévski. “Você ainda lê esse tipo de livro? Agora você já é um homem. Você tem que ler livros mais sérios.” Já a fase o Marx ele leu Balzac, acho que foi Balzac, né.... e o Che Guevara leu Raspungo, que é literatura hispânica que fala sobre a opressão do espanhol sobre o povo nativo, pré-colombiano, colombiano, né, quando o Colombo veio, o povo nativo aqui da América. E essa literatura acabou por... fez com que diversas pessoas e depois no futuro eles fizeram trabalhos científicos a favor do ser humano, tipo Marx, tipo Che Guevara, tipo... e outros. E você começa com uma literatura e a literatura te abre o mundo, para você ter uma explicação do mundo e a maioria deles... E a literatura às vezes antecipa conceitos científicos. A gente estava conversando sobre o Mefistófeles de Goethe, lá na época do Goethe quando ele abre o romantismo, o Goethe fala assim: “Sou mortal e não nego e ainda digo que não há nada que existe que não mereça perecer.” Então, ele trabalhava com a dialética já antes do Marx e do Hegel... A literatura tem essa possibilidade de –Aristóteles mesmo fala, acho que na Poética, ele fala que a literatura é melhor que a História, porque a História fala aquilo perto do que aconteceu e a literatura fala as possibilidades do que poderia ter ocorrido, até que o Lima Barreto usa mais ou menos isso, né. O Lima Barreto não. N’*O Cortiço*, o Aloísio de Azevedo ele usa. Ele fala assim: vou mostrar tipos de pessoas que vão desaparecer porque eles queriam construir o Rio de Janeiro para poder construir aquela cidade modelo europeu, um cartão postal francês. Então, eles acabaram... jogaram aquele povo todo pro morro né, que aí a gente vê o desdobramento disso depois de cem anos. E a literatura, ela fala sobre isso. A literatura e a História, elas têm um vínculo... O Szevezenko????..., que trabalha com literatura e História, ele trabalha a idéia de

que, através de textos de literatura, você estudava História, que não tem como você estudar. Então, a literatura ela é muito forte, depende de pra quê e como.

P: Me fala um pouquinho, voltando assim um pouquinho, você disse que estava interessado em biografias, então eu estou interessada na sua biografia [risos]. Me fala dessa sua avó. Ela era de onde? Com que frequência você via a sua avó? Você via sempre? Ela te dava livros também? Te mandava ler? Te falava o quê?

Álvares: Ela morava em Caraguatatuba, ela morou em várias regiões, mas na minha adolescência eu ia de seis em seis meses para Caraguatatuba na praia e ela tinha vários livros em casa. Ela criou os filhos dela sozinha. O marido faleceu cedo e eu tenho o nome dele né, Álvares Rodrigues. O meu nome é Álvares, decorrente dele, neto né. E ela era uma mulher diferente, diferente do tipo mulher que a gente classifica da época dela, que era a mulher frágil, mulher que é mãe, toda aquela característica da mulher antiga e ela era uma mulher muito forte.

P: Uma matriarca? Seu pai obedecia ela?

Álvares: Obedecia até ela morrer. Era uma coisa bem forte que eles tinham, tanto que quando ela morreu uns anos depois meu pai faleceu. De alcoolismo, depois de uns dois ou três anos ele veio a falecer. Então, eles tinham uma ligação muito forte.

P: Ela era uma matriarca...

Álvares: Matriarca e uma pessoa muito inteligente e a minha família tem... meu pai a partir aos quatro anos de idade ele já era alfabetizado, tanto é que ela contava as lendas do meu pai, a biografia do meu pai e então eu era a sombra, eu me sentia muito... eu queria ser igual ao meu pai, por todas as histórias que contavam porque ele tinha sido alfabetizado aos quatro anos de idade e porque ele era o melhor na escola, o melhor em tudo que ele fazia, o melhor do exército... Ele era bem... Até a gente começou a analisar como eles chamam – superdotado – que eu não acredito, que ele era superdotado e ele era, contas de matemática, essas coisas, ele fazia sem calculadora. A gente tinha uma referência de um ser humano que você quer buscar sombra... ficar como uma sombra né. Só que ao mesmo tempo ele era uma pessoa que ficava meio atormentado com isso. Minha mãe falava isso pra mim: “Filho, pára de ler, pára de ler, porque quem lê fica louco. Você tá lendo muito. Porque quem lê morre cedo.” Porque várias pessoas que se tornam revolucionárias é porque elas começam a ler, vêem a realidade e querem mudar. As pessoas não querem se conformar com o que está dado. Então, a literatura é até um fator de transformação, é... é... às vezes de uma postura, ela transforma subjetivamente, ela tem um papel muito importante na sociedade, acredito eu, algumas delas, algumas delas... E a minha avó era uma pessoa transformada pela literatura, dava para perceber... Minha família tem assim todo um histórico que se for pegar, a família da minha avó era a família dos Matos, aí se for pegar, os Matos que estavam no embate do Carlos Prestes, quando ele fez Coluna Prestes, que eram os Matos que fundaram as cidades, que o Gregório de Matos, que era tio-avô da minha avó, que era o Boca do Inferno, que foi exilado. Então, da parte do meu pai tem toda uma tradição de contato com o conhecimento e o veículo, que quanto mais remoto o tempo, o único veículo era o documento escrito. Agora, a gente tem outras possibilidades nesses tempos modernos, no tempo contemporâneo, internet e tem outras formas de obter os conhecimentos. Quando no Brasil não tinha televisão, só tinha rádio e o rádio incentivava até esse negócio que a leitura faz de você escutar e imaginar. E agora é tudo instantâneo, tudo na televisão e a gente trabalha até com essa idéia de a linguagem da comunicação muda até as relações sociais, porque quando você tem uma sala e não tem televisão, a sala é feita para reunir pessoas para as pessoas falarem sobre leitura, falar sobre... com conversas ao vivo, né. Não tem cd, não tinha vinil. Você vê que é uma outra postura. As pessoas eram mais, acredito eu que elas tinham mais. O único veículo era a leitura, então tinha que ter esse espaço para essa leitura. E o próprio ser humano, desde Gutenberg que favoreceu os livros, Gutenberg fez até baratear porque era tudo à base de copistas, que era a muito caro fazer um livro, a luta também da Revolução Francesa é de quê? De universalizar o

conhecimento. E a gente lutou bem, para a gente ter acesso a... para o camponês ter acesso a livro, a gente lutou para isso e agora a gente tem essa possibilidade e a gente não utiliza. Porque o governo também limita, porque quando a Revolução Francesa viu que se ia dar muito porque as pessoas iam querer mais e você fala: "Não, peraí leva conhecimento para todo mundo, mas que conhecimento?" Você modelando que tipo de conhecimento você tem na escola, qual é a grade, você modela o tipo de sociedade que você quer e pra quê. E é pragmático até a educação porque é pra você virar burguês, um capitalista.

P: Me fala da sua avó, de seis em seis meses você ia para Caraguatatuba e aí ficava um tempo lá?

Álvares: Um mês, quase um mês nas férias do meio do ano e quase dois meses nas férias do final do ano. A gente tinha um contato muito grande.

P: E lá você fazia o que além de ir à praia?

Álvares: Então, minha tia era hippie e eu ajudava ela a fazer... E ela tinha acesso a uma literatura do estilo *captural*, *crack*, *on the road*, que era o pé na estrada. Ela tinha toda aquela contra-cultura. Então, eu tinha acesso a toda uma gama de outras leituras sobre a realidade porque a minha tia tinha viajado o Brasil todo, vendendo artesanato.

P: *E como é nome dela?*

Álvares: Tia Cida. Até minha companheira, a Maria, ela foi lá na praia esse dezembro, nós ficamos... Nossa, a gente ficava mais conversando com ela e a gente não ia pra praia. Ficava conversando com ela. Ela queria fundar na casa dela uma sociedade Comunista, e o filho dela é capitalista, o filho mais velho ela é capitalista e está dando importância para os bens materiais. E ela em busca da perfeição interior e ela dizia: "Nossa, nunca vi um capitalista comer arroz integral, vários tipos de feijões, lentilha, açúcar mascavo. Então, eu tive um contato, eu ajudava ela a ficar fazendo artesanato. E eu tinha um contato com a leitura através da oralidade que às vezes ela falava sobre os livros e eu não tinha lido os livros, mas eu conhecia muitos livros de ouvir falar sobre os livros. E às vezes é até melhor porque quando eu tinha acesso ao conteúdo deles antes de lê-los, como se fossem mediadores do conhecimento. E aí quando eu lia, eu lia já... minha leitura já vinha voltada para alguma característica que, se eu tivesse lido sozinho, eu não teria descoberto sozinho porque o conhecimento é historicamente construído e acumulado, socialmente construído e acumulado. A sociedade é um legado coletivo, não é individual. É um legado coletivo.

P: E lá na casa da sua avó tinha muitos livros?

Álvares: Tinha bastantes livros, de todas as gamas, de jogos, esotéricos... minha família tem todo esse lado também de esotérico, pirâmides, maçonaria, essas coisas... como é que chama? Grupos fechados Rosa Cruz, não sei o quê, e ao mesmo tempo que também dentro dessas confrarias, eles trabalham com a leitura e o estudo de coisas, de umas verdades que eles acreditam para poder melhorar a sociedade. Até o marxismo mesmo, se você ver no fundo, no fundo, o marxismo vem numa tendência literária, porque lá em Isaías fala assim: "Acabaram-se as guerras e os arados." Naquela época, as pás se chamavam arados. Então, a gente tem numa tendência de querer um mundo melhor, de querer transformar a realidade, de não ser um ser humano só para nascer, crescer e morrer. Tanto que a literatura instituiu, que a literatura era a única que tinha esse papel de lutar contra a morte porque você deixa algo vivo e você morre enquanto indivíduo você falece, você morre. Enquanto espécie pode ainda reproduzir e ainda se manter enquanto espécie levando seu genes para frente, mas a literatura arte em si, a literatura como arte, ela imortaliza o ser. É meio... Deduz o ser humano a literatura dos dois lados, você tem o contato com o que alguém pensa, o subjetivo de alguém, você está dentro da mente de alguém. Então, a literatura te dá um contato que você não teria esse contato conversando com alguém., e pessoas que já morreram, ou pessoas que, sei lá, criam o mundo....nem sei quem falava isso que quem cria as situações é o mundo né e você passeia no mundo, entra no mundo que a pessoa está criando, como aquele Lewis Carroll, que, ele

escreveu *Alice no País das Maravilhas* e ele era matemático e ele escreveu também *Alice no país do espelho*, né?

P: Eu não sei o título do outro, *através do espelho*... alguma coisa assim... Então, e essa sua avó você falou que ela era comunista? Ela era mais autodidata ou ela tinha ido bastante para a escola. Como que era?

Álvares: Autodidata e contato com pessoas que tinham leituras. Então, ela sempre conversava e de novo a oralidade e mais oralidade e às vezes as pessoas... tinham com minha avó esse contato, eles liam e tinha uma troca né. Às vezes, a pessoa dava livro para ela e ela dizia: “Ah, você quer ler?” Tô querendo dizer que tinha isso né, troca de livros, né. Hoje em dia é mais difícil.

P: Você conviveu assim com a sua avó de seis em seis meses lá em Caraguatatuba até quantos anos?

Álvares: Até ela falecer, até os dezessete anos, dezesseis, dezessete anos. Tive um contato bem grande. E ela vinha também para minha casa, só que ela não podia ficar muito tempo aqui em São Paulo por causa da altitude. Por causa da saúde dela, ela tinha que ficar próxima do mar. Se ela ficava muito tempo aqui em São Paulo, ela começava a passar mal. Então ela tinha...

P: Ela tinha pressão alta?

Álvares: Ela tinha todo tipo de problema, problema de coração, problema de pressão. Então, ao nível do mar ela teria uma vida mais saudável, porque quando ela vinha para São Paulo e com toda essa poluição e tudo mais, aí ela não agüentava ficar muito tempo não. Aí ela vinha e me mostrava as plantas e lia livros sobre *As Plantas Curam*, o que cada planta faz e pelo folclore também, quando você lê um livro, você lê o nome de uma planta que você nunca viu, que acontece né, quando você pega um livro do Graciliano Ramos ou *Sertão Veredas*, do Guimarães Rosa, *Os Sertões*, do Euclides da Cunha, tem toda... umas plantas e que a maioria a gente não conhece e era legal porque minha avó me levava para ver mesmo, pegava e até quando eu lia, eu significava diferente porque eu tinha visto aquela planta e quem vive num mundo urbano igual eu, a gente não tem esse contato. A gente pensa que o leite dá em caixinha. [risos]

P: [risos] O frango já nasce cortado em coxas no supermercado. Então, a sua tia Cida era meio hippie assim e as suas outras tias elas também te davam livros, você falou. Que tipo de livros elas te davam?

Álvares: Davam livro tipo *Cavalo de Tróia*, tipo *Pão de Deus*, tinha esses livros do Jô Soares, *Xangô de Baker Street*, que já era em 1995, por aí. Então, é toda uma literatura descompromissada e uma literatura... acho pelo gosto da pessoa também. Porque nem sempre o que você dá para a pessoa que é o seu melhor, é o melhor para a pessoa. O seu melhor, não é o melhor para a pessoa [risos]. Mas é interessante. É uma leitura... por mais que aparentemente... Até li uma vez Paulo Coelho, vi a foto de um duende. Nem vou comentar a cadeira, a Academia já não é tão séria, mas nunca foi.

P: [risos] Tem o Sarney lá também.

Álvares: Aquele livro horrível dele... não quero ler [risos]. Só ele deve ter comprado no Maranhão e ter distribuído de graça para todo mundo. E aí o que acontece? Aí eu volto a acreditar que a literatura tem um papel fundamental para a gente ter acesso a todo esse legado cultural que antigamente eram nascidos ou era transmitido através da oralidade e que se perdia quando morria um. Agora a gente comenta, a minha companheira Maria mesmo falou uma vez: “Quando lá na África morre um ancião, morre toda uma biblioteca”.

P: Que é a tradição oral.

Álvares:

Tradição oral e tal. Então, quer dizer que a tradição oral, ela, ela trabalha com isso né, a tradição oral foi substituída pela leitura, pelos livros, né. Os livros têm o papel social que era do idoso, do ancião e hoje já que esse papel social não é mais do idoso, você joga ele no

hospício, no... no...

P: No asilo.

Álvares: Nos asilos, porque a função do idoso era transmitir todo aquele legado humano, toda aquela experiência que, se ele perde de saber fazer, aí se perde e o ser humano vai ter que aprender a fazer tudo de novo. Legado na literatura nesse sentido, Ciências humanas e tal. Faz de conta, o Flaubert, que escreveu o...

P: *As flores do mal*?

Álvares: Não. Flaubert escreveu *Madame Beauvairy*? Não, é uma outra, não lembro. Quem escreveu *Flores do mal* foi o Baudelaire, ele escreveu um... na literatura era um arquétipo. Que naquela época era revolucionário. Marquês de Sadi, que escreveu contos eróticos, naquela época todo mundo falava “Oh, os contos eróticos.” Mas pessoal da burguesia fazia coisas piores. As meninas com onze anos se casavam com caras de cinquenta anos de idade. Eles falavam que o casamento era para abrir o caminho para a menstruação. E as mulheres morriam e se as mulheres morriam e tinham filhos, eles pegavam as meninas carentes, sem pais, órfãs e ficavam com mulheres de... Todo mundo fala que antigamente era melhor. E o Marquês de Sade, através de uma literatura, ele contava o que passava naquela época e aí as pessoas não podiam ver a realidade e na verdade. E *Os contos eróticos* na realidade foi para explicitar algo que ocorria e para você olhar no espelho e ver que é feia mesmo a realidade. Era um espelho. Não era só uma caricatura da realidade. Então, a literatura tem esse papel também, a literatura nesse sentido. E eu tive contato também com a leitura científica, de ficção científica.

P: Através de quem?

Álvares: Através da minha família, não me recordo bem através de quem, eu tive leitura de H.G. Wells, que ele escreveu e que agora virou filme... *Guerra dos Mundos*, não...

P: *Viagem ao centro da Terra*?

Álvares. Não.... esse é outro. *Viagem Submarina*, *Viagem ao Centro da Terra*, é de um holandês... H. G. Wells, ele fala sobre a máquina do tempo, guerra dos mundos, ficção científica, que ele vai trabalhar a idéia de que a ficção científica apesar de ser um futuro bem remoto e você mostra, se a gente continuar desse jeito, como que vai ser. Então, ela serve como uma crítica à sociedade de hoje. Ela tem uma função. E eu comecei a perceber que a leitura tinha uma função. No começo, eu tinha as leituras e acreditava que, cada vez que eu lia mais, a leitura que eu fiz me ajudava a ler melhor as outras, intertextualidade né. Eu comecei a perceber que, quanto mais eu lia, eu virava um atleta né. Começava as sinapses lá e os neurônios, e eu fazia relações. Quanto mais eu lia, mais eu exercitava o hábito de ler. E as pessoas falavam: “Mas como que você lê?” Mas para mim era prazeroso, eu tinha muito prazer de ler.

P: Entendi.

Álvares: Eu tinha muito prazer de ler.

P: Você tinha prazer justamente porque você estava buscando conhecimento, era um prazer mais cético? Que prazer era esse? Era um prazer que você se divertia? Era um prazer de agora eu tenho que falar para minha avó, para a minha tia, vou discutir isso com fulana: “Olha que o que ela falou acho que não era bem assim.” O que você estava buscando assim na leitura você acha?

Álvares: A princípio quando eu lia e eu... corrigia uma professora ou uma autoridade, ou alguém mais velho falava alguma besteira e eu tinha acesso àquele conhecimento, era prazeroso também no sentido de quando eu debatesse alguma coisa, eu saber o que eu estava falando, porque não vai poder falar: “Ah, você é moleque e moleque não pode entrar na conversa.” Então, a literatura me dava a possibilidade de, mesmo sendo um menino, eu ter intelectualmente uma maturidade às vezes não recorrente para a idade. Então, eu sentia, através da literatura, tendo uma possibilidade de amadurecer... burlar o tempo cronológico

que eu deveria, eu deveria ter aquele tempo cronológico para ter aquele conhecimento e eu tinha antes, porque eu tinha acesso com pessoas que escreveram com sessenta anos de idade, escreveram um trabalho, um livro de uns dez anos que você lê num mês, dá um... você tem um amadurecimento, você tem um amadurecimento. E é interessante por causa disso, é o lugar que você está na sociedade, você quer ter dezoito anos, todo mundo quer chegar aos dezoito anos, você quer ser mais velho para você ter autonomia, no sentido social mesmo, não só a econômica, porque eu não via... e eu achava interessante que na escola nossa, eu já tinha feito tanta coisa, para mim era tão inocente, e o ser humano gosta desse conhecimento, está na escola pelo conhecimento. Eu não sabia que a finalidade era a empresa.

P: Entendi.

Álvares: No começo.

P: Entendi. Falando de escola, você me disse que morou em vários lugares. Onde você morou? Como foram as escolas nas quais você foi?

Álvares: A primeira escola foi no Jabaquara, uma escola lá no Jabaquara, né, Fernando Neto, Salvador de Noia, Fernando Pessoa depois aqui na Cidade Tiradentes. E as escolas... a biblioteca sempre fechada, sem mediadores de conhecimento nas bibliotecas da escola, e quando era aberta não tinha ninguém para mediar conhecimento, os livros paradidáticos, os livros de literatura pouco específicos e as próprias professoras nunca incentivaram uma leitura, um livro, nunca falaram de nenhum livro...

P: Você não lembra de nenhuma professora?

Álvares: Eu li. Acho que a professora comentou sobre um livro e eu li porque eu quis, mas não valia nota (então, ninguém leu porque não valia nota e eu li, mas sem valer nota, tinha sempre essa questão de nota) o *Meu pé de Laranja Lima*, do José Luiz do Rêgo... É isso? É *Meu pé de Laranja Lima*?

P: É. *Meu pé de Laranja Lima*.

Álvares: É dele, do José Luiz Rêgo?

P: Não, eu acho não é dele.

Álvares: Do José Luiz Rêgo eu li outro, eu li *Menino do Engenho*. *Menino do Engenho* é de José Luiz Rêgo que fala... E além de ser um romance histórico que me ajudou, ajudou alguma coisa, fala sobre aquelas relações... Então, algumas professoras falavam sobre os livros. Mas só que eu quis buscá-los porque eu acreditava que também ia me deixar em condições de eu ser um ser humano melhor, de estar numa sociedade, de conversar com as pessoas, que eu adoro conversar porque, para mim, ser ignorante era ser era uma pessoa que você não tem direito de falar. Você não tem direito à fala. Como você pode... a fala é democrática, está aberta, mas nos lugares, na Grécia, que foi onde nasceu a democracia, quem tinha oratória e sabia falar e tinha leitura era que influenciava os todos os outros. Demóstenes, sei lá e o outro... eles tinham a oratória. Então, portanto, eles poderiam exercer influência mesmo nos resultados da democracia. Como você pode exigir da democracia, direitos iguais se você não consegue falar? E a leitura te dá a possibilidade de intervir na sociedade. Como chama? [Te dá] Respaldo, você fala, você cita: "Segundo tal autor". É interessante você sempre estar falando com respaldo, com conhecimento de alguém que estudou aquilo, né.

P: Entendi. E na escola, você acha que a professora de língua portuguesa ou as aulas de literatura contribuíram para você ler?

Álvares: Eles me ajudaram, eles cristalizaram minha... eu já fui alfabetizado para a escola, me ajudaram [risos], me ajudaram [risos] no sentido de que... a gramática... e... e... tem semiótica, não é semiótica que fala, eles falam sobre o significado...

P: Ah, semântica?

Álvares: É, a semântica. A semântica, pelo significado das coisas, das palavras, tal. Então, eu comecei a ter um prazer estético – era interessante – de alguma palavra, quando você lê uma poesia do Vinicius, O Soneto da Fidelidade, aí você entende porque ele escreve daquele jeito,

a métrica e tal. Alguma coisa você tem que saber sobre isso, Camões, a métrica, *Os Lusíadas*, Cervantes, como começa um romance moderno, e a literatura no geral é interessante também. [Breve interrupção]

P: Você estava falando da escola, que os professores assim, alguma coisa...

Álvares: Os professores... Sei lá, porque eu acredito que o funcionário público, e o professor, ficou aí doze anos sem receber... E até antes tinha as greves, muitas greves, me lembro muito que na minha época tinha muita greve, muito tempo sem professor, o maior sindicato da América Latina fazia muito barulho e tal, mas eles queriam só dinheiro, então na minha mente eu falava: “Nossa, ele quer só dinheiro, ele não quer melhorar a educação, para mim sempre... o professor era um cabide de emprego, mas o professor antigamente eram só mulheres, era um empreguinho, para você ter um emprego, para você cuidar dos seus filhos, ter um horário flexível para cuidar dos seus filhos, então era uma coisa dita “de mulher”, né, porque não era uma profissão pra homem. Até pedagogia, você vai numa sala de pedagogia na universidade tem cem mulheres e cinco praticamente homens [risos]. E nesse sentido a gente tem que trabalhar com isso também porque da primeira até a quarta série eu me lembro que as professoras eram mulheres, professor tinha um outro tipo de significado para mim também, não era tanto o conhecimento. Era tipo a extensão da minha casa. Tipo mãe, né. Tipo: “Ô tia, tia da escola, tia, tudo tia.” O que significa a escola, um espaço estatal, chamando funcionário de tia, de professora como sendo alguém... a tia ou alguém da família, desse lado é legal mas do outro lado tem a questão da falta de compromisso dos professores em virtude dos problemas sociais, de não pôr professores capacitados para aquilo, professores que já têm uma visão da sociedade e imprime na sua educação: “Ah, eles não vão precisar dessa leitura, eles não vão precisar ler isso”. Eu, enquanto educador de História, eu quando eu falo sobre o sertão, eu falo: “Leia *Euclides da Cunha*, explico e faço uma sinapse... uma sinopse”.

P: Você não fica subestimando o seu leitor, né.

Álvares: Para o aluno ler um dia, diz que o brasileiro lê um livro por ano na média, em 1995, 1996, o Brasil foi o penúltimo no mundo de leitura e eu falo: “Leiam esse livro”. Porque eu acredito que possa ser que as pessoas não lêem porque não tem pessoa que fala que é agradável. Igual você falou. Que fale que é fácil. Ou que, mesmo que não seja fácil... Não, não foi fácil, mas eu fui lendo, lendo, lendo no Aurélio, no dicionário e aí fui aprendendo palavras novas. E o ser humano ele pensa e se expressa através das palavras. Quão maior o arcabouço, quanto maior o arcabouço de palavras, ele se expressa melhor e os seus pensamentos fluem melhor. E ali está seu raciocínio, porque o próprio idioma limita o pensamento porque não dá para você sentir uma coisa que não tem no seu idioma. Saudade nos Estados Unidos, eles falavam “sardades”, agora que pararam porque eles tinham mania de falar “I miss you”, que é “eu sinto falta de” e não “eu sinto saudades”. Então, agora, eles incorporaram o termo saudade porque a língua limitava o sentimento. Tanto é que a gente não conhece... o oriental e o ocidental, o ocidente e o oriente têm uma discrepância muito grande, porque o oriente trabalha toda aquela linha, o Islã e até nas palavras. Então, são coisas complementares. Então existe a literatura que é o *Nishima*, se não me engano é o *Nishima* que é um da literatura japonesa, né. É *Nishima*, não sei se você conhece.

P: Não conheço.

Álvares: *Nishima* ele, ele, ele escreve sobre brutalidade, e ao mesmo tempo o cara é delicado, um guerreiro ele matava e ao mesmo tempo ele fazia teatro. Eu li muito também essa literatura dos *samurais*.

P: Como *Musashi*?

Álvares: *Musashi* e o *Livro dos Cinco Anéis*

P: Quem lê coisa oriental é meu marido.

Álvares: Eu li *Sun Tsu, a Arte da Guerra*. Aí eu fui me interessar por essa literatura e até gibi tipo mangá, mas literatura que fala sobre a história do Japão e tem todo aquele imaginário

porque a literatura te dá arquétipos e a gente é uma sociedade moderna e a modernidade cria a fragmentação então, a gente está perdido no tempo de transição e nesse tempo de transição estão mudanças por trás, porque as antigas verdades já não satisfazem, você busca arquétipos para você sentir. Eu sempre busquei arquétipo, como eu sou pugilista há nove anos e fiz mais quatro anos de capoeira e no karatê, eu sempre busquei na filosofia oriental o arquétipo do guerreiro, honra, busca de disciplina através da honra, da disciplina, do trabalho duro, de todas as leituras, mesmo do correr para ficar forte para lutar, eu usava todas essas leituras desse arquétipo na minha vida pessoal... do guerreiro, principalmente em relação ao arquétipo que tem que ter honra. Eu confio nas pessoas porque eu tenho... porque eu vivo num tem mítico de uma literatura [risos] do passado. E não me livre até hoje por mais que eu tenha quebrado com certas coisas, é lógico que até com coisas que eu quebrei com a mitologia judaico-cristã, com o Deus hebraico cristão, porque o Deus judeu-cristão, né. Eu quebrei, mas ao mesmo tempo, a gente carrega essas coisas, né.

P: É, porque é da nossa constituição mesmo.

Álvares: A gente quebra..., mas tem a metamorfose.

P: E me fala uma coisa: você falou que pensou em ser seminarista ou você foi seminarista?

Álvares: Tentei, fui para ser porque a Igreja estava com falta de, né. Até hoje está com muita falta, porque no Brasil a estrutura é diferente do mundo todo. E aí eu li sobre a história da Igreja e li sobre o enfoque de Deus na literatura e depois a literatura me incentivou a ler sobre a história, a literatura também me incentivou...

P: Você acha que a literatura te levou a fazer História na universidade também ou não?

Álvares: Também, por causa que eu lia muita... para mim entender a literatura, eu gostava, eu tinha de entender quem era o autor. Para eu entender quem era o autor, eu tinha que contextualizar a época que o autor escreveu aquilo, porque ele escreveu aquilo e pra quem ele escreveu. Então a partir do momento que eu buscava a biografia do autor, a biografia de alguém que escreveu até um livro, né, então, eu acabava... Quem escreveu? O Julio Verne que escreveu *As vinte mil léguas submarinas*.

P: Isso.

Álvares: Eu acho que *As Flores do Mal* é Rimbaud. Mas aí o que acontece? A literatura acaba por... Eu queria saber em que condições tipo o Lima Barreto escreveu a literatura dele ou porque o *Aloísio Azevedo* escreveu *O Cortiço* e aí eu queria entender a época e porque o *Machado de Assis*, hoje em dia tenho debates até com a minha companheira Maria, que a gente repudia o Machado de Assis, acha que ele foi o pior no sentido...

P: Por quê?

Álvares: Porque ele critica... ele é afro-descendente, ele é muito inteligente, sabia latim, grego e tal e conseguiu, através de disciplina e sorte para adquirir o conhecimento... E ele, quando ele tem o conhecimento, para a elite, ele não tem cor, porque é bom você ter alguém que tem o conhecimento. A elite quer que você tenha o conhecimento. Fundou a Academia de Letras e tal. Só que aí toda vez que ele trata do povo dele, ele não trata do povo dele com respeito, porque ele fala do povo da onde que ele descende como sendo branco. Porque ele é branco na literatura. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o menino lá, o Brás, ele brinca, quando ele era criança, em cima do negrinho escravo como se ele fosse um cavalinho. Em outros contos, ele fala da crueldade como que era... Eu debato, eu falo assim no geral, eu não critico muito lá, mas eu internamente eu ainda defendo para fazer as vezes de Advogado do Diabo e explorar minha capacidade de argumentar, né, eu falo que não, que é interessante que ele teve uma coisa boa: ele falou da promiscuidade da burguesia, porque ele vai lá para a Europa e ele não aprendeu nada. Ele vem só para poder ser nobre, não trabalhar, não gerar vida. Ele trabalha só que aí ele fica trabalhando contra a nobreza e está surgindo o capitalista. Então, ele está no momento propício. Ele está na vertente contra a nobreza e a favor do capitalismo,

falando que a nobreza é mole, que a nobreza não sei o que. Mas ele não fala igual ao Lima Barreto, como aqui essa biblioteca se chama...

P: Solano Trindade

Álvares: Solano Trindade, que é um cara que foi... Até tem o Espumas Flutuantes que é do Castro Alves, ele também tem uma poesia chamada Navio Negreiro, que hoje até o Rappa também tem uma música... Você lê o livro e aí escuta... O Raul Seixas mesmo ele fala assim... Cervantes, cavaleiro andante, Cavaleiro Andante é uma literatura epistolar da modernidade portuguesa, Cavaleiro Andante que critica todo aquele, aquele império marítimo português. Então, e aí eu faço analogia porque ele está falando Cavaleiro Andante, até nas músicas tem intertextualidade por isso. Quando a música cita o livro, Miguel de Cervantes, Dom Quixote, não estou questionando a nobreza. E aí tem um livro também que fala... Até tem uma música que fala “vem cá ficar comigo, vem kafkar e e eu não entendia porque “kafka“, porque cucaracha era barata. Aí barata, Kafka “caficá”, aí era barata do Kafka e ali eu li *Metamorfose* do Franz Kafka. Aí eu signifiquei uma coisa que ninguém tava entendendo...vem “cá ficá comigo”

P: Mas é muito angustiante ler *Metamorfose*...

Álvares: Mas tem uma música, não sei se você... vem “cá ficá” comigo e aí tem cucaracha. Cucaracha é barata em espanhol. Mas por que Kafka? Do Franz Kafka que é o da *Metamorfose*. Eu li *Metamorfose*.

P: E tem aquele famoso, como é o nome dele? Do Legião Urbana. Que ele fala “O amor é fogo que arde sem se ver...”

Álvares: É do Camões. É um soneto.

P: É de Camões. É do barroco./

Álvares: É do barroco, “o amor é fogo que arde sem se ver/ é ferida que dói e não se sente.” A literatura vem com essa veia artística e tem a intertextualidade, tanto é que tem um estudo na PUC sobre como o cara faz *rap* e de onde chega essa cultura, tem que ser através da oralidade sem ser através da literatura, porque ele não tem acesso a biblioteca nem nada e como chega esse conhecimento [risos]?

P: Falando em acesso, você conhece *muita* coisa e você me falou que, em todas as escolas nas quais você passou, não tinha acesso à biblioteca da escola ou o acervo não circulava, não é isso? Eles não emprestavam pra levar pra casa... Então, onde é que você arrumou esse monte de livro para ler que você leu até hoje, porque é muito livro? É muita coisa que você leu. Como é que foi o acesso?

Álvares: Se eu for falar, eu posso... Com catorze anos de idade, eu comecei a trabalhar. Eu era *office boy* e, como todo *office boy*, eu ia no fliperama jogar fliperama, só que eu fui *office boy* na Avenida Paulista. Tinha a biblioteca do Espaço SESI, bem perto do Trianon MASP

P: Onde tem aquele teatro.

Álvares: Teatro. Não tem mais biblioteca, só tem teatro. Eliminaram a biblioteca.

P: Que é aquele prédio que tem o teatro embaixo.

Álvares: Aí eu fazia o serviço em duas horas, almoçava e ficava o dia todo, quase todos os dias durante vários anos dentro da biblioteca.

P: Bingo! [risos] Agora eu descobri como que você...

Álvares: [risos] Eu fui primeiro lá por causa do acesso ao computador, lá onde a gente almoçava, tinha várias televisões, aí eu colocava fitas sobre orquestras, sobre pintura, sobre não sei o quê e aí colocava a fita e ficava assistindo com o fone de ouvido sobre orquestra. Aí me interessou música e eu estudei muito sobre ópera, principalmente sobre Bach, sobre ópera mesmo. Eu gosto muito de ópera. Eu li muito sobre ópera. Li sobre Strauss, sobre Bach, Beethoven e me apaixonei por música. Eu queria tocar alguma coisa. Só que eu vi porque eu só ouvia Beethoven. Aí de música eu pegava sobre Renascimento. Me apaixonei sobre Leonardo Da Vinci, queria saber de onde vinham os... e todos os iluministas e tal. E queria

saber quem foi o Michelangelo e tal, como ele pintou e tal. E foi assim: li sobre jardinagem, sobre tatuagem, li sobre tatuador, li sobre tudo que há na biblioteca convencional. É uma biblioteca muito específica. Então, eu li sobre teatro, eu li sobre música, eu li sobre pintura, eu sou apaixonado sobre pintura, teatro, música e muitas coisas. E para eu entender, eu tinha que ler História e... literatura. Então, literatura para eu ter acesso eu tinha que entender muito de História.

P: Esse acervo circulava ou você tinha que ler lá?

Álvares: Não circulava. Tinha que ler lá.

P: Você ficou dos 14 aos 18?

Álvares: Praticamente. Aí eu fui mandado embora, eu fui mandado embora.

P: Você fazia o seu trabalho muito rápido.

Álvares: Eu só entregava e depois eu ficava lá

P: Ninguém percebia?

Álvares: Não, porque o pessoal ficava no fliperama e eu só voltava quando tinha serviço, isso muitas vezes e muitos anos. Aí eu fui mandado embora. E aí eu vim aqui pra Cidade Tiradentes e aí não tinha como eu ler, como eu morava no térreo e eu estava desempregado e não tinha como eu ler, o térreo era muito barulho. Sabe o que fazia? Eu lia de madrugada, lia da meia-noite até as seis horas da manhã. Aí dormia de dia e lia de madrugada. Foi a época que eu mais li na minha vida. Aí eu ia na biblioteca.

P: Qual biblioteca?

Álvares: Eu pegava na biblioteca porque eu trabalhei na Paulista eu tinha acesso à da Consolação.

P: Biblioteca Pública da Consolação?

Álvares: Tinha a da Consolação e a Mario de Andrade na Xavier de Toledo. Eu só vivia lá. Tinha a maior burocracia, tinha que entrar, pegar o papel, escrever o livro que você quer, eles pegam um livro ou dois e a cadeira certa com o número e eu ficava lá... o maior silêncio e eu tenho um recorrente: meu avô morreu com 46 anos e meu pai morreu com 61, todos de alcoolismo, só que eles são... O Álvares e o meu pai João.

P: Ah, meu pai é João também. E cara... eles morreram no mesmo ano [risos]

Álvares: Morreram no mesmo ano... Caramba. Com quantos anos ele morreu? Meu pai morreu com 61.

P: Meu pai morreu com 59 anos.

Álvares: E João, né. Forte, né. E eles eram muito simples, não sei se tanto geneticamente ou culturalmente. Eu sou compulsivo. Então, eu faço... se tiver que jogar xadrez, eu jogo xadrez da meia noite às três da manhã, eu jogo xadrez, porque eu quero ser o melhor.

P: E aí você quer ser melhor no jogo de xadrez. Queria ser o melhor leitor?

Álvares: Queria ser melhor em tudo, né. Em tudo que eu faço, eu sou compulsivo. Eu leio um livro, cansei, eu leio outro, leio três livros ao mesmo tempo quando eu estou lendo, leio três, quatro livros ao mesmo tempo. Leio a metade de um e outro, e outro e outro. Eu não consigo ler um livro só. Leio dois, três, quatro. Geralmente fazendo fichamento. Faço isso para ficar sabendo onde eu li. Eu fiz isso porque acabava me confundindo, porque ler três ao mesmo tempo e aí me perguntavam: quem é o autor? Quem é o autor do que você falou? Aí comecei a fazer fichamento para não me perder, no sentido de futuramente eu queria fazer mestrado e voltar à faculdade. E aí o que acontece? E fiquei lendo da meia-noite às seis horas da manhã.

P: Durante quanto tempo?

Álvares: Dois ou três anos, mas só que eu lia muito. Eu ia na biblioteca, ia procurar emprego e tal e depois aproveitava pra ficar na biblioteca, aí eu pegava... E eu aproveitava – eu já não acreditava mais na religião – e aproveitava as igrejas do centro, eu tinha mania de visitar todas as igrejas do centro, a da Praça da Sé, a do Pátio do Colégio, em todas as igrejas, eu

fazia uma *tournee* em todas as igrejas, tanto é que eu treinava oratória na Igreja Santa Efigênia. O padre sabia que eu era ateu. E eu falei “Eu sou ateu”. E ele falava: “Não, vem assim mesmo”. E a maioria usava bata, e eu ia ler o sermão lá de manhã, só pra treinar oratória, eu queria aprender a falar em público e falar ao microfone. . . Aí eu aproveitava os espaços com silêncio para ler. Aí eu ia ler O Anti-Cristo do Nietzsche lá dentro da igreja, [risos] Assim falou Zarathustra [risos] do Nietzsche, dentro da igreja [risos]. Eu aproveitava o espaço quando eu ia procurar emprego e também quando eu estava trabalhando de *office boy*, eu também pegava muitos livros. Aí eu pegava na Biblioteca Circulante da Consolação. Eu ia daqui e pegava na só na Consolação, que era a circulante da Mário de Andrade, porque na Mário de Andrade não era circulante.

P: E aí sua mãe não podia nem pegar no seu pé porque você estava usando o dinheiro da condução para procurar emprego.

Álvares: Ela sabia. Ela sabia. Só que aí ela percebia que eu não arrumava. Ela percebia. Ela tinha medo, tanto que quando eu era pequeno ela fala assim: “As pessoas morrem né, as pessoas matam as pessoas.” Tinha toda uma lenda na família que eu não ia passar dos vinte.

P: É mesmo?

Álvares: É... o mal do século. É que eu fazia poesia e faço poesias até hoje, letras sociais também, faço umas de amor para minha companheira, mas é social, não é só amor.

P: Aí eu posso ver um dia essas poesias?

Álvares: Pode.

P: Legal. Você pode por num blog, né.

Álvares: Aí, aí tanto é que essas poesias elas são do Álvares de Azevedo, o mal do século e tal, aquele negócio meio gótico, toda aquela busca da mulher, do algo, aí eu tinha toda aquela... e aí eu pensava: “Nossa, será que eu vou morrer cedo também? A literatura... a gente também tem como referência, né. Porque ele morreu cedo, ele morreu com 21 anos de idade e ele morou sempre aqui em São Paulo, né. Na Quintino Bocaiúva ele nasceu, onde agora é um teatro. Sempre que eu passava por ali eu “Nossa, ele passava por aqui.” Ali era centro cultural. E o livro também ele tem um fator de ser um objeto da elite, né? Dentro do capitalismo, tem gente que faz uma biblioteca, mas não lê.

P: Biblioteca a metro. [risos]

Álvares: Então, o livro tinha essa função e eu me sentia. Então, quando eu tinha acesso, eu me sentia. Eu queria saber onde os autores de São Paulo andavam, via onde ele fez Direito ali perto do Pátio do Colégio, ali na São Bento, aí passava e olhava. Eu sabia que o relógio da São Bento era de ouro porque eu vi lá na...

P: Aí você se achava, você ficava com a auto-estima legal?

Álvares: Isso incentiva. Só que aí a literatura foi me prejudicando com o tempo.

P: Por quê?

Álvares: Porque eu não conseguia mais sentir prazer igual eu sentia. Eu não conseguia mais sentir graça com o humor brasileiro que é pornografia e machismo, homofobia criticando o homossexual, criticando a mulher e tal, xingando a mulher que foge aos padrões estéticos que a sociedade capitalista impõe, que é a magreza, que é ser branca, que é ser loura.

P: Loura de cabelo liso [risos].

Álvares: E aí eu não conseguia mais ver o comercial da televisão porque eu sabia que era um instrumento de alienação e eu não conseguia mais. Eu me sentia fora, eu tinha que fingir que eu era comum para eu poder conversar com as pessoas, porque eu... Eu falava: “Não, a Playboy, mas é a mulher vendendo a imagem, uma função do capitalismo”. Então, aí a literatura foi me desesperando e criando uma sensação de impotência contra a realidade.

P: Na verdade, quanto mais você conhecia mais você consciente ficava e mais te angustiava?

Álvares: Me angustiava porque eu sabia da minha situação de pobreza, eu sabia em que situação social eu estava e mesmo sabendo que tem problemas com os aborígenes lá na

Austrália, porque a colonização inglesa zoou e zoa até hoje o pessoal quando mostra o povo lá, que tem os conflitos no Oriente Médio e os conflitos todos que ocorrem na África por causa da colonização européia...

P: Sobre a Austrália, você tem que ver um filme que se chama Rabbit Fence. Foi uma política que existia na Austrália de branqueamento da população aborígine até 1970. Eles obrigavam as meninas se casarem com brancos para ir aos poucos eliminando a população aborígine. E é a história de duas meninas que voltam para sua tribo. Duas crianças.

Álvares: Para não casar com...

P: Elas eram, como é que se fala? Elas eram levadas, as crianças eram retiradas da tribo e levadas para acampamentos para serem educadas como brancas, com valores brancos para depois serem casadas com branco. Ou serem empregadas de brancos.

Álvares: Pra poderem cortar toda aquela cultura, né. É uma forma de miscigenar, que acontece no Brasil.

P: Era uma forma... mas o que me deixou chocada é que foi no ano de 1970. Quando eu vi aquele filme, eu fiquei muito chocada, muito chocada.

Álvares: Se a gente for ver as atrocidades que ocorrem no mundo, a gente fala que o Brasil é o maior exportador de carne, maior exportador de soja e tem gente passa fome, o mundo faz comida para três vezes e meia os habitantes do mundo e tem gente que passa fome e tem falta de remédio. O Capitalismo, ele, ele, ele potencializa todo trabalho humano para poder uma minoria ter privilégios da tecnologia, ter privilégio de tudo que o ser humano pode ter de melhor e toda qualidade de vida para a maioria, principalmente no hemisfério sul do mundo ou então nos países que eles chamam de subdesenvolvidos e que estão na situação de... E que, que é complicado isso aí, e que a gente vai trabalhar com a idéia de que você sabendo de tudo isso aí que está no mundo, você vai continuar na Cidade Tiradentes, morando na COHAB, sabendo que você é considerado periferia (que eu estava até questionando até esse negócio de periferia, porque eu sabia que no centro econômico não é considerado centro por mim. Eu tenho outros valores e eu não vou considerar que eu estou na periferia do centro econômico). Então, eu estou no centro e a maioria das pessoas que trabalham no centro moram na periferia. Mas para mim ter meu valor humano, a comunidade é o centro. O centro é onde a gente vai buscar nosso sustento. Mas por eu acreditar que eu sou excluído, usam as palavras para escravizar. Quando você fala que você aceita... Aqui dentro do *Força Ativa* tem um debate. Quando você fala todo e toda, quando você não fala negro e fala preto... porque a língua escraviza você através do... Mas isso é o debate. Não é só mudar o signo que mudou a situação agora. Não vou mais chamar disso, chamar de negro e vou chamar de preto. Negro tem toda a característica de sujeira, moreno é gente porco, pele suja, que antigamente chamavam os mouros. A palavra às vezes também, a literatura ela, através das palavras eles exibem a ideologia. Precisa tomar cuidado e foi legal porque depois que tive esse viés marxista, eu começo a ler tudo que eu leio, até Machado de Assis, até Machado de Assis eu leio com outros olhos, só Paulo Coelho que não dá. Machado de Assis era...

P: Não. Ele e é assim representante máximo do cânone literário brasileiro. Então, essa crise que você foi tendo, foi com quantos anos?

Álvares: Então, é porque eu ainda acreditava em Deus, acreditava que eu podia viver, ser feliz dentro do capitalismo, da sociedade capitalista. Então, eu fui, eu fui... certas coisas foram morrendo em mim, problemas sociais e familiares, toda uma gama de coisas, violências impostas pelo capitalismo, todo ser humano sofre violências. Meu pai chegou a destruir minhas poesias, jogar fora...

P: Nossa, a troco de quê?

Álvares: Porque eu era muito sensível, ele jogou tudo fora, porque eu era muito sensível, não falava palavrão. E outra que..., aí tipo... eu tive um momento da minha vida que eu não queria

mais. Eu falava: “Ah, não quero, eu quero ser burro.” Eu queria ser burro e aí eu entrei no boxe e fiquei uns dois anos sem ler nada, sem ler nada...

P: Quantos anos você tinha?

Álvares: Dos dezenove aos vinte e um.

P: Você estava desempregado?

Álvares: É. Eu fiquei desempregado, aí eu li bastante. Depois que o meu pai veio a falecer, eu fiquei dois anos sem ler nada. Eu queria ser burro, não burro no sentido de pessoa burra, eu não acredito em pessoas burras, mas por que buscar tanto conhecimento que estava me deixando tão impotente? Que eu estava ficando numa situação de atentar contra a própria vida, passei por muitas situações de atentar contra a própria vida.

P: Você chegou a pensar mesmo?

Álvares: E já tinha lido da Anna Karenina, que ela se mata e lido sobre o suicídio. Então, eu ficava imaginando... O Hamlet, que ele cita o sentido, a questão existencial... aceitando as pedradas, flechadas, bichos ferozes... e eu captando esse mundo e o medo de... acabar com esse mal, através de um punhal. O medo faz a gente não começar uma grande jornada. Eu ficava imaginando: Pô, até para algumas coisas eu fiquei desesperado a ponto de não querer existir porque pra mim a existência nesse mundo capitalista não era racional. Não é racional. O capitalismo não é racional. Ele não age racionalmente. Aí eu fiquei meio afastado, mas aí eu consegui entrar na universidade. Só fiz uma prova de conhecimento para ver se eu passava e eu passei maior bem.

P: Foi aí que você foi fazer História?

Álvares: Eu estava patrocinado pelo boxe e aí com o patrocínio do boxe, eu paguei a universidade. Disputava campeonato, fazia universidade e trabalhando.

P: Você fez História aonde?

Álvares: Na Universidade Guarulhos. Lá foi uma decepção, porque aí eu pensei que eu ia encontrar gente com compromisso, gente que tinha várias leituras e encontrei pessoas que querem só um trabalho e querem só mamar na teta do Estado e não quer nada com nada, que não gosta nem de aluno e a maioria deles que estão na educação... Vai ser um profissional que vai trabalhar sem vocação e aí eu achei a biblioteca da universidade e comecei a levar. Aí, Nossa!!!

P: A biblioteca da Universidade valia a pena?

Álvares: Ela era boa. Só a biblioteca e alguns professores que indicavam leitura, algumas aulas, poucas. Alguns professores, a maioria deles, todos da USP, doutores da USP... Eu dei sorte porque meu professor, o coordenador, ele era do... da USP. Então, todos os professores tinham mestrados e doutorados da USP, todos que deram aula pra mim, eu tive uma qualidade... cará que vai num debate na TV Cultura... Nesse sentido, eu tive as leituras, só que, porque as pessoas estão trabalhando, elas abaixam, elas não querem estudar e ler os livros, então elas abaixam a qualidade do ensino.

P: Os próprios professores da universidade ou os alunos?

Álvares: Os alunos e alguns professores. É recíproco, por comodismo recíproco, você acaba não querendo... você acaba diminuindo a qualidade da aula porque o cara fala: “Ah, eu não tenho tempo de ler...” O cara se formou e não leu um livro. É professor de história de escolas é...é...é ainda bem que escolas pentecostais, escolas metodistas religiosas e até adventistas e o cara nunca leu um livro, o cara gostava do Adolf Hitler e odiava o marxismo, lia o Adolf Hitler e estava dando aula em escolas evangélicas e nunca leu um livro, assim uma porta no sentido específico do conhecimento que ele podia ter. E até os professores da universidade, por não terem contato com a leitura na escola, não tem o hábito de ler porque a leitura de literatura faz você ter o hábito de ler.

P: No sentido de você ter prazer de ler?

Álvares: Não. No sentido de que você queria, e você percebe que esse é o instrumento de

você poder evoluir. Não adianta eu assistir um filme sobre um assunto, não adianta eu escutar o professor falando. Eu escutar o professor falando não vai me adiantar de nada. Eu não vou lá: Eu pago, ele fala e eu aprendo. Ele vai me dar, vai me mostrar as portas, os caminhos e eu tenho que ler. A universidade são os livros, tanto é que os maiores intelectuais sempre estão fora dos centros acadêmicos, da academia. Por exemplo, você vai ver o José..., um dos maiores marxistas latino-americanos que interpretou na época dele lá o Che Guevara, o cara entendia tudo de arte e cultura e nunca fez universidade. A maioria dos grandes intelectuais são de fora, criticavam a academia, porque a academia possui um conhecimento hermético, um conhecimento que não é às vezes pragmático, ou às vezes tem um valor apenas estético: eu tenho um conhecimento de gaveta, que não tem... A universidade perdeu o vínculo com a sociedade e a escola está quase perdendo o vínculo, tem pouco vínculo com a comunidade, e a universidade não tem vínculo com a sociedade. E aí essa falta do hábito de ler, a literatura, de leitura, faz com que as pessoas nem leiam para se formar, pagam trabalho. Eu fiz muitos trabalhos muitos trabalhos e eu cobrei muitos trabalhos que as pessoas não queriam fazer, e eu fazia, então me paga. Fazia trabalho de psicologia, português...

P: O pessoal tirava dez?

Álvares: Eu gostava muito de literatura comparada. Cheguei até a comparar o *Stendhal, O Vermelho e o Negro* com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em literatura comparada e a menina até tirou dez. Eu fiz a conclusão, que a gente cruzou as duas literaturas, então quer dizer que eu transitei... Foi legal pra mim pra mim na universidade porque eu tive acesso a algumas pessoas que estavam interessadas e eu pude fazer trabalho de... e essa ânsia de querer saber e entender. É a literatura traz isso. O que a literatura traz? Você quer conhecer o mundo que te cerca, interpretar esse mundo e aí você escolhe se você quer mudá-lo ou se você quer continuar a... você vê se com o conhecimento você vira o Machado de Assis, você vai comer bem, vai entrar no meio da elite, vai ter toda aquele negócio de panelinha... Machado de Assis, que o conhecimento é bonito para a elite, né? Então, quer dizer que basta você se apropriar dele para poder ou você ganhar sua vida ou você ganhar dinheiro e ficar bem ou você pode querer trabalhar no coletivo e trazer para a sociedade. A literatura te abre a possibilidade de trilhar um caminho ou coletivo ou egoísta do capitalismo e o coletivo numa tendência social.

P: E nessa época você estava na universidade, você falou que estava trabalhando, é isso?

Álvares: Estava trabalhando.

P: Aí você já dava aula ou fazia outras coisas?

Álvares: Eu trabalhava... eu cumpria horário no cara que me patrocinava no boxe.

P: Você era “ bom pra caramba ” no boxe a ponto de ficar de ficar só cumprindo horário?

Álvares: Aos dezenove anos, eu era considerado... Quando eu comecei, eu poderia ter sido, se tivesse continuado, uma revelação do boxe brasileiro.

P: É mesmo?

Álvares: Mas aí eu, eu, eu preferi o conhecimento. Eu sempre pensava numa frase: *Mente sã, corpo sã*. Eu sempre fui criado pra isso. Eu sempre fiz meus exercícios físicos e tal, mas só que eu acreditava que meu corpo vazio não ia adiantar de nada. Então, eu queria encher o cérebro de alguma coisa e o corpo. E eu acreditava que o cérebro precisa do veículo corpo estar saudável para poder... eu sempre trabalhei com essa idéia. Eu não separo literatura de eu correr de manhã cedo, que é bom que o cérebro vai estar oxigenado e tal e você lê melhor. Então, eu tinha mais disposição para ler porque eu fazia exercício também. Uma coisa que ninguém trabalha com isso. Todo mundo pensa que a morbidez da pessoa que lê, a pessoa que geralmente acaba... eu sou os opostos, ficava no fundo da sala, conversava com todo mundo, não escrevia uma linha, e tirava a melhor nota sabe, tipo nunca coleí. Na verdade, eu tirava as melhores notas porque eu lia, conversava com todo mundo

P: Você gravava as coisas de memória ou você acha que é porque já tinha tido tanta leitura anterior que...

Álvares: Memória, memória e intertextualidade, que algumas coisas eu já tinha lido. Então, me facilitava. A leitura também favorecia isso, né? As sinapses. Eu só fui me apropriando de uma coisa que já foi, que eu já tinha sido lido anteriormente... Mas apesar que eu acredito também que tem isso: por eu ser compulsivo, eu treinar, o hábito de eu levar uma vida saudável me fez ter mais qualidade de vida para eu poder ter mais tempo para eu aprender... A gente lia junto, eu e meu colega, um rapaz chamado Marcio, uma pérola de menino, demais ele. E tinha o Carlos também, que é um menino muito... uma pessoa assim...

P: Eles são daqui da Cidade Tiradentes?

Álvares: Um é. O Carlos é. E ele não é mais. Ele é professor de história. Ele se formou professor de História, ele se formou primeiro que eu. Trabalhou três anos aqui. O cara, uma vez eu tava conversando com ele e eu perguntei: “Você já leu um livro? Ele respondeu: “Não, nunca li.” Ele nunca tinha lido um livro na vida dele e ele tinha uns dezenove anos. Ele já tinha saído da escola no segundo grau e nunca tinha um lido um livro e o cara sabia todas as capitais do mundo. E eu falei: “Meu, você sabe muito mais do que eu que já fiz mais de dois mil fichamentos de livros e ele era super hiper organizado, tenho minha leitura meio caótica perto dele. E ele se formou primeiro do que eu. E a gente ia conversando sobre a matéria na ida e na volta, tinha isso de bom também Eu falei: Vamos combinar que a gente todo dia conversa sobre a matéria do dia no ônibus. A gente debatia a matéria e eu fazia sempre o contraponto. Finge que você é evangélico e eu sou não sei o quê, finge que você está a favor de tal assunto e eu sou contra, e a gente fazia o contraponto, ficava debatendo e aí eu começava a ler coisas para debater com ele. Por exemplo, o tema das cotas, aí eu tive que ler sobre cotas para poder me defender e poder debater a favor ou contra. Então, as pessoas, tinham essas pessoas que manter perto dessas pessoas porque elas me mostraram... Eu tive troca, né, que é troca. tinha que dizer a favor ou contra e as pessoas. Eu tinha que defender.

P: De gente assim da sua idade?

Álvares: Da mesma idade, da mesma idade, geralmente... A única pessoa que eu conheci mais velha do que eu, então quando eu estava entrando na universidade, eu conheci um rapaz chamado Carlos e esse Carlos já estava fazendo mestrado em filosofia na PUC. Eu conheci ele na Igreja Santa Efigênia e aí eu estava lendo lá e depois fui visitar casa dele e na casa dele tinha uma biblioteca enorme de filosofia, sociologia, literatura, tanto é que.... que eu tava lendo foi dele, que é a tradução que vem direto do russo, que é o Paulo Bezerra. Aí ele me deu acesso e eu comecei a conversar com ele e nesse caso, ele é a pessoa intelectual mais aplicada que eu conheci, ele lia oito horas por dia e ele ficou dois anos dentro daquele sistema que ele recebia mil e pouco. Eu esqueci qual é o nome.

P: FAPESP, CAPES, CNPq, a bolsa?

Álvares: Ele tinha uma bolsa de mestrado e ele lia com disciplina, oito horas por dia: 4 horas de manhã e 4 horas à tarde. Ele fazia disso uma profissão. Ele lia oito horas por dia, ele podia ler né. E ele era uma pessoa extremamente nobre. Ele fez um trabalho sobre o Thomas Khum, um livro de epistemologia ontológica subjacente, tanto é que eu primeiro fiquei oficializado na História foi quando ele terminou o mestrado dele, que ele se formou em ciências da religião na PUC, ele colocou até meu nome nos agradecimentos. Aí eu falei: “Ah, agora eu estou na História” [risos]

P: Ah, você vai estar na minha história, se você quiser.

Álvares: É interessante quando a gente é entrevistado, a gente tem direito ao livre pensamento, e é vedado o anonimato, no sentido de que... É interessante você manter o anonimato porque você tem direito democrático, o anonimato seria necessário se eu tivesse repúdio pelo que estou falando mas já que eu não tenho, não é algo tão íntimo ao ponto de eu não querer que seja...

P: Mas se você não quiser você pode ter o agradecimento e ninguém saber que você é um dos entrevistados.

Álvares: Porque é interessante uma biografia da leitura e da função da leitura na sua vida, e que essas literaturas te ensinam sobre as questões do mundo e o que você faz com isso. É interessante o seu trabalho porque acaba tipo, viabilizando a possibilidade das pessoas também terem acesso a isso né.

P: É. E esse Carlos tinha quantos anos quando você o conheceu?

Álvares: Vinte... quando eu conheci ele, eu tinha dezoito, ele tinha dez anos a mais do que eu, ele tinha vinte e oito. Por aí... vinte e oito ou vinte e nove e ele tinha sacerdócio, ele ficou seis ou sete anos no sacerdócio, faz faculdade, está terminando, tanto é que ele lia muito, muito.

P: Mas na verdade você o conheceu não por causa da religião ou você usava aquele espaço para ler?

Álvares: Para ler, eu ia, mas não acreditava, eu ia com meu amigo. Eu tinha outro colega que se chamava Eder. E teve um caminho, ele estava no mesmo caminho que eu. Aí ele escolheu: ou fazer uma universidade para o conhecimento ou fazer uma para ganhar dinheiro. Aí ele fez Faculdade de Tecnologia, na área de Informática. Ele ganha bem pra caramba, ele está bem financeiramente. Faz uns sete anos que ele se mudou daqui. Eu sei porque a gente já se esbarrou aqui, eu já andei com ele, aí eu prestei e cada um foi fazer a universidade que queria e ele fez e eu não fiz (incompreensível) e aí ele acabou, ele ia nos encontros, a gente fazia encontros para estudar o marxismo, escola de Frankfurt, esse rapaz Wagner levava todos os meses vários livros para o grupo de estudos de literatura marxista e aí (incompreensível). Aí eu trabalhei para ele de corrigir as provas de universidade dele. Isso aí você não precisa colocar [risos]. E aí ele me ensinava, eu lia os livros e eu corrigia provas de gente que estava na universidade, eu ajudava... (incompreensível). Era tipo um secretário. Eu trabalhei pra ele. E aí foi me ajudando porque leituras, leituras, leituras. E eu tinha contato com pessoas que lêem. E aí eu comecei a ter contato com pessoas que... Eu me sentia ilhado, eu me sinto ilhado e cada pessoa, principalmente aqui no Força Ativa, é ilhas que se encontram. E é interessante porque é um espaço que a gente pode falar aquilo que a gente quer porque não é um mundo comum, não é um mundo cotidiano. No cotidiano, no mundo do senso comum não dá pra falar certas coisas porque a gente é tachado como, como crítico (incompreensível) Vai alugar um filme, eles acham o filme chato. É um filme que ninguém quer assistir. Até o contato com um grupo de movimento social... ajuda você a dar sentido pra sua existência, e querer continuar existindo (...) e descobrir que você faz parte de um povo igual a esse que faz parte do movimento do preto, do afro descendente e saber que é uma luta de libertação, que é uma luta que não é só racial, uma luta para libertar todos os pobres e que é uma luta e que a literatura tem disso, de começo, desenvolvimento e uma conclusão, né. Ela traz essa visão que as pessoas não estão acostumadas com isso... Na semana passada eu estava conversando com a Maria, que ela gosta muito de rap, e ela perguntou porque eu gosto de Ópera e eu disse: porque ópera tem começo, meio e conclusão, assim como numa redação. Então a gente não é acostumado a ouvir assim músicas: dum dum dum dum (incompreensível). Que nem um funk termina do mesmo ritmo que começa. A música só muda a forma como ela xinga a mulher de formas diferentes, que aí a atividade só muda na mudança de xingar a mulher de formas diferentes, de tratar da sexualidade. Mas o ritmo é o mesmo da musicalidade, mas continua a mesma e acaba a pessoa até não aprendendo o cérebro a trabalhar com as coisas mais complexas, trabalha só com ritmos simples. A gente é analfabeto...

P: Musical, né.

Álvares: Musical. (incompreensível)

P: Analfabeto musical, analfabeto de pintura, analfabeto de tudo.

Álvares: De toda forma de arte que é o veículo do ser.

P: E com esse Carlos você teve contato por quanto tempo?

Álvares: Até hoje eu tenho contato com ele. Faz mais de dez anos que eu tenho contato com ele.

P: Até hoje? E você tem contato assim esporádico ou constante?

Álvares: A gente tinha um contato muito forte, muito constante, mas só que aí a gente tinha uma relação meio mestre-discípulo. Ele era meu mestre entre aspas e eu era discípulo rebelde e a gente acabava tendo algumas, algumas, algumas discordâncias em algumas coisas, tanto é que ele falava que ia montar uma casa e ia me levar para morar com ele. Ele ia morar comigo também e com a Edi também, a gente ia montar uma biblioteca. Meu sonho era ter uma biblioteca que dá de frente pra um jardim. É o meu sonho, eu sou apaixonado por livro, por todo o conhecimento humano. Eu queria absorver o máximo. Para mim eu tenho pouco tempo: a vida é muito curta para eu absorver tantas coisas. Eu sou uma pessoa... igual eu matemática durante um concurso e as pessoas falaram pra mim: “Como você conseguiu resolver tanta coisa de matemática?” (incompreensível). Eu penso simples. O conhecimento é simples, meu jeito de pensar é simples, mas... Por isso que eu acho que estou sempre querendo mais, porque eu acho que eu não sei o suficiente. Eu tenho a sensação que é pouco e que eu subi numa montanhazinha assim, eu estou vendo um monte de lugar que eu nunca vou tocar, igual o Isaac Newton falou assim (incompreensível) a teoria da relatividade: “Eu me sinto uma criança vendo uma ponte mais bonita que a outra enquanto o mar da verdade está aberto...”

P: É. Na verdade, quanto mais você sabe mais você fica consciente do quanto você ainda não sabe.

Álvares: Eu não gosto do Sófocles, eu concordo com Nietzsche que o Sófocles é o símbolo da decadência grega. Pior coisa foi o Sófocles porque apontou o apolíneo, as coisas do Apolo, negou dionísico, que é a medida, o equilíbrio e que tinha toda aquela de bacanais, de teatro, tudo, apesar de ser o caos também. Mas o Sófocles nesse sentido assim ele fala no sentido de não existe sabedoria, não existe sábio, construir aquela visão do mestre. E o conhecimento traz isso também, você começa a perceber a sua ignorância, né. Que falta algo.

P: Você acha que a qualidade do material que você leu e ao qual você teve acesso, influenciou seu interesse por ler? Por exemplo, se você tivesse tido acesso só a Paulo Coelho e coisas desse tipo, você acha que você teria se interessado por ler ou teria entrado para o boxe de cabeça?

Álvares: Não dá para saber.

P: Não dá para saber?

Álvares: Porque é uma possibilidade muito... né. O que eu tenho com certeza, com certeza absoluta que eu sou fruto da contradição, eu e outras pessoas somos exceções, somos tudo o que o capitalismo não quer – pessoas que têm acesso ao conhecimento e interpretam a realidade. Então, eu tenho certeza absoluta que foi coincidência, foram diversos fatores variantes, coincidências que fizeram que eu tivesse esse acesso às leituras, a esses livros e essas coisas. Eu, eu, eu, eu sou... não um exemplo a ser seguido, sou fruto de coincidências, da contradição do capital. Porque a gente vive a contradição e (incompreensível). O capitalismo não quer aquilo, mas é que tem essa dialética né. O próprio (incompreensível) cria os agentes que vão lutar contra ele (incompreensível), o Estado. A gente acredita que, que... Eu sei que foi sem querer. Eu acho que nenhuma literatura... Sei lá, às vezes, eu me lembro da história do Paulo Coelho e de repente eu li alguma coisa melhor, de repente eu leio coisas boas, eu poderia não querer mais ler e fazer igual o meu colega Edinho fez, fazer curso de tecnologia e pensar só no dinheiro e querer as coisas só pra mim, estar bem de vida e não sabendo nada. Ele ia nos encontros e ele falava: “Nossa, eu acho tão bonito vocês falando. Eu não sei nada do que vocês falam.” O cara ganha o triplo e não está contente, ele tem tudo mas ele não tem o conhecimento, tem que buscar isso agora porque ele perdeu. A sociedade contemporânea dá

ao tecnólogo... ele perdeu o conhecimento humano, a tecnologia é números. Ah, quantas crianças estão passando fome? Agora menos, agora mais. Só que uma criança passando fome é um... Só que, pra quem é rico e está na burocracia do Estado, fome é abstrato, porque fome é um símbolo vazio que não... Ou... passar necessidade... Agora, quem não tem experiência empírica, não tem relação com essa palavra e, portanto, isso aí é um tecnólogo...

O Brasil não está mais em déficit, ele já está em superávit, a dívida externa está em superávit. Fica complicado porque é toda uma compaixão que a gente não aprende na escola e se as pessoas aplicassem todo esse dinheiro nosso na gente, voltar esse dinheiro, a sociedade brasileira poderia ser melhor. Como você vai experimentar a leitura, como fazer o brasileiro ler mais? Dar comida, dar saneamento básico, a questão é só... A leitura vem conforme a sobrevivência... a gente tem a necessidade de sobreviver, de saber o que vai comer amanhã, querendo saber o que vai ter de serviço. A gente não está pensando na leitura. O livro no Brasil é muito caro também, porque eles preferem vender pouco caro do que vender bastante e barato. A gente tem...eu tenho essa visão do capitalismo. Ele quer ganhar o dinheiro com o livro. É lógico. (incompreensível) do Che Guevara também. Até o revolucionário o capitalismo vende camiseta, sapato anti-derrapante pra fugir da polícia no seu pé. O capitalismo, ele comercializa qualquer coisa... Então, o livro, a leitura ela é utilizada pelo capitalismo só na parte do machismo, que a revista... como fazer a leitura ser um prazer estético? A pessoa tem que passar da necessidade... E quando ela não tiver mais necessidade ela vai buscar, que nem você comentou da música dos Titãs, ela vai buscar teatro, vai buscar cultura, vai buscar balé, vai buscar saber o que é uma ópera...

P: E quando você lia pra caramba o que seus amigos falavam? Porque tinha o Carlos, o Edinho que na época você incentivou a ler... **Álvares:** Ele se espantavam. O Marcos que eu incentivei a ler, meus colegas de Universidade, o Adir que ele entrou na Universidade só para manter a pensão dele porque ele perdeu a mãe quando ele tinha quatro anos e perdeu o pai quando ele tinha nove. Aí ele era tutorado pelos vizinhos que criaram ele. Ele entrou só por isso, ele entrou na faculdade só para manter a pensão, a gente perdeu o contato. Agora ele está militante... Eu acredito que a literatura você passa para frente e não deixa só com você e compartilha o que você leu com as outras pessoas e transforma as outras pessoas.

P: Então, mas, por exemplo, na escola, seus colegas de sala quando você tinha doze, treze, catorze, quinze anos, ou melhor, quando você leu muito dos catorze aos dezoito anos eles falavam “Que legal o Álvares ler!” Como que era?

Álvares: Não, eu era excluído, eu apanhava quase todo dia, porque eu tinha a melhor nota, não passava cola pra ninguém, eu era muito sério, introspectivo. Então, todo mundo me batia todos os dias, que eu era excluído. Até o meu nome ser Álvares também, já era um pretexto, qualquer coisa era motivo para o ser humano... ele está menos socializado quando ele é mais novo, ele está menos socializado, ele é mais cruel, ele demonstra todo um machismo, tudo que tem de mal na sociedade e que ele pode fazer ele reproduz. Então: “Oh, seu macaco, seu preto, seu Tonho da lata, seu não sei o quê...” Então, quer dizer que você é diferente e acaba você sendo excluído. Eu me sentia muito excluído, eu me sentia muito sozinho. Muitas épocas da minha vida eu me senti sozinho. Até para namorar, pra mim ficar com uma pessoa, foi difícil. Eu era difícil. Agora, depois de um tempo...era muito difícil namorar com uma pessoa.

P: E como você chegou nessa Biblioteca ou primeiro você chegou no Força Ativa, como é que foi?

Álvares: Essa biblioteca eu, eu já conhecia há muitos anos.

P: A Solano Trindade?

Álvares: A Solano Trindade.

Só que aí eu não queria fazer parte do, do, do Movimento porque até então eu não estava certo do que eu acreditava. Eu não tinha contato, não conhecia direito. Depois que eu tive um

acesso e fui conhecer pelo grupo de estudos, de leitura das coisas que eu acreditava e tal, e aí eu comecei a perceber que essas pessoas eram pessoas diferenciadas, pessoas que tem toda um... um, pessoas que tem aí fora, contradições dentro do capitalismo e dentro da chamada dita periferia, e aí eu comecei a ver que o grupo te dá mais força e te dá mais acesso à leitura e também te dá mais contato com os livros – eu fiquei em muito contato com os livros na catalogação do ano passado – , pegar livro, catalogar, tocar, pegar, ter contato físico. Eu tenho esse negócio também do contato físico, eu acho interessante.

P: Você gosta de cheirar o livro?

Álvares: Não.

P: Eu gosto de cheirar o livro.

Álvares: Esses cheios de pó, não. Mas você pegar e ver se não está machucando o livro nas costas, ó olha só o sentimentalismo de machucar, domesticando o livro. Então, tem todo esse fetiche como sendo um símbolo do conhecimento. Minha mãe fala: “Ah, vai comprar roupa, vai não sei o quê.” Vou comprar roupa nada. Eu pego o dinheiro e vou no sebo. Eu vou na livraria mesmo (incompreensível). Eu economizo em tudo, mas em livros, não. A leitura cria até outros hábitos, outros valores.

P: Quantos anos você tinha quando veio aqui para a Solano Trindade?

Álvares: Pra poder trabalhar aqui...

P: Não, não, quando você começo a frequentar a biblioteca... Ah, você não frequentava, você veio trabalhar?

Álvares: Eu vim trabalhar aqui no ano passado, sabia que existia, mas eu cheguei... Tinha umas bibliotecas comunitárias por aqui, mas eu ia nas bibliotecas das regiões centrais. Eu tinha descrédito quanto à capacidade da comunidade ter uma literatura boa porque a maioria das bibliotecas comunitárias, essa aqui é a maior exceção, porque a maioria delas são livros paradidáticos, livros repetidos e muitas literaturas repetidas, às vezes tem um acervo grande, mas a literatura não é tão boa. Então quer dizer que eu tinha um descrédito porque eu lia... eu lia (incompreensível).

P: A biblioteca pública mais próxima aqui da Cidade Tiradentes...

Álvares: É em *Guaianazes*, a *Cora Coralina*, acho que é *Cora Coralina*. Pra ir na biblioteca tinha que ir em *Guaianazes*. Aqui essa igreja batista, aqui onde tem a igreja batista era um espaço reservado para uma biblioteca. Um político, não sei qual e vou querer saber qual que é, na época, deu o espaço para fazer metade a Igreja e metade a biblioteca e aí quem ia gerenciar seria o Estado. Deram metade do terreno. O cara fez metade igreja e metade que era para fazer a biblioteca. Eu cheguei a ir nessa igreja. O pastor falou que não ia ter... que não tinha estante, ninguém tinha dinheiro para comprar as prateleiras, estendeu a igreja toda e pegou todo o espaço que embaixo era para ser biblioteca, o espaço da biblioteca que não é espaço da Igreja. O Estado não tem que garantir espaço para culto religioso. Culto religioso tem que buscar, tem que garantir a proteção o Estado, ali era o espaço para a biblioteca, deveria ser, porque este bairro tem 500.000 pessoas praticamente. Então, aqui deveria ter, principalmente porque aqui tem muita gente, deveria ter uma biblioteca pública.

P: Várias deveria ter.

Álvares: Muitas. No CEU tem biblioteca pública. Mas no CEU tem uma piscininha para cem pessoas, mas cem pessoas terem acesso à piscina, é ícone, é propaganda política. Mas aí, dentro disso que você tá falando do seu trabalho, eu percebi que as bibliotecas comunitárias, principalmente essas com pessoas que fazem trabalho...

P: De mediação?

Álvares: Não, trabalho voluntário, gratuito, que a pessoa vem de graça e que indica é bem melhor do que a falta da mediação que ocorre na biblioteca pública.

P: Nunca teve um atendente de biblioteca pública, escolar que fizesse muita diferença?

Álvares: Não. Depois que eu entrei na universidade, se você falar que você está na

universidade, as pessoas te tratam diferente. É lógico, tem todo esse conceito. Aí as pessoas são diferentes. Mas até mesmo dentre os professores, eles falam: “Vamos para de falar coisas inteligentes, porque eles estão excluindo a gente”. Dentro da sala dos professores, em todas as escolas eu tive problema de ser excluído, ser perseguido, porque eu queria fazer um trabalho diferenciado com os alunos, enquanto os professores fingem estar fazendo um trabalho sério. Mesmo dentro da ordem capitalista, mesmo sabendo que está errado, mesmo sabendo que não vai dar em nada, mesmo que fosse como jogar uma estrela no mar, com o capitalismo não vai dar certo, mas a gente pensa: já que estou ganhando dinheiro do Estado, vou...

P: Vou fazer direito.

Álvares: Vou querer fazer o que é para fazer. Não é nem o que é direito, é o que é para se fazer.

P: O que supostamente você está sendo pago pra fazer.

Álvares: Não tem ninguém que vir me abraçar e me agradecer, eu abraço tudo mais, eu estou fazendo a minha obrigação, eu não estou fazendo mais não.

P: E então, e aí

Álvares: Acho que gente já transitou... [risos]

P: Por tudo né? Não, só me fala uma coisa. Quantos anos você tinha quando começou a dar aula de história nas escolas?

Álvares: Vinte e dois, vinte e um... vinte e dois para vinte e três.

P: Você ainda estava na Universidade?

Álvares: Eu entrei na universidade com dezoito anos (incompreensível)... espaço da cultura, da leitura. Aí eu fiquei afastado um ano da universidade e eu não queria terminar, queria fazer outra coisa, queria fazer educação física, qualquer coisa. E aí depois eu ... eu voltei e concluí. E aí o colega que entrou comigo, o Marcos, ele concluiu primeiro que eu e aí eu voltei. . Aí depois que eu li Marx e que eu adquiri conhecimento, eu voltei. (incompreensível) Eu faço trabalho comunitário, é interessante a gente indicar leitura, eu dou aula de box numa ONG (incompreensível) tem que incentivar a leitura, a gente tem que usar de todos os meios porque sabe que a leitura modifica o ser humano... Acredito que a leitura é o único caminho de... não adianta você assistir um filme, é bom, é uma arte tal, (incompreensível). O livro ainda tem uma função que ainda não se perdeu. Por mais que você tenha acesso à tecnologia, quem lê um livro está num mundo diferente e ali ele tem um papel importante na sociedade...

P: Então, eu queria fazer uma outra pergunta para você, que é o seguinte: às vezes, existem bibliotecas nos lugares, bibliotecas públicas ou bibliotecas de outro tipo e existe o que se chama de protocolo de leitura que é assim: como é que se lê nesse lugar, como é que se entra, você mesmo falou que tinha a biblioteca em que o cara te dava dois livros, ele falava você vai sentar aqui, que era bem burocrático. Tem outras bibliotecas em que as relações são mais informais. E às vezes quem não tem acesso a biblioteca, nunca foi levado por alguém, ele não sabe nem como é que entra, como é que fala, como é que pede o livro, como é que senta... A gente chama isso de protocolo de leitura. Ele não sabe como é que lê naquele lugar. Porque hoje em dia a gente imagina a leitura sentado e em silêncio, mas antigamente a leitura era em pé e em voz alta. Então, é assim: como é que você entrou na primeira biblioteca pública e não teve medo de entrar? Alguém te levou? Como é que você venceu essa barreira de não saber como é que se faz aqui dentro? Ou você acha que sua avó, suas tias liam na biblioteca pública e então você sabia como é que agia lá dentro? Está entendendo? É tipo alguém que nunca foi ao cinema e não sabe muito bem como é que compra o ingresso, como é que senta? Você entende?

Álvares: Ah, eu acredito assim: a falta do Estado de mediar o conhecimento faz com que as pessoas só vai na biblioteca quando tem de fazer trabalho escolar. E as bibliotecas são separadas assim: biblioteca para primeiro grau, segundo grau. E aí você acaba se

surpreendendo com biblioteca que só lê criança e outra só para adolescente, na mesma faixa etária por um lado e por outro você já vem com o livro que a pessoa pede e eles mesmo pegam e jogam os livros na sua mão, você faz o trabalho e vai embora. Eles não falam “vamos ler outro livro, não ler só pra estudar”.

P: Para fazer a pesquisa.

Álvares: Não tem, tanto que aquele filme, Duro Aprendizado, do... acho que é Duro Aprendizado, que ele fala assim: o cara pega o livro e fala: “Nossa, que legal que é esse livro!” Aí o cara fala assim: “Que bom, você está gostando dele?” “Não, é só para eu fazer meu trabalho.” Então, o livro é só pra fazer trabalho. Então, lá na biblioteca foi legal assim e por outro lado tem umas bibliotecas que tinha acesso assim, você ia lá e mexia. Eu tinha mania de chegar, até quando eu estava na Avenida Paulista, eu pensava: “Eu vou deixar o livro me achar hoje.” E aí eu ia lendo os nomes, eu nem via... eu entrava no corredor, aí eu ia vindo e quando eu pegava era como se fosse coincidência.

P: Era como se ele tivesse flertado com você. Ele te paquerou. [risos]

Álvares: É porque eu dava significado para aquilo. Eu sei que não existe coincidência, e que eu é tô significava aquilo e que aquilo inconscientemente eu que estou produzindo aquilo e que eu estou inconscientemente, mas com uma intenção de algo me chamar atenção mais do que outra coisa. Mas é legal você trabalhar com essa magia, com esse aspecto lúdico, né? Quando eu estava... eu lembro muito do Astérix, Astérix grande, que eles escreviam a nanquim. Eu lembro que ele falava: “Bebemos tantos litros de cerveja e tantos litros de nanquim gastamos no Império Romano.”

P: Nessa biblioteca?

Álvares: Lá no Jabaquara. No Jabaquara tinha uma biblioteca que eu não me recordo o nome, que eu morei no Jabaquara até os... mais ou menos até os doze anos, no Jabaquara, até os catorze anos eu morei no Jabaquara, ali perto do metrô Jabaquara, na zona sul. Então lá tinha uma biblioteca próxima, era bem próxima...

P: Era uma biblioteca pública?

Álvares: Era. Era bem melhor, era até perto do Metrô, de fácil acesso, biblioteca enorme. Eu tinha uns contatos lá, então tipo *Asterix* eu lia, só podia ler *Asterix*, para fazer trabalho de escola, eu ia pra ler, que falava do império romano, fala sobre... Que aí também eu li *Asterix*, cheguei a ler gibi. E lá tinha um amigo meu que virou evangélico, aí ele doou todos os gibis dele do *Homem Aranha*, *Superman*...

P: Quantos anos você tinha?

Álvares: Eu tinha oito anos de idade. Sete anos. O que está passando no filme agora, do *Homem Aranha* eu já li quando eu tinha oito anos de idade, eu lembro, ficou na memória, eu me lembro de coisas bem remotas, tipo de eu lendo com a minha mãe, como foi, eu tenho uma boa memória, então eu me recordo. Eu li muito e tem esse negócio de que o gibi trabalha muito com a idéia de salvar o mundo, né, de pessoas que têm responsabilidades, poderes... Ao mesmo tempo que você adquire poderes, você tem a responsabilidade de salvar o mundo, não pode ser egoísta, então tem esse imaginário desse mundo dos superheróis, do mundo corrompido e você a fim de querer transformar essa realidade, de trazer um paraíso pra terra e fazer uma sociedade melhor... não é só o marxismo. Tanto é que minha mãe e meu pai uma vez falou para mim que quando eu tinha quatro anos de idade, eu tava sério assim e ela perguntou: “Que você está pensando? Não pensa muito não que faz mal, pensar muito faz mal.” E eu disse: “Não, eu queria ajudar a melhorar o mundo”. Ela me conta. Porque eu ouvi alguma coisa triste e eu sempre quis entender por que o mundo era ruim e a literatura me deu esse caminho, depois literaturas mais específicas, marxismo e tal, filosofia, desde Escola de Frankfurt, Adorno, Hockenheimer, Walter Benjamin, desde filósofos igual Kant, Hegel e Marx, desde... Jean Paul Sartre... todas essas coisas... foram me apontando para algo porque era o que eu queria acho que no fundo no fundo. Porque eu acho que o ser humano que vem

ao mundo e não quer deixar um pouco melhor não é do mundo... porque a humanidade tem o vício de transformar... e o trabalho está alienado. Como diz o Franz Kafka, ele diz: o que faz o protagonista se tornar uma barata? Ele não fala. De repente, ele se torna uma barata. Mas pra quem lê... eu fazendo uma leitura marxista, eu imagino toda opressão de uma situação de uma sociedade capitalista faz o ser humano se ele está desempregado não valer nada. O ser humano desempregado não está indo trabalhar, o cara que não está indo trabalhar não vale, é uma barata... É a transformação ser humano em algo que não é humano. O ser humano está um rato, uma barata, de tanto poder nesse espaço fechado e tal. E a literatura acaba tirando aquilo que te limita, que é o senso comum e que é a única forma de você sair do senso comum... Ultimamente, o que passa na TV, na mídia mundial, é tudo a mesma coisa. Tem uma máfia da comunicação mundial.

P: Na verdade assim, tem três agências de notícias que são mundiais.

Álvares: Você conhece o Arbex da *Caros Amigos*? Ele foi da Folha de São Paulo e agora ele escreve pra Caros Amigos? Ele veio aqui falar sobre o Oriente Médio pra gente. Ele veio agora em dezembro. Ele dá aula na PUC de jornalismo. Ele veio aqui e tem outros PUC que vieram aqui. A pergunta foi assim: “O que fazer para poder ter outro caminho, dentre essas coisas: a literatura, os livros, a leitura, o fato de você ter uma peneira que peneira aquilo... que vai peneirar aquilo que você vai acreditar. Aquilo vai fazer com que você veja que a mídia está mentindo, a sua leitura de mundo, porque a gente passa da linguagem para a metalinguagem, além da linguagem e não metalinguagem... Uma coisa que você transforma sua leitura em ensaio, uma experiência intelectual, um exercício intelectual para você analisar o mundo a partir da literatura e aí depois você faz isso no seu mundo real. Aí você consegue analisar isso e começa a perceber coisas sutis que as pessoas que não têm essa sensibilidade acabam por deixar – um pouco brutalizados pelo capitalismo porque o capitalismo brutaliza, porque aliena o ser.... Então, aí a pessoa passa duas horas para ir para o trabalho, duas horas para voltar, trabalha oito horas, dorme oito horas. Leva uma vida alienada. Não tem tempo pra... A gente não tem tempo. A gente deveria ter uma qualidade de vida melhor, outro tipo de trabalho, mais horas de lazer com a família e mais tempo para a leitura. Se no tempo de transporte todo mundo lesse, duas horas por dia, o cara ia ler em torno de vinte livros por ano.

P: É. Então, você tem uma irmã, né?

Álvares: Tenho.

P: Ela lê bastante também ou não?

Álvares: Hoje ela é... é...é... ela está em depressão e problemas... mentais... Por causa da depressão, ela está o tempo todo deitada... Até então, quando ela lia, a gente escolhia alguns livros tanto é que o último livro que ela leu... Depois, ela até leu aqueles *Harry Potter* e tal, mas aí depois que ela teve problemas mentais, com certeza, *Harry Potter* [risos]... Aí ela leu *Negras Raízes*... Ela lê, ela lê. Ela tinha uma leitura, ela lia, tinha... até domingo, leituras até em outro idioma... Antes de ficar com esses problemas, de violência na vida dela, ... morte de companheiros, e cárceres, e cárceres, e problemas mentais nos cárceres, problemas mentais, tudo antes de viver dramas, ela lia bastante e tal. Meu irmão não, meu irmão, ele...

P: Seu irmão é mais novo do que ela?

Álvares: Mais novo. Ele é o do meio. Na época, eu era tido como o diferente e ele não queria seguir a mesma coisa né... Ele até lia algumas coisas, mas ele não queria ser igual eu, né. Fazia o inverso por causa da individualidade, ele não queria copiar porque pensava: Ele é chato e eu não vou fazer o que o chato faz.

P: Quantos anos têm de diferença entre você e ele?

Álvares: Seis anos. É outra geração.

P: Entendi e ele fez o que assim, profissionalmente? Ele está com vinte e dois né? Na verdade ele não se definiu ainda.

Álvares: Vinte e dois anos. Ele trabalha como operador de máquina e ele está afastado por problema de depressão. Tá afastado faz um ano e dois meses por problema de depressão... colocaram ele pra trabalhar de noite

P: É porque é horrível trabalhar à noite.

Álvares: Ele estava ganhando até bem, o capitalismo fala que é bom, mas a vida... Então, aí eu estou vendo um curso que seja bom para a vida dele, dando significado pra existência dele, objetivos né. Eu vim pra minha casa, eu tinha até saído de casa, voltei (imcompreensível) para poder... Tem meus dois sobrinhos para ajudar a criar, minha mãe é viúva e tem a minha irmã e tal. A gente tem todo um trabalho, tanto é que o meu projeto com a minha companheira é para o futuro porque eu tenho uma função que é no sentido de... Eu tenho que aproveitar o capitalismo que impõe, eu sei que eu não vou trazer a felicidade de ninguém... não dá pra gente ser feliz quando tem gente que passa fome no mundo, eu vou morrer triste... não tem como ser feliz... É impossível amar na sociedade capitalista, a gente é limitado, até o amor que a gente diz que é amor é um amor limitado por uma sociedade egoísta e acaba sendo um amor egoísta também. E numa sociedade melhor as pessoas vão ter de passar a...

(incompreensível). Seres completos é que amam. Agora, seres mutilados... (incompreensível)

P: Então, e nessa época que você estava lendo muito a sua mãe falava assim: “Pára de ler, está lendo demais. Você vai morrer cedo!” As suas tias e a sua avó... a sua avó já tinha falecido?

Álvares: Elas elogiavam. Minha avó elogiava.

P: Elas elogiavam.

Álvares: Elogiavam.

P: Na verdade, tem uma diferença de visão do ato de ler entre a parte da família do seu pai e a parte da família da sua mãe?

Álvares: Acho que depende da leitura: Se a leitura era com o objetivo de ganhar dinheiro, era uma coisa. Agora, leitura com prazer de ler para ter conhecimento que vai ajudar em algo, é outra. Tanto que minha mãe era pragmática. Dava para perceber que ela gostava do prazer estético, mas sem finalidade... a experiência tem coisas...

P: Indizíveis às vezes, não é?[risos]

Álvares: A literatura tem esse papel de entrar na mente de alguém por mais que ele fale bem das mulheres.

P: Eu queria, juro por Deus, normalmente a entrevista. Juro por Deus para um ateu é força de expressão...

Álvares: [risos]

P: Queria que você, se possível, classificasse para mim ...Voltando, na verdade a sua entrevista durou um pouco mais porque na verdade elas duram mais menos uma hora, uma hora e vinte e você tem bastante a dizer e estava muito interessante e aí eu também fui perguntando.

Álvares: Desculpa.

P: Não é [pra você pedir] desculpa. É [pra eu dizer] Que bom! Na verdade, quanto mais a pessoa fala mais generosa ela foi, né. Aí eu queria assim... para todas eu estou pedindo que elas classificassem. Para as mediações que aconteceram na família, as mediações que aconteceram na escola via professor, via livro didático, as mediações na biblioteca da escola, pública ou comunitária, da Igreja, dos amigos e assim...também tem a questão da qualidade do material ou do acesso a esse material. Se você for rever sua história, o que você acha que teve maior importância, qual foi a mediação mais importante para sua constituição como leitor? Para você desenvolver o gosto pela leitura? Existe, haveria toda uma tendência para o não desenvolvimento desse gosto, supostamente... Então... eu diria que você é uma exceção. Qual o primeiro fator, o segundo, o terceiro, o último?

Álvares: Todas as pessoas com raríssimas exceções e todas as coincidências porque poderia não ser. Acho que a possibilidade de ver um caminho hoje que outro caminho poderia não dar.

P: É o imponderável.

Álvares: É o imponderável. Eu acredito que dentro dessa pauta eu não vou apontar algo que mais ...o conjunto de todas as coisas. A família é uma instituição igual fosse uma instituição do Estado, igual a biblioteca, igual a Igreja que é uma instituição, mas aí que se salva são os amigos.

P: O grupo de pares assim.

Álvares: Grupo de pares e a universidade que também é uma instituição. Tem pessoas na família, tem pessoas na escola, tem pessoas na biblioteca que estaria em todos esses lugares, mas mas eu acredito que foi o momento histórico que a gente estava vivendo no Brasil, a gente está saindo de uma ditadura (incompreensível)... 1985, por aí, na época eu tinha quatro anos. Está toda uma nova abertura aí na sociedade e a ditadura limitou muito conhecimento, tiraram história, tiraram geografia da escola e colocaram OSPB, educação moral e cívica, hino, tal e tem toda uma mudança na estrutura mundial e eu acho que a gente vai partir para... se a gente for ver o país precisa de pessoas mais especializadas para trabalhar e as empresas. No Brasil e a própria burguesia pediu para a elite dominante do Estado, falava assim: Ó a gente quer um cara que não quebre a máquina, né. Por favor, né. Aí eles começaram esse momento histórico e, 1989, 1989 no Brasil, a própria Nação, o próprio Estado ele tem que viabilizar condições para os funcionários, porque ele tem que especializar o funcionário, as próprias pessoas que vão estar sobrando que conseqüentemente vão (incompreensível). Acredito assim que dentro de tudo isso, toda família, toda uma biblioteca, toda uma Igreja, na igreja evangélica falam geralmente falam isso. Igreja evangélica, Igreja católica mandam para a universidade: sejam médicos de Jesus, atleta de Jesus, tudo isso é uma tendência para o ser humano ter mais conhecimento para ele ter mais dinheiro e o conhecimento é fluido porque o capitalismo é fluido por causa da internet, por causa dos meios de comunicação, é tudo rápido, então tem muita informação, muita informação inútil e saber gerenciar essa informação, então eu acho que é uma tendência da globalização como fala naquele programa Roda Viva do Paulo Marcun e aí ele chegou e falou que essa tendência não é só uma regional, é uma tendência nacional de um país subdesenvolvido apesar de velho e esses velhos eles influenciam na educação desse País. Já que ele está falando de baixo... de cima para baixo ao invés de baixo para cima, então não adianta falar que foi a família, que foi a escola, que foi a Biblioteca, que foi a Igreja que aí vou falar de cima para baixo, eu acredito que a idéia dominante eu creio que a motivação é se dar bem na vida, ter uma vida agradável, buscar a felicidade. A leitura ainda é vista como um acesso para você ter condições melhor de vida.

P: Então, mas pensando na sua biografia...

Álvares: Eu não consigo.

P: Você não consegue, mas você me disse que na escola não tinha biblioteca, que o acervo da biblioteca escolar não circulava, você me disse que o atendente da biblioteca também não mediava nada, então assim, você diria que você lê, eu entendo que você está falando no contexto geral, mas assim no seu caso muito específico assim, você lê por uma série de fatores, mas assim...

Álvares: É que você está me fazendo falar coisas que eu não pensei antes, que eu não verbalizei, que eu nunca pensei e é novo para mim.

P: Fica difícil né?

Álvares: É difícil. Taxar, se eu apontar um é inconscientemente e se eu falar que é um aspecto psicológico não é. Isso é outro, eu estou dentro...

P: Então eu faço essa pergunta daqui a dois meses de novo. [risos]

Álvares: [risos] Sem pensar, pensar, eu não consigo, mas fechando, eu diria que essa ânsia de querer melhorar de vida. Queria transformar o mundo, eu queria ser médico, tinha vontade de ser astronauta, médico. Astronauta ou médico. Em 1969 o homem pisou na lua né. Eu

queria ser médico para ajudar as pessoas, salvar vidas em favor da humanidade e que eu pudesse usar conhecimento a favor das pessoas e ajudar as pessoas, cuidar de mim , que eu ia melhorar minha vida e que eu ia ajudar as pessoas. Acho que é só. [risos]

P: Te cansei, né. [risos]

Álvares: [risos]

P: Muito obrigada, foi muito legal.

ENTREVISTA COM ANDRÉ

P.: E André, vem de onde o apelido?

André: Ah, a minha irmã. Minha irmã tinha escolhido meu nome se eu fosse menino e ela colocaria André, mas ficou Dé, Dé, Dequinho. Mas meu pai, na última hora, resolveu colocar José Augusto¹, que era uma homenagem a um amigo dele, que ele trabalhou muito tempo como zelador numa Igreja Católica e o nome do Frei de lá, que fazia muitos trabalhos sociais junto com ele, era José Augusto. E na hora ele resolveu mudar.

P.: Seu pai é católico?

André: Ele era católico. Fervoroso.

P.: Ele faleceu em que ano?

André: No ano de 1983, se não me engano.

P.: E seu pai fazia trabalho social com esse Frei na Igreja Católica?

André: Ele trabalhava como zelador e, através do Núcleo Social que esse Frei tinha com diversas famílias de posses da região do Ipiranga e de outras regiões ali próximas mais abastadas, ele recebia muitas doações. E meu pai se prontificou a querer ajudar ele. De que forma? Ele fez como o que hoje a gente vê de outra forma, como se fosse a carrocinha de catadores, só que ele fez de alvenaria, de madeira e ele transportava doações para a favela do Ipiranga, favela do Heliópolis. E, como a minha mãe sempre tomou conta de crianças, então, sempre tinha aquele contato com a comunidade, de famílias que passam por situações muito difíceis, as pessoas não tinham móveis ou coisas desse gênero. Então, a Igreja recebia doações, minha mãe conversava com meu pai e aí meu pai dava um jeito de distribuir esses móveis para a comunidade.

P.: Ah, que interessante! E era um trabalho voluntário que ele fazia?

André: Voluntário.

P.: E sua mãe cuidava das crianças numa creche, numa escola ou em casa?

André: Não, em casa.

P.: Em casa, para as mães irem trabalhar?

André: Para elas irem trabalhar. Algumas delas, no caso, como as comadres dela, como elas tinham um tipo de serviço que não dava para retornar para casa, algumas dessas crianças praticamente do nascimento até cerca dos oito, doze anos, moravam conosco e outros não. Já teve época que eu lembro, tinha uns sete ou oito anos, que em casa tinha em torno de vinte e quatro crianças fora nós irmãos. Então, era uma forma dela ajudar na renda de casa, no sustento da gente e foi a única coisa que ela soube fazer na vida inteira dela. Minha mãe era filha de escravos livres, e não me lembro muito bem das histórias, mas minha mãe fala que a mãe dela morreu muito cedo. Então, ela ficou muito em contato com meu avô. E, como meu avô era um homem, pela época, ele já era letrado, lia bem, trabalhando em casa de pessoas abastadas de matriz católica, ele foi aprendendo a ler e, através do conhecimento que ele foi adquirindo nessa família, minha mãe e minhas tias trabalhavam em casa de família, como ajudante, babá e assim foi. Minha mãe começou a trabalhar com dez, onze anos de idade.

P.: Entendi.

André: Minha tia ia ele com ela, que era mais nova uns três anos e aí foram e foram e foram... E aí minha mãe conheceu meu pai depois de uma certa idade, casaram e minha tia continuou morando com a minha mãe até o final da vida. Sempre moraram juntas e foi se criando dessa forma, na minha família – no caso assim, para os outros parece estranho, mas, depois que eu conto como é que se criou a situação, a pessoa passa a entender um pouco melhor – eu sou filho único de sete irmãos, eu sou o oitavo. Eu sou o único filho do meu pai com minha mãe, mas eu tenho sete irmãos adotivos, que na verdade eram primos. Aí a mãe de

¹ Nome fictício.

um morreu, a mãe do outro sumiu... Então, eles foram ficando com a minha mãe, que geralmente era madrinha deles e assim se criou a nossa família.

P.: Que bonito isso...

André: Até hoje, quando as pessoas vêm, porque eu tenho irmãos negros, negros. Minha mãe é negra, meu pai era negro de pele mais clara, meu avô tinha a pele um pouco mais pigmentada do que a minha, mas eu tenho irmãos meus que são loiros.

P.: É mesmo?

André: Brancos, caucasianos mesmo.

P.: Mas você é bem claro.

André: Aí é da parte da família do meu pai. O meu pai, pelo que minha mãe dizia, o meu avô tinha o mesmo tom de pigmentação que a minha. O meu pai é do interior de Minas e minha mãe é de Gália, interior de São Paulo. Diz assim que meu pai veio de uma família de escravos. O meu avô foi o primeiro escravo livre da família e ele teve, se eu não me engano, dezesseis filhos e quatro morreram por falta de atendimento médico e as dificuldades da época. E meu avô tinha um sítio numa cidade do interior e minha mãe contava para mim que era muito engraçado que, quando ela ficou noiva do meu pai, meu avô obrigou meu pai dizendo: “Vai ter que trazer a moça aqui para a gente conhecer, conversar com ela e tudo mais. E era uma cidade pequena e praticamente a cidade inteira era Ferreira, que era a família do meu pai. E alguns irmãos vieram para São Paulo e alguns primos também vieram e são pais dos meus irmãos, né? E alguns sumiram, outros morreram. Enfim, foram perdendo o contato. E a minha família se agregou, viemos para cá aqui depois da morte do meu pai no ano de 1983.

P.: Para cá que você diz é aqui na Cidade Tiradentes?

André: Aqui na Cidade Tiradentes no ano de 1983, pelo fato de nós não termos condições de pagar aluguel, essa questão toda de manter a moradia lá e, como meus irmãos mais velhos já estavam casando e já estavam seguindo sua vida, meu pai tinha feito uma proposta de fazer a inscrição na COHAB. E, por coincidência, logo após a morte dele, ele morreu em abril de 1983 e no final do ano de 1983 – não lembro a data certa – nós viemos para cá. Então, as condições de vida aqui eram realmente precárias. Você sai de um lugar completamente urbanizado, perto de tudo, Metrô, ônibus...

P.: Onde você morava?

André: Eu morava no Ipiranga, na Avenida do Cursino.

P.: Ah, eu conheço lá.

André: Conhece?

P.: Conheço.

André: Minha mãe também lá era conhecida, porque ela fazia trabalho social junto à Barroca Zona Sul e depois ela ajudou a formar o bloco chamado Foguetões da Saúde e minha tia era uma mulher fantástica. Apesar do meu contato com ela, por causa da nossa espiritualidade, o santo dela não batia com o meu.

P.: Entendi, vocês não se davam tão bem.

André: Um zelava pelo outro. Mas, se ficasse mais de dez minutos no mesmo local, já começava uma discussão. E, pelo fato da minha tia viver com a minha mãe, mesmo ela tendo casado com meu pai, ela começou, através da escola de samba e contato com as pessoas, a buscar uma forma de criar recursos para os meus irmãos. E então,, naquela época, ela conseguiu – através de deputados, juizes, de pessoas que frequentavam o meio ali no Ipiranga, um bairro de classe média alta, informação sobre cursos gratuitos na época, para bolsa e estágios, enfim. E ela sempre conseguiu, meus irmãos eles tem “n” cursos. A maioria tem “n” cursos e a maioria hoje é funcionário público.

P.: Ah, para prestarem concurso. Eles fazem o que?

André: Meu irmão mais velho, o Vanderlei, é chefe de protocolo da Prefeitura central. O Paulo é policial, ele é carcereiro. A Roseli, que é a minha irmã, ela trabalha no Deic. Minha irmã Rosana, que está no interior, ela trabalha numa escola. Ela não é agente escolar, acho que ela é merendeira. Aí tem o Júnior, que é meu irmão loiro, ele é policial. O Marcos saiu de São Paulo e foi para Santos, mas a vida do Marcos foi diferente: agora ele é despachante aduaneiro. Por isso que ele foi para Santos. E tem o Eduardo, que é meu irmão que a gente não tem muito vínculo, e ele trabalha com venda de carros blindados. Esse foi meu único irmão que, depois de uma certa idade, ele foi morar com a mãe dele, com treze anos. Essa era a nossa diferença: um ano e três dias.

P.: Esse é o mais novo deles?

André: Eu sou o caçula.

P.: Ah, tá. Por isso que eu estava listando, para entender qual era sua posição, mas eu lembrei que você já me disse que era o caçula.

André: Eu sou o caçula. E, como eu sou de uma família que preza ter o endereço certo, é o seguinte: a diferença de mim para meus irmãos é que meus irmãos tiveram um núcleo familiar muito grande, meus irmãos todos começaram a trabalhar muito cedo. O Marcos e o Júnior, para você ter base, com oito anos de idade eram engraxates. O Paulo trabalhava numa fábrica de papelão. A Roseli e a Rosana trabalhavam numa antiga marca de som, a Brundich na Vila Olímpia, que fez as primeiras vitrolas para a população mais carente, com menos condições. O Marcos, ele conseguiu entrar na Drogasil, ele também foi sapateiro e entrou na Drogasil. E ele, por coincidência de idade, ele tinha a mesma idade do filho do dono da Drogasil, então, ele teve muito contato com luxo, com uma condição de vida melhor. E aí isso acarretou ele a tentar um certo nível social. Então, ele acabou de lá indo trabalhar no Itaú, trabalhou muitos anos no Itaú, saiu do Itaú e aí voltou para a Drogasil. Mas aí ele já era subgerente. E aí, depois que ele pegou mais essa parte de gerência assim, ele gerenciou vários estabelecimentos. Trabalhou na *Blockbuster*, ficou muito tempo na *Blockbuster*, trabalhou na Eventos Participações, foi gerente da Droga Verde, da Drogaria São Paulo, da Drogasil. E aí, no final do relacionamento dele com a minha cunhada, ele foi tentar ser gerente em Santos, da *Blockbuster*. E agora está como despachante aduaneiro e está ficando milionário. Ele está querendo montar o próprio escritório de despachante dele.

P.: E você falou dessa sua tia, do seu pai e da sua mãe. O seu pai você sabe quantos anos ele estudou na escola?

André: Antigamente, quando você estudava até a quarta série era como se fosse colegial hoje, né? Ele estudou até a quarta, sabia ler e escrever. Minha mãe não sabia ler e assinava mal e mal o próprio nome dela.

P.: E sua tia?

André: A minha tia já tinha uma noção um pouco maior, ela cursou, se não me engano, ela fez a quarta, que era aquela quarta que eu estava te falando...

P.: Que era diferente.

André: É. Ela fez a quarta e, quando ela teve que ir para a quinta série, que seria o segundo grau, no caso aí ela sofreu vários preconceitos raciais. Então, isso acarretou com que ela saísse, com que ela parasse e fosse trabalhar para ajudar minha mãe.

P.: Entendi. Mas ela era super boa nas relações, você me falou que ela conseguia uma porção de coisas.

André: Ela tinha um *link* assim. Ela conseguia chegar em juízes, vereadores e pessoas que realmente tivessem poder social que pudessem estar criando uma inserção e, através do trabalho que ela fazia com a minha mãe inclusive, então, é isso...minha tia era isso aí.

P.: E sua tia também tinha ligação com aquela pessoa que seu pai... com o frade lá do Ipiranga?

André: Tinha. Ele tinha um carinho muito grande porque ele admirava muito o trabalho da minha tia, do meu pai e da minha mãe no caso, porque chegava às vezes assim de não ter praticamente nada. Por exemplo: só arroz, só arroz e era só olhar assim e ela falava: “Olha Frei, não tem...” Ou minha mãe falava: “Vim aqui ver o senhor.” E ele perguntava: “Como estão as coisas lá?” Ela falava: “Está duro, viu Frei.” E o Frei dizia: “Manda o meu menino vir aqui.” Aí eu ia lá na Igreja Sagrada Família no escritório dele e eu olhava – na época era gigantesco para uma criança de seis anos – e ele perguntava: “E aí, você está estudando? Como é que está? Está indo para a Igreja? E eu falava: “Estou.” Tem que vir aqui para a Igreja.

P.: Ele ficava perguntando se você era um bom aluno?

André: Ficava perguntando.

P.: Ele falava o quê?

André: “E aí, como vai na escola?” Eu respondia: “Ah, estou indo bem.” E ele perguntava: “Está brigando muito na rua?” Eu falava: “Não.” E ele falava: “Não dá trabalho para sua mãe. Você tem que ajudar sua mãe. Você ajuda?” Eu respondia: “Ajudo.” Perguntava: “Você está falando palavrão?” Trocava algumas palavrinhas e me dava um envelope e dizia: “É seu, ta?” Aí eu, na época criança, pegava e dizia para minha mãe: “Eu ganhei, tó.” E sempre tinha uma quantia que era para ajudar nessas questões, porque o salário do meu pai realmente não dava.

P.: Seu pai era zelador da Igreja, mas vocês não moravam nas instalações da Igreja ou moravam?

André: Não, nós morávamos em outro lugar. A primeira casa, que eu me lembre, ela fica ali, hoje até é um prédio de luxo, mas é perto da... quando você pega a Avenida do Cursino, você sabe onde é a Sagrada Família na Avenida do Cursino, onde tinha a antiga Nippon...

P.: Sei, sei.

André: Então, você pega aquela avenida que vai à esquerda ali e você vai sair ali na...

P.: Na Ricardo Jafet, não?

André: Não, na Água Funda. A nossa primeira casa, era até engraçado, era uma casa paupérrima, para você ter base, para nós tomarmos banho, era água esquentada na lenha e meu pai fez um chuveiro de improvisado que você puxava...

P.: Sei, aquele que é tipo um balde. Tem uns furinhos e você puxa uma corda.

André: Isso. Praticamente era como se fosse um sítio. Meu pai criava porco, galinha, que era para ajudar no sustento da casa. Mas, com a situação comercial territorial da época e o mercado imobiliário, tinha a nossa casa e a casa da dona, eram duas senhoras, aí fizeram uma proposta para ela e ela vendeu o terreno a troco de nada, porque imagina a última vez que eu passei por ali, tem...vamos colocar aí uns quinze anos, dezessete anos atrás que eu fui lá, tem um prédio de luxo que... Nossa! Piscina mas...

P.: E nessa casa que você morava, você se lembra como foi o processo de ir para a escola, você gostava da escola? Se você não gostava. Ou se você não gostava mas se comportava porque o Frei ficava te incentivando, se tinha livro ou não tinha livro? Quem te ajudava nas lições ou você se virava? Como que era?

André: Nessa época aí o que ocorria? Nós saímos dessa rua, se não me engano era rua Tuiuque, que era essa casa paupérrima e nós saímos para a Avenida do Cursino ali, na rua Santa Mercês, ali perto da Siderúrgica Alliperti. E nessa época foi quando eu tive o primeiro contato com a escola e eu estudava num colégio chamado Valentim Gentil, era um colégio grande.

P.: Era municipal ou estadual?

André: Estadual. Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Valentim Gentil. E era uma escola que, só de você olhar para ela, já te dava uma sensação de beleza. Mas, quando você passa de uma fase que você mais brinca e passa para uma fase que você é obrigado a fazer a

lição, eu sentia muita dificuldade porque era novo, tudo era novidade, com muita gente. Aquela escola glamurosa, tinha dentista, tinha merenda, tinha laboratório de verdade, tinha biblioteca.

P.: Aí quantos anos você tinha?

André: Eu acho que eu estava com seis, sete anos. Seis anos. Aí tinha aquele negócio da turminha de amigos da rua e aí a gente esperava uma empadinha, um pãozinho com ovo para você ir comendo no caminho e as mães falavam: “Vai que eu estou olhando, não vai jogar fora, tem que comer!”

P.: Cara, eu comia muito pão com ovo, que minha mãe fazia e eu adorava.

André: Não, eu gostava...

P.: E quando a gema estava mole... [risos]

André: Mas eu gostava. O problema eram os meninos que... por mais que essa casa na rua das Mercês era uma casa de classe média, nós continuávamos, nosso segmento era um segmento pobre. Então,, enquanto os moleques estavam comendo aquele doce... Como é que chama aquele doce que vem com amendoim?

P.: Paçoca, pé de moleque?

André: Não, um branco. Torrone. Enquanto alguns estavam comendo torrone para ir para a escola, a gente estava comendo pão com ovo. Então, você sentia um pouco, assim, aquele desprezo. Mas, por outro lado, na mesma rua, você tinha uma favela e os meninos da favela tinham um nível diferente da gente, quer dizer, tudo isso foi se agregando, se agregando e aí eu fiquei pouco tempo nessa escola. Acho que até a segunda série talvez, porque aí veio a morte do meu pai, discussões com a minha tia por ignorância dela, porque eu não sabia qual era a questão. Aí meu pai morreu e a situação apertou e a COHAB chamou para mostrar os apartamentos e aí viemos. Veio eu, minha mãe, minha tia, meus dois irmãos, o Marcos e o Júnior, e o Eduardo e a Roseli que até hoje permanece no apartamento. Então,, o que ocorre, a mudança muito drástica. O colégio mais próximo, quer dizer, o único colégio que tinha era o Furacão, não é o Vladimir Herzog, mas era perto do Vladimir Herzog. Você conhece a geografia da Tiradentes?

P.: Não.

André: Para você ter base, daqui até lá, andando, dá uns quarenta minutos.

P.: Uau, grande. Grande no sentido de distância.

André: Imagina para uma criança de seis anos, seis não... eu já estava com uns oito. Mas eu estava na rua da escola, dez, quinze minutos eu estava lá. E aqui tem que atravessar quarenta minutos para chegar na escola. De manhã, minha mãe ia levar a gente, ia me levar junto com meu irmão, ela ia me buscar. Aí meu irmão ficava, porque era diferença de um ano e ele sempre estava uma série na minha frente. Aí eu tinha que voltar para buscar meu irmão e voltar para casa. Aí foi uma época que começou a inaugurar outra escola, educação, educação e aí fizeram o Osvaldo Aranha, quer dizer, Fernando Pessoa. E aí eu fui transferido para o Fernando Pessoa. Aí fica nisso: não tem professor, não tem isso, não tem aquilo. Tinha as matérias básicas, português, matemática e um pouquinho de, na época era Estudos Sociais. Aí inauguraram a Bibliotecária Maria Antonieta Ferraz.

P.: Uma outra escola?

André: Uma outra escola. Eu fui para essa escola e, nessa escola, eu terminei meu segundo grau. Eu pensei: vou terminar o colégio aqui.

P.: Durante esse tempo, mesmo com todas as dificuldades de ser distante, quarenta minutos para você ir, que você ia e voltava duas vezes, por causa do seu irmão, você foi um bom aluno, um aluno médio, um mau aluno, você repetiu, você gostava da escola ou não gostava, como que era?

André: Vê bem, eu não tinha como falar que gostava. Primeiro, porque eu estava fora do meu ninho, eu achava que eu estava fora do meu ninho por ter mudado para cá. Na época, a

condição era tão precária que a gente via alunos bem mais velhos que nós fumando, usando droga, todo dia tinha briga com soco inglês na época, canivete. Então, o que começava... você tem que começar a tomar uma postura mais defensiva. E sempre tinha os mais fortes que sobrepunham os mais fracos. E tinha aquele *link* que a minha mãe falava, de um irmão tomar conta do outro. Então,, se meu irmão arrumava uma briga, era eu e ele contra o cara grandão. Se eu arrumasse, era a mesma coisa. Então,, você começa a olhar para a escola com um certo receio, porque eu via, como se fosse hoje, jovens de catorze, quinze anos sair sangrando, tomar facada, tomar paulada. Então,, você pensava: Pôxa, se esse cara está apanhando desse jeito, imagine quando for eu. Até que você ficava ali naquela pressão. E no Bibliotecária existia isso, mas isso foi logo no começo, no primeiro ano. Aí depois começou a suavizar, uma Diretoria de punho mais cerrado... E aí você começa a fazer uma turma de amigos, era mais próximo de casa, você ia em bando e voltava em bando. E tinha professores que realmente ensinavam bem, tinham paciência para ensinar, como um que eu nunca vou esquecer, o Edson Plínio, professor de história, que ele brincava que adolescente era tudo puberdade, que precisava pôr tudo na linha. E a gente: “Não, professor”. Ele sabia brincar, mas sabia se impor. Eu tive professores de português e matemática nessa escola e praticamente em todo ensino médio que foram ótimos. Foi a Sônia e a Vera. Ela ensinavam e [perguntavam]: “O que você não entendeu?” Quando você falava: “Eu não entendi nada”, nossa, ela ficava louca e dizia: “Por que não entendeu nada?” Eu dizia: “Não entendi montar professora, não entendi como chegou nesse ponto.” Então,, ela pegava pesado. Mesma coisa de conjugação verbal, que a Vera pegava pesado também. Mas eram professoras que sabe... eram determinadas. Elas falavam: “Vocês vão aprender! Vim de longe para cá para ensinar e quero que vocês aprendam de verdade.” E teve outras professoras. Tinha uma professora que chamava Shirley que, nossa, eu odiava. Ela dava aula de geografia e a geografia [eu] não via como ia me ser útil aqui. Eu pensava: “Para quê eu vou estudar geografia? Se eu não vou sair de São Paulo e não quero sair de São Paulo, por que eu tenho que saber do Amapá?” E ela tinha uma marcação ferrenha em cima de mim. E então, ela tinha um critério, era tipo assim: “Você vai fazer uma prova surpresa agora!” Eu dizia: “Mas como?” Ela dizia: “Sobre tudo o que você já estudou.”

P.: Essa era a de Português?

André: Não, essa era a de Geografia. Eu odiava. Teve até um dia que eu virei para uma das professoras, a professora de Ciências, a Rolandi, que ela era muito gente fina, ela tinha um carinho comigo assim muito grande. Aí as duas estavam conversando e sabe quando você esbarra numa pessoa sem querer? Eu falei: “Ai, desculpa, professora. E ela disse: “Não foi nada.” E veio e passou a mão na minha cabeça de uma forma carinhosa. E ela estava com a Shirley e ela me olhou assim (meio torto) e eu falei: Olha, professora, eu não gosto e eu queria saber por que ela não gosta de mim. Aí a Shirley falou: “Não, não é assim”.

P.: Quantos anos você tinha?

André: Eu acho que eu tinha uns nove anos mais ou menos, nove ou dez anos ou até mais. Tenho até que voltar... dez, onze. E aí ela falou: “Não, eu trato todo mundo igual.” Eu disse: “Não, é diferente, você me trata diferente, eu sei. Parece que você não gosta de mim.” Aí a Rolandi chegou e ela disse: “Depois, eu converso com você. Aí ela falou para mim: “Por que você falou isso? Aí eu disse: “Porque só para mim ela faz isso, todo mundo bagunça e ela só aponta para mim, se eu vou virar para falar alguma coisa com alguém, ela fala: “Não, você vai fazer um trabalho agora. Aí ela falou para mim: “Sabe o que você faz? Presta atenção: já que você sabe que ela vai dar essa prova só para você, você estuda.

P.: Essa professora Rolandi, era de quê?

André: Era de Ciências, Biologia. Então, ela falou: “Estuda tudo o que ela já passou. Quando ela te der uma prova surpresa e você tirar um A, ela vai parar.” Aí eu falei: “Vou fazer isso aí professora.” Ela disse: “Quero ver essa prova”. Eu falei: “Está bom.” E ela disse: “Você quer

um doce, você quer um lanche? Quer um toddynho?” Porque, naquela época sempre se dava um toddynho e ela guardava e dava para mim. Eu disse: “Eu quero.” Aí eu fiz isso daí. Eu disse: “Ah, já sei... prova surpresa.” Ela disse: “É.” Eu disse: “Tá bom.”

P.: Deixa comigo [risos].

André: E todo mundo dizia: “Só ele se ferrou de novo e tal.” Aí ela corrigia na sua frente e aí ela falou: “Você colou.” Eu disse: “Colei de quem se só tem eu fazendo a prova?” Ela disse: “É, mas essa matéria que estou passando na lousa você não colocou.” Aí eu falei: “Está bom”. Aí, olhei, vi, pensei, ela passou as perguntas e eu respondi. Aí ela disse: “É, você está aprendendo”. Eu disse: “É.” Aí, depois disso, ela parou. E depois de um tempo, ela foi transferida. Aí eu comecei a ver que na escola era o seguinte: que tinha coisas que eu tinha muita dificuldade e outras que eu tinha muita facilidade. Humanas eu sempre fui bem. Aí eu comecei: História, Geografia... Sempre fui muito bom com datas, interpretar os textos em Literatura... E aí a Vera, que era minha professora de Português na época, ela começou a trabalhar muito com a gente aquela Coleção *Vaga-lume*, lembra?

P.: No ensino médio?

André: Não, é no ensino médio da quinta à oitava e eu lembro que o primeiro que a gente leu foi *Do Outro lado da Ilha*. Aí eu li e gostei. Falei: “Pô é legal, meu!” Aí eu fui começando a pegar com os rapazes mais velhos do prédio. Eu perguntava: “Você tem algum livro da Coleção *Vaga-lume*?” Ela começava a ler e trazia alguns livros.

P.: Ela lia na sala de aula em voz alta para vocês?

André: Lia em voz alta, pegava textos para nós lermos. E eu perguntava: “E esse livro aí professora, fala do quê?” E ela respondia: “Fala sobre isso, isso e isso.” Eu dizia: “Me empresta?” Ela: “Ah, beleza, você tem algum lá?” Eu dizia: “Tenho.” E aí começava. E assim foi indo. Meus irmãos também usavam, o mais velho, o Marcos, o Júnior e tal. Então, pegava o deles e lia, comecei a ler muito.

P.: Os livros que você pegava deles eram da Coleção *Vagalume*, eram livros da escola ou eram livros que eles tinham?

André: Eram livros da Coleção *Vagalume*. O primeiro que eu tive contato por espontaneidade. Aí logo depois disso, logo com treze anos, eu comecei a trabalhar e aí a escola começou a ser carma de novo. Porque você tinha que sair daqui, levantava às cinco e meia da manhã, tomava um banho, tomava um café, saía às seis horas para estar às oito horas e trinta minutos lá no centro. A condução era precária, eu era boy, meu primeiro serviço foi office-boy e eu amava, sabe quando a pessoa é feliz e tal?

P.: É mesmo?[risos]

André: E aí você começa a conhecer São Paulo, ir para outros bairros, ir para outros locais, faz amizade, vê coisas que você nunca pensou que ia ver. Vê o luxo e vê o lixo. Aí você chegava cansado e tinha que ir para a escola, mas aí eu comecei a ver que eu podia criar uma metodologia. Às vezes, eu não estudava, eu prestava atenção. Então,, eu prestava atenção, questionava uma coisa ou outra e aquilo se tornava um ponto de referência. Olha, aquela questão que você não entendia quer dizer isso, isso, isso. E aí foi indo e eu fui me tornando um aluno. Em Humanas, um aluno muito bom. Então, os professores falavam: “Poxa, você Andrézão, tal.” Eu fiz tudo, trabalho em grupo e todo mundo dizia: “Eu quero sentar com o André. André me ensina isso daí.” E aí eu pegava uma menina que eu sabia que não era forte em Humanas, mas eu sabia que em Exatas ela era boa e eu não sabia algumas questões de Exatas, eu dizia: “Olha hoje eu sento com você”, se tivesse que fazer trabalho em grupo de Matemática. E assim foi indo, mas aí eu comecei a ler bastante sobre espiritualidade, que sempre foi uma coisa que me atormentou muito.

P.: Você começou a ler bastante sobre espiritualidade com que idade?

André: Eu estava, deixa eu ver, com quinze anos e aí eu já comecei a ler Paulo Coelho, Zibia Gasparetto, livros espíritas de linha kardecista, li alguma coisa sobre umbanda mas o material

é pouco, porque na minha criação era assim: “Por quê?” A resposta era: “Não interessa.” “Por que isso é errado?” A resposta era: “Não interessa, é errado porque é errado.”

P.: É que seus pais eram católicos.

André: Eram católicos. Então,, a minha mãe tinha aquela visão muito fechada. Aí meus irmãos começaram a seguir religiões de matriz africanas. Minha mãe não gostava muito disso porque achava que era coisa de Satanás. Ela falava: “Isso é coisa de Satanás.” E eu perguntava: “Mas por quê? Por que Deus está fazendo isso comigo se estou fazendo tudo certo, por que isso, por que aquilo?”

P.: E nessa época você lia onde? Lia no ônibus, lia de madrugada, lia onde e em que horário?

André: Geralmente, geralmente não, você fazia a oportunidade de ler era quando você ia até o final do ônibus oitenta e um para você pegar ônibus sentado para você ir lendo.

P.: Quando você ia sentado que você lia ou você lia andando?

André: Não. Eu ia até determinado ponto, até o ponto final para pegar o ônibus sentado para você poder ler no trajeto até você chegar no Metrô. Quando você dava a sorte de sentar no Metrô, você dava mais uma sapeadinha. Às vezes, até na própria escola, quando a aula não estava interessante, eu olhava para a sala e pensava: “Meu, não quero.” Eu sempre fui meio abusado nesse ponto aí. Eu falava assim: “Estou no meu direito de ir e vir, não estou? Não quero ver essa aula hoje.” O professor dizia: “Mas tudo bem?” Eu dizia: “Vou ler um livro lá fora.” O professor dizia: “Pelo menos você estava lendo um livro.” Às vezes, eu ficava no pátio mesmo e às vezes eu não estava legal porque eu estava com problema em casa e tal. Geralmente discussão com a minha irmã, minha tia... Então, eu ia para a escola porque, se eu ficasse em casa, se eu ficasse na rua, eu não ia conseguir distrair a mente. Ia ler um livro porque sempre alguém ia estar próximo e livro é aquilo: a gente tinha pouco acesso, na escola não tinha livro nenhum, só aqueles livros de Biologia ou alguma coisa assim no gênero ou era aquele material que o Governo mandava, mas tipo assim se eu quisesse pegar um livro como se fosse assim, supondo assim um *Cavalo de Tróia*, que falam que é bom, mas eu não li, porque na época foi recorde, eu via todo mundo com aquele livro. Então,, na escola não tinha acesso, ganhava pouco e não tinha como comprar. Então,, ficava à mercê de quem tinha algum livro para emprestar.

P.: Aí você pegava emprestado com quem?

André: Aí eu conheci um rapaz que estudou comigo, o nome dele era Afonso Lins Ribeiro, que eu sempre tive contato com pessoas assim, de linhagem espiritual. Conheci o Lins e ele me deu um livro sobre gnose e eu li. Aí conheci o Lambert, que era um africano que mora no Brasil, mas eu perdi contato com ele. E ele me deu alguma coisa sobre Vuduísmo, que é cultivado em certos lugares da África e tal. Aí conheci esse cara e na escola. Todo mundo achava que ele era um nerd, porque ele sempre estava lendo e, um dia desses, ele estava lendo um livro sobre gnose. Aí eu falei: “Lendo um livro sobre gnose, difícil hein? Ele me falou: “Você conhece?” Eu disse: “Conheço. Aí ele falou: “É porque esses caras daqui, tá louco, hein? Eu falei: “Não, não é isso. É que você não conhece ninguém e acha que todo mundo é louco.” Ele me perguntou se eu já tinha lido sobre gnose e eu disse: “Já.” Aí a gente começou a conversar e ele me passou algumas coisas de mais linhagem espiritual. E aí eu li sobre o Comando do Pensamento, sobre Irmandade Rosa Cruz, sobre alguma coisa sobre o próprio candomblé, alguma coisa de quimbanda, umbanda, Zíbia Gasparetto. Ele me emprestou muita coisa sobre tarologia, numerologia, quiromancia.

P.: Ele era daqui da Tiradentes?

André: Ele morava aqui. Agora, a última vez que eu tive contato com ele, ele está na região da Penha, próximo ao shopping. Então,, fui começando a ler, ler, ler e aí depois eu li muito sobre mitologia grega, que, nossa, eu acho fascinante a mitologia grega e ia ler os romances com aquela diferenciação com a visão deles sobre a criação do Universo, li sobre os seres

nórdicos, que era um povo que me fascinava. Tudo que me chamava a atenção porque era de difícil acesso.

P.: E tudo isso era esse cara que estava te passando?

André: Algumas coisas sim, outras eu já estava trabalhando, alguém no serviço tinha ou comentava alguma coisa e aí falavam: “Ah, eu tenho isso numa apostila. Eu falava: “Traz aí, então.” Revistas da época, a *Trip*. Eu lia muito a *Trip*. A *Trip*, nas bancas do centro, o pessoal comprava e voltava e era vendida como se fosse um real e tinha matérias interessantes. Então,, eu lia a *Trip*. Tinha algumas matérias da própria *Playboy*, que eu também lia não só pelas mulheres, mas porque mostrava as coisas muito luxuosas, de ponta de tecnologia que viriam, o luxo. E aí, depois de uma época, eu pensei: “Não, comecei a escrever poemas, escrevi muito e cheguei a ficar deslumbrado e tal.”

P.: Mas você lia poesia ou você mais escrevia?

André: Não, teve uma época que eu li Drummond, li bastante Drummond.

P.: Mas quem te falou de Drummond?

André: Foi na escola mesmo sobre poetas. Peguei alguns que agora não vou lembrar, mas aí saí muito do eixo e um cara me emprestou um livro de auto-ajuda chamado *Otimismo em Gotas*, achei legal. Mas eu buscava sempre essa parte da espiritualidade através de tudo. Aí passou essa fase e começa aparecer as dificuldades, falta de serviço, fase de exército, emprego, namorada, amigos, problemas familiares. E aí ficou mais difícil o acesso ao livro.

P.: Aí você teve filhos, tudo.

André: Não. Filho foi bem para frente.

P.: Isso que você está falando foi com uns dezoito anos, vinte anos?

André: Da fase dos catorze, quinze até os dezoito, dezenove, vinte, eu lia muito e com muita frequência. Se eu pudesse, eu lia dois livros por mês. Até mais, né. Já teve época de pegar livro de mais ou menos trezentas páginas e eu ler ele em sete, oito dias. Mas aí a dificuldade do acesso, porque o Afonso saiu da escola e aí não teve mais aquele *link*, na dificuldade de ter acesso ao livro, eu me desprendi porque minha mãe me enchia muito o saco.

P.: O que sua mãe falava do fato de você ler?

André: Ela falava: “Você está estudando?” Eu dizia: “Não.” E ela perguntava: “Então,, porque você está lendo?” Porque, para ela, livro bom era aquele de escola onde você aprendesse alguma coisa. Mas eu lia sobre coisas que eu me questionava e não tinha uma solução. Que era uma coisa que me dava respostas que eu não tinha através da sociedade.

P.: Você se questionava sobre o quê?

André: Ah, primeiro que eu falava assim: “Pô eu faço tudo certo, por que a minha vida é tão ruim? Por que acontecem essas coisas? Por que eu sofro dessa maneira? Por que eu quero alcançar aquilo e não consigo? Ou por que que eu sinto isso? Por que eu vejo aquilo? Por que que eu acho aquilo? Por que amar e não ser correspondido? E muitas outras coisas que você começa a se questionar na sua puberdade, que são suas cobranças pessoais, que são suas semânticas interiores e aí começa a provocar o porquê do porquê? Aí você começa a ter aula de Filosofia na escola, o professor era o Benon, o porquê do porquê?

P.: E a aula de Filosofia era legal?

André: Era, mas ele era muito ceticista, no caso. Um dia, eu falei para ele: “Professor, vai com Deus.” Nossa, ele quase me bateu. Ele disse: “O quê? Você está louco? Você sabe que eu sou ateu.” E aí ele começou a me perguntar o porquê disso, o porquê daquilo e ele começou a me questionar. E foi uma fase muito conturbadora para mim nessa parte. A casa não estava do jeito que eu queria, minha vida não era aquilo que eu queria, eu estava sozinho, sempre sentindo muita carência, eu sempre fui muito carente e acho que, depois que nós viemos para cá, a minha mãe deu uma afastada e tudo isso aí foi me levando para uma leitura. E chegou um ponto que eu disse: “Meu, eu não tenho acesso ao que eu quero, então, eu vou parar.”

Então, eu parei, parei de vez. Indicava sempre alguma coisa, emprestava algum livro e lia bastante gibi, nossa, eu tinha coleção de gibi em casa.

P.: Esses gibis como é que você conseguia?

André: Eu comprava, porque, na época, eu trabalhava e, como se fosse hoje, eu pegava vinte reais e comprava cinco do mês, um de cada personagem.

P.: Quais que você gostava?

André: Eu gostava muito da Marvels né, através de um amigo meu. E ele começou a emprestar uns. Eu gostava da Arte Nova, que era um gibi para adulto, porque tinha um *link* de desenho mais artístico. Marwell eu colecionava quase todos, Homem Aranha, Capitão América, Heróis da TV, X-Man, a questão dos traços, eu achava legal a perfeição dos traços. Me apegava muito em traços, que de um desenhista para outro, muda. Aí você já tinha uma turma de colecionador de revistas que discutiam sobre traços de desenhos na própria escola, tinha alguns que eram desenhistas. Então,... mas aí depois chegou uma época, uma fase da minha vida que entrou a fase de exército. Dezesete anos, você sai do serviço. É uma idade difícil: você não consegue emprego, dinheiro que você tem você vai comprar umas roupas porque é preciso andar bem vestido, bem alinhado, baladas e tudo mais. E então, começa a faltar dinheiro para outras coisas. Até para dentro de casa, então, aí você abdica . Pára tudo. Aí teve, durante um bom tempo, crise no País e tudo mais, crise familiar, porque você passa a não ser o filho querido mais, você já passou a ser a ovelha negra.

P.: Ovelha negra porque você estava desempregado?

André: É claro, com certeza. Essa idade era um massacre, quando você não tem o que oferecer. Minha mãe, nossa, chega até... dói um pouco assim, porque foi negada tanta coisa para ela, informação. Eu ficava revoltado quando ela dizia: “Não tem nada para comer, tem arroz puro.” E ela: “Graças a Deus que tem isso para comer.” E acho que você vai ser a única pessoa que, uma das pouquíssimas que eu vou falar. Teve uma vez, por causa desse desemprego e tal, eu comecei a me afastar muito de casa, ficava na casa de amigos e teve um dia que estava indo para casa e escolhia uns horários que a minha irmã não estava para não criar atrito e eu cheguei em casa e vi que minha mãe estava comendo arroz com pão puro.

P.: E você ficou mal...

André: Você não imagina o ódio que me deu aquilo ali. Aí eu saí e disse: “Eu tenho que dar um jeito nisso aí de qualquer forma. Aí eu cheguei e encontrei um cara que eu conhecia e que estava na atividade do tráfico e aí eu pedi para ele dez reais e ele me falou: “Mas por quê?” Eu disse: “Estou passando a maior dificuldade lá em casa, minha irmã pega o dinheiro dela e não paga as contas, a aposentadoria da minha mãe é pouco e estou desempregado e eu não tenho dinheiro nem para procurar serviço e acho que é uma das coisas mais tristes que eu já tive.” Ele me falou: “Vamos fazer um trampo lá. Eu trabalhei com ele uma pedra, uma pedra de farinha para ganhar como se fosse hoje, cinqüenta reais. Então,, fiquei cortando, picando com gilete – os dedos cortam, aquilo arde – coloquei na boca para saber que sabor que tinha. E ele falou muito que pega no olho, que ia queimar meu olho. E tinha um gosto de Novalgina, horrível. Não sei como os caras conseguem colocar isso para dentro, não. E, quando cheguei em casa com esse dinheiro, minha mãe olhou assim para minha cara e disse: “Onde você arrumou esse dinheiro?” Eu falei: “Foi uns trampo aí.” Aí ela disse: “De uma coisa eu sei: que você é honesto, não faz nada de errado não.” Eu disse: “Não, eu juro por Deus.”

P.: Ela aceitou o dinheiro?

André: Aceitou e ela falava assim: “O André pode ter os defeitos que for, mas de uma coisa eu sei... ele é honesto, ele nunca vai me dar esse tipo de desgosto.” Aí veio os bicos, o apoio dos amigos onde eu passava a noite e tal, mas aí a visão já tinha mudado. A sociedade já tinha pregado que o filho não era mais um menino. Menino bom era aquele que tinha dinheiro, que tinha um emprego, que podia comprar um carro, queria comprar uma casa para a mãe e,

quando você para de estar nesses padrões e que a sociedade mostra o que é bom, você passa a ser um lixo e assim foi por um bom tempo.

P.: Você se sentia o quê?

André: Eu me sentia a escória por ser o ovelha negra.

P.: E você ficou se sentindo mal assim por quanto tempo?

André: Bom, eu posso falar para você que durou dos meus dezoitos aos meus vinte, vinte e um, vinte e dois anos, que era a época que eu não conseguia um emprego fixo. Aí depois você arrumava um empreguinho e ficava contente e depois voltava para aquela velha coisa: “Meu filho.” E aí você já estava com a mágoa estancada no peito, então, você aceitava, mas batia de frente de vez em quando. Eu falava: “Vocês me tratam bem porque eu tenho dinheiro e quando não tiver vocês vão me pisar de novo.” E, na verdade, era isso que ocorria. Aí minha irmã usava desses artifícios para convencer meus irmãos que realmente eu não prestava.

P.: E nessa época seus irmãos ainda moravam com vocês?

André: Não.

P.: Eles já tinham saído?

André: Já tinham saído, mas a maioria morava na COHAB. Meu irmão Vanderlei morava num prédio do lado do nosso, meu irmão Marcos morava no mesmo prédio, meu irmão Paulo morava no Ferroviários, onde mora até hoje. Meu irmão Júnior, por brigas com a minha irmã também, ele morou em casa, mas passava tempos em pensão, voltava para casa, pensão. A única que sempre morou distante foi a Rosana, porque ela casou e foi morar no interior, lá em São Carlos, onde eu fui tentar morar lá para tentar a Federal e se virar, tentar fazer uma faculdade. Minha mãe falava: “André só quando você fizer uma faculdade que eu vou morrer tranqüila. Mas eu ficava na minha.

P.: Mas seus irmãos, eles tinham feito?

André: O único que fez faculdade foi o Eduardo e depois ele foi morar com a mãe. A mãe morava na Santa Cecília, na Marechal Deodoro, tinha mais acesso a tudo e, mesmo assim, uma vez eu fui fazer um trabalho de escola com ele lá na escola dele e eu vi tópicos de História, Português e Matemática e eu disse: “Mano, isso aqui é arcaico, está atrasado.” E a professora disse: “Mas como está atrasado?” É que eu lia muito né e eu respondi: “Na minha escola, a gente viu isso no primeiro semestre”.

P.: Você acha que, apesar de você estar na escola na Cidade Tiradentes e a dele ser mais central, a sua escola era mais forte em comparação com a dele?

André: Em comparação com a dele, em alguns tópicos, mas eles tinham material, tinham laboratório, tinham livros que podia usar e a biblioteca deles era praticamente um quarto da escola onde eu estudava.

P.: Aqui na sua escola tinha uma sala de leitura ou não?

André: Na época, não. Foi criada depois, mas era se eu não me engano uma biblioteca infantil, mas não tinha livros que pudesse interessar para a comunidade.

P.: E quando a sua mãe falava: Pára de ler, você está lendo demais, os seus irmãos concordavam com isso ou eles achavam que era legal ler?

André: O que acontecia? A maioria dos meus irmãos já estava casado, então, residia quem na minha casa? Eu, minha mãe, minha tia, minha irmã, minha sobrinha, que era a filha do Junior e que a minha mãe criou até os catorze anos, morou com a gente e eu digo que fui pai dela durante catorze anos da vida dela e hoje está uma mulher linda com vinte e quatro anos, mãe e eu olho assim para a filha dela e digo que eu já sou avô.

P.: [risos] Legal.

André: Então, eu tinha que ultrapassar aquele tempo porque eu não tinha o que fazer. Precisava procurar emprego, mas não tinha dinheiro para procurar emprego, tinha que trabalhar, mas não tinha emprego. Pô, eu tinha que fazer alguma coisa. Meus amigos trabalhando, eu tinha que ocupar minha mente com alguma coisa. Televisão é um lixo, a única

coisa que eu gostava de ver era o jornal e desenho, porque eu sempre fui vidrado em desenho. Na ausência disso aí, minha mãe assistindo novela, eu ia fazer outra coisa até a hora de ir para a escola, até a hora dos amigos chegarem do serviço, conversarem e tal e assim se foi indo.

P.: Nessa sua busca por livros, você chegou a ir em alguma biblioteca pública?

André: Fui algumas vezes, para fazer trabalhos escolares, mas era bem aquele negócio: trabalho de escola, não tinha dinheiro, pessoal está todo trabalhando e eu estava desempregado. Então, eles me davam o dinheiro da condução e eu ia, pegava os livros e aí ficava duas, três horas, quatro horas fazendo o trabalho, elaborando o trabalho, pesquisando em algum livro sobre um tema para trazer e cada um fazia a sua parte, um xerocava, passava a parte dos companheiros né.

P.: Você não pegava livro emprestado para ler em casa?

André: Não, porque, se eu pegasse, eu não ia devolver, porque eu não tinha dinheiro para ir daqui até a biblioteca e a biblioteca mais próxima que tinha era a de Guaianazes. Na época que eu ainda trabalhava no centro, eu ia muito ali na Drummond. É Drummond?

P.: Mário de Andrade?

André: É. Mário de Andrade.

P.: Mas lá você podia pegar emprestado?

André: Não, mas você podia ler lá no caso. Então, às vezes, eu via alguma coisa interessante e aí eu perguntava: “Dá para dar uma olhadinha uns quarenta minutinhos? Então, eu dava uma lidinha e é isso, e devolvia.

P.: Isso quando você era *boy*?

André: Quando era *boy*, matei muitas horas no serviço para ir na biblioteca.

P.: Quantas horas por semana você acha que matou do serviço para ir na biblioteca?

André: Ai, caramba!

P.: Muita gente me conta isso, por isso é que eu perguntei.

André: Eu matava assim cerca de... é engraçado, você está me deixando bem à vontade, eu não gosto de comentar sobre essa fase, mas com você eu estou conseguindo até me abrir.

P.: É que tem um monte de coisa que você está falando e que eu vivi. Então, eu sei o que você está falando. O pessoal acha que não, mas não tem nada a ver. É que o pessoal fica achando que você vem de outra classe e fica julgando.

André: É rotular, né? Rotulam muito sem saber. Uma vez, eu ouvi de um cara negro, eu ouvi isso daí e, putz, foi uma paulada na minha mente, porque eu tinha uma visão muito radicalista em relação a essas coisas, muito defensiva e ele me disse: “Meu, o branco que vive como um negro tem um pouco de negro dentro de si mesmo.” A hora que ele me falou aquilo ali me quebrou uma ”pá” de conceitos que eu tinha. Eu falei: “Putz, meus irmãos. Meu irmão loiro que curte o black, o soul e meu outro irmão que é branco e curte James Brown, putz.” E eu disse: “Olha só como sou um idiota.” E, voltando a falar na biblioteca, a biblioteca pelo fato de ela estar sempre muito cheia...

P.: A Mário de Andrade?

André: A Mário de Andrade e não tem um assunto que você pegaria X para ler. Também tinham os sebos e os sebos eram da hora, eram grandes bancas de jornais, colocavam um monte livros e tal e pega um livro ali e: “Posso dar uma olhadinha?” Respondiam: “Pode”. Ia mais pela cara do livro e depois você descobria o assunto e, às vezes, você queria um assunto e você achava um livro interessante mais ou menos sobre isso.

P.: Aí o dono do sebo te indicava?

André: Indicava. Eu perguntava: “Quanto está saindo?” Eu dizia: “Putz eu tenho que matar quantos “paus” para comprar esse livro aí, hein?” Porque era aquela época de você pular por trás para não pagar condução. E aí ele dizia: “Não, vem aí que eu troco passe por livro, não tem problema e tal”.

P.: Ah, que legal.

André: Mas eu sempre procurei por matriz africana, história do negro, porque não contavam na escola e eu vim de uma família negra e eu falava: “Pô, eu não sei a história, não sei quem são, não sei nada. Eu lembro que uma das séries que passou até na Globo, isso aí nos meados dos anos oitenta, foi um livro de Jorge Amado que era *A Tenda dos Milagres* e eu fiquei fascinado com aquilo e minha irmã disse: -Eu já li esse livro. Eu disse: Pô, tem um livro sobre esse cara aí, quem escreveu deve ser bom mesmo e tal.

P.: E ela leu e ela tinha esse livro em casa?

André: Não, ela não tinha e ela gostava muito de Sidney Sheldon, tinha uma mulher que ela lia também, mas a maioria era Sidney Shelton, policial, Hitckcok ela também leu alguns, mas eram coisas assim. Ela lia pouco, né.

P.: Você falou que às vezes você chegava no sebo e perguntava: “Ah, tem algum livro sobre esse assunto, tal” e que na biblioteca Mario de Andrade você ficava meio perdido sem saber o que pedir.

André: É, porque é gigantesca, né.

P.: Você se sentia bem atendido pela atendente?

André: Não, porque ele falava: “Você sabe o que você quer?” Eu dizia: “Não, eu queria ler alguma coisa.” Então, ele dizia: “Senta, pensa com calma. E geralmente era uma senhora negra que me atendia, muito simpática por sinal, então, ela dizia: “Pensa, pensa no assuntinho.” E aí às vezes eu dizia o assunto e ela trazia um livro e perguntava: “Você quer ver mais alguma coisa?” E trazia mais dois livros, deixava ler à vontade.

P.: Você se sentia acolhido pela atendente?

André: Pela atendente, sim. Mas pelo público que freqüentava lá, não.

P.: Como assim?

André: Ah, as pessoas que freqüentavam lá, você via que eram pessoas garbosas, glamurosas, bem arrumadas, pessoas que geralmente você via eram brancas e já te olhavam meio assim (torto), porque como se vestia boy? Tênis, jeans, camiseta e moletom e uma pastinha embaixo do braço. Eu não gostava muito de boné, então eu deixava meu cabelo meio blackinho. Então, te olhavam meio assim (torto) e às vezes ficavam te olhando de longe. Então, te inibia ficar muito tempo ali. Porque ali você respira livros e você sentia a intelectualidade naquele ambiente. Agora, no sebo, não. No sebo, vai tanto a tiazinha, a mulher que faz café, como um boy, como um empresário de terno e gravata. Então, eu parava assim e pensava: “Eu sou mais um e tal.” Então, é essa a grande diferenciação.

P.: Ta, e me fala uma coisa: o Frei lá da igreja, ele dava livros para você ler, livro educativo, ele te incentivava a ler ou não? Ou era mais uma ajuda?

André: Era mais ajuda financeira e ele dependia muito de doações. Então, dependendo das doações como roupas, brinquedos e coisas assim, ele sempre passava para nós, mas na questão pedagógica, no ensino ele não... Ele dava aquelas cartilhinhas sobre a igreja, sobre Páscoa, sobre Natal, mandava cartões sempre ilustrados com telas magníficas, tal. Sempre um *link* social, mas um *link* pedagógico, educacional ele já não tinha. Ele já não fazia essa inserção.

P.: Quando você lia pra caramba, o que seus amigos da escola, do trabalho, fora o Afonso e a professora que te incentivava bastante, como é que eles viam isso? Eles falavam: “Olha aí o André, maior crânio.” Ou falavam: “Cara, isso é chato”? O que eles falavam de você ler assim, qual a visão que eles tinham dessa leitura?

André: É que, quando nessa época que eu lia muito, o que acontece? Parece que é um ato que eu perdi, mas, quando você começa a ler muito, estimula muito seu cérebro e você começa até a pensar muito mais rápido. As suas células pensam mais rápido. Então, o que acontecia? Eu era um cara que na época trabalhava e então eu tinha acesso, podia comprar meus livros na época e também podia comprar minhas roupas. Então, eu era um cara popular, andava bem arrumado.

P.: Era bom aluno.

André: E era bom aluno. O pessoal falava: “Não, o Andrézão é o... Temos que fazer trabalho, vamos fazer com o Andrézão”. Então, eu dizia: “Não, é nós. Relaxa.” Então, eles vinham com certo respeito. Porque eles pensavam: “Não, o cara lê, mas o cara é popular, é amigo, fala com a gente, zoa, mas ele tem um QI acima,” vamos dizer assim, “ele é inteligente.” Agora, tinham pessoas muito mais inteligentes do que eu na própria escola. O Lúcio mesmo era um cara que eu acho que conheci poucos que jogam xadrez tão bem quanto o Lúcio. Me ensinou a jogar xadrez quando eu tinha dez, dez anos de idade, mas ele já era um aluno CDF, ele lia, a mãe dele pegava muito no pé para ele ler, mas eram aquelas grandes obras: Machado de Assis, *O Primo Basílio* e era esses negócios aí que eu acho que é uma leitura arcaica, na verdade não desmerecendo os grandes pensadores que fizeram história e eu só sou o André, né. Mas eu acho que o problema da Literatura em si, o povo brasileiro entre o pão e o livro, você sempre vai para o pão.

P.: Óbvio...

André: O livro é muito caro no Brasil.

P.: Sem dúvida...

André: Em São Paulo, ele é caro. Forçam, depreciam... não sei, não gosto de usar muito esse termo *depreciar*, porque é meio pejorativo, mas obrigam o aluno a ler um livro de uma leitura cansada, que é uma leitura antiga, arcaica, cansada, onde ele não consegue interpretar direito o texto, como Camões em *Os Lusíadas*.

P.: Você teve que ler isso?

André: Tive que ler, qual o outro? Clarice Lispector, ótimos escritores, ótimos escritores para níveis universitários que já tem uma interpretação de texto mais avançada. Você dá para um moleque de periferia que está ouvindo *funk*, axé, essa musicalidade, e você dá um livro desse para o cara e obriga o cara a ler, o cara nunca mais quer pegar um livro na porra da vida dele.

P.: Foi assim: no ensino médio, já não era mais a Vera a professora?

André: Continuava sendo a Vera.

P.: Mas aí não foi tão legal quanto a Coleção Vaga-lume, porque era do ginásio, porque ela disse: “Você vai ler e pronto”?

André: Não, não tanto a Vera. Ela falava: “Você tem que ler porque, se você quer entrar na faculdade, vai cair. Então, você tinha que saber umas leituras que ela falava: “Meu, se você for para a faculdade, isso vai cair, cara.” Eu dizia: “Mas professora, essa leitura é chata demais, essa leitura eu não gosto.” [E ela respondia]: Mas é a leitura que o sistema pede que você saiba. Agora, se dependesse de mim, nessa época, eu leria qualquer livro sobre religião, História, matriz africana, alguns sobre fotos, alguns ilustrados, alguns para você conhecer alguns locais do mundo, coisas do gênero, mas não uma leitura obrigatória. Porque o cara pega aquilo lá, os jovens principalmente, os jovens, quando têm o primeiro contato com o livro, tem que ser uma coisa que ele goste, porque tudo que você faz com prazer você faz bem. Tudo que você faz obrigado, você faz nas coxas. Então, o que ocorre? Eu tenho uma filha, ela tem quatro anos e, quando eu morava sozinho, e ela ficava em casa comigo, às vezes, ela estava cochilando e eu estava lendo um livro, porque eu gosto muito de ler quando eu estou só. Se tem mais de duas pessoas na casa, eu já não gosto de ler.

P.: Porque fica barulho?

André: Também e você não tem a concentração, então, o que acontece? Ela olhava e ela queria ler. Então, tinha folhetos educativos, revistinhas educativas, vários projetos sociais que eu andei pesquisando por aí. Então, eu dava para ela e ela falava: “Pai o que é isso?” Eu falava: “É uma historinha filha. Vê o que você acha que você está entendendo? Aí o pai já conversa com você.” Quer dizer, aí você incentiva a criança de uma forma gostosa. Se eu

entregasse para ela um gibi que não era interessante e eu falasse: “Não, fica acordada que o pai vai ler tudo isso pra você... mais tarde, quando ela visse um gibi, ela ia correr.

P.: Vai ficar com trauma. Entendi.

André: É o que ocorre. Eu acho que a falta de uma leitura opcional para os jovens, você está entendendo, pô, é tão fácil ou não sei se eu estou falando demais ou eu vou falar uma besteira muito grande ou eu vou dar um norte muito grande na sua pesquisa.

P.: Ah, obrigada.

André: Espero que dê um norte, né.

P.: Claro.

André: É o seguinte: eu acho tão fácil, você tem “n” assuntos, “n” cabeças de jovens, “n” jovens pensando de forma diferente. Pô, você pega um moleque que ele é vidrado em carrinho, ele não quer saber de mais nada, o negócio dele é carro e você joga Henri Ford em cima do moleque, a criação do automóvel tal, você trabalha história e a pedagogia da leitura.

ISA, AQUI HOUVE UMA INTERRUPÇÃO NA ENTREVISTA?

P.: Então...você estava falando do Henri Ford, da história do automóvel e que você junta o interesse do jovem com ...

André: Com a leitura. Se você pega um cara que gosta de futebol, sabe que *O Lance* é o jornal mais vendido em São Paulo hoje?

P.: Eu não sabia.

André: Pode pesquisar porque, se não é o primeiro, é o segundo jornal mais vendido em São Paulo. Por quê? Porque os jovens gostam de ler matérias de esporte. Você pega um livro que fala sobre Charles Miller, a história da criação do futebol, de onde veio, como que foi criado, como que foi introduzido, aí você passa um documentário com um Pelé, com um Garrincha... quer dizer, você já criou tes temáticas aí e você conquista o jovem através da leitura, através da visualidade. Porque tudo aquilo, não sei aonde eu vi isso, quando você lê para aprender alguma coisa, você absorve quarenta por cento disso e, quando você vê alguém executando a ação, você aprende setenta por cento daquilo, quando você pratica e alguém te orienta, a chance de acerto é praticamente pleno. Então, você começa a trabalhar a didática, você trabalha a projeção do jovem e ele diz: “Eu vi, mas não pensei que a visão que o cara ia colocar no filme não era desse jeito.” Você estimula ele a pensar. Se você pegar geralmente jovens negros com história de negros, mas história verdadeira, as matrizes africanas, como que foi, como que era na África [e perguntar] “Ah, quem se considera aqui um negro?” É terrível esse termo, mas é o que é. “Quem se considera pardo, bege, clarinho, moreno claro? Meu, você sabia que você tem uma africanidade, você sabia dos heróis africanos, das lutas africanas, como que eles ascenderam, “n” coisas. Você sabia que na África, você sabia que no Palmares tinha saneamento básico?” O cara: “Não.” Eu diria: “Pô, tem uma coisa aqui, você gostaria de ler?” Você pode até criar um novo professor de História, uma visão contemporânea da discussão, o que atualmente você não aprende na escola.

P.: Exatamente.

André: Agora tem uma Lei, que é a Lei 2.639/05, se não me engano, é uma lei que obriga no ensino médio você a contar a história do negro e do índio na sua privacidade, na criação do País. Eu torço muito que eu esteja vivo ainda para ver isso acontecer, para a minha filha, os meus filhos aprenderem da forma correta. Nós não temos ícones, nós não temos heróis. Aí você fala: “Mas, como assim?” Aí você pega um jovem de periferia, maioria negra, maioria pobre e o cara não tem condição de se afirmar como negro. Ele já ouviu falar o quê? Zumbi, acabou. Não, Zumbi dos Palmares ainda tem mais. E qual é o grande ícone dele, fora jogador de futebol, fora pagodeiro, fora *rapper*, alguém que fez alguma coisa? E aí você fala de André Rebouças. “Putz, quem é ele?” Aí você fala de Geraldo Fimo e aí você fala de Madame Satã, o cara virou até livro, filme. “Pô, mas quem é esse cara? Sua família veio de onde?” “Mas Madame Satã, um homossexual da época, negro, fodido, dava pau nos polícia, cara. Sabia que

eu li um livro que é a biografia dele? O seu pai deve conhecer até as ruas que ele freqüentava.” Você resgata a auto estima do jovem.

P.: E mostra a leitura significativa para ele.

André: E você resgata a história dele. Eu acho que estou na militância aqui faz um ano e alguma coisa.

P.: No *Força Ativa*?

André: Não, eu milito só. Eu e alguns companheiros. Aprendi muito com eles, eu falo que o que eu aprendi em um ano e meio o que uma outra pessoa comum aprenderia em quinze anos. Eles também falam: “Pô, você tem que ler mais.” O material de leitura que eu quero é difícil.

P.: Hoje em dia você está lendo o quê? Você já me falou lá fora...

André: É, o último que eu peguei para ler e que todo mundo fala que é bom, todo mundo fala que é bom, mas eu li metade e dei um breque foi o *Arte da Guerra*, que agora é aquele livro de bolso que em qualquer estação você pode encontrar. Apesar de ser uma leitura cansada, chegando só na metade dele porque o meu tempo é muito corrido, eu vi mais ou menos do que se tratava. Talvez, se não estiver fazendo nada, eu vou pegar ele, porque eu não estou fazendo nada mesmo. Assim: “Ah, eu vou ficar em casa, eu vou descansar então, eu vou ler um pouco.” Coisa que é difícil porque mora muita gente na minha casa, na casa que eu moro, a família é numerosa. Então, eu não consigo ter esse foco, mas seria um livro já não me ostentaria ir lá pegar e ler ele. Agora o Sebastião Salgado lançou um novo livro dele que, putz, queria achar, que é um livro de fotos .Ele conta algumas passagens dele pela África, como que era, como está. Agora, então, é um livro interessante. Já fizemos um trabalho aqui de exposição do Sebastião Salgado, aqui na Cidade Tiradentes. Então, o que acontece, às vezes, a gente vê que os professores, acho que tem uma questão, e se eu estiver me estendendo muito, me prolongando você pode me breçar.

P.: Não, não está não.

André: Eu acho que tem uma questão muito, quando caiu esse *link* de uns tempos para cá: o professor. Professor é o ser humano formado em determinada matéria e que vai lá e passa a matéria que o governo, a Educação acha que você tem que aprender para ter uma noção básica. Educador: educador é aquele que pega qualquer *link* de interesse do aluno e transforma em pedagogia. Quando eu comecei a pensar sobre isso, conhecendo amigos militantes, um senhor que eu tenho, como um pai, um amigo, um professor também tal que educador, aquele que ensina qualquer coisa com prazer e transforma aquilo numa forma pedagógica, ele é um educador, ele educa. Mas hoje em dia nós não temos mais educadores, nós temos professores. Eles são parecidos. Aprendeu, bem. Não aprendeu, a minha obrigação é passar.

P.: Falando no que o governo quer que ensine, eu me lembrei de uma história do livro didático, não sei como era quando você estudou. Quando eu estudei, não tinha livro didático dado pelo governo. Quando eu estudei, eu lembro que a gente tinha que juntar o dinheiro, dar para a professora porque ela pegava na editora mais barato.

André: É, tinha alguns livros que eu lembro que a gente tinha que comprar realmente.

P.: E aí a minha pergunta é em relação ao livro didático de Língua Portuguesa. Ele normalmente vem com uns trechos ou um poema ou um pedaço de um conto.

André: Geralmente, um conto ou um poema. Música, raro.

P.: É, música acho que só em livros mais modernos, não da nossa época. E aí a minha pergunta para você é assim: André, alguma vez você leu algum negócio assim de livro didático de Língua Portuguesa? Um trecho de uma obra? E que você falou: “Nossa, isso é legal! Quero ler esse livro.” Ou “Nossa, esse poema é interessante, quero ler mais”? Ou não? Esse tipo de leitura de livro didático de Língua Portuguesa acabava não te interessando?

André: Nunca lia, raras vezes, que eu via uma passagem sobre grande autor que me chamava a atenção. O que mais me chamou a atenção quando eu via algum texto na própria escola era

sobre pensadores. Quando você coloca frases assim sobre algum pensador e entra aí até na questão musical, na época ouvia muito Legião Urbana, Renato Russo, com letras de músicas de pensamentos mórbidos, porque era maníaco depressivo, mas tinha algumas coisas que me faziam pensar e tal, a letra e música me chamou a atenção, alguns tópicos. Então, isso foi utilizado no meu segundo grau. Em meados do segundo grau.

P.: Isso te marcou?

André: É, isso foi uma coisa que me chamou a atenção, pega uma música e faça interpretação de texto em cima dessa música. Meu, o que você entende? Transpassa de uma forma assim pedagógica o que você entendeu. Então, isso eram coisas legais, coisas que a turma se empolgava né. Então, isso eram coisas legais e a turma se empolgava. Mas a maioria na época pegava *rock, pop*, que na época era febre, estava ali fazendo sucesso, alguns pegavam Raul Seixas, mas isso aí dava resultado. Dava resultado porque era interessante para eles através da música. A gente até chega num *link* que é estranho né. Eu morei em São Carlos durante um ano e meio.

P.: Que você estava querendo entrar na Federal?

André: Isso. E que a condição em São Paulo estava... emprego e tudo mais. Moro sozinho já tem muito tempo e aí, quando vejo que a situação apertada, me acolho na casa de alguém e eu [pensei]: “Eu vou entrar na faculdade, eu vou para a Federal e minha irmã já me chamou para morar lá e eu vou para lá.” Tentei a Federal. Mas é ridículo, ridículo, cara.

P.: O resultado do vestibular?

André: Muito difícil. Muito difícil, muito, muito, muito. Para você ter base, para uma cidade que tem uma população negra acho que de setenta por cento, uma faculdade do tamanho da Federal tinha três negros. Eu contei três negros. Eu falei, mano... que é isso?

INTERRUPÇÃO

P.: Então, você me disse que tinha três negros na faculdade inteira?

André: É três negros na faculdade inteira e eu não sendo um deles, né.

P.: Mas prestando vestibular?

André: Não, fazendo a faculdade. Prestando vestibular, vamos colocar assim, tinha uns doze, quinze de várias regiões de São Paulo e alguns até do Brasil, mas tinha pouquíssimos negros, pouquíssimos. Fiz o vestibular e prestei, mas não tem, meu. Você tem que ter dedicação e um tempo livre para estudo com pessoas gabaritadas para isso muito grande porque, se for depender só do ensino médio, você não chega lá, não chega.

P.: André, eu queria te perguntar o seguinte: lembra do que você falou de interação com leitores, quer dizer, da interação com a sua filha de quatro anos e tudo mais? Fora o Afonso, que você conversava sobre os livros, teve mais leitor assim que te incentivou?

André: Das pessoas que conviviam comigo?

P.: É. Tem um amigo meu, o Paulo. Mas na verdade eu é que incentivei ele a ler algumas coisas né, porque ele me falava: “Você sempre lê muito, você está lendo sobre o quê? Eu falei: “Estou lendo sobre espiritismo.” E ele me disse: “Me empresta um livro para ler?” Então, eu emprestei para ele um livro kardecista. E aí então, ele é Kardecista até hoje. E hoje eu discuto com ele, porque eu sou da Matrizes Africanas. Ele diz: “Não, foi você que me ensinou.” E eu leio muito sobre Esperanto e como ele era utilizado e que queriam que entrasse no lugar do inglês né. E aí fui passando isso aí para ele e tal e ele é Kardecista até hoje. M poucas, pouquíssimas pessoas. Mais agora, já nessa fase dos trinta, dos vinte e nove, trinta, e a gente começa a debater nosso ponto de vista, se pergunta sobre alguns livros, sobre onde tem essa informação, sobre onde tem aquela. Às vezes, o camarada tem um livro para te emprestar e geralmente quem tem livro sobre essas questões é quem está na Sociologia ou quem está na militância ou está estudando para isso daí, mas continuam sendo livros de difícil acesso.

P.: Então, sabe o que eu queria, assim: Se você tivesse que classificar em ordem entre a família (pensando em pai, mãe, irmãos, tios, primos), a escola (e a escola você pode pensar na

escola como um todo, como o professor de Língua Portuguesa), pensando na biblioteca escolar, pública, comunitária, na igreja, no grupo de amigos, no acesso a livros e gibis etc, etc, o que você acha que não contribuiu em nada para você se tornar um leitor, para você gostar de ler e o que você acha que contribuiu para você gostar de ler?

André: Bom, vamos começar pela família.

P.: A família você acha que não contribuiu?

André: Pode colocar a Igreja também.

P.: A Igreja também não, apesar do seu interesse esotérico?

André: Esotérica e que eles não dão nem espaço para esse tipo de discussão. A escola teve a questão do Vaga-lume. Mas depois disso deu uma brechada. Então, a escola até fica. A biblioteca da escola em si não funciona né. As públicas que no caso eu fui algumas vezes, elas até tem informação, acho que o que falta muito é a população criar o hábito de ler livro e tal. É realmente analisado o fato de você ir numa biblioteca, as pessoas sentem assim: “As pessoas estão me olhando de modo diferente. O que eu estou fazendo aqui? Sobre o que eles estão falando?” Quer dizer, a pessoa se sente meio inibida. Só entra na biblioteca quando tem que fazer um trabalho escolar. E no grupo de amigos, aparece realmente pessoas que me incentivaram, que tinham algum material para me ceder, muitos me deram outras coisas né. Hoje eu sou assim, eu perco o amigo, mas não perco o livro.

P.: [risos] Você empresta livro? Mas também cobra para devolver?

André: Até cobro umas duas ou três vezes. Aí eu falo: “E aí, mano? A pessoa diz: “Não não, desculpe.” Eu digo: “Ah, então, tá bom.” Porque geralmente o livro que eu tenho, eu gosto de ler duas ou três vezes porque cada vez que você lê, você tem uma visão ao contrário da primeira. Então, eu emprestei um livro chamado *Insight* do Daniel C. Luz. Eu li o volume dois que eu ganhei porque ele estava largado lá onde eu trabalhava. Eu perguntei: “De quem é esse livro?” Na firma onde eu trabalhava lá na Conselheiro Carrão. Aí me disseram: “Está aí, você pode levar, está aí parado.” E é fantástico o livro. E aí eu fui atrás do volume um. Daniel C. Luz acho que é Daniel Carlos Luz, não sei, ele fez PhD em Sociais, fez Doutorado nos Estados Unidos, coloca grandes pensadores, histórias de grandes catástrofes e o que isso acarretou de bom e o que acarretou de ruim, qual benefício que você pode tirar de tal situação. Aí li esse volume dois e comprei o três num sebo porque estava mais de cento e vinte reais na loja e eu acompanhei isso aí bem. Então, eu comprei o três e terminei de ler na casa desse meu compadre em Suzano. E ele me perguntou: “Que livro é esse? Aí eu mostrei para ele e mostrei uma frase de um pensador, não vou lembrar do nome dele, não sei se ele é islâmico. E ele me disse: “Me empresta?” E está lá até hoje. Aí eu quero comprar o volume um para poder ler. Mas é caro, os livros são caros.

P.: É verdade. Me fala uma coisa. Se você tivesse que classificar o que foi mais importante numerando: o acesso ao material, o grupo de amigos, a biblioteca pública, a escola, o que você classificaria como número um?

André: O que seria primordial?

P.: É. Na sua história, e você pode até dar número um para mais de uma coisa.

André: O acesso ao material.

P.: Aqui, foi o mais importante?

André: Foi e a questão do grupo de pessoas que vão te dando esse *link*: “Ah, eu tenho esse livro.” Passa aquilo, aquela troca de informações, né.

P.: Que no caso é o grupo de amigos?

André: É o grupo de amigos.

P.: E de certa forma você tinha esse amigo na escola que era o Afonso.

André: Que era o Afonso. Mas mesmo assim depois saindo da escola, eu saí da escola, mas ele continuou.

P.: E ele continuou a ser seu amigo.

André: É e continuamos com a troca de informação. Na biblioteca, era aquilo de difícil acesso.

P.: E a biblioteca comunitária, você frequenta? Você vem nessa aqui?

P.: É, eu conheço os meninos do *Força Ativa*. Às vezes, venho quando tem um grupo de estudos. Ou como calhou hoje ou quando tem algum evento eu venho para prestigiar.

P.: Mas você não é membro do *Força Ativa*?

André: Não, não sou. Já peguei livros aqui e eu sei que tenho que devolver, tá gente? Deixa só eu achar eles. Eles estão lá, alguns estão na minha casa.

P.: Ah, olha só.

André: É porque eu sou meio que cigano. Então, eu vou mudando de casa em casa, então, pega daqui e leva pra lá, pega daqui e leva pra lá e até você colocar tudo em ordem e ver, putz está aqui.

P.: André, eu tenho medo de ter esquecido de ter feito alguma pergunta ou ouvir sua entrevista e depois me lembrar de alguma coisa que eu gostaria de te perguntar, eu posso, quer dizer, você pode colocar seu contato aqui para mim? Eu vou encerrar aqui.

ENTREVISTAS COM BEATRIZ E PAULA²

P.: Queria perguntar para vocês se vocês sempre estudaram juntas na mesma classe. Como que foi?

Beatriz e Paula: Sempre estudamos juntas

P.: Sempre?

Beatriz e Paula: Sempre.

P.: Tá. E vocês começaram a ler juntas? Juntas que eu digo, assim, por exemplo, as duas começaram a ler e escrever exatamente na mesma época? Ou teve uma que aprendeu primeiro que a outra? Como foi?

Beatriz e Paula: Acho que teve uma que aprendeu primeiro que a outra, porque acho que a Beatriz aprendeu primeiro que eu. A Paula teve um pouco mais dificuldade.

P.: É? Tá. Vocês se importariam se eu fizesse as entrevistas separado?

Beatriz e Paula: Não.

P.: Não? Porque, como vocês são gêmeas, as vozes de vocês são muito parecidas e aí eu vou ter que ficar falando “quem disse isso foi a Beatriz, quem disse isso foi a Paula” e assim por diante. Qual de vocês quer fazer primeiro?

Paula: Pode ser eu.

P.: Pode ser você? Ah, tá bom!...Então Paula, queria te perguntar como foi seu processo de aprender a ler, se você se lembra da escola, como que era? Me conta um pouquinho disso.

Paula: Eu me lembro muito pouco. Não foi fácil, como eu falei. Eu demorei um pouco mais pra aprender do que a Beatriz, eu tinha muito mais dificuldade de ler e até mesmo de escrever.

P.: Você se lembra se você gostava de ir para a escola? Ou não? Como que era?

Paula: Não. Nunca gostava de ir para a escola. Sempre chorava, fazia birra. Eu não gostava de ir para a escola.

P.: Você lembra com quantos anos você começou a ir para a escola?

Paula: Não lembro. Sei que eu fui bem novinha.

P.: É? Você foi para a creche?

Paula: Fui para a creche. Depois da creche, fomos para o primeiro ano e chegamos até a repetir a segunda série, por dificuldade assim. Eu repeti a segunda série e a Beatriz não e aí, como a gente sempre estudou junto, minha mãe preferiu deixar repetir as duas, para ficar as duas na segunda série de novo... pra aprender ao mesmo tempo de novo.

P.: Entendi... Como a sua mãe era? Quando vocês falavam que não queriam ir para a escola, que você chorava, ela falava o quê?

Paula: Ela brigava muito com a gente. Falava que não, que a gente tinha que estudar. Brigava bastante com a gente.

P.: É? E ela falava o quê? Você tem que ir, por quê?

Paula: Porque você tem que aprender, tem que ler, tem que escrever.

P.: Depois você não repetiu mais nenhum ano?

Paula: Quando eu vim pra cá, por problemas familiares, eu parei e agora não consigo vaga na escola de novo para o último ano, não consigo vaga.

P.: É mesmo?

Paula: É. Muita dificuldade. Nas escolas daqui, a gente não consegue vaga em nenhuma.

P.: É mesmo? Ah, não sabia. Me conta assim...você se lembra qual foi a primeira coisa que você começou a ler? Ou quando é que você começou a gostar de ler?

Paula: Eu comecei a gostar de ler, a minha mãe trazia muito livro... Tinha uma biblioteca lá perto do serviço dela, e ela trazia bastante livro infantil para mim e para a Beatriz. E aí a gente

² Estes depoimentos das duas pesquisadas foram dados na mesma ocasião. Apresentar as transcrições juntas facilita a compreensão pelo leitor.

começamos a gostar de ler quando minha mãe começou a trazer os livrinhos pra nós, pra gente ler.

P.: Quantos anos você tinha?

Paula: Ah! Eu tinha uns nove anos, por aí.

P.: Nessa época você já morava em Poá? Ou morava em outro lugar?

Paula: Não, eu morava em outro lugar.

P.: É? Onde você morava?

Paula: Eu morava na Vila Formosa, perto do metrô Belém.

P.: Sei. E sua mãe trabalhava já no Hospital São Paulo?

Paula: Já. Já trabalhava no Hospital São Paulo.

P.: Tá. E ela, você lembra de que biblioteca ela pegava os livros?

Paula: Era uma dali da Escola Paulista de Medicina, né? Que tinha uma ali dentro da Escola Paulista de Medicina e ela costumava pegar livro lá e pegava para nós também.

P.: Ah, entendi. Ela pegava para ela?

Paula: Pegava para ela porque ela fazia faculdade de... esqueci o nome da faculdade que ela fazia... [risos] Patologia. Fazia faculdade de Patologia. E ela pegava lá para ela e acabava trazendo para nós também.

P.: Ah, tá. Me conta mais da sua mãe, assim... Ela trabalhava fazendo o quê no Hospital São Paulo?

Paula: Ela trabalhava no laboratório, mexendo com células que agora não sei direito explicar.

Paula: Ela trabalhava não diretamente no Hospital São Paulo. Ela trabalhava na Escola Paulista de Medicina, mexendo no laboratório, que eu não sei direito explicar realmente o que ela fazia.

P.: Entendi. E aí, quando ela começou, você falou que ela fez faculdade. Quando vocês nasceram, quando ela casou, no caso com seu pai, ela tinha estudado até que ano? Você sabe mais ou menos?

Paula: Até o segundo grau. Ela tinha o segundo grau completo.

P.: Ah, tá. E aí, depois que ela começou a trabalhar com isso que ela decidiu fazer faculdade...

Paula: É. Ela começou a trabalhar na Escola Paulista de Medicina, que ela já tinha trabalhado em outros hospitais também, que quando ela começou a trabalhar na Escola Paulista de Medicina, é que ela começou fazer faculdade.

P.: Ah, tá. Mas ela não era assim uma auxiliar de enfermagem? Não era enfermeira, não?

Paula: Não era enfermeira não.

P.: Entendi. E me conta... ela falava que era para vocês irem para a escola, tudo mais e ela acompanhava vocês fazerem lição ou não? Como era?

Paula: Minha mãe ajudava bastante. Às vezes, quando a gente chegava da escola, aliás, quando ela chegava do serviço, ela ajudava a gente no dever, tipo mesmo nas coisas que a gente não entendia, que eu acho que ela tinha um pouco mais de facilidade, ela ajudava a gente.

P.: Ah, tá. E a Andréa, que é a sua irmã do meio, e a sua irmã mais velha também ajudavam? Como era?

Paula: Minha irmã mais velha ajudava mais do que a do meio, mas ela sempre ajudou a gente...

P.: Falava para vocês irem para escola?

Paula: Meu pai brigava muito com a gente, mas sabe... ele quase nunca estava em casa.

Paula: Ele trabalhava muito. Saía de manhã, chegava de noite. A gente quase não via meu pai.

P.: Tá. E, assim, quando ela trazia os livros da biblioteca, ela falava o quê para vocês?

Paula: Falava pra gente ler, que era uma história legal, que a gente também ia aprender, já que a gente tinha, que eu tinha...

P.: Ela lia para vocês?

Paula: Quando a gente não entendia, ela lia e, às vezes, ela explicava. O que ela entendia, ela explicava.

P.: E... ela mesma tinha o hábito de ler?

Paula: Tinha. Paulo Coelho foi o último livro que ela leu.

P.: E assim... tinha gibi na sua casa?

Paula: Tinha gibi...muita coisa.

P.: Ahã. Entendi. E essas revistas, como era? Ela lia? Ela comprava? Ela levava vocês para comprar junto? Ela pegava emprestado de amiga? Como era assim?

Paula: Geralmente ela comparava. Ela comprava.

P.: Ahã! Deixa só eu pegar meu roteirinho aqui...Você lembra de alguns livros que você leu? Das histórias? Como que eram? Algum livro que te marcou? Que você disse: “Nossa! Que legal!”

Paula: O que eu li muito, que até minha mãe ajudou, foi o... Como é mesmo o nome do livro? Aí a minha mãe me ajudou bastante quando eu tive que ler, porque não estava entendendo muita coisa, aí ela me ajudou.

P.: Você teve que ler esse livro porque sua mãe pediu ou por causa da escola?

Paula: Eu tive que ler por causa da escola. Na verdade, foi um trabalho que a professora de português mandou a gente fazer. Aí eu tive que ler. Li uma, não entendi, minha mãe leu, me ajudou a ler e eu ainda li de novo depois.

P.: Me conta assim...você morava na Vila Formosa. Com quantos anos você foi morar em Poá?

Paula: Com dez anos.

P.: Com dez anos? Tinha diferença entre as escolas da Vila Formosa e as escolas de Poá? Você sentiu diferença na escola?

Paula: Senti um pouco. Acho que o aprendizado da Vila Formosa era melhor do que o de Poá? Muito melhor.

P.: Entendi. Ah, tá. Melhor em que sentido, assim?

Paula: Os professores, acho que eles explicavam mais, tipo... davam mais atenção para os alunos, acho que era essa a diferença que eu vi.

P.: Lá na escola da Vila Formosa, tinha uma biblioteca? Tinha uma sala de leitura?

Paula: Tinha. Perto da minha casa. E era a minha irmã mais velha que tinha que levar a gente. A gente ia de vez em quando.

P.: Ah, tá. Era uma biblioteca fora da escola, então?

Paula: Era. Na escola, a gente eu não lembro de ter ido na de dentro da escola. Nessa fora da escola, sim.

P.: E que irmã levava vocês?

Paula: A Fabiana.

P.: A Fabiana. Ah, tá... E me conta... Ela levava e como que era?

Paula: Ela levava. Às vezes, a gente podia trazer os livros, às vezes, não. A gente ficava até mesmo lendo lá, lá na biblioteca e aí depois dava um certo horário e a gente voltava para casa. E lá em Poá, a gente frequentava mais a biblioteca da escola. Lá eu lembro de ter biblioteca.

P.: Lá podia pegar livro? Levar para casa?

Paula: Podia pegar livro, levar para casa.

P.: Normalmente, pessoas que às vezes têm alguma dificuldade, ou como a sua irmã e como você, que repetiu a segunda série, elas passam a não gostar muito de escola, elas não gostam dos professores, elas não gostam de ler, não gostam de escrever. Por que você acha que mesmo... Você contou que não gostava muito de ir para escola, assistir aula, tudo. Depois, teve essa coisa de repetir, que deve ter sido chata para você, não sei... Como é que foi...

apesar disso, você continuar gostando de ler ou começar a gostar de ler? Por que você acha que isso aconteceu?

Paula: Eu acho, eu não sei, mas eu acho que, depois que eu parei de estudar, que eu vi que era muito importante... Eu não sei, eu comecei a gostar mais de ler...

P.: Depois que você parou de estudar?

Paula: Depois, não. Logo mesmo quando eu repeti mesmo a segunda série, aí eu acho que comecei a freqüentar a escola melhor até. Eu comecei a ir sem chorar tanto. Aí eu comecei a gostar mais. Até agora mesmo, que eu parei de estudar, eu aprendi a gostar mais ainda de ler.

P.: Por quê?

Paula: Não sei. Acho que é por ficar em casa. Eu acho que faz falta. Estudar faz falta, sim.

P.: Então, tá. O que você vê na leitura? Por que você acha que gosta de ler?

Paula: Eu não sei, eu acho interessante. Não sei. Acho muito interessante as histórias... assim.

P.: O que você leu recentemente?

Paula: Leitura em série.

P.: Ah, tá. Como que é essa história assim?

Paula: É uma história de 3 crianças órfãs e aí são vários tipos de livros, mas o que eu peguei, o primeiro...

P.: Aqui na Solano Trindade ou noutra?

Paula: Aqui na Solano Trindade mesmo. E tinha um aqui na minha casa mesmo que eu emprestei porque vai do 1 até o 10 esse livro.

P.: Você não quer sentar aqui para ficar longe do sol? Não tá quente?

Paula: Não. Não tem problema não.

P.: Então, tá.

Paula: Aí eu li ele. O último que conta a história de 3 crianças órfãs que perdem o pai e a mãe num acidente e acabam indo morar com um tio que é mau, e acaba tentando matar elas, tudo para ficar com a fortuna deles...

P.: Ah, entendi. Assim... Você falou que sua mãe lia porque ela estudava também. Quantos livros você acha que sua mãe lia por ano?

Paula: Nossa! Milhares.

P.: É?

Paula: É. Eu sempre vi a minha mãe com muitos livros. Muitos livros.

P.: E ela sempre pegou esses livros na biblioteca? Ou às vezes ela ia em livraria? Como que era?

Paula: Eu não me lembro muito dela em livraria. Lembro dela pegar bastante em biblioteca. Ela ganhava bastante livro. Ela tinha bastante livro, assim. Ela ganhava.

P.: Ela ganhava de quem?

Paula: Do pessoal ali mesmo do serviço dela, ela ganhava bastante. Ganhava muito.

P.: Ela ganhava livro infantil também para vocês?

Paula: Livro infantil, não. Ela não ganhava não.

P.: E gibi... assim?

Paula: Não.

P.: Ela sempre então falou para vocês que era para ler, que ler era bom ou só falava que vamos estudar que estudar é bom? Como que era?

Paula: Vamos ler que ler é bom e vamos estudar também que estudar é bom.

P.: Tá. Vamos ler porque ler é bom, é bom por quê? Ela falava isso?

Paula: Não.

P.: Ou isso é o que você pensa?

Paula: Acho que isso é bom. Acho que abre a mente. Ler para mim é um bom passatempo. Eu não lembro dela falar muita coisa assim pra nós... eu lembro dela falar que "Ler é bom!"

P.: Quando você lembra da sua mãe, você lembra dela lendo para a faculdade ou lendo por prazer ?

Paula: Lembro dela lendo por prazer. Mais por prazer do que na faculdade.

P.: Ah, tá. Ela contava para vocês “Ah, tô lendo esse negócio aqui e é legal!”?

Paula: Contava. Do último, O Guerreiro da Luz, ela contou bastante. Ela sentava na cama e ficava contando pra nós.

P.: Que horário ela ficava fazendo isso?

Paula: Às vezes, como a gente estudava no período da tarde, nós acordava de manhãzinha, ela estava sentada no quarto e aí a gente ia lá. Até mesmo quando ela chegava assim do serviço, a gente também fica com ela bastante.

P.: De onde você acha que vem o gosto da sua mãe por leitura?

Paula: É difícil assim... Dificuldade financeira, para superar as dificuldades que ela tinha só... É...

P.: Entendi. Depois de adulto assim... o seu pai retomou os estudos? Trabalhava em emprego concursado em Diadema?

Paula: Não. Foi em fábrica e aí... depois.

P.: Entendi. Na escola você acha que teve algum professor que incentivou você a ler? Alguma pessoa te incentivou a gostar de escola? Te incentivou a gostar de leitura? Te apoiou?

Paula: Mais essa professora mesmo de português que às vezes ela fazia a gente ler assim, mas às vezes ela conversava com a gente e a gente acabava começando também a gostar de conversar com ela e ela falava para nós que ler é importante...

P.: Qual era o nome dessa professora?

Paula: Gisleine.

P.: E essa Gisleine foi sua professora de que ano, de que série?

Paula: Nossa, ela sempre foi, né? Desde a quinta série até a gente, ficamos lá até a oitava, né? [perguntando para Beatriz] Até o segundo colegial, nós ficamos lá.

P.: Ah, até o segundo colegial.

Paula: É. Sempre foi com a mesma professora.

P.: Como eram as aulas de português dela? Que tinha?

Paula: Bastante gramática.

P.: Ela deu aula daqueles livros assim... famosos?

Paula: Ahã. Bastante.

P.: Deu? E como eram essas aulas?

Paula: Às vezes, não era tão interessante não. Às vezes, muita coisa difícil, mas às vezes, não era muito bom não, mas às vezes até que a gente acabava gostando do livro, de ler assim a história.

P.: Ahã. Você se lembra de algum desses livros que você leu ou do autor?

Paula: O último que ela falou para nós ler foi *Dom Casmurro* mesmo, né. Que a gente chegou a ver o filme na escola. Chegamos a ver o filme primeiro. Aí depois ela falou que seria bom a gente ler a história. Aí acabei gostando do livro.

P.: Ah é, que legal. Qual a diferença que você acha entre ver o filme e ler o livro?

Paula : Acho que não conta tudo...

Pesquisadora : No filme?

Paula: No filme.

P.: Essa Gisleine era uma professora exigente? Ou não? Amiga? Como ela era?

Paula: Ela era assim mais do tipo amiga.

P.: É? Você falou que ela conversava né, com você. Ela conversava com a classe inteira ou conversava com alguns alunos? Como que era?

Paula: Não. Ela conversava com a classe inteira.

P.: É? E o que ela falava?

Paula: Ah, falava às vezes sobre nós, conversava conosco sobre nós mesmos. Sabe... assuntos nossos... dela assim e às vezes de livro, que era bom a gente ler, que a história era interessante, muitas vezes a gente não ia gostar, a gente não ia entender, mas que era muito bom a gente ler. Que se a gente não entendesse, pegasse o dicionário...

Paula: Aí, depois aí... foi assim que a gente começamos também a querer ler.

P.: Ela falou para classe inteira, né? A classe inteira se tornou leitora?

Paula: Não.

P.: E quantas pessoas da classe gostavam de ler igual a vocês gostam?

Paula: Eram poucas, eu acho. Eu acho que umas dez.

P.: É? Uma dez numa classe de umas quarenta?

Paula: É.

P.: O que você acha que tinha de diferente nessas dez pessoas? Elas eram mais comportadas ou elas eram mais boas alunas? Ou não necessariamente? Ou nada a ver uma coisa com a outra? Que você acha?

Paula: A maioria era mais aquelas boas alunas, que estudavam bastante, prestavam bastante atenção.

P.: Ahã. E assim, quando você era menor, você não gostava muito de ir para a escola, aí você repetiu a segunda e aí você falou: “Bom, vou ter que ir, prestar mais atenção, tudo...” Em algum momento você começou a curtir muito a escola?

Paula: Quando, eu acho... a partir da oitava série, eu comecei a gostar mesmo, a falar mesmo: “Nossa, que legal, vou para a escola.”

P.: Ah, tá. Mas era por causa dos amigos ou por causa de aprender ou eram as duas coisas?

Paula: Eu acho que eram as duas coisas. Eu gostava de ir lá ver meus amigos, conversar. E até mesmo sobre livros, conversar com eles sobre livros. A gente pegava bastante e nós assim... nosso grupinho pegava bastante livro para ler. Então, a gente gostava mesmo de ir para estudar e pra conversar com nossos amigos.

P.: Ah. Cada um lia um livro diferente e aí ficavam recomendando o livro pro outro assim?

Paula: É.

P.: Do colégio lá de Poá?

Paula: A gente pegava os livros, depois nós lia e depois sentava e ficava falando do livro, que era muito bom, para eles lerem.

P.: Ah, entendi. Quando vocês iam na biblioteca, quem atendia vocês lá, para vocês pegarem os livros?

Paula: Era um professor que ficava lá.

P.: Direto?

Paula: Direto.

P.: E como que ele era? Era simpático? Não era? Ele recomendava?

Paula: Não. Ele não era simpático, ele não recomendava. Ele simplesmente... ele só ficava sentado na cadeira enquanto os alunos escolhiam os livros e depois ia lá, e ele anotava e só isso.

P.: Ah, tá. Papel assim bem só de controlar o que estava entrando e saindo... mas não...

Paula: Mas não recomendava. Não falava nada.

P.: Quando a professora via vocês, esse grupinho, lendo uma porção de coisas assim... ela ficava orgulhosa?

Paula: Ficava. Ela vinha e falava que era muito bom a gente ler, perguntava que livro a gente estava lendo, ela dizia se já tinha lido. Se ela não tinha lido, ela perguntava para gente se era bom, para ela ler também.

P.: Ah, que legal! E ela chegou a recomendar algum livro assim para vocês?

Paula: Eu não me lembro dela ter recomendado.

P.: Ela falava para ler algum livro assim por causa do vestibular?

Paula: Quando eu estava entrando pro segundo colegial, tinha muito dessas coisas. Ela falava para gente ler bastante.

P.: E assim... Você tinha um livro de língua portuguesa, né? Eu lembro que quando eu... quando o livro chegava, eu pegava o livro e lia todos aqueles textos que tinha. Sabe aqueles textos de literatura? Aí, às vezes, eu falava: “Eu já li os textos.” Eu não ficava lendo a parte de gramática mas... é assim... Vocês liam o livro de Língua Portuguesa, essa parte de texto antes? Essa parte que tinha lá?

Paula: Às vezes, eu lia.

P.: Você acha que o livro de Língua Portuguesa incentivava a ler livros, outros livros ou não, na verdade? Tipo... Ah, eu li um pedacinho e quis ler o livro inteiro?

Paula: Não.

P.: Ah... Eu li um pedaço do *Dom Casmurro* e aí me deu vontade de ler o *Dom Casmurro* inteiro.

Paula: Também não.

P.: Também não. Tá, entendi.

P.: E tinha algum outro professor na escola que incentivava vocês a lerem, fora essa professora de Língua Portuguesa?

Paula: Que eu me lembre, também não.

P.: E quando você ia na biblioteca com sua irmã, com a Fabiana, como era o atendente? Não era em Poá. Isso era lá na Vila Formosa.

Paula: Na Vila Formosa.

P.: Como era a biblioteca? A pessoa que atendia? Que horário que você ia? Você falava: “Oba! Eu vou na biblioteca!”? Ou você falava: “Ai, que saco! Eu vou na biblioteca...”?

Paula: Eu falava: “Oba! Eu vou na biblioteca.” E a gente ia mais ou menos tipo da uma às cinco. Também era bem desse tipo... ela tava sempre sentada, às vezes ela vinha e perguntava o que a gente tava procurando.

P.: Mas ela recomendava alguma coisa?

Paula: Não.

P.: E a biblioteca era um lugar bonito, agradável? Como era?

Paula: Era. Era muito bonito.

P.: É? Como que era assim?

Paula: Grande, muito espaçosa, muitos livros mesmo. Muito bem organizado.

P.: Era um lugar sério ou era um lugar assim... colorido, tipo assim... convidativo para criança? Como que era?

Paula: Colorido, convidativo mesmo!

P.: É?

Paula: É.

P.: Ah, tá. Você se sentia acolhida? Se sentia em casa lá? Ou você ficava um pouco tímida lá?

Paula: Não, eu me sentia muito bem lá.

P.: Porque tem biblioteca que as pessoas às vezes falam que é fria, sabe. Tinha mesas menores para as crianças ou eram mesas grandes para adultos? Tinha uma parte para as crianças?

Paula: Tinha.

P.: E você ia na de crianças com a sua irmã?

Paula: Ia na das crianças com minha irmã.

P.: Ah, entendi. Estou pondo palavras na sua boca, né? [risos]... Mas é isso mesmo, né?

Paula: [risos] Não, é isso mesmo!

P.: Ah, tá legal. E como que é... Como você conheceu essa biblioteca comunitária daqui?

Paula: É que a gente anda bastante e eu tinha visto uma mais para baixo da biblioteca, que chama Bravas Guerreiras, tem uma biblioteca comunitária ali. Só que ali é um pouco mais difícil porque exige mais coisas para pegar os livros. Tem que pagar para pegar livro lá.

Paula: Então, a gente pegou e um dia a gente tava passando na rua e a gente ficou: “Ah, vamos ou não vamos perguntar se é comunitária ou se não é?” A gente ficamos na dúvida se era uma biblioteca comunitária ou se era um sebo.

P.: Ah, a Solano Trindade.

Paula: Isso. Aí ficamos... Aí, porque não tinha placa, não tinha nada, a gente ficou em dúvida e resolvemos ir lá perguntar. Aí a moça que tava lá falou para nós que era comunitária e que precisava só do documento, do RG, e comprovante de residência para fazer o cadastro.

P.: É que eles estão em reforma.

Paula: É, eles estão em reforma.

P.: Acho que vai ficar bonito quando acabar a reforma. E que tipo de livro você gosta de ler hoje em dia?

Paula: Romance, depende do romance eu gosto, de negócio sério.

P.: O que te atrai mais assim no livro, na leitura? Se uma criança de sete anos perguntasse para você: “Tia, por que você gosta de ler? Por que é legal? Por que você prefere ler ao invés de jogar *video game*, ver televisão? Você ia falar o quê? [risos]. Qual é o barato do livro?”

Paula: Meu! É muito mais interessante! É muito mais interessante! A cada página, você vai descobrindo uma coisa melhor. A história cada página fica melhor. Acho que diverte muito mais que ficar jogando *video game*, ficar mexendo no computador.

P.: Assim... fora a sua mãe e essa professora de português, você teve contato com mais uma pessoa que lia? Que te incentivou? Um amigo, uma amiga, uma tia?

Paula: Eu acho que mais esses meus amigos de sala mesmo.

P.: A Andréa, ela te incentivou também? Ou não?

Paula: Não. É mais nós que incentivava ela do que ela [a gente].

P.: É mesmo?

Paula : Foi mais a Fabiana do que ela.

P.: Ah, entendi. A Fabiana gosta de ler o quê?

Paula: Ela lê muita coisa. Ela senta e...

P.: Ahã. E a Fabiana? Você falou que ela está trabalhando.

Paula: Isso.

P.: O que ela faz?

Paula: Ela é operadora de *telemarketing* do Plano de Saúde Medial.

P.: Quando vocês eram menores, ela não falava para vocês lerem? Ou vocês fuçavam nos livros dela?

Paula: A gente mexia bastante nos livros dela.

P.: É? Como que era?

Paula: Até mesmo nos livros de escola que ela deixava em cima, a gente mexia bastante.

P.: É? E ela falava o quê? Ela brigava ou não?

Paula: De vez em quando, ela não gostava muito não, mas a gente mexia, acabava mexendo mesmo assim.

P.: É? Vocês mexiam e às vezes perguntavam coisas para ela sobre a leitura que ela tava fazendo?

Paula: Perguntava! Às vezes, a gente [falava]: “Nossa... esse livro! É bom?” Aí ela falava se era bom, se ela tinha gostado. Aí tinha livro que ela falava assim: “Nossa, é bom ler, hein? É muito bom.” E a gente acabava lendo.

P.: Ah, entendi. E ela tinha livro que era só dela? Estantezinha que ela pegava, assim.

Paula: [Incompreensível].

P.: Hoje em dia ela gosta de ler que tipo? Coisa diferente?

Paula: Eu acho que ela lê mais ou menos a mesma coisa que eu. Pelo menos, eu acho.

P.: Ela também vai na Solano Trindade ou ela pega livro em outro lugar?

Paula: Ela tá fazendo um curso técnico, que agora eu não tenho o nome, ela pega lá. Tem uma biblioteca lá e ela pega lá.

P.: Ah, que legal. E alguma vez alguém falou assim [gritando]: “Pára de ler, menina! Você lê demais! Ficou maluca?” [risos] para você?

Paula: Meu pai.

Paula: Meu pai falou: “Pára de ler! Você só fica lendo o dia inteiro. Pára! Vai fazer outra coisa! Mas aí a gente acaba ficando lá no quarto.

P.: E gibi? Vocês liam gibi quando vocês eram pequenas ou não?

Paula: Lia.

P.: Lia? É? Qual que vocês gostavam?

Paula: Mais da Mônica, né. A gente tinha bastante.

P.: Ahã. E como que era assim...Vocês pediam para sua mãe comprar? Ou sua irmã que tinha?

Paula: Minha mãe comprava. Nós morávamos no mesmo quintal com os primos. E aí a gente descia e ficava trocando com os primos. Até mesmo com os vizinhos a gente trocava.

P.: Ah, que legal. E como que era assim... Todo mundo gostava da Mônica ou tinha gente que gostava de Konan? Porque tem uns meninos que falam: “Eu gostava de Konan, gostava de Homem Aranha...” E aí? Como que era?

Paula: Tinha, tinha bastante, tinha bastante os meninos. Mais os meninos gostavam de Konan, do Homem Aranha, Super Homem, Coringa, essas coisas.

Paula: As meninas gostavam mais da Mônica, essas coisas. Aí a gente trocava bastante.

P.: E esse lugar... onde você morava e que seus primos moravam perto, eles eram primos por parte de mãe ou parte de pai?

Paula: Mãe.

P.: E no caso, os irmãos e irmãs da sua mãe, eles também gostavam de ler, igual a sua mãe? Ou não? Como que era?

Paula: Que eu me lembre, não me lembro muito disso. A minha tia gostava muito de ler.

P.: A tia Ruth?

Paula: Ela gostava muito de ler. Até hoje, ela gosta muito de ler. Às vezes, a gente vamos lá na casa dela, aí ela fala: “Olha, eu tenho um livro aqui em casa que é muito bom. Pode pegar, pode levar para casa, lê e depois vocês me devolvem.”

P.: Ela morava no mesmo quintal naquela época?

Paula: Morava no mesmo quintal.

P.: Ela também então comprava gibis para os filhos dela?

Paula: Comprava.

P.: Ah, legal. E aí vocês iam trocando.

Paula: A gente ia trocando. Mas nunca deu briga entre primos por causa de gibi.

P.: Não?

Paula: Não.

P.: E vocês trocavam livros?

Paula: Com a minha tia, né. Com a Tia Ruth. A gente trocava bastante livro com ela. Até hoje a gente troca bastante livro.

P.: Ah, ela é mais velha ou mais nova que sua mãe?

Paula: Mais nova.

P.: A sua mãe... será que foi sua mãe que incentivou a Tia Ruth?

Paula: É [risos] até hoje ela fala que foi minha mãe que incentivou ela.

P.: É? Ela fala o quê assim?

Paula: Ela fala... Olha, que sua mãe me deu! Até o primeiro livro que minha mãe tinha dado para ela, ela tinha emprestado um tempo atrás para nós e ela dizia: “Ai, meu livro, vocês têm que devolver meu livro, meu livro...”

P.: Ah, é porque é de estimação, né?

Paula: É. É.

P.: E, o livro é... que história é? Você lembra?

Paula: Nossa! Chama *A vagabunda*, o livro. Mas eu acho que é uma literatura. Se eu não me engano, é uma literatura. Eu nem cheguei a ler inteiro, porque era muito grande o livro, antigão, e aí os primos... também tem alguns primos que pedem emprestado, e ela começa a emprestar: “Ah, eu tenho que emprestar para a Renata.”

P.: O nome da minha filha é Renata. Legal! E me fala assim... Essa sua tia Ruth, ela faz o quê? Ela trabalha fora?

Paula: Ela é professora.

P.: Ah, é? De quê?

Paula: De primário, né? Que eu saiba, ela é de primário.

P.: Ah, entendi. Ela é quantos anos mais nova que sua mãe?

Paula: [Incompreensível].

P.: E seu avô, sua avó, pais de sua mãe são vivos?

Paula: Meu vô.

P.: Ele se orgulhava também das filhas lerem ou vocês não sabem qual era a opinião dele?

Paula: Eu nunca vi ele falando assim.

P.: Ah, tá. E quando é que você acha, pensando assim na sua história de vida, quando é que você acha que você começou a gostar de ler sozinha? Não porque sua mãe estimulava, mas porque você mesma começou a falar assim: “Ai, vou lavar logo essa louça, para ir logo ler”. Por exemplo, né? Tô dando um exemplo de mim mesma, na verdade...

Paula: Nossa, faz acho que uns cinco anos atrás, a gente gostava, desde quando a gente morava lá em Poá, a gente pegava, mesmo quando meus amigos assim não lia, sabe, entrava as férias assim, aí a gente não se via. A gente... “Nossa! vamos lavar logo essa louça para ir na biblioteca pegar um livro para nós ficar lendo.”

P.: Porque lá podia pegar mesmo nas férias?

Paula: Podia. Mesmo nas férias.

P.: Ah, era uma escola municipal ou estadual?

Paula: Estadual.

P.: Estadual? E era uma boa escola...? Os professores não faltavam muito...?

Paula: Não faltavam. Sempre estavam lá cuidando.

P.: Vocês estudavam de manhã, de tarde ou de noite?

Paula: De manhã.

P.: É... tem gente que fala assim: “Ah, porque eu comecei a gostar de ler por causa da Igreja, porque eu lia a Bíblia, porque minha mãe era evangélica, tal. Meu pai também lia antes das refeições. Tem alguma influência assim da igreja?”

Paula: Não, porque eu nem cheguei a fazer catequese, tipo, nada dessas coisas. Eu ia bastante na Igreja, mas eu não lia muito não.

P.: É?... E seus amigos que não liam na escola, eles achavam o que desse grupinho que lia? Eles falavam: “Olha lá os nerds!” Ou não?

Paula: Não. Não lembro deles falarem nada assim para gente não.

P.: Ah, tá. Entendi... Você falou que às vezes vocês ficavam com sua mãe antes de ela ir trabalhar. Que horas sua mãe entrava para trabalhar? Na época, que vocês estudaram de tarde, que horas vocês acordavam para ficar lendo com ela?

Paula: Nossa! Nós acordávamos cedinho. Um seis, sete horas. A hora que ela levantava, a gente também levantava.

P.: E aí vocês ficavam lá na cama com ela vendo ela ler?

Paula: A gente ficava na cama. A gente ficava conversando bastante sobre livro...

P.: Quantos anos você lembra de ter ficado assim na cama lendo? Assim, de ter ido na cama, de ter ficado com ela? Porque tem uma fase... que a gente é mais adolescente, que a gente se distancia...

[Incompreensível].

P.: Ficou essa lembrança...

Paula: É, ficou. Todo dia na hora que ela estava na cama, ela estava lendo.

P.: É? Que legal! Tipo assim: já acordei, mas ainda não levantei.

Paula: É.

P.: Ah!E quanto tempo vocês ficavam lá? Meia hora, uma hora?

Paula: A gente ficava muito tempo, a gente ficava mais de uma hora deitada lá e ela lendo e depois ela levantava [e dizia]: “Aí, eu tenho que trabalhar, tenho que trabalhar.”

P.: Ficavam só vocês duas ou ficavam a Andréa e a Fabiana também?

Paula: As meninas ficavam mais de final de semana porque a Fabiana também trabalhava, a Andréa também depois teve um tempo que trabalhava, aí as duas ficava mais de final de semana.

P.: É? Legal! Bom, agora eu posso mudar para a Beatriz?

Paula: [risos] Pode.

BEATRIZ

P.: Então, tá. Então, Beatriz, vou fazer para você algumas perguntas que eu já fiz para a Paula, mas é de propósito né. Porque vocês podem ser gemas, mas ter recordações completamente diferentes das mesmas coisas, né? Por isso tenho que fazer separado, né.

Beatriz: Tá bom.

P.: Então, você se lembra do seu pai... lendo em casa?

Beatriz: Eu nunca vi meu pai lendo em casa.

P.: É?

Beatriz: É. Nunca ele ler em casa. Nunca. Muito difícil meu pai ler. Ele lê assim jornal que interessa para ele. Se não interessa para ele, ele também não lê.

P.: Ah, tá, entendi. Mas ele chega a comprar jornal? Não?

Beatriz: Não. Ele lê lá no serviço dele. Já fui trabalhar com meu pai também várias vezes e lá no serviço dele, lá tem jornal, lá ele lê...

P.: Ah, tipo não tá entrando nenhum carro e tal. E pra passar o tempo ele dá uma olhadinha...?

Beatriz: É. Isso.

P.: Ah, você ia trabalhar sempre com ele? Ou você só foi algumas vezes para matar a curiosidade?

Beatriz: Geralmente, quando ele tá em casa e a gente também está em casa e ele vai trabalhar e não tem ninguém em casa, ele não gosta muito de deixar a gente sozinha. Aí ele pega a gente e leva para trabalhar com ele. E a gente fica lá com ele. Passa a tarde com o meu pai no serviço.

P.: Ah, entendi. E desde quantos anos o seu pai leva? Desde que sua mãe morreu?

Beatriz: É. Desde que a minha mãe morreu, porque quando a gente era mais novinha ele não levava a gente para trabalhar com ele não. Aí depois que minha mãe faleceu, aí ele começou a levar a gente para trabalhar com ele.

P.: Ah, tá. E aí vocês também ficavam de olho lá nos jornais?

Beatriz: Ah...e aí a gente olhava também. Achava revistas dentro das gaveta. Lia as revista, os jornais.

P.: Ah, e que jornal? Que parte do jornal que você gostava?

Beatriz: Eu gostava da parte policial. Me interessava bastante. Eu lia os quadrinhos. Porque sempre tinha quadrinhos no jornal. Eu lia os quadrinhos. Eu acho que era mais, eu gostava mais da parte policial do que o resto do jornal.

P.: Ah, tá. E as revistas, você lia o que caísse na mão?

Beatriz: É. A que caísse lá eu ficava lendo. Podia ser qualquer assunto, eu lia.

P.: Legal! E você tinha preferência por algum jornal específico? Porque lá devia ter vários, não?

Beatriz: Não, não tinha. O que meu pai pegava para ler, ele deixava lá e a gente pegava e lia também.

P.: Ah, tá entendi. Você lembra da sua mãe lendo em casa?

Beatriz: Bastante.

P.: É? Ela lia em que horário, onde que ela lia? Como que era?

Beatriz: Ela lia de manhã antes de sair para trabalhar, quando ela chegava em casa de noite, antes de dormir ela lia, depois que ela fazia as coisas, ela lia um pouco também antes de dormir. Na hora do almoço no serviço, que eu também ia trabalhar bastante com minha mãe, ela lia também.

P.: Ah, tá. E na hora do almoço, ela pegava revistas ou jornais ou era um livro? Como que era?

Beatriz: Era livro. Ela levava a gente na biblioteca e aí a gente escolhia um livro para nós e aí ela escolhia um livro para ela e aí a gente ia lendo assim na hora do almoço dela.

P.: Lá naquela biblioteca da Escola Paulista de Medicina?

Beatriz: Isso.

P.: E nessa biblioteca tinha uma seção para crianças também? Ou vocês já eram grandes? Como que era?

Beatriz: Para criança não. Quando eu era menor,, minha mãe comprava livro e deixava no serviço dela para gente ler lá. Depois que a gente ficou maior, aí ela levava a gente na biblioteca com ela, para gente escolher um livro para nós e ela escolher um livro para ela.

P.: Ah, que legal. E como era essa biblioteca da Escola Paulista?

Beatriz: Não era muito grande não. Mas tinha muito livro. Não tinha espaço para ler lá. Tinha que ir, escolher o livro e levar pra casa pra ler em outro lugar mesmo porque lá não tinha espaço.

P.: E nessa biblioteca qualquer pessoa podia ir ou porque ela era funcionária?

Beatriz: Era porque ela era funcionária e porque ela também era estudante da Escola Paulista de Medicina, por isso que ela podia pegar os livros lá. Se não era estudante e nem trabalhasse lá, não podia.

P.: Ah, E como era o atendimento nessa biblioteca? Era simpático? Não era?

Beatriz: Era simpático. Era uma mocinha nova que devia tá fazendo estágio lá na biblioteca, mas ela era simpática. Ela às vezes dava muita dica para minha mãe, de livro, e minha mãe até pegava os livros e gostava.

P.: Ah, que legal. Ela dava dicas para você também?

Beatriz: Para mim, não. Porque foi poucas vezes que eu fui lá. Das vezes que eu não ia, eu pedia para minha mãe trazer. Em ficava em casa e eu falava um livro assim: “Mãe, eu quero mistério, eu quero ler mistério.” Aí ela ia lá, escolhia e trazia.

P.: Ah, entendi. Você falou que sua mãe lia antes de dormir e quando acordava. Antes de dormir vocês também iam lá na cama da mãe pra ver ela ler?

Beatriz: Com certeza. É porque era pouco tempo que a gente tinha com ela. O tempo que ela tinha, ela gostava de ler, então a gente sempre ficava bem pertinho dela vendo ela ler.

P.: Aí ela lia e já dava livros para vocês lerem também? Ou ela lia e falava para vocês o que ela estava lendo?

Beatriz: Ela lia, falava para gente o que ela estava lendo, explicava muitas vezes também.

P.: Assim... pelo que vocês contaram, seu pai é um pouquinho mais distante, sua mãe era bem mãezona?

Beatriz: Era bem mãezona. Meu pai que é distante, mas minha mãe não era não.

P.: Ela lia e vocês ficavam na cama com ela também. E se fizesse frio ficava mais ainda! [risos]

Beatriz: Ficava mais ainda na cama.

Pesquisadora : [risos.]

Beatriz: [risos.]

P.: E tinha pipoca e tudo?

Beatriz: Tinha. Às vezes, a gente sentava no sofá mesmo. Tinha bolinho de chuva. Ela fazia bolinho de chuva e chá [risos].

P.: É mesmo?

Beatriz: E a gente ficava na sala e ela ficava lendo e a gente enrolada no cobertor, sentada na sala, e ficava lendo, comendo bolinho de chuva e tomando chá [risos].

P.: Nossa, então, na verdade, acho que ler hoje para vocês hoje é assim ...de certa forma, cultivar a imagem da mãe, né?

Beatriz: Com certeza. Vou ler um pouco para matar a saudade dela.

P.: Que bonito, gente, tô emocionada. Acho que é porque eu tenho uma filha agora... E, na escola, você lembra como que foi seu processo de alfabetização? Se você gostava da escola, se você gostou dos professores. Se tinha medo de ir para escola?

Beatriz: No começo, eu era igual a Paula. Eu fazia birra também para não ir para a escola. A gente só entrava na escola se fosse na sala da minha tia, a tia Ruth, que ela era professora na mesma escola que a gente estudava.

P.: Ah! Ela era professora lá?

Beatriz: A gente só ia se ficasse na sala dela.

Beatriz: Aí, nos primeiros dias, ela foi deixando a gente lá pra gente acostumar com a escola, mas com o tempo ela foi tirando a gente da sala dela porque a gente tava bem adiantada e ela dava aula só para primeira série. E a gente já tava adiantada e a gente não podia ficar lá. Na segunda série mesmo, a gente estava e ela dava aula para primeira série e aí a gente foi e a gente fazia birra e minha mãe brigava. Ela falava: “Não é assim...Não é assim.” E aí depois que a gente repetiu mesmo, foi aí que a gente pegou firme na escola. Que aí que eu ia sem chorar. Eu sabia que eu tinha que ir para escola.

P.: Ahã, entendi. E aí essa sua tia Ruth também conversou com vocês: “Vocês tem que fazer assim”?

Beatriz: É. “Vocês não precisam ter medo. Ninguém vai machucar vocês e é bom para vocês estar aqui, porque vocês vão aprender muita coisa, vão fazer amigos, vai ser melhor para vocês estar aqui.” Com o tempo, a gente acabou se acostumando com a escola.

P.: Do que vocês não gostavam da escola? Do que vocês tinham medo?

Beatriz: Eu não gostava do intervalo, na verdade.

P.: É? Por quê?

Beatriz: Porque eu preferia ficar na sala de aula do que acho me misturar com as outras crianças, porque eu sempre fui uma criança tímida. E aí eu não gostava muito de me misturar com as outras crianças. Então, na hora do intervalo, eu não gostava do intervalo, eu preferia ficar dentro da sala de aula.

P.: Ahã. Na escola, no intervalo, as crianças pequenas ficavam junto com as grandes?

Beatriz: Não.

P.: Era separado?

Beatriz: Era separado.

P.: Ah, tá entendi. E assim...você acha que a escola incentivou você a ler, ou não?

Beatriz: Um pouco. Eu tive uma professora que mesmo ela gostava muito de literatura e ela falava muito da literatura para nós. Ela não era bem uma professora.. Era uma professora substituta. Ela ficou só um tempinho com a gente, porque tinha uma professora que ia fazer uma operação e ela ficou um tempinho com a gente e ela gostava de literatura e aí ela falava um pouco das literaturas para nós, lia os trechos de literatura. E foi assim que me interessei para ler o *Dom Casmurro*. Ela leu uns trechos de *Dom Casmurro* que eu achei interessante e que eu falei : “Eu tenho que ler esse livro.” E eu procurei muito esse livro e eu não consegui ler esse livro, na escola de Poá. Eu não consegui ler esse livro de jeito nenhum, porque toda vez que eu ia na biblioteca tinha gente lendo ele.

P.: Entendi.

Beatriz: Eu só consegui ler ele quando eu mudei para cá, pra Cidade Tiradentes. Foi aí que eu consegui ler o *Dom Casmurro*.

P.: E me fala uma coisa: essa professora não era a Gisleine? Era a substituta da Gisleine?

Beatriz: É, ela tava substituindo.

P.: E quanto tempo ela substituiu?

Beatriz: Pouco tempo. Acho que assim uns dois meses ela ficou aqui.

P.: Você estava em que ano? Que série? Você lembra?

Beatriz: Eu acho que era o segundo grau... ou se era o primeiro. Mas foi pouco tempo que ela ficou, uns dois meses. Ela passou um trechinho de *Dom Casmurro*, que eu me interessei

P.: E o que ela falava assim de literatura? Ela foi para substituir a professora de Português e que tinha de diferente entre ela...como que ela chamava?

Beatriz: Tatiane.

P.: Tatiane. Qual a diferença da Tatiane e da Gisleine?

Beatriz: Olha, eu gostava das duas. A Gisleine dava dicas de outros livros sem ser literatura. Ela falava de outros livros sem ser literatura. A Tatiane gostava mesmo era de literatura. Toda aula dela tinha literatura brasileira. Ela falava bastante de literatura e sempre falava bastante de literatura e sempre passava trecho pra gente dos livros de literatura.

P.: Ah,! E ela lia em voz alta?

Beatriz: Em voz alta, trechos... Muitas vezes, ela passava um trecho por stencil e distribuía na sala.

P.: Ah, tá. Aí ela fazia todo mundo discutir? Como que era?

Beatriz: Ela passava questionário sobre aquele trecho mesmo da literatura e tinha que responder e discutir entre a sala.

P.: Ah, tá. E aí você falou que aí você começou a se interessar mesmo por literatura....

Beatriz: De literatura, eu comecei a gostar depois que essa professora foi passando os trechos das literaturas. Mas eu não gostava muito de literatura não, não me interessava, porque achava difícil para ler e eu não entendia. Eu não entendia a linguagem que eles usavam e eu achava muito difícil. E aí, depois que a professora começou a passar os trechos, aí sim... eu fui me interessando por literatura.

P.: Ela passava os trechos e assim ela, tipo, explicava as dificuldades?

Beatriz: É. Falava das dificuldades, palavras que a gente não entendia.

P.: E depois dela você foi ler que obras? Você lembra? *Dom Casmurro* você foi ler depois aqui, né?

Beatriz: É. Fui ler aqui. Eu consegui o com uma prima de lá de Poá, que mora lá, foi ela que me emprestou o livro *Dom Casmurro*. Tenho ele até hoje comigo, mas eu fui ler depois aqui, porque depois da mudança eu não conseguia achar esse livro. Achei que eu tinha perdido. Eu tenho: *Amar é um Verbo Intransitivo*.

P.: Ah, do Carlos Drummond de Andrade.

Beatriz: Eu tenho esse livro aqui em casa. A gente leu ele também. É um pouco difícil, mas a gente leu com o dicionário e ia lendo ele. É um dos livros que eu lembro e o *Dom Casmurro...* de literatura.

P.: Entendi. Hoje, quando você vai lá na biblioteca, você gosta de ler o quê? Você pega o que para ler?

Beatriz: Olha, eu gosto de romance, eu gosto de autobiografia. Eu me interesso mais por autobiografia. A pessoa contando sua própria história é muito mais interessante. Você entra dentro da história.

P.: Ah, entendi. Que autobiografia você leu assim? Eu li *Minha vida de menina*. Acho que foi uma que eu gostei muito. Eu até falei para Paula ler, que eu gostei muito. Eu falei: “Lê! Ela conta a vida dela desde a infância e é muito interessante”. Falei: “Você pode ler que você vai gostar”.

P.: Ah, legal. Quem lê mais de vocês?

Beatriz: Acho que a gente lê igual porque a gente sempre vai na biblioteca e pega dois cada uma e aí a gente lê os dois e aí a gente vai renovar, pegar mais outros dois. Sempre junto.

P.: Ahã, legal. Vocês são aquelas gêmeas que são dão bem mesmo!

Beatriz: É. Nos damos bem.

P.: [risos] Ah, legal. E na escola teve mais alguma atividade assim que você acha te ajudou a gostar de ler? A Professora Gisleine também ajudou? Ou não? Atrapalhou [risos]?

Beatriz: Não, ela ajudou! Ela dava as dicas e tinha os meus amigos que eram os mesmos amigos da Paula, já que a gente estudou sempre na mesma sala. Nossos amigos sempre gostaram de ler. E aí a gente ia na biblioteca junto, a gente pegava o livro, a gente encontrava com a professora Gisleine. Às vezes, a gente não tinha aula com ela naquele dia, mas a gente encontrava com ela lá.

P.: Na biblioteca?

Beatriz: Na biblioteca. E ela perguntava que livro a gente tava lendo, se era bom, se a gente tava gostando. Perguntava do que falava o livro. Ela sempre ajudou a gente, a professora Gisleine.

P.: Ah, legal. Vocês iam pra biblioteca sempre mais assim sozinhas ou às vezes ia a classe inteira?

Beatriz: Ia sempre na hora do nosso intervalo, porque no horário de aula a gente não podia ficar indo na biblioteca, mas no intervalo, juntava o nosso grupinho e já ia pra biblioteca pegar livro.

P.: Ah, tá. Me conta um pouco desse grupinho. A Paula falou que eram os alunos que...

Beatriz: Era, na verdade, da minha sala, do nosso grupinho, porque tinha outros grupinhos também que gostavam de ler, mas não ficavam com a gente. Agora, do meu grupinho, da minha sala era eu, a Paula e um amigo nosso, o Daniel. E tinha das outras salas que já estavam mais adiantados que a gente. Tinha a Ellen, a Carla que eram amigas lá de Poá mesmo e o Daniel, eu conheci mesmo estudando lá na escola. Ele sempre gostou de ler. Assim, juntava todo mundo e ia pegar livro na biblioteca.

P.: Essa Ellen, essa Carla eram da rua de vocês?

Beatriz: Mesmo bairro que a gente, já que o bairro lá era pequenininho e a gente vivia uma na casa da outra.

P.: E vocês trocavam livros com elas e trocavam figurinhas com elas também?

Beatriz: Com certeza.

P.: Ah, tá. E elas estavam um ano na frente? É isso?

Beatriz: A Ellen e a Carla era uma ano na frente que eu, minha irmã e o Daniel.

P.: E você acha que elas também incentivaram vocês a ler ou uma incentivou a outra?

Beatriz: Eu acho que uma incentivou a outra.

P.: Ah, tá entendi.

P.: [dirigindo-se a Paula] Vou fazer para ela a mesma pergunta que eu fiz para você. Se uma criança de sete anos te perguntasse: “Qual é o maior barato de ler, tia? Por que que ler é mais legal do que ver tv ou não fazer nada? Você ia falar o quê?”

Beatriz: Falaria para ele que lendo você pode entrar na história, você pode fazer parte da história. Não é igual na televisão. Na televisão, você vê o que acontece ali, mas você não se vê naquela história. E no livro, você se vê naquela história, você participa da história.

P.: Como assim?

Beatriz: Você passa a ser um dos personagens. Bom, é assim que eu penso quando eu leio. Eu passo a ser um dos personagens. Eu entro dentro da história.

P.: Entendi. E você se lembra de algumas obras, alguns livros, que te marcaram? Que você gostou muito de ler? Ou livro que você detestou e largou no meio?

Beatriz: Eu li *Minha vida de menina*, que foi essa autobiografia que eu gostei muito.

P.: Quantos anos você tinha?

Beatriz: Ah, eu acho que eu tinha uns treze anos, mas eu ainda tenho esse livro até hoje. Eu li ele, depois eu reli quando eu já estava morando aqui de novo em Poá, aqui na Cidade Tiradentes, aliás. Eu reli ele, tanto que foi aí que eu falei para **Paula:** “Lê! Eu gostei demais desse livro”. Eu li também *Um rosto de menina*, que também é interessante. Conta várias histórias num livro só. É muito interessante. Eu li *Princesa encantada*, que também era muito legal. Eu li *Brida* de Paulo Coelho, que eu gostei muito, que eu li ele quando eu morava em Poá. O livro era da minha tia, depois a minha tia perdeu o livro e eu nem terminei de ler ele e, quando eu mudei aqui para a Cidade Tiradentes, eu peguei ele na biblioteca para terminar de ler ele

P.: E esse livro que você tem aqui né, *Minha vida de menina*, você comprou esse livro, alguém te deu de presente? Como que foi?

Beatriz: Eu ganhei das minhas amigas lá de Poá. Elas tinham ele e aí elas me deram. Elas disseram: “Pode ficar para você”. E aí eu peguei, li e gostei demais.

P.: Ah,entendi. Lá quando você ia na biblioteca da escola de Poá como era o atendente?

Beatriz: Completamente antipático, você entrava lá, nem oi ele falava para você.

P.: É mesmo?

Beatriz: Só anotava mesmo o que entrava e saía e mais nada.

P.: Que lembranças você tem de biblioteca?

Beatriz: Eu gostava muito de ir na biblioteca. A gente só podia ir no final de semana com minha irmã, porque ela estudava em horário diferente que o nosso. E a gente, acho que estudava de manhã e ela já estudava à tarde. E a escola dela era longe e ela tinha que sair cedo, não dava para ela levar a gente pra biblioteca, mas ela levava de final de semana. Porque a gente primeiro conversava com a nossa mãe: “Mãe, fala pra Fabiana levar a gente pra biblioteca.” Aí minha mãe pedia e ela levava a gente na biblioteca da Vila Formosa, que era não era perto da nossa casa, e aí a gente passava a tarde lá. Se não pudesse levar pra casa, a gente ficava a tarde lá lendo. E a gente pegava mais livro infantil porque a gente era muito pequenininha naquela época. Mas eu gostava muito de ir na biblioteca de lá.

P.: Você gostava por quê?

Beatriz: Ah, lá era muito legal. Tinha muito livro e a gente ficava muito eufórica para ler lá. Por isso que eu gostava muito de ir naquela biblioteca. E a companhia das minhas irmãs me fazia sentir bem. Porque a gente, eu e a Paula, a gente sempre ficou junto, mas a Fabiana e a Andréa a gente não ficava. A gente não fica muito junto. Eu gostava muito de ir na biblioteca com elas, eu me sentia bem na biblioteca, porque a gente só lia com as minhas irmãs na biblioteca. Na biblioteca da Vila Formosa.

P.: Entendi. Na biblioteca comunitária, aqui de Cidade Tiradentes, como que foi quando você foi lá? Você acha que a própria biblioteca, o pessoal da biblioteca também te incentivou a ler ou você já era leitora antes e eles não ajudaram em nada...?

Beatriz: Ah, eu sempre fui leitora antes, mas a mocinha que atende... que eu não sei o nome dela...

P.: A Fernanda? Uma alta, bem magrinha?

Beatriz: Isso. Ela sempre pergunta: “Ai, que livro você quer ler?” Aí ela: “Ah! Esse eu já li. É interessante. Lê. Vocês vão gostar.” Ela foi extremamente simpática. Eu acho.

P.: Por quê?

Beatriz: Porque convida mais as pessoas para ler, uma pessoa simpática. Você entra na biblioteca e uma pessoa simpática já fala com você, pergunta que livro que você quer ler. Fala se ela gostou, se ela não gostou. Isso é convidativo. Mas, se você entra na biblioteca, a pessoa tá séria, e nem fala com você, você fica perdida na biblioteca porque são várias opções para ler.

P.: Verdade.

Beatriz: Por isso que eu acho que é importante.

P.: Legal. E você acha que a igreja incentivou você a ler ou não?

Beatriz: [Incompreensível] me incentivou a ler no caso da igreja.

P.: Tá. Você ia sempre na tia Ruth?

Beatriz: Ia. Depois que eu mudei pra Poá, eu ia todo final de semana. Depois que minha mãe faleceu. Eu tinha 15 anos, aí eu ia todo final de semana, ia de sexta e ficava até domingo lá na casa.

P.: A Paula também?

Beatriz: A Paula também. Ia sempre nós duas. O meu pai levava a gente pra lá.

P.: Na Vila Formosa?

Beatriz: Na Vila Formosa. Ela ainda mora lá até hoje.

P.: E aí vocês ficavam com os primos também?

Beatriz: Ficava com nossos primos, que já não mora mais todo mundo no mesmo quintal, mas mora perto. Mas a minha tia continua morando lá na mesma casa onde a gente morou e aí todo final de semana a gente ia para lá. E a gente ficava sempre na casa dela. E ela sempre tinha um livro novo para dar pra gente ler.

P.: Ah, legal. E aí no final de semana, a partir dos quinze anos, que vocês ficavam lá, ficavam lendo, ficavam conversando com ela, o que vocês faziam na casa da tia Ruth?

Beatriz: A gente lia bastante livro, ela já tinha computador e a gente mexia um pouquinho no computador e ficava com os meus primos mesmo. A gente saía um pouquinho com eles, mas mais eu ficava lá dentro da casa da minha tia mesmo.

P.: Ah, tá. E seus primos também gostam de ler igual vocês?

Beatriz: A minha prima Raquel, que ela [a tia Ruth] tem quatro filhos. Dois são pequenininhos e dois mais velhos que têm quase a nossa idade. E a Raquel gosta de ler. Só o filho dela, que tem nossa idade, o Rafael, que eu acho que ele não gosta de ler. Pelo que parece, né, eu não sei, porque eu não convivo mais com ele tanto quanto eu convivía naquela época. O Rafael não gostava e a Raquel gostava.

P.: Porque você acha que a Raquel gosta de ler?

Beatriz: Porque a gente pegava os livros emprestado da mãe dela e ela ligava aqui, perguntando: “Você tá com tal livro?”

P.: A Raquel é filha da Ruth?

Beatriz: É. É filha dela. “Você tá com tal livro?” A gente falava: “Estou.” Então ela falava: “Então, traz que eu quero ler também.” E a gente comentava que se ela tinha lido o livro e ela comentava do livro com a gente. Então, deduzo eu que ela também gostava de ler tanto quanto nós.

P.: Alguma vez vocês foram numa livraria?

Beatriz: Ah, eu já fui, mas nem com minha mãe e nem com a minha tia. Eu fui sozinha, já fui com meu namorado mesmo. Eu ia com ele, a gente entrava... Muitas vezes, não para

comprar, porque a gente não tinha dinheiro, mas a gente olhava os livros e eu falava para ele: “Eu quero ler esse livro aqui.”

P.: Mas eu sempre entro em livraria e nunca é pra comprar. [risos]

Beatriz: [risos] Eu também: entro em livraria, mas não é para comprar. É só para olhar. Só para ver. Era o que eu fazia com o meu namorado, já fui com amiga. Ia em livraria olhar assim o livro e sair da livraria [risos].

P.: E o seu namorado também gostava de ler?

Beatriz: Gostava.

P.: É? Você namorou ele quanto tempo?

Beatriz: Três anos.

P.: Você pode falar dele ou vai ficar sofrendo?

Beatriz: [risos] Não, pode.

P.: Ah, tá. Você também falava de livro com ele? Como é que era?

Beatriz: Falava, ele gostava muito de ler, principalmente livro espírita. Ele sempre gostou disso. E aí ele me emprestava porque ele sempre teve um monte de livro e de literatura, ele gostava de literatura, que ele tinha um monte de livro de literatura e livro espírita. E aí a gente trocava livro assim e comentava as histórias.

P.: Você conheceu seu namorado na biblioteca? [risos]

Beatriz: Não. [risos] Foi num baile.

P.: Ele também te emprestava livro...

Beatriz: Ele também me emprestava livro

P.: De certa forma, você também incentivou ele e ele te incentivou?

Beatriz: Com certeza.

P.: Você falou que ele gostava de literatura. Ele gostava de quê? Teve algum livro assim que ele falou “Lê esse aqui que você vai gostar”?

Beatriz: Ah, eu não lembro disso. Ele tinha tanto livro de literatura. Era muita coisa que ele tinha de literatura. Era mais literatura do que livro espírita, na verdade. E ele tinha muito. Ele lia bastante literatura.

P.: Esse é aquele que mora na Praça da Árvore?

Beatriz: Isso. Ele mora na Praça da Árvore.

P.: Você lembra de ir na banca comprar gibi? Ou era sua mãe que trazia?

Beatriz: Eu lembro. Eu lembro de ir na banca comprar gibi.

P.: Como que era assim? Me conta.

Beatriz: Geralmente a gente tava no serviço dela e ela sempre saía na hora do almoço e aí a gente passava na banca de jornal. A gente [dizia]: “Mãe, mãe, compra um gibi, compra um gibi.” E ela: “Tá bom, escolhe lá.” E a gente ia e escolhia um gibi. Quando ela tinha dinheiro, lógico! [risos] Porque nem sempre dava para ela comprar. Mas, quando dava pra ela comprar, quando dava, ela comprava.

P.: Ah, tá. E aí tinha essa coisa de trocar com os primos?

Beatriz: A gente trocava com os primos.

P.: A casa da tia Ruth era no mesmo quintal da casa da sua mãe?

Beatriz: Era no mesmo quintal.

P.: Ah, tá. Lá tinha muito livro, gibi, quando vocês iam lá?

Beatriz: Tinha. Uma porque ela sempre foi professora e aí ela trazia os gibis também da escola, trazia livro infantil da escola e a gente lia. Nossos primos emprestavam para gente e a gente lia.

P.: Analisando assim, sua história de vida, você é diferente da maioria das pessoas assim porque todo mundo fala “as pessoas hoje em dia não gostam de ler”.

Beatriz: Bem diferente. Eu não sei se eu sou diferente. Eu não me julgo diferente por gostar de ler. Eu acho que a gente só se interessou mais. Porque tem gente que gosta de ler, mas nem

tanto. Na minha casa, a gente gosta MAIS de ler. A gente é mais interessada nos livros do que na televisão, no computador e em outras coisas.

P.: Entendi. E você acha que a leitura fez alguma coisa por você? É diferente ter lido? Assim... Tem gente... Sabe quem é o Ferréz? Ele é um cara do *rap*, que ele virou escritor. E ele diz “a leitura me salvou” [Incompreensível].

Beatriz: Eu me sinto, eu acho que eu tô formada agora! Porque eu conheço mais palavras. Eu sou uma pessoa mais culta , mais...[risos]

ENTREVISTA COM DANDARA

P.: Então Fernanda, a entrevista é sobre constituição de leitores, formação de leitores tal...E aí a primeira pergunta é assim: Se você se lembra das primeiras coisas que você leu, como que foi quando você era criança...Assim, por que você acha que você começou a gostar de ler e assim por diante..?

Dandara: Ah,... acho que a primeira coisa que eu li foi gibi né, e... .Ah, eu gostava muito de ler gibi e... o que eu lia na escola também às vezes, na sala de leitura, ficou marcado também ã... os livros que eu li.

P.: Quais foram esses livros?

Dandara: Que eu me lembre, era...Rita alguma coisa...não lembro o título direito, o outro era... *O Amigo da Onça* e...um livro acho que é *Pivete*, acho que é *Pivete* e... um outro livro de mitologia que eu não lembro do que é...

P.: E você lembra quantos anos você tinha quando você leu estes livros?

Dandara: Ah, eu não lembro.

P.: Assim... se você estava na terceira série ou quarta ou quinta?

Dandara: Acho que uns dez, nove, por aí.

P.: Ah, legal, e você se lembra das histórias, o que te mais interessou nesses livros foram as ilustrações, foram as histórias, foi o quê?

Dandara: É que eu sempre gostei daqueles que tenham as ilustrações né um...você quer asas parecia ser menas, menas coisas pra ler assim um desenho, aí depois tinha uma,uma... parte pra ler. Ah,... mais eu gostava era mais das histórias assim achava interessante, era bem...agora tipo aquele do... *Pivete* é bem, era bem real assim mais ou menos, que contava histórias de um menino que morava numa favela, e nasceu na favela aí depois virou menino de rua... acho que isso me marcou bastante, eu não lembro direito a história, depois não tem nem como saber mais, faz tanto tempo, era bom é...ler de novo né pra ver como que é né...

P.: Entendi, legal, e os gibis você lia onde, na sua casa...?

Dandara: Na minha casa, eu comprava, porque antes os gibis era barato e hoje em dia já é um pouquinho mais caro, aí eu comprava e lia direto assim...

P. Dandara: Ah, eu gostava mais dos da turma da Mônica, Cebolinha...Chico Bento, gostava mais destes...

P.: Ah legal, e você lembra com quantos anos você começou a usar, a manusear o gibi, porque às vezes você tem... você já dá uma olhada no gibi sem saber ler, e às vezes é depois de saber ler, você lembra assim como que foi ou não?

Dandara: Não lembro não, não lembro não.

P.: Você não lembra quantos anos você tinha?

Dandara: Não lembro.

P.: Ah, entendi..

Dandara: Mas eu acho que foi depois de aprender ler e a escrever mesmo... porque, quando a gente é criança a gente sempre foi ler alguma coisa, mas se não sabe ler não, aí meio que passa meio despercebido

P.: E depois dessa fase em que você leu o *Pivete*, esse outro, esses outros livros que você falou, você se lembra de mais? Você foi lendo livros maiores ou não, como é que foi? Teve uma fase que você não gostava de ler, como que foi?

Dandara: Ah,... eu lia uns livros que tinha em casa. Na escola, a gente nunca ia muito pra sala de leitura. Então, eu não lia muitos livros, aí eu lia os livros que tinha em casa né, aí... assim depois assim, que eu comecei a ler mesmo foi depois que, de adulto né, e... Quando entrei pra biblioteca, aí eu comecei a ler mais. E depois eu fiquei um pouquinho mais crítica né, eu vi que não era só ler né, tinha que ler com algo mais né, que tem que ter uma visão crítica né...

P.: O que é uma visão crítica, na sua opinião?

Dandara: É assim: você não pode ler qualquer coisa, você tem que ler algum livro que te acrescente alguma coisa

P.: Entendi. E hoje o que você gosta de ler, o que você mais lê agora que você já tem vinte e seis anos?

Dandara: Ah, não... leio assim, não tem uma coisa específica assim. Eu leio romance, eu leio história, ciências sociais eu leio bastante, livros de africanidade. Não tem um específico assim. É um que me chame a atenção, que seja muito... que... que me vai acrescentar alguma coisa, aí eu to lendo assim...

P.: E você falou que você começou a ler mais depois de adulta. Você começou a vir à biblioteca aqui. Como foi o seu contato com a biblioteca? Como você ficou sabendo que ela existia? Por que você procurou a biblioteca pela primeira vez, quantos anos você tinha?

Dandara: Eu tinha uns vinte e três... vinte e dois...vinte e dois ou vinte e três, alguma coisa assim, mas... Foi o mais engraçado porque eu tava querendo ser voluntária em algum lugar aí. Eu sabia que tinha uma biblioteca aqui, eu conhecia uns meninos. Aí eu vim e não foi porque eu quis ler ou alguma coisa assim...

P.: Primeiro você queria ser voluntária em alguma coisa para a comunidade, é isso?

Dandara: É. Eu não encontrava emprego. Achei que, como voluntária, seria mais fácil. Hoje já penso diferente. Aí eu entrei pra biblioteca e tô aqui até hoje assim. Eu adquiri o gosto pela leitura.

P.: Então, como que foi adquirir o gosto pela leitura, quem que te influenciou, como aconteceu?

Dandara: Ah, quando você tá diante de vários livros assim, aí conforme você vai separando os livros, vai tomando contato com os livros, você vai vendo aqueles livros que te interessa, tem uns títulos legais assim. No entanto, quando eu entrei na biblioteca, eu li muito livro de literatura infanto-juvenil. Nossa! Lia direto, na biblioteca não dava tempo de ler que era muita pessoa entrando e saindo. Aí eu começava a ler um pouquinho, aí já levava pra casa e já lia. Até hoje eu sou assim. Tipo assim, se eu vejo um livro, tô mexendo em um livro aqui, aí vejo um livro e já quero ler já, aí vem outro, eu quero ler outro. Às vezes era tanta coisa assim, tanto, tanto livro legal que eu queria ler, [que] no fim, não acabava, não conseguia ler nenhum. Eu começava com um, aí depois já passava para o outro e não terminava o outro. Eu ficava assim, é uma sede de leitura, mas que parecia que travava assim, lia bastante, chegava até um pedaço, aí já queria ler outro livro que eu achava que era mais interessante. Aí no fim eu achava outro e assim ia. Nunca terminei assim de ler um livro, mas eu li bastantes livros daqui, alguns a mais, bastantes livros eu deixei, eu li só a metade. Mas acho que foi assim mesmo com contato com os livros. Conforme você vai folheando, vai arrumando os livros, aí você vai encontrando aqueles que você não tinha visto, aqueles que estavam emprestados e você não viu, aí é assim mais ou menos...

P.: E quanto tempo você ficava aqui na biblioteca como voluntária? Um dia, uma tarde, uma semana inteira, como era no começo?

Dandara: Ficava a semana inteira. Cada um ficava em um horário... A biblioteca funcionava em três horários, aí uma pessoa ficava na parte da manhã, outra na da tarde, outra da tarde entre a noite. Aí a semana inteira ficava assim...

P.: Então, quando eu era adolescente, às vezes, eu lia bastante e minha mãe falava “Nossa! Você lê tanto!”. Ela achava até esquisito. Eu também entrevistei umas pessoas que falaram “Ah, a minha avó, a minha mãe, elas falam “ler é bom” e tal, mas assim, quando eu leio muito elas falam “Aí, você tá lendo demais, vai fazer alguma coisa ou então você vai ficar maluca de tanto ler.” O que a sua família e seus amigos comentavam de ver você lendo bastante? Eles falavam alguma coisa ou não?

Dandara: Não, não falavam nada, não [risos]. Não, ninguém falava nada.

P.: E você tem algum amigo que não gosta de ler e aí fala “Ai, como é que você gosta de ler?”?

Dandara: Ah, isso tem, tem bastante. Até mesmo às vezes tem uns consulentes aqui da biblioteca que não gosta de ler e aí vem só pra pegar livros pra fazer trabalho. Aí você fala “Ah, você tem que pegar outros livros pra fazer comparação, ler”. E eles: “Ah, não. Dá muito trabalho, não gosto de ler!”.

Viche! Tinha um menino que aqui era mó da hora. Ele não gosta de ler, não gostava de ler. Aí, toda vez que ele vinha aqui, eu ficava enchendo o saco dele: “Ah, você não vai levar nenhum livro pra ler? Leva um livro pra ler!” Aí ele: “Ah, não gosto de ler, ler é muito chato!” Aí eu falava pra ele... Toda vez eu indicava um livro pra ele ler. Aí teve uma vez que ele foi fazer um trabalho de literatura, que ele tinha que ler um livro inteiro, só que o livro que ele queria era grosso, bem grosso e tem dois desse, aí ele não ia, eu sabia que ele não ia ler aquele livro. Aí eu peguei um de literatura infantil, infanto-juvenil, que é o mesmo livro, mas só que é feito pra literatura infanto-juvenil, é um romance, mas foi adaptado para a literatura infanto-juvenil.

P.: Para ficar também mais fácil?

Dandara: É. Aí eu peguei e indiquei aquele livro pra ele. Aí eu falei:

- Você tem que ler este livro inteiro, hein? Não vai enrolar seu professor.

- Não, eu vou ler.

- Quero ver, mano, eu já li este livro... Você vai vir aqui e vai ter que falar o capítulo inteiro do livro, como que é o assunto.

- Ah, não eu não consigo ler, eu só vou ler um pouquinho, aí pulo pro final e já entrego para o professor e já era.

- Mas como que você vai saber? Este livro não dá pra fazer isso não.

Aí ele:

- Não, eu vou ler, eu vou ler, você vai ver, você não acredita em mim, eu vou ler. Aí pegou e leu o livro e depois, no outro dia, ele contou a história todinha do livro. Aí outro dia ele já tava vindo aqui, já pegando livro pra ler:

- Fala aí! Você não acreditou em mim. Ô, tá vendo?

Porque eu falava:

- Você não vai ler nada, você vai vir pegar o livro e não vai ler nada.

P.: Você, na verdade, acabou desenvolvendo nele este gosto para ler o livro inteiro, você acha? Depois ele pegou outro ou não?

Dandara: Ah, é. Dei um empurrãozinho, mas o mérito foi dele, porque ele não gostava de ler. Aí no fim ele acabou lendo um, lendo uma coisinha, lendo outra.

P.: E você acha que teve alguém na sua vida que te deu um empurrãozinho também para ler? Do jeito que você fez com ele, teve alguém que também te incentivou?

Dandara: Ah, eu acho que só o pessoal do grupo assim me incentivou bastante

P.: É, o que eles falavam?

Dandara: Tipo... me indicavam livros pra ler... Livros bons... assim pra ler, tinha o Wilson, não sei se você já conhece o Wilson...

P.: Conheço, foi o Wilson, foi o meu primeiro contato com a biblioteca, foi o Wilson que me trouxe na reunião ordinária para eu apresentar a pesquisa, para o pessoal me dar a permissão de fazer a pesquisa

Dandara: Ah, então, ele me indicou vários livros, me emprestou alguns pra mim ler. Ele incentiva bastante... a leitura... algum assunto que estou interessada em saber, ele já me indicou um livro assim. Aí a maioria do grupo é assim: incentiva bastante.

P.: E por que você acha que é legal ler? Que diferença faz a pessoa ler ou não ler, na sua opinião?

Dandara: Acho que a pessoa que lê ela é mais informada, ela tem mais conhecimentos em relação a várias coisas... à nossa vida própria, conhecimentos estão nos livros né. Tudo o que a gente tá vivendo já foi vivido por alguém, já foi escrito por alguém. O que tá acontecendo no mundo, pra você entender, acho que não é na televisão que você vai conseguir entender, só na televisão né? O caminho é os livros também ajudam né, é um meio de comunicação.

P.: E que horário você lê? E onde você gosta de ler? Tem um horário que você gosta mais, de manhã, de tarde ou de noite, um local da sua casa que você gosta mais, que você prefere ler?

Dandara: Um horário específico acho que eu não tenho. Eu gosto de ler quando eu tô sozinha, um lugar assim reservado, quando eu tô sozinha eu já viajo mais assim, sabe? Pego um livro e fico viajando assim na história, tipo como se estivesse vivendo.

P.: E, além de você querer se informar, você falou que é legal ler porque você viaja na história e tal... O que você sente quando você tá lendo? Você acha que é gostoso? Qual é o barato de ler? Por que é legal ler do seu ponto de vista pessoal?

Dandara: Ah, acho que é legal quando você descobre uma coisa que você não sabia e você descobre que sabe. Nossa! Que da hora! Eu não sabia disso! Agora eu sei! Tipo, um dos últimos livros que eu li foi... *Raízes*.

P.: É um livro americano né?

Dandara: É, *Raízes*, que fala da família do [incompreensível]. Aí, ele passa a história todinha, a história de quando ele tava na África, e quando ele virou escravo. Aí a família que eles eram escravos. Aí depois a abolição, aí vai contando a história tudo do que aconteceu nos Estados Unidos na época, assim. Nossa! É demais aquele livro! Assim, tipo você não sabia, você acaba aprendendo num livro que você estava lendo, que um livro que englobou vários assuntos. Nossa! Aquele livro é demais, assim, é... Acho que, quando você não sabe de uma coisa, quando você aprende, é acho a melhor coisa assim que tem.

P.: Entendi.

Dandara: Não sei se expliquei direitinho.

P.: Explicou, explicou.

Dandara: Tá meio confuso [risos].

P.: Não, é isso mesmo. Legal. E você falou que à sala de leitura da escola você não ia muito. Ela não era muito aberta, essa sala de leitura, os professores não levavam muito, você podia pegar livros emprestados na sala de leitura da escola para levar pra casa ou não?

Dandara: Ah, que eu me lembro, acho que não. Acho que não podia levar pra casa, o trabalho tinha que ser feito lá, e a gente só podia ler quando os professores levavam. Eu não sei, eu não lembro se era, se tinha um dia fixo ou alguma coisa assim. Eu só sei que a gente lia o livro lá, aí acabava o horário, você tinha que ler na próxima vez que fosse lá. Você não levava o livro pra casa e terminava de ler ele.

P.: Aí você acha que perdia o fio da meada? Da próxima vez que você fosse, às vezes demorava muito, porque você não lembrava mais direito ou...?

Dandara: Não, acho que eu lembrava do... porque os livros era, na minha opinião, era interessante, naquela época né? Agora já não é mais [risos].

P.: Entendi. E era mais pra fazer pesquisa ou tinha livro assim de histórias também, ou era mais assim livro...?

Dandara: Literatura infanto-juvenil, que eu me lembre, que eu tinha o *Pequeno Príncipe*... Era, só que faz muito tempo. Eu não lembro direito como que era.

P.: E na escola você acha que algum professor te incentivou a ler, foi importante pra você começar a gostar de ler? Você se lembra de alguém que te marcou na escola ou na verdade não?

Dandara: Ah, acho que os professores de português, eu me lembro bastante, acho que eles era bons, mas não sei porque eu sou tão ruim em português... [risos]

P.: Você acha que você é ruim em português?

Dandara: Eu acho não. Eu tenho é certeza... [risos]

P.: Por quê?

Dandara: Ué, porque eu sou ruim mesmo.

P.: É, mas eles te incentivavam bastante a ler literatura, a ler ?

Dandara: Ler, ler, não, que eu me lembre eu não vi nem...

P.: Você acha que tinha mais aula do quê? De gramática, de histórias dos movimentos dos literários, como é que era?

Dandara: Não, acho que naquela época não tinha movimentos literários, ainda na época.

P.: Eles não falavam assim do romantismo, do modernismo, não?

Dandara: Não, era mais gramática mesmo...

P.: Gramática, gramática, gramática... [risos]. Era assim?

Dandara: É, não me lembro de como que era.

P.: Entendi, eles então nem te marcaram tanto, ou marcaram, se você não lembra?

Dandara: É, não lembro

P.: Ta, entendi. Dandara, e na sua família, fora você, tem alguém que gosta de ler?

Dandara: Ah, acho que minha tia. Eu acho que ela lê bastante, mas é mais livro de religião... Acho que o pessoal não gosta muito de ler não.

P.: E na sua casa, quando você era criança, adolescente, você falou que comprava os gibis né, tinha alguns livros também na sua casa e você olhava, na casa da sua tia, alguma coisa assim?

Dandara: Tinha na minha casa, pra ler. Até hoje tem uns livros lá.

P.: É, são livros do quê?

Dandara: É de romance, até tenho um livro aqui também, é tipo Agatha Christie
É, ele tem dois lados assim. Tem um livro de literatura infanto-juvenil também, que é o *Sonho de Uma Noite de Verão*, tem outro de literatura infanto-juvenil, que é *No Mundo do Beleléu...* [risos]

P.: Ah, que título lega!!

Dandara: É da hora!

P.: E quem que comprava esses livros?

Dandara: Geralmente, minha mãe ganhava, aí ela deixava lá em casa e eu ia lendo, ia lendo.

P.: E você tem irmãos?

Dandara: Tenho uma irmã.

P.: E a sua irmã também gosta de ler?

Dandara: Só coisas de religião, não acrescenta em nada.

P.: Que religião que ela é?

Dandara: Sabe que eu não sei... Antes era da Universal, agora eu não sei do que é que é.

P.: Quantos anos de diferença tem entre você e sua irmã? Ela é mais nova ou mais velha?

Dandara: Mais velha.

P.: Tem muitos anos de diferença?

Dandara: Acho que sete anos, eu acho.

P.: Sete anos, é bastante. Ah, então eu estava pensando assim: às vezes, tem até irmãos gêmeos que um gosta de ler e o outro não gosta. E os dois foram criados do mesmo jeito. No caso sua irmã, não é tão próxima a idade, tem uma diferença de sete anos, mas por que você acha que você gosta de ler e ela não gosta? Ou que você gosta de ler de tudo e ela gosta de ler coisas mais relacionadas à religião?

Dandara: Ah, acho que é porque ela gosta de ler negócio de religião e eu não. Acho que é aí vira fanatismo só ler negócio de religião, não ler mais nada.

P.: Entendi. E a sua tia? Ela te influenciou a ler ou...?

Dandara: Não, só fiquei sabendo que ela lê depois que eu conversei. Aí ela mora no interior né, ela tava fazendo uns trabalhos de..., que ela voltou a estudar, aí ela tava mostrando os livros. Eu perguntei, aí ela tava mostrando os livros dela.

P.: Ela tá estudando o quê?

Dandara: Não, ela tava fazendo o supletivo, que ela tinha parado. Aí ela voltou.

P.: Você falou que sua mãe ganhava os livros. Ela ganhava de outras pessoas que já tinham lido e davam pra ela?

Dandara: Ela trabalhava em casa de família, aí o pessoal dava livro pra ela.

P.: Ah, aí o pessoal sabia que ela tinha filhos e davam os livros para ela?

Dandara: É.

P.: Ah, entendi. O que a sua mãe acha, o que a sua família acha de você ler? Eles acham que é legal, que não é legal... Quando sua mãe trazia os livros pra casa, ela falava com entusiasmo “Ah! Eu trouxe os livros! Olha que legal!” ou ela deixava lá pra vocês?

Dandara: Ah, ela falava: “Eu trouxe uns livros pra vocês ler.” Mas ela não falava nada, era normal assim. Nada que “Ah, vocês precisam ler”, não sei o quê, nada.

P.: Não punha pressão?

Dandara: Não [risos].

P.: Entendi. Sabe quando você tinha aqueles livros de língua portuguesa na escola, você achava o quê daqueles pedaços que tinham as histórias, que tinham literaturas, sabe? Tem uns trechos às vezes, trechos de *Dom Casmurro*, aí tem um trecho de outro livro, aí às vezes tem um poema... Você gostava de ler aquilo ou achava chato? Como é que era?

Dandara: Ah, acho que, é... aqui não tem nenhum livro parecido assim, que tinha um por aqui, que eu tinha estudado com ele, tem um texto que são uns textos da hora, assim, nos livros, mas não era Machado de Assis, assim. Não era não. Tinha poemas, mas nada que grave assim como é... Aloízio de Azevedo, você não gravava o quanto isso, não quanto ao nome, gravava só o s textos... Achava é... legal né? Teve um que eu li que eu não esqueci nunca mais. Depois que eu vi aquele livro, eu não esqueci nunca mais até hoje. Aí eu achei aqui na biblioteca, e como a gente não tava precisando de uns livros didáticos, eu levei pra minha casa, aí que ficou marcado, né?

P.: Era que série?

Dandara: Da oitava série, acho que deve ter outro aqui. Acho que deve tá ali atrás.

P.: Você quer pegar lá pra me mostrar, ver lá?

Dandara: Como eu tinha dois, eu acho que dei um pra uma moça que ela tava aprendendo a ler e a escrever. Aí eu tirei pra ela. Mas o livro ele tem um texto que até hoje eu não esqueci, que era um livro que eu tenho hoje também que minha mãe ganhou. O livro é *Capitalismo para Principiante*.

P.: Esse era o nome do texto?

Dandara: Não, esse era o nome do livro que tem um pedaço num livro didático. Aí, neste livro didático tem a charge, a charge do livro, e a frase embaixo. Aí era mais ou menos assim... Como que era a frase?... Eu trabalho, tu trabalha e ele trabalha, depois ele trabalha, ele reclama da inflação e o lucro, alguma coisa assim. Aí isso eu nunca mais eu esqueci. E, naquela época, eu nem tinha uma visão crítica das coisas, nem sabia o que estava acontecendo, mas ficou marcado, na cabeça assim.

P.: E você, na hora, nem percebia por que estava te marcando?

Dandara: Nem sabia assim. Eu só achei bonitinho. Achei a frase muito louca e ficou marcada na cabeça.

P.: A ponto de você ainda lembrar hoje, assim, oitava série faz tempo né?

Dandara: Faz tempo...

P.: Então este *Capitalismo para Iniciantes*...

Dandara: *para Principiantes*.

P.: Aí depois você achou na biblioteca?

Dandara: Não, a patroa da minha mãe que deu pra ela... Aí ela me deu. Aí, quando eu vi: “Nossa! Não acredito! Este livro...”

P.: Que coincidência! E aí você leu ele inteiro ou não só um pedaço?

Dandara: Então, eu fui até a parte da ideologia. Aí, eu resolvi parar e ler outra coisa primeiro pra depois, ler o que é ideologia primeiro pra depois ler ele todo de novo. Eu fiz assim: eu fiz um roteiro, agora eu tô lendo, tô relendo *A origem da família*, pra depois passar pro... *História da riqueza do homem*, porque junta tudo, porque o *Capitalismo para Principiantes* vai desde da origem da família, aí passa pelo feudalismo, até passa pelo quinhentos anos de Brasil. É mó da hora, assim, até chegar em ideologia, até chegar nas fábricas, até chegar nos dias de hoje, é mais ou menos assim. Aí eu tava pensando: “Ah, acho que eu vou fazer este roteiro de estudos pra depois eu ler ele de novo e ler o livro de novo, porque ele é pequeno, mas os outros livros não. Aí é primeiro *A origem da família*, depois *História da riqueza do homem*, é...o outro livro é *Como surge a consciência*, alguma coisa assim. Aí depois eu vou ler *Capitalismo para principiantes*, aí depois eu vou me aprofundando mais...

P.: No futuro, você pretende fazer uma faculdade e tudo... Aí você gostaria de estudar o quê se você for?

Dandara: Então, eu queria fazer Educação Física.

P.: Ah, eu já tava achando que você iria fazer História, porque o pessoal o daqui faz bastante isso né? Só a Maria que faz Biologia né..?.

Dandara: Ou biblioteconomia, mas biblioteconomia é muito difícil.

P.: Pra entrar ou pra ter emprego?

Dandara: De dinheiro né, pra bolsa, esses negócio aí. Acho que é o mais difícil, é o curso mais... acho que mais caro e acho que o mais difícil pra entrar né, bolsa né. Aí melhor ficar na Educação Física mesmo.

P.: Na escola, de que matérias você mais gostava?

Dandara: [risos] Eu gostava de Educação Artística e Educação Física, e Matemática também. Mas, depois, é, eu gostava de Matemática também. Mais engraçado era que, quando você vai prestar alguma coisa, tudo aquilo que eu aprendi nem passa, né? Aí é uma coisa que na Matemática que ensinaram pra gente a gente não viu.

P.: Você acha que a Matemática que te ensinaram não foi toda a que precisaria ter visto pra fazer vestibular?

Dandara: É.

P.: Você sempre estudou, você falou da escola, você sempre estudou na mesma escola, ou você mudou de escola? Que nem a Laís mudou de bairro, então ela estudou eu acho que em três escolas... Você sempre estudou na mesma, como é que foi?

Dandara: Acho que, da primeira à oitava série, eu estudei na mesma.

P.: Como que é o nome dela?

Dandara: Antônio Pereira Ignácio... Ae pois que teve, que foi pra entrar para o Ensino Médio, que antes era primeiro grau, segundo grau, quer dizer, aí deu a maior bagunça porque teve que ir pra um sorteio.

P.: Por que não tinha vagas suficientes?

Dandara: Não, não sei como que funcionava, assim, que antes você da oitava, e você tinha que ir pra um sorteio pra ver aonde você ia estudar. Aí esse sorteio foi no Pedro Taques, pra estudar. Aí teve um sorteio lá, aí chamava pelo nome e você tinha que ir e lá mesmo você escolhia uma escola que você nem sabia, porque aqui já não tinha mais vaga. Aí eu fui cair numa escola lá em Guaianazes, que era Sumie Gowata, alguma coisa assim.

P.: Nome japonês assim?

Dandara: É, aí depois...

P.: Aí você foi pra lá ou não porque lá é longe?

Dandara: Eu fui.

P.: Aí você tinha que pegar ônibus, né?

Dandara: Tinha que pegar ônibus. Aí deu uma briga lá, eu tive que sair. Tentei em outro lugar, na...Inácio Monteiro. Aí não consegui. Aí na Georgino não tinha vaga, as matérias não batiam porque era por semestre. Cada semestre você estudava uma matéria, não sei se hoje ainda é assim, aí... .

P.: Acho que hoje não é mais assim, acho que não.

Dandara: Aí no... Qual que foi... Aí eu fui pro Pedro Taques, aí do Pedro Taques eu fui pro Jorge Belfort. Terminei o primeiro, terminei o primeiro entre esta confusão. Aí do segundo e no terceiro foi no Jorge Luis Borges.

P.: Alguma vez você repetiu de ano?

Dandara: Repeti, a primeira série.

Do fundamental?

Dandara: É.

P.: E assim é... alguma vez você foi em uma biblioteca comunitária diferente dessa ou essa foi a primeira que você veio?

Dandara: Essa foi a primeira que eu vim, pra entrar em uma biblioteca, acho que foi a segunda assim.

P.: A segunda. A primeira foi qual?

Dandara: Foi uma que tinha, não sei se ainda tem no... Guaianazes

P.: Ela é pública ou é comunitária?

Dandara: Acho que é pública

P.: É do governo?

Dandara: É do governo.

P.: E você lembra quantos anos você tinha quando você foi lá, você já tava no Ensino Médio ou no Fundamental?

Dandara: Não, eu estava no Fundamental ainda, nem me lembro. Ah, nem lembro.

P.: Então, agora eu vou te fazer uma pergunta, a mesma que eu fiz para a Laís. Tem família, escola (dentro da escola tem algum professor, a sala de leitura, o livro didático), a biblioteca (e aí em biblioteca tem, a biblioteca da escola, a biblioteca pública e a biblioteca comunitária), tem a igreja, os amigos, utros leitores né, modelos de leitores assim, pessoas que falam assim “Nossa! Esse cara lê pra caramba! Que legal!” ou a qualidade dos livros, dos gibis, das revistas... Assim, na sua opinião, o que foi mais importante pra você se tornar uma leitora nisso tudo, e o que foi menos importante?

Dandara: Mais importante, a biblioteca.

P.: Daqui mesmo né?

Dandara: É daqui.

P.: Esse foi o número um [risos]. Aí tem a....

Dandara: Menos importante?

P.: É. Quem você acha ou o que você acha que não fez diferença nenhuma pra você gostar de ler, pra você se interessar por ler?

Dandara: A igreja.

P.: A Igreja. Tá, então a igreja é o último. E quem vem depois da biblioteca comunitária?

Dandara: Os amigos.

P.: Os amigos, os amigos de onde?

Dandara: Da biblioteca [risos].

P.: Da biblioteca, legal. E em terceiro lugar?

Dandara: Em terceiro... a qualidade dos livros.

P.: Você acha que a escola não desenvolveu muito seu interesse por ler, a igreja também não, e... nenhum professor assim foi genial na escola pra te dar incentivo?

Dandara: Aí não lembro

P.: Não, você não lembra?

Dandara: Pra incentivo à leitura acho que, porque eu adquiri só mesmo aqui mesmo pra ler.

P.: E a sua família? Alguma pessoa, mesmo que distante, você acha?

Dandara: Acho que minha mãe que trouxe meus livros.

P.: Acesso aos livros pela mãe.

Dandara: Apesar que os livros não têm muito conteúdo né, só um que se salvou, [risos], mas é.

P.: Quando as pessoas vêm aqui, você atua como mediadora de leitura, aqui na biblioteca, como agente de leitura. Quando é que você acha que está fazendo um bom trabalho com a pessoa, que você fala “Ah, legal! Hoje, foi um dia bom! Eu consegui fazer alguma coisa com o contato com as pessoas”?

Dandara: Bom trabalho, acho que... assim...

P.: Quando é que você que você se sente gratificada?

Dandara: Legal, não tem um momento assim. É quando vem uma pessoa, você faz amizade com a pessoa. Acho que isso é legal né? Acho que... a questão dos livros, acho que vai da pessoa né? Você indica se ela quiser, se a pessoa quiser indicação, né? Você indica se a pessoa quiser indicação, se você puder incentivar ou alguma coisa assim, eu acho isso legal. Mas não tem uma coisa assim “Ah, você entrou aqui, eu vou ficar no seu pé pra você ler alguma coisa” [risos].

P.: Vai ler [risos]!

Dandara: Não, é que vai da pessoa. A pessoa te pede ajuda. Se você vê que a pessoa não está conseguindo encontrar o que quer, aí você vai e pergunta. Acho que o papel de mediador é deixar as pessoas à vontade. Se você achar que você deve intervir em alguma coisa, aí você vai lá e intervém, indica um livro. Geralmente é assim. Quando as pessoas pedem indicação, eu sempre indico um livro que eu já tenha lido. Acho que é interessante. Ou se a pessoa pede indicação de um livro que eu nunca li, eu pergunto para outra pessoa que também tá procurando um livro que já leu, aí fica tipo aquela troca assim. É uma coisa bem legal, isso é gratificante, tipo você trocou esta troca entre a pessoa.

P.: Então, legal. E tem mais alguma coisa que você lembra sobre o seu interesse em ler? De onde surgiu? Porque, às vezes, a gente começa a falar de um assunto, aí se lembra de mais alguma coisa, que teve um vizinho ou alguém que...?

Dandara: Ah, acho que só as pessoas do grupo mesmo que me incentivaram a ler, e o contato com os livros é importante né. Quando você não tem contato, é meio complicado, porque é um privilégio estar aqui dentro de uma biblioteca. Mas tem pessoas que não têm. Às vezes, não sabem nem que tem uma biblioteca comunitária, e a biblioteca pública fica um pouco longe daqui. Aí não tem contato com os livros, aí não tem como você gostar de alguma coisa se você não tem contato. Aí só tem a televisão lá na sua cabeça. Aí que você não vai gostar mesmo de livro. Se você estiver sem fazer nada com um bom livro do seu lado, não tem nada na televisão, aí você pega o livro e começa a ler. Aí você vai adquirindo o gosto de ler. Acho que é mais gratificante você pegar um bom livro e tipo vai imaginando, delirando em cima do livro, assim é tipo, uma novela, vamos colocar assim, um exemplo horrível, mas você está lá, está vivendo, está vendo o que está acontecendo, mas você está lendo. Aí isso é bom num livro.

P.: Você acha que ler te fez uma pessoa diferente?

Dandara: Acho, sim.

P.: Em que sentido assim?

Dandara: Acho que agora eu sei um pouquinho mais bastantes coisas que eu não sabia, bastantes mesmo. Falo melhor, Ah, há muitas coisas que eu não sei e eu gostaria de saber, tipo, até mesmo questões da história, várias coisas quero ler, quero saber, em casa tô lendo um livro que já quero saber logo do fim, eu quero... Tipo, o livro que eu tô lendo agora é mó interessante. Fala de como surgiu, de como surgiu a família, como surgiu o ser humano, o

homem, o ser humano, homem e mulher, o ser humano. Aí é mó interessante este negócio porque tem vários debates em cima disso, aí nada mais é... pode falar... É nada mais você lendo, tá faltando uma palavrinha no meio que eu esqueci, tipo...

P.: Não tem nada melhor do que você ler?

Dandara: É, nada melhor do que você ler, para você tirar as suas próprias conclusões. Em cima deste livro, tem vários debates. Um debate é o debate da igreja, que fala que o surgiu o homem, surgiu o Adão, que a Eva foi feita da costela do Adão, e o mundo surgiu, que Deus criou. Aí já bate na questão dos cientistas, que tem o Big Bang, que criou o mundo. Aí tem outra questão que o homem veio do macaco. Aí este livro tá explicando mais ou menos, mais ou menos sobre isso, como surgiu, o hominídeo, o homem não sei o quê, aí vai falando como surgiu o homem, como ele vivia, que eles viviam em cima das árvores, pra eles durarem tanto tempo vivendo com os dinossauros. Aí eles tiveram que viver em cima das árvores comendo frutos, aí depois que eles desceram de cima das árvores, eles começaram a comer os peixes, aí eles começaram a viver um pouquinho mais. Aí batia a questão também daquele livro *Capitalismo para principiantes* é mó dá hora! Aí tava falando assim que as pessoas morriam aos dezoito anos, aí passa um desenho que o cara tinha dezoito anos no caixão... Nossa! É muito engraçado a charge!

P.: Tinha que ter filhos então com onze né, porque morria aos dezoito [risos].

Dandara: Aí neste livro tipo *Origem da família*, tá ligado, vai falando, aí tinha mostrando, como que era a... aí fala da homofobia, homofobia, óia tô viajando, ...monogamia, homofobia [risos], fala da monogomia, da poligamia, da poliandria

P.: O que é poliandria?

Dandara: É, aí que era assim antes, aí tipo explica mais ou menos o que é hoje. Os caras que trai as mulheres, aí tipo você vai pegando todos os passado assim, o legal é de você ler é você comparar o que você está lendo, o que aconteceu no passado e trazer, com... Ou você está lendo uma história e trazer para os dias atuais, fazer esta comparação, é muito louca assim pra você aprender.

P.: Eu acho que você vai fazer História, não vai fazer Educação Física [risos].

Dandara: É que eu agora tô me interessando por isso, ler estas questões de história, porque eu não aprendi na escola, muitas coisas passou batido né, teve um... Quando eu entrei no grupo, eles fizeram uma parceria com o pessoal do MSU.

P.: MSU é o movimento...?

Dandara: Movimentos dos Universitários, dos sem Universidade. Aí foi o primeiro que teve, mas fizeram lá no Salgado. Mas, pra entrar nesse curso, tava incentivando a gente a entrar pra fazer, pra ir pra faculdade. Até então, eu nem pensava em entrar na faculdade, era uma coisa bem distante de mim. Quando eu terminei, assim, faculdade, viche, eu não vou entrar nunca! Aí ficaram incentivando, incentivando, aí eu acabei indo. Aí teve que prestar uma prova, aí na prova, ó que baba assim o negócio, caiu sobre o golpe de sessenta e quatro. Aí tava lá a questão: o que aconteceu em sessenta e quatro? “Aí e agora? O que aconteceu em sessenta e quatro? E agora? E agora? E agora? O que aconteceu? O que eu vou responder?” E o que aconteceu, eu não sabia. Aí tipo... a minha prova foi em Guaianazes. Eles ficaram de monitores aqui na Tiradentes. Aí eles começaram a comentar “Caramba! A escola tá muito ruim! É, o pessoal não sabe nem o que aconteceu no golpe de sessenta e quatro. Eu tive que ajudar pra as meninas poderem acertar na prova”. Eu tava pensando que era só comigo, [mas] a maioria não sabia o que tinha acontecido em sessenta e quatro. Aí eu entrei pro cursinho. Aí comecei a fazer, eu aprendi sobre o golpe de sessenta e quatro, ainda não sei tudo, ainda tô estudando eu vou indo aos poucos.

P.: Em que ano você entrou nesse cursinho?

Dandara: Foi em 2003, eu acho.

P.: E 2003 foi o ano que você conheceu o pessoal da biblioteca?

Dandara: Foi.

P.: Que você tinha vinte e três anos?

Dandara: Não.

P.: Você falou que tinha vinte e três?

Dandara: É, acho que sim, é. Não, acho que eu tinha menos. Ó, tô viajando.

P.: Porque, em 2007, você fez vinte e seis, não é?

Dandara: Não, eu vou fazer vinte e sete.

P.: Então, acho que em 2003, você tinha 22.

Dandara: É isso mesmo. Vinte e dois anos. Aí que eu fui, ainda eu não sei de nada assim, aí por isso que eu tô estudando, tô estudando. Agora eu já sei o que aconteceu no golpe de sessenta e quatro... [risos]

P.: Já sabe muito mais.

Dandara: Mas tem muita coisa que eu preciso aprender ainda, e tô correndo atrás. Mas tem que ler vários livros. Se eu pudesse ler uns três livros por dia, já tava mó bom.

P.: Legal. E antes disso, de você começar a estudar, estudar e estudar, você falou que você leu bastante literatura infanto-juvenil, você leu *Raízes*... Você lembra que outros livros de literatura você leu?

Dandara: *Germinal*.

P.: *Germinal* é do Zola, né?

Dandara: É, Emilie Zola.

P.: E você gostou do *Germinal*?

Dandara: Nossa! Adorei! Fala sobre a Revolução Industrial. Nossa! É muito louco este livro! *Os miseráveis* eu li também... Victor Hugo. Nossa! Eu li outros, mas agora não tô lembrando todos... Eu já tinha lido *Origem da família* né, só que eu não tinha entendido muito bem. Agora, eu tô relendo ele, que é do... Engels.

P.: Mas este é de Filosofia, é História, é o quê?

Dandara: Acho que é Filosofia. Não, acho que não é Filosofia não.

P.: Sociologia?

Dandara: Sociologia é, e... Aí tem outros que eu li também, mas agora, deixa eu ver, eu tinha escrito até uma música

P.: É mesmo! Você compõe *rap*, né?

Dandara: Deixa eu ver, *Origem da família*, *Revolução dos bichos*...

P.: *Revolução dos Bichos* é do Orwel, né?

Dandara: É. Nossa! Este livro... Nossa é demais assim, este também é... deixa eu ver... De mãos atadas, que é literatura infanto-juvenil, mas é bom pra caramba! *Praça das dores*, literatura infanto-juvenil também, mas é bom também, fala dos meninos de rua assim, é legal pra caramba... aí *Revolução dos bichos*, *O Capital* não li ainda... Ah, tem outros, mas você sabe que, agora, eu não vou lembrar, não vou lembrar agora.

P.: Dandara, destes você achou que o mais legal foi *Raízes*? Na verdade, é difícil falar, né?

Dandara: É o *Raízes* é muito bom, é bom demais. O *Germinal* é bom também. Acho que é o melhor é *Raízes*... é. Porque o *Origem da Família* eu ainda não entendi, eu tô relendo.

P.: Quantos livros você acha que você lê por ano mais ou menos?

Dandara: Ah, não sei.

P.: Ah, chuta... Não, vamos lá, vamos fazer diferente: quantos livros você acha que lê em um mês? Varia muito?

Dandara: Não, depende do... assim, eu demoro pra ler também, aí por isso que eu não sei quantos livros eu li em um ano, igual esse *Raízes* eu demorei bastante pra ler.

P.: Mas também ele é grosso né?

Dandara: É grosso, mas... e olhe que...é porque eu começo, parece que eu vou devorar o livro num dia só. Aí depois eu desanimo aos pouco assim. Aí eu vou lendo, eu leio uma página, aí passa dois meses, três meses, e eu leio de novo três quatro...

P.: É porque vai misturando vários livros ao mesmo tempo, que você falou, você não terminou um e você já começa outro, né?

Dandara: É tava tipo assim, igual no *Germinal* eu demorei bastante pra ler também porque eu tinha pegado um outro livro que eu tinha achado interessante. Mas eu resolvi deixar ele pra lá, porque um dia eu vou reler, eu vou ler ele de novo, porque eu tava lendo o *Germinal*, aí eu tava tipo meio que, deixando pra lá os dois assim, lia um pouco, aí parava, aí lia o outro, aí parava, não lia nenhum. Aí eu resolvi priorizar um só, o *Germinal*, aí eu li até o fim.

P.: Aí o outro era qual?

Dandara: Era do Shakespeare... *Hamlet*.

P.: E de literatura brasileira? Você falou que você leu estes de literatura infanto-juvenil, você leu algum assim tipo Aloísio de Azevedo, Lima Barreto... Manuel Bandeira.

Dandara: Não.

P.: Não, é... tem Oswald de Andrade, tem Graciliano Ramos.

Dandara: Não, não li, que eu li... acho que é português...*Os Lusíadas*.

P.: E você leu...

Dandara: Não, não eu não li o...

P.: O original...

Dandara: O original... Eu li o de literatura infanto-juvenil, porque o original é bem grossão e, como a gente tá catalogando os livros, ele tá por aí e eu não achei ele ainda.

P.: No momento, você está trabalhando como voluntária aqui na biblioteca... Evocê tem vinte e seis anos, a sua irmã é sete anos mais velha. Então, você é a irmã mais nova de duas irmãs, de duas filhas. Desculpa perguntar, mas quantos anos tem sua mãe?

Dandara: Tem setenta e três.

P.: Você lembra mais ou menos até que ano ela estudou?

Dandara: Até a quinta.

P.: Ela estudou até a quinta quando ela era adolescente ou ela voltou pra escola depois de adulta?

Dandara: Não, quando ela era adolescente.

P.: E você falou que ela trabalhava. Ela ainda trabalha, né?

Dandara: Trabalha.

P.: Em casa de família?

Dandara: Isso.

P.: O seu pai mora com você?

Dandara: Não.

P.: Você acha que você não leu tanto assim, você leu mais autores estrangeiros porque eles são mais famosos, o pessoal da biblioteca incentiva mais, ou você acha que tipo Machado de Assis, Lima Barreto, Guimarães Rosa são difíceis? Por que você acha que você acabou escolhendo coisas internacionais?

Dandara: Ah, acho que o *Germinal* foi o Wilson que me indicou. *Raízes* eu achei no sebo. Aí do pessoal falar tanto de *Raízes*, *Raízes*, *Raízes*, aí eu acabei comprando. *Os Miseráveis*, eu já tinha visto o filme, aí eu vi, aí acabei lendo ele. *A revolução dos bichos* eu achei o texto inteiro, o título interessante aí eu comecei a ler, a... Os outros é brasileiro, mas tipo de literatura assim, eu acho que eu já li, mas eu não me interessei muito. Tipo eu tinha lido Machado de Assis na escola, *Dom Casmurro*, só que eu não li até o final porque a história era muito chata. Não é a história não era chata, a história era até interessante, mas só que a forma de como ele contava, nossa, era muito... muito chata, eu achava maçante, porque ele ia lá atrás, aí voltava, ia lá atrás, aí voltava, ia atrás aí voltava e pra mim já... Como eu já não

gostava muito de ler, aí acabei não pegando outros livros pra ler dele, de Machado de Assis. Mas um que o Gilson me indica bastante, não sei se você já conhece o Gilson...

P.: Conheço.

Dandara: É o Lima Barreto, que ele falou que é bom. Falou que bom é *Clara dos Anjos*. Ele falou que é bom, aí eu tô pra ler, mas só que eu não, é porque... eu acho que eu já li vários, mas agora eu não me lembro, acho que não foi tão interessante assim né. Mas eu já li sim de literatura brasileira, só que agora eu não tô me recordando, mas é porque o assunto agora que me chama mais a atenção é a história mesmo, eu quero conhecer a história.

P.: A história com H maiúsculo?

Dandara: A história inteira desde o começo até...

P.: Não a estória do livro, a história da humanidade?

Dandara: É, a História da humanidade, desde o começo até as guerras, revoluções...

P.: E você acha que vai fazer Educação Física? [risos]

Dandara: Não, eu vou fazer Educação Física [risos]

P.: Tô brincando...

Dandara: Não, eu quero conhecer porque... Nossa! Tem muita coisa que eu não sei assim, muita, muita, muita assim que você fica vendo... Às vezes, fico nos debate, eu fico viajando aí falavam "Ah,... na data não sei de quando, aconteceu isso e isso, nas datas de não sei de quando, aconteceu isso, nos bloco de não sei de quanto". Aí você fica meio viajando se você não sabe, você não leu. Aí você fica meio perdido assim. Mas de literatura eu já li livros de autores brasileiros, mas não de literatura assim eu acho, de literatura eu não me lembro. Mas... o do Clóvis Moura que o Wilson me emprestou, até eu que tô vendo se arrumo um dinheiro pra ver se compro um livro do Clóvis Moura pra mim ler, ...

P.: Que livro que é?

Dandara: Não sei, qualquer um do Clóvis Moura.

P.: Ele é sociólogo? Você sabe o que ele faz?

Dandara: Eu não sei. Acho que ele é historiador. Nossa! Ele fala do povo... É melhor que Darci Ribeiro, ele é, eu acho que ele conta a mesma história, mas só que ele é melhor que o Darci Ribeiro... Ele é bom pra caramba, tem vários livros. O Wilson tava me falando, pra falar sobre a miscigenação... É legal pra caramba, mas tem vários livros assim. Eu não vi romance, mas eu vi literatura infanto-juvenil, que são autores brasileiros também.

P.: É verdade, é você não pode, na verdade, menosprezar a literatura infanto-juvenil, porque acho que é mais difícil escrever literatura infanto-juvenil do que literatura adulta.

Dandara: É?

P.: Eu acho.

Dandara: Eu acho que tem... é um público diferente, mas...

P.: É...você não pode subestimar.

Dandara: É, porque daí que começa o gosto pela leitura.

P.: Exatamente.

Dandara: E, se você consegue colocar um assunto de uma maneira crítica... Nossa! Assim destrói assim, tipo esse livro que eu li *De mãos atadas*. Nossa! Ele é fantástico, porque o cara faz uma comparação, tipo os burgueses, classe média, com a periferia, com a favela assim. O cara é um burguês falido, que ele tá falindo, aí ele... Aí mostra o menino que ele vende papelão na rua, aí tem uns amigos dele que tá na vida do crime assim. Aí a mãe dele tá doente, a desse menino. Aí ele acaba se envolvendo com um amigo dele, aí esse amigo dele seqüestra um menino e o menino, ele é deste empresário falido que está falindo. E é mó engraçado assim porque o cara... ele tá em uma fábrica, aí tem os empregados dele lá, os empregados tão... humildes, sei lá como é que fala, zoados, que os empregados fazem vaquinha. O cara não paga, eles faz mó cara. E os caras ainda fazem vaquinha pra pagar o resgate do filho dele. E juntam tipo uma sacola de moedinhas e tipo jogam lá na mesa do cara pra pagar o resgate.

Aí o cara olha assim, tipo desfaz deles né, tipo “Isso não dá nem pra pagar a metade do resgate, não dá pra pagar nem um terço do resgate”. E os caras fazendo vaquinha pra pagar o resgate e o cara tipo humilha eles. Aí dá mó rebuliço na história, mó da hora assim, porque faz uma comparação de como é a vida de um rico falido e de um pobre que não tem nem o que comer. Aí a mulher dele vai no shopping e no...

P.: Continua gastando.

Dandara: É, e no... Nas regalias, é que tem que diminuir o uísque, tem que diminuir não sei o quê, não pode ir não sei onde, é tudo... .

P.: Supérfluo assim...

Dandara: É supérfluo assim, tipo o menino não tem nem o que comer, a mãe dele passando fome, a mãe dele morre, e ninguém fica sabendo, tipo vive na miséria mesmo, miséria, não tem nada, nada assim. Depois até o nome fica sujo, porque, no fim, ele acaba matando o amigo dele pra salvar o menino, que é burguês o menino. Aí, ele leva o menino, não fica com o dinheiro e nem nada, salva o menino, vai embora e fica andando na rua sozinho. Termina assim o livro: o menino fica sozinho andando na rua, entrega o menino, tá com o nome sujo e a polícia atrás dele, e os ricos...

P.: É meio trágico né, meio não, bem trágico, né?

Dandara: É de literatura infanto-juvenil. Nossa! O livro é muito da hora... É uma prova que dá pra você simplificar uma coisa, mas ser pesado naquilo que tá pegando, e tipo mostrar para as pessoas que nem tudo é flores né. Tudo acontece, tava fazendo...

P.: Uma comparação né?

Dandara: Uma comparação né, como que os ricos vivem e como que vivem os pobres.

P.: Legal, mas é verdade: a literatura infanto-juvenil tem essa característica de fazer a pessoa começar a gostar de ler ou não. Então, ela tem uma responsabilidade grande né? E o gibi também?

Dandara: O gibi... Tem uns que tá saindo agora que o pessoal fala que é mó caro, tá vindo com uns temas bem polêmicos assim, bem da hora assim. Tipo tem um que parece que fizeram da Liga da Justiça, é outro nome que eles parece que estão cadastrando os heróis pra... trabalhar pra eles, os políticos, os burgueses. Mas os super-heróis se revoltam. Aí tem uma parte que vai trabalhar pra população e a outra parte vai trabalhar pro governo...

P.: É, para as elites, né?

Dandara: É. Para as elites, é. Aí fica mó conflito entre eles, aí o pessoal tava vendo se ia conseguir comprar estes gibis.

P.: E é gibi?

Dandara: É gibi.

P.: Mas é gibi sofisticado?

Dandara: É. Ah, estes gibis têm umas coisas que dá pra você, mas é mais pra viajar assim, leitura assim quando você não tem nada pra fazer, você dar uma risada assim...

P.: Sabe o que eu adorava, adorava ler, eu gostava de Mônica, Cebolinha, mas eu gostava do Chico Bento eu achava Chico Bento muito legal [risos].

Dandara: Da hora [risos].

P.: Muito legal mesmo... Então, se eu lembrar de mais alguma coisa, eu posso te perguntar depois?

Dandara: Pode.

P.: Tá bom. Então, vamos encerrar. Muito obrigada.

ENTREVISTA COM FRIDA

P.: O que você gosta de ler, o que você está lendo hoje em dia, você se define uma boa leitora?

Frida: Eu me defino uma boa leitora, mas eu acho que eu poderia ler mais. Mas eu não consigo ler mais talvez pelo meu cotidiano de trabalhar e estudar. Mas eu gosto de ler muitas coisas. Gosto de ler romance, gosto de ler questões sobre política partidária, sobre educação, sobre criança e adolescente. E o que estou lendo agora é um romance que chama... ele vai contando um pouco a história dele porque ele desde criança ele trabalha numa fábrica e aí vai mostrando todo processo que passa uma criança que trabalha desde muito cedo. É alguma coisa... Vagabundo, o nome do romance, né. É porque eu leio muita coisa também muito junto. Então, por exemplo, eu estou lendo muitas coisas ligadas ao estágio, que eu faço estágio sobre assistência social e então eu tenho que ficar lendo muito sobre isso, mas no caso dessa leitura é uma leitura porque eu gosto de ler por prazer e a outra é porque é necessária ler, né. Então, eu to lendo mais ou menos isso.

P.: Legal. Você faz estágio em assistência social e você fez graduação em quê? Você tá fazendo graduação?

Frida: Eu faço graduação em Serviço Social.

P.: E onde você faz? estudo na PUC.

Frida: Eu

P.: Você tem uma bolsa, como que é? Tenho, tenho uma bolsa da faculdade.

Frida:

P.: Quantos anos você tem?

Frida: Tenho vinte e quatro.

P.: Em que semestre você está? estou no sétimo semestre, que já é o último ano já.

Frida: Eu

P.: Ah, então já está para acabar. porque é por semestre. São oito semestres.

Frida: É

P.: Você lembra quando é que você começou gostar de ler, como é que foi? Quais foram as primeiras coisas que você leu, se foi gibi, se foi revista, se foi livro de história infantil? Como que foi quando você começou a ir para a escola, a ser alfabetizada, você curti ou não curti, como que era?

Frida: Ah, que eu me lembre desde criança eu sempre fui muito aplicada, tanto é que desde criança eu queria ser professora. Então, eu nunca repeti nas aulas, sempre me envolvi muito na escola. E eu me lembro que eu comecei a ler gibi, meu pai e minha mãe sempre me deu gibi da Mônica, da Magali, esses gibizinhos assim e eu comecei a ler desse jeito. Eu sempre gostei de ler, eu só não tinha uma leitura direcionada como eu tenho hoje. Eu não leio qualquer co... Por exemplo, questões sobre religião assim espírita, sabe esse tipo Zibia Gasparetto, o pessoal gosta muito de ler sobre isso. Eu já não me interesso por esse tipo de leitura. Agora, eu já me interesso por outras questões, sei lá, que fala deo criança e adolescente que fala sobre como a sociedade está organizada, de outros tipos de sociedade. Mais política né. Mas eu comecei lendo gibi e gosto de ler gibi ainda e história infantil também gosto.

P.: E que gibi você lia? Mônica, Cebolinha?

Frida:

Mônica, Cebolinha, Magali. E também gosto muito da Magali e do Cascão também.

P.: E da melancia... [risos]

Frida: [risos]. É, da melancia. É bem legal. Então, é desses gibizinhos assim, adoro ler ainda. E meus irmãozinhos lê também.

P.: Você é a mais velha?

Frida: É, eu

sou a mais velha e eu tenho um irmão de seis anos

P.: Ah, que bonitinho. **Frida:** É. E ele já lê. Tá lendo assim, mas tá lendo assim, fica lendo. Mas ele já tem contato com o livro, com os gibis e isso já uma coisa boa, né. Ele gosta de escrever, ele não está nem na primeira série e já sabe escrever o nome dele.

P.: Você que incentiva? **Frida:** É.

Minha mãe, eu e a própria escola também incentiva. Então, é legal.

P.: E você tinha quantos anos quando seu pai começou assim a comprar gibi, sua mãe...

Frida: Ih, meu Deus. Deixa eu ver. Quando eu comecei a ler, né. Com seis ou sete anos, por aí. Eu não me lembro muito bem, mas deve ter sido nessa faixa de idade. Eu acho que era.

P.: E depois de ler gibi assim, você lembra o que você leu?

Frida: Você fala assim depois do gibi?

P.: É. Quando você era bem pequena, você lia gibi e tal. Até quantos anos você ficou no gibi e você lembra se teve alguma... quando foi que você leu seu primeiro livrinho ou alguma coisa assim?

Frida: Deixa eu lembrar. Acho que quando eu comecei a ficar adolescente por mim mesma. Eu fui lendo outros tipos de coisas, né. Eu comecei a ler história infanto-juvenil. Um livro que eu me lembro que eu tenho até hoje e que ele tá muito antigo, mas que também tem aqui na biblioteca e que chama *Uma queda para o alto*, que é uma menina que ela é homossexual e que ela passou pela FEBEM. Esse livro eu lembro porque eu tenho esse livro até hoje. Então, eu li quando eu era adolescente esse livro. Eu não entendia muito bem, entendia que era estória... Hoje eu entendo o que mesmo o livro quis trazer. Mas quando eu li, li assim “Ah, é uma história legal.” Então é um desses livros assim eu lembro que eu comecei a ler. Mas eu lia livro assim que conta histórias reais mesmo, coisas que acontecem. Eu acho que chama mais atenção, fatos verídicos.

P.: Tipo biografia das pessoas.

Frida: É, biografia das pessoas, a história das pessoas... É... eu gosto assim de histórias verídicas, que aconteceram mesmo.

P.: E você lembra onde você pegava esses livros de literatura infanto-juvenil? Se era uma tia que te dava, era um vizinho, era na biblioteca da escola... Como que você acabava tendo acesso? Era a professora da escola que mandava ler, como que era?

Frida: Na biblioteca da escola. Porque a maioria das escolas tem biblioteca, né. Como eu não morava aqui na Cidade Tiradentes, então na escola que eu estudava tinha biblioteca, você podia pegar o livro. Aqui já tem um acesso mais restrito. Às vezes algumas bibliotecas a escola não deixa o aluno se aproximar da biblioteca. Não fortalece aquele espaço ali de leitura, né

P.: Onde que você morava antes? **Frida:**

Morava no Jaçanã, na zona norte.

P.: E você veio para cá com quantos anos? **Frida:**

Eu vim para cá eu tinha oito anos.

P.: E lá nessa biblioteca do Jaçanã como que era, a professora que levava ou você que ia?

Frida: A professora que levava. Depois você poderia também ir na biblioteca pegar, mas aí eu já não me lembro, porque, como eu era muito nova, eu já não lembro se eu chegava a ir muitas vezes. Mas eu sei que a professora sempre trazia algum livro e tinha dias que era o dia da leitura, então é uma forma que acho que dá estímulo a ler né.

P.: Você gostava desse dia? De ir na biblioteca?

Frida: Gostava, gostava.

P.: E como que era essa biblioteca, tinha cadeira ou era? Como que era o ambiente, você lembra mais ou menos?

Frida: Lembro mais ou menos. Lembro... tinha a estante, tinha a mesa, acho que a mesa era redonda, tinha umas cadeirinhas, era um espaço – como se fala? – bem... bem tranquilo de

ler. E bem organizado também. Era uma escola muito organizada. Eu gostava daquela escola. Era uma escola bem boa, não sei se está boa ainda, mas era muito boa.

P.: E você gostava da professora também?

Frida: Gostava, gostava.

P.: Quando você veio para cá, aí a biblioteca das escolas já não emprestava os livros...

Frida: Não. Não emprestava os livros. Não emprestava. Tinha também esses momentos de leitura né, mas eu nunca fui de ir na biblioteca da escola pegar o livro, fazer o trabalho. Eu sempre fui em biblioteca fora. Então, por exemplo, eu ia em Guaianazes, que é a biblioteca que eu lembro na época, né. E agora tem umas mais próximas assim, pública. Mas naquele tempo era só a de Guaianazes, que eu me lembro. Aí eu ia lá fazer trabalho.

P.: Mas lá você pegava livro emprestado ou não?

Frida:

Pegava. Pegava livro emprestado.

P.: Podia trazer para casa?

Frida: Podia. Eu só não pegava livro para ler, era mais para fazer trabalho. E aí já foi o momento que distanciou da leitura né. É, porque aí, como você só vai pra aquela finalidade de pegar o livro pra fazer o trabalho, não é uma coisa que é só pra você ler por prazer porque você gosta, né? Mas aí eu já lia outras coisas, já lia revista, sempre teve essa coisa de ler mesmo.

P.: Ah, legal. E alguém na sua família te incentivava a ler, seu pai, sua mãe...?

Frida: Minha mãe lê muito. Minha mãe lê muito jornal, revista. Então, assim, de ver minha mãe lendo, eu acabei lendo também, jornal, revista. E ela gosta de ler. Eu também gosto de ler. Então, é a minha mãe.

P.: O seu pai nem tanto?

Frida: Não, o meu pai nem tanto. Acho que eu nunca vi... acho que ele lia muito mais jornal. Mas ler mesmo assim com aquela coisa de ler mesmo, não. É mais jornal que ele lia.

P.: E era tipo jornal de bairro, jornal...?

Frida: Jornal tipo assim tipo Folha de São Paulo, esses jornais assim... Diário de São Paulo, esse tipo de jornal.

P.: E o que sua mãe fazia naquela época, ela era dona de casa, ela trabalhava fora, o que ela fazia?

Frida: Naquela época, minha mãe trabalhava. Ela trabalhou, eu lembro que ela trabalhou em várias coisas, então... mas ela trabalhava. Hoje ela não trabalha, está desempregada, mas ela lê assim tudo que eu trago ela lê.

P.: É porque é diferente a sua história, porque normalmente as pessoas que eu entrevisto falam que os pais não liam e algumas pessoas falam até que os pais não sabiam ler. Então, seus pais parecem ter tido mais escolaridade do que...

Frida: Por incrível que pareça, não. Porque meu pai não tem nem o ensino fundamental completo, ele tem uma letra extremamente bonita. Ele é uma pessoa extremamente... Para mim, ele é um autodidata, porque o meu pai não tem uma formação na área de engenharia, essas coisas, mas ele entende muito, ele entende muito mesmo.

P.: Ele é tipo um mestre de obras ou ele é...?

Frida: Na verdade, ele trabalha em hospital, na manutenção de hospital, no sistema elétrico.

P.: É como se ele fosse um engenheiro elétrico assim ou um engenheiro eletrônico...

Frida: É como se ele fosse, mas ele não é graduado, por exemplo. Então, ele faz mapa, croquis, esses negócios. Quem vê a letra dele não vai falar que ele... sei lá, eu não sei onde ele parou, não lembro a escolaridade dele... só sei que ele não terminou o fundamental. Ele não mora comigo né. Então ele não tem muita escolaridade, mas tem uma boa escrita. Minha mãe agora é que terminou o ensino médio. Mas, na época que ela trabalhava, ela também não tinha muita escolaridade. Ela já começou a incentivar também porque ela veio terminar agora o ensino médio, mas ela sempre leu, sempre leu bastante. Não tem uma boa escrit... Hoje, acho

que ela melhorou na caligrafia, o jeito de escrever, mas ela lê. Ela lê e ela entende, ela sabe discutir as coisas.

P.: E por que você acha que você foi uma boa aluna? Sua mãe e seu pai te incentivaram a ter uma boa relação com a escola, com o estudo? Eles falavam: "estuda minha filha que você vai para a frente" esse tipo de coisa? Ou...? Por que você acha que era uma boa aluna?

Frida: Ah, assim, porque eu acho que eu sempre procurei prestar atenção no que as professoras falavam, tentar fazer o melhor possível. Então, eu tirava boas notas, não tinha faltas, as professoras... porque nas escolas sempre tem esse negócio (hoje, eu sei que é ruim, mas antes eu achava bom) porque, por exemplo, às vezes a professora achava que o aluno tinha uma boa dedicação, então ela pedia: "Ah, passa esse texto aqui na lousa". Hoje tem uma discussão mais crítica do professor que pede isso para o aluno ficar passando a lição na lousa, mas naquele tempo eu achava bom porque eu sentia que a minha letra era valorizada pelo professor. Era uma forma de valorizar aquilo que eu tinha de bom e era a escrita, a forma de escrever. Então, eu achava legal isso. Eu falava: "Ah, então, eu devo ser uma boa aluna, se a professora acha legal a minha letra, quer dizer que eu tenho futuro." E aí surgiu essa coisa de querer ser professora porque eu percebi que, para ser professora, você tinha que ter uma boa letra, você tinha que ler, tinha que entender e até mesmo não ficar fazendo bagunça. Não que eu não bagunçava. Depois da quarta série, eu bagunçava, bagunçava, saía da sala, aquelas loucuras de adolescente. Mas eu sempre tive boas notas, nunca tive problema na escola, isso daí eu não tive mesmo. Eu acho que eu era aluna. Mas hoje eu avalio que, quando já foi para entrar na faculdade, o ensino, o ensino que eu tinha não era suficiente, porque você vai tentar entrar numa universidade como a USP você não consegue. O seu ensino não permite que você consiga fazer um vestibular daquele. Então, não foi tão bom assim. Eu acho que o ensino médio meu não foi bom.

P.: Aqui o da Cidade Tiradentes?

Frida: É o da Cidade Tiradentes. Agora, o ensino fundamental eu acho que foi legal, foi bom.

P.: O que teve de diferente entre eles?

Frida: Eu acho que é o ensino e não sei se onde eu morava, porque tem escola pública que o ensino público é bom. Agora, tem umas que eu não fui... é defasagem escolar mesmo, é alguma coisa mesmo do sistema de ensino ou do próprio comprometimento do professor que não consegue envolver os alunos. Quem mora num bairro como o da Cidade Tiradentes é muito mais difícil porque aqui a maioria das pessoas estão desempregadas, tem muita gente e, então, tem muito aluno dentro da sala de aula... Então, eu lembro que na outra escola que eu estudava não tinha tanta gente.

P.: A outra qual...?

Frida:

Que era na zona norte.

P.: Ah, tá. Foi até os oito anos?

Frida: Isso. Não era tanto aluno assim. Agora aqui na Cidade Tiradentes, se você for pegar é quarenta alunos, quarenta e cinco. É muita gente e o professor não dá conta porque também os alunos... cada um tem várias histórias diferentes, jeito diferente. Então, eu acho que é isso né.

P.: Seu pai e sua mãe eles te falavam "filha, lê que é bom"?

Frida: Falava, falava. Sempre incentivou a ler. Não só falou como também dava gibi para ler, historinha infantil. Minha mãe faz isso ainda com meu irmão. Pega o livro, dá na mão dele e ele está lendo, diz que tá lendo, né [risos].

P.: Ah, legal. E você disse que, nessa época que você ia na biblioteca pública de Guaianazes só para pegar livro para fazer trabalho foi um tempo de afastamento da leitura. Quando foi a reaproximação com a leitura?

Frida: Foi quando eu já estava me aproximando mais da biblioteca aqui.

P.: Da Solano Trindade?

Frida: Eu sempre li revista, porque, como eu gosto muito de *hiphop* e *rap*, então tem algumas revistas que são sobre *rap*...

P.: Que revistas são?

Frida: Tem a *Rap Brasil*, tem umas de *hiphop* que eu não vou lembrar o nome, mas eu sei que a *Rap Brasil* é uma muito conhecida, que todo mundo compra e não é uma revista... na época, não era muito cara né. Então, assim, eu sempre... eu mesma comprava a revista... Só não comprava livro, por exemplo, como hoje eu compro. Hoje eu compro, né? Se tiver que comprar, eu compro... um livro sei lá sobre educação, sobre sexualidade, não tinha isso não. Mas era mais revista mesmo. E assim lá pelos quinze, dezesseis, dezessete anos eu já não estava mais focada na leitura. Estava mais focada em outras coisas. Sair, ficar com os amigos, namorar, esses negócios e não de ficar lendo né [risos], mas não que eu nunca tive gosto de ler, né.

P.: E que horário que você lia? Onde que você lia? Na sua casa? Você lia de noite, de madrugada?

Frida: Era mais de noite na minha casa.

P.: Tinha mais silêncio?

Frida: Tinha mais silêncio. Tinha mais silêncio. Era bom né, mais tranquilo você vai lendo assim.

P.: Você disse que acha que seu ensino fundamental foi melhor do que seu ensino médio. Você acha que o ensino fundamental te incentivou mais a ler do que seu ensino médio?

Frida: Eu acho.

P.: Quando você pensa assim nos professores de língua portuguesa ou mesmo nos outros professores, como é que você avalia esse período?

Frida: Para mim, eu acho que o ensino fundamental foi melhor. Até no sentido de incentivar a leitura, porque os professores, pelo menos os que eram meus professores, sempre incentivou a ler, que era uma coisa importante que trazia conhecimento, que trazia informação e que isso futuramente ia te trazer um retorno. Agora, no ensino médio, não sei, os professores... não sei se é porque já é um pouco mais... mais amadurecido, porque no ensino fundamental você é criança para adolescente. E, no ensino médio, você já está indo para a fase ali dos dezoito, essa idade, indo para essa idade, então eles não têm muita prática de falar que tem que ler, que tem que... que tem que... sei lá, que é uma coisa importante. Da minha parte não, que eu me lembre o ensino fundamental foi muito ruim.

P.: Entendi, o ensino médio no caso.

Frida: É, o ensino médio.

P.: E aqui em Cidade Tiradentes tinha também o dia da leitura pra ir na biblioteca?

Frida: No ensino fundamental.

P.: No médio, não?

Frida: No médio, não. Que eu me lembre, não.

P.: O ensino médio é justamente o período que se ensina mais literatura, literatura brasileira, os clássicos da literatura brasileira e tal. Você teve que ler alguma coisa no ensino médio? Como que foi a experiência de ler isso? Você gostou ou não gostou?

Frida: Não gostei. Talvez, não sei se foi da forma como trouxe, mas eu não gostava não. E não gosto ainda de literatura, essa clássica assim. Se você pegar Barroco, eu não gosto dessas leituras. Não dá. Não sei se é porque não tem... não expressa o que eu vivo, mas eu sei que tem coisas que já passou e que é importante, mas eu não gosto de ler. Sabe aquela coisa chata? Você pegar... Tem uma literatura, por exemplo... Hoje, o pessoal fala que é legal ler *Primo Basílio*, tem o Lima Barreto... Mas esse gosto de ler, por exemplo, o Lima Barreto é incentivo do pessoal do grupo aqui do *Força Ativa*. Então, algumas literaturas eu só aprendi a gostar porque eu vi que é... do jeito que o pessoal trouxe, para mim, é diferente.

P.: Como que eles trouxeram?

Frida: Por exemplo: quando trouxeram Lima Barreto, Cruz e Souza, pelas características deles, de serem negros de escrever... da forma que eles escreveram como eles eram tratados naquela sociedade, que eles viviam como negros, né. Então eu acho legal assim e eu até aprendi a gostar. Mas não é uma coisa que eu quero ficar lendo. “Ah, ficar lendo Lima Barreto!” Eu sei que é importante e se eu tiver que ler, eu vou ler, mas não que me agrada.[risos] Da forma que está escrito, da forma que eles escrevem não...

P.: Você acha muito complexo?

Frida: Eu acho diferente. Acho diferente. Não sei explicar bem, sei que é diferente. Não é uma linguagem, como eu vou dizer, popular e que é fácil de entender, né. Tem algumas palavras que acrescenta pro conhecimento, mas eu não gosto de ficar lendo.

P.: Você falou que, com a biblioteca, você se reaproximou da leitura. Me conta como que foi que você começou a vir nessa biblioteca. Por que você veio pela primeira vez?

Frida: Comecei a vir na biblioteca porque eu tinha uma amiga que já freqüentava a biblioteca e já conhecia algumas pessoas do *Força Ativa*. Ela não era do *Força Ativa* e nem eu. E como eu gosto muito de ler e eu achava muito legal e eu sempre achei depois que eu vim morar pra cá, depois que assim eu fui crescendo mais, eu queria contribuir, porque eu sei que era um lugar difícil de se viver, morar e tem todo aquele preconceito de morar em Cidade Tiradentes. E eu via que não era bem assim como as pessoas falavam. Então, eu queria fazer alguma coisa pelo bairro que eu moro, né. Então quando eu encontrei a biblioteca e vi que era um caminho e como a biblioteca não é do poder público, que não era do Estado e nem do município e que era voluntário, uma coisa bem tranqüila, eu achei legal. Eu comecei a ser voluntária da biblioteca porque eu vi que era uma forma de contribuir e de me aproximar mais dos livros. E eu gostava muito de ler e eu vi que tinha muitos temas legais que eu queria ler.

P.: Aí como voluntária da biblioteca você se aproximou mais dos livros e começou a ler, você lembra do tipo de livros que você leu?

Frida: Eu li a *Santa Joana do Matadouro*, eu li sobre Carlos Mariguela, que já vem numa outra linha, sobre... Deixa eu lembrar... Depois, quando eu comecei a me aproximar um pouco mais do *Força Ativa*, eu comecei a ler, tenta ler porque – mas eu não entendia muito bem – eu já queria ler sobre o Lênin, que é uma referência dentro do grupo. Marx eu sei que era teórico, um filósofo. Então, era mais difícil e tinha que ficar mais pra frente. Então ler sobre questão racial, sei lá, saber mais sobre Zumbi. Aqui na biblioteca é que eu vim aprender mais sobre Zumbi dos Palmares, quem era Dandara, a história da escravidão no Brasil, foi mais aqui na biblioteca. Na escola, não lembro de alguma coisa que tenha sido enfatizada da história do Brasil.

P.: Quando você lia bastante, o que seus amigos falavam? Os amigos antes de você vir para essa biblioteca. Amigos assim do bairro, não o pessoal do *Força Ativa* e nem da biblioteca.

Frida: Na verdade, acabou criando um afastamento. Porque, como eu comecei a me aproximar mais da biblioteca, foi o que ficou afastando mais. Não porque “ah, ela lê mais”, porque diziam “ah, que bom você lê”, “que bom ir na biblioteca, eu vou lá também”. Muitos amigos meus que não são do *Força* ainda e nem da biblioteca, só são aqui do bairro, também é uma referência essa biblioteca porque é uma coisa boa ler. Uns sabem que é bom ler, mas não têm hábito de ler. Não tem estímulo, né. Então, eles nunca falaram nada assim, tenho amigos até hoje que acham bom eu ter esse envolvimento com o livro. Eles falam: “gostaria de ter o mesmo envolvimento, mas não é a praia”, acaba... mas não teve problema não. Muitas pessoas criaram outros rumos e eu comecei a me envolver em outras questões no bairro e então você acaba indo para outros rumos e as pessoas vão para outro.

P.: Quando você começou a vir aqui para a biblioteca, você já tinha uma amiga que vinha também. Ela era mediadora de leitura daqui ou não?

Frida: Não. Ela ficou um tempo como voluntária, mas depois ela parou. Ela parou e aí...mas ela é ainda próxima do grupo, só não é mais voluntária porque ela trabalha também. Ela tem dois filhos. Então, ela não tem muito tempo, mas ela gosta de ler.

P.: Quando você veio pra cá, você acha que a mediação, o contato com os mediadores de leitura te incentivou ou, na verdade, se você estivesse assim só tendo contato com os livros você também teria se interessado bastante por ler? Como é que você pesa o acesso aos livros em si e o contato com outras pessoas que liam aqui?

Frida: Eu por mim eu sempre gostei de ler, mas na verdade eu não ia ler talvez coisas que... eu acho que toda forma de ler acrescenta. Mas eu acho que a visão que eu tenho hoje, a aproximação com as pessoas é... permitiu ter um conhecimento maior do que antes, por mim mesma, porque eu só lia coisas muito simples, gostoso de ler. Mas tem coisas que você lê que te acrescenta mesmo, em termos de informação e que as pessoas não conseguem, vamos dizer, te enrolar. Porque hoje algumas informações que eu tenho, as pessoas não me enrolam, não conseguem me enrolar, porque eu sei, porque eu li. Mas agora acho que antes, não. Antes, eu...

P.: Antes você tinha uma leitura que digamos assim ingênua?

Frida: É. Mais ingênua.

P.: Ah, você pode me dar um exemplo assim de leitura ingênua e como que é a leitura hoje assim?

Frida: Ah, acho que uma leitura ingênua é você ler, sei lá, sobre infanto-juvenil, é uma coisa bem de adolescente assim. Vai contar história de namoro, história de aventura, que é legal para a imaginação. Isso é uma coisa boa para o desenvolvimento humano das pessoas. Agora, você ler um *Estatuto da Criança e do Adolescente* é muito diferente e não é só porque você está lendo leis. Não, ela é uma leitura que é interessante de ler, apesar de ser uma lei, mas é uma coisa importante, e que queira ou não, é muito fundamental num bairro como o que a gente mora onde tem vários jovens que sofrem várias violações de direitos e que elas não sabem como se defender daquilo né. Então é uma forma de defesa, também. Bem diferente.

P.: O acesso aos livros, gibis e revistas que você falou que se deu na sua própria casa, porque seus pais compravam, que tinha jornal, gibi. Você chegava na sua adolescência, por exemplo, a ir numa livraria para comprar livro ou não?

Frida: Não.

P.: Você chegou a pegar emprestado de alguém?

Frida: Já. Já peguei, sim. Eu tinha uma amiga. Aí ela tinha uns livros que a irmã dela estudava, tinha uns livros assim, aí a gente pegava emprestado e, às vezes, sei lá, um gibi que eu tinha ela pegava emprestado. A gente ia compartilhando os livros assim, revistas.

P.: E na sua casa mesmo tinha livro? Ou não?

Frida: Na minha casa, não muito, poucos livros. Mais era jornal, gibi, livro mesmo assim não. Meu pai chegou a comprar um dicionário, mas coisa assim para a escola mesmo, livros de pesquisa, mas não livro para ler. Tirando o gibi, que ele achava que era legal, acho que é coisa pra criança, mas nunca pensou em comprar, vai, “Ah, vi um livro, vou comprar para ela ler”. Isso não, eu não me lembro.

P.: Você veio morar na Cidade Tiradentes quando seus pais se separaram?

Frida: Não. Eles se separaram aqui.

P.: Então, hoje você gosta de ler coisas que te esclarecem, coisas sobre política tal e coisas assim como esse romance que você está lendo, que é uma história verdadeira ou não?

Frida: É. É uma história verdadeira e essa leitura eu comecei a ler por causa de um amigo aqui do grupo e ele começou a ler esse autor porque tem vários romances, mas é romance com o cotidiano assim, de jovens que são pobres, que têm que trabalhar, que são da periferia e tem toda essa realidade, né. E aí eu me interessei porque eu achei legal a história como ele falou

muito do cara e aí quando a gente viu esse livro era muito baratinho, era dois reais.

P.: No sebo?

Frida: Foi. Aí fui eu e mais um amigo que comprou. E aí foi super legal, a gente comprou o livro, aí eu estou lendo e vou passar para e ele comprou outro e ele vai passar pra mim, é assim.

P.: E a biblioteca da universidade? Você pega muita coisa lá, não pega? Como que é? A biblioteca da universidade também te incentivou a ler?

Frida: A universidade? Não, incentiva você ler sobre a sua área, que você está ali se formando. Mas tem muita coisa legal, mesmo, por exemplo, que não é para ler, mas eu vou lá, olho, pego para ler. Não é só assim do Serviço Social. E é legal a biblioteca da universidade porque tem muito conhecimento que está ali dentro. E que às vezes não tem aqui e tem lá, não tem outros lugares. Mas a biblioteca de lá é legal.

P.: E como você acabou indo para a PUC, fazer Serviço Social? Você tomou essa decisão de fazer Serviço Social e de fazer na PUC influenciada pelos seus amigos ou era uma coisa que você queria?

Frida: Na verdade, é incentivo mesmo das pessoas. Eu estava fazendo faculdade porque o *Força Ativa*... eu acabei criando laços de amizade, né. Então, aí o pessoal acabou incentivando, falando da faculdade, eu acabei também fui criando um estímulo, porque antes eu queria mesmo fazer era ser professora. Mas depois eu fui vendo como eu fui me envolvendo mais com a área social e eu vi que trabalhar como educadora foi uma coisa que me conquistou. Eu achei que era a minha contribuição, de ajudar, de contribuir né, nessa área. Por isso que eu fui fazer Serviço Social e pelo conteúdo mesmo, e aí eu peguei e falei: “Ah, eu vou fazer Serviço Social.” Mas teve muita ajuda do pessoal do *Força Ativa*. Eles são o principal incentivador de eu estar na universidade, porque a universidade não é só para você ter um conhecimento acadêmico, mas também para você trazer esse conhecimento para o lugar que precisa, e a Cidade Tiradentes precisa e você pode contribuir para mudar as coisas do jeito como as coisas estão. Eu achei que valia a pena e valeu. Eu gostei do curso e me ajudou bastante. Ajuda ainda, né.

P.: E fora essa biblioteca pública de Guaianazes, você foi em alguma outra?

Frida: Não, eu já fui naquela Mario de Andrade, mas aquela biblioteca é muito estranha.

P.: Por quê?

Frida: Eu entrei uma vez e não entrei mais.

P.: Por quê?

Frida: Porque eu acho que ela não é atrativa para ler. O jeito, não sei se é porque ela é antiga, eu acho que... as pessoas não podem ter o contato com os livros. Você entra, pede tal livro, a pessoa vai lá procurar e traz para você ler, você não mexe no livro, você não procura o livro. Alguém vai lá fazer isso por você. Isso não faz você abrir... Às vezes, você está pensando numa coisa e vê outra aí você se interessa, tem curiosidade, né. E naquela biblioteca eu não achei isso. Não sei se mudou, mas quando eu fui tava assim.

P.: Quantos anos você tinha?

Frida:

Quando eu fui?

P.: É.

Frida: Não tem muito tempo não. Já tem uns quatro anos. É, já faz um tempinho[risos], mas eu fui só uma ou duas vezes e não fui mais.

P.: Você acha que a igreja de alguma forma te influenciou a ler? Ou não?

Frida: A

igreja?

P.: É, porque tem gente que fala que começou a ler por causa do catecismo, porque falavam para ler a Bíblia...

Frida: Não, eu não fiz nada disso. Só minha mãe que me batizou na Igreja Católica, mas eu não tenho vínculo com a Igreja Católica e não me incentivou não. Foi mais minha mãe mesmo, minha mãe e meu pai.

P.: Na escola, você se lembra de algum professor específico que tenha te incentivado, ou não?

Frida: Professor? É... Maria Angélica é o nome da professora e era do prezinho, eu tenho a foto dela lá em casa até hoje.

P.: É mesmo? Me conta dessa professora do prezinho.

Frida: Ela era muito comprometida com os alunos. Então, ela sempre incentivava a ler, a escrever. Então, eu gostava muito daquela professora, gostava mesmo, gostava muito, muito, muito mesmo. Professora bem mais marcante assim, nem sei se ela é viva ainda. Olha só, já estou querendo matar a mulher. Mas já faz tempo, tem catorze anos já. Não, espera aí, foi em 1990, tem dezessete anos, já vai para dezoito anos. Professora bem legal. Agora, tem a professora que me alfabetizou, que é a Sonia, eu sou muito boa de memória. Então, eu lembro o nome das pessoas. Desde que eu comecei a ter várias disciplinas, várias matérias, aí eu já não lembro. Só lembro de alguns que são da Cidade Tiradentes: o Damásio, ele é professor até hoje e eu conheço ele.

P.: E porque você lembra dele?

Frida: Ele foi meu professor de geografia, mas é um professor que era diferente. Ele não era professor de só jogar a lição lá na lousa, ele explicava e fazia de uma forma que você entendesse tudo que ele estava falando. A didática dele era muito boa. Era um professor bem envolvido com os alunos. Eu gostava muito dele também assim como professor. Tinha a Orlandina, que era professora de matemática, professora também que explicava matemática e eu entendia. E hoje eu tenho uma dificuldade com matemática enorme.

P.: Mas naquela época você achava legal?

Frida: Achava legal. É desses que eu lembro mais.

P.: Frida, se você tivesse que classificar, aqui tem família, os pais ou outras pessoas da família, irmãos, primos, tios, escola como instituição, a escola pensando no professor, a escola pensando no livro didático de língua portuguesa, a biblioteca comunitária, escolar e pública, a igreja, o grupo de pares, que seriam seus amigos, e o próprio acesso ao material impresso, o jornal, a revista, o gibi, o livro... O que você acha que foi a coisa mais importante para você gostar de ler, ao contrário do que aconteceu com a maioria dos seus colegas? Porque hoje é normal as pessoas dizerem que não gostam de ler, né. Por que a Bia é diferente das suas amigas e amigos de 24 anos?

Frida: Ah, olha, é difícil. Eu fico com duas opções que são muito ligadas: minha família fica em primeiro lugar, porque foi a primeira que me introduziu a leitura. Agora, ler mesmo, com algum sentido, é a biblioteca comunitária. Não é ler só por ler. É ler por alguma coisa, é ler para fazer um sentido na sua vida, na vida do outro, na sua família, ler porque é bom, porque é gostoso, porque é importante e é uma ferramenta para você saber lidar com as coisas do mundo. Então, a primeira é a família, mas a biblioteca só deu mais força né.

P.: Você diria que é um e um?

Frida: Diria.

P.: E o que é zero, que não te ajudou?

Frida: A igreja.

P.: A igreja. E o que você acha que é número dois? Você já disse a família e a biblioteca comunitária.

Frida: O grupo de pares, né.

P.: Que são essa menina com quem você compartilhava livro ou você está se referendo ao pessoal daqui?

Frida: Os dois, viu. Os amigos, eu também não tive amigos e colegas que não gostavam de ler. Minhas amizades eram sempre as que gostavam de ler, não ficar se envolvendo talvez...

porque tem muitos que se envolvem coisas que prejudicam, drogas, álcool, você entendeu? Essas coisas, crime... E a maioria dos meus amigos não eram muito assim. Eram mais de ir para a escola, querer trabalhar, querer ajudar a família então, foram pessoas importantes. O *Força Ativa* também com certeza. O pessoal do *Força Ativa* já lia bastante e te incentiva demais, eles jogam um “gás” assim impressionante. É bem legal.

P.: Legal. E número três?

Frida: Três? Esse acesso ao material o que é?

P.: Tem gente que é assim: ah, eu gosto de ler, mas eu fiquei oito meses sem ler porque eu tinha lido tudo que tinha na minha casa, na casa dos meus vizinhos e eu não tinha mais nada para ler. Eu não tinha uma folha para ler. E eu entrevistei uma pessoa assim que falou: eu fiquei oito meses sem ler uma linha porque eu já tinha lido tudo. Então, acesso ao material é assim, tinha um livro lá disponível e eu comecei a ler por mim mesma porque estava lá.

Frida: Acho que o terceiro é a escola.

P.: Então, esse [acesso ao material] acho que é o quarto né? Porque na verdade você teve acesso ao material impresso, mas foi por causa da sua família inicialmente, né. Legal. Acho que é isso. Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer?

Frida: Acho que foi interessante. Acho que você recuperou um pouco porque o pessoal diz que recordar é viver, né. Então é legal porque resgatou um pouco lá atrás e a gente também não esquece que foi criança, quem incentivou a ler. Não esquece a professora do pré.

P.: Talvez você tenha sido uma boa aluna a vida inteira porque você teve um início positivo assim, né?

Frida: É, teve um início. O início, acho que o que eu sou hoje tem a ver com o lá atrás. Dessa professora, por exemplo, do pré. Então, ela foi muito importante pra mim e que fez o diferencial, porque não só minha família, mas sempre o incentivo a ler, a escrever.

P.: Pelo que entendi, você sempre foi uma boa aluna, com uma boa relação com a escola, com amigos que também eram bons alunos e com boas relações com a escola, é isso?

Frida: Isso.

P.: Porque você acabou ficando numa “patotinha” de gente parecida com você de certa forma...

Frida: De certa forma, não que a gente não conheça pessoas que são bem o oposto. Mas também às vezes o oposto você diz: “Pô, que legal” Você fala que precisa ir na biblioteca, que tem que ler e a pessoa diz: “Ah, que legal”. A pessoa sabe que é importante, mesmo que ele seja diferente, mas sabia que era importante ler.

P.: Você acha que o *hiphop*, o *rap*, isso também te incentivou ou não?

Frida: Com certeza.

P.: Por quê?

Frida: Porque o *rap* pra você saber escrever, você tem que ler.

P.: E você escreve?

Frida: Escrevo e no *rap* você, pelo menos para mim, você não pode escrever qualquer coisa. Não dá para rimar um, dois, feijão com arroz. Pode até ser engraçado, mas não tem sentido. E o *rap* precisa ter algum sentido, para reivindicar, para dizer o que acontece e o que poderia acontecer. Eu acho que o *rap* é o grande incentivador sim para ler, para escrever, para se informar.

P.: Você se envolveu com o pessoal do *rap* com que idade?

Frida: Ah, eu tinha uns quinze anos.

P.: E como foi esse envolvimento inicial?

Frida: Ah, foi através daquela minha amiga que mora até hoje lá no *CDHU*. Ela começou a ouvir *rap* e ela começou a me dizer: “ouve essa música”. E aí eu fui gostando e entendendo, porque no começo eu não entendia, né. Aí eu fui conhecendo mais da história do *hiphop*,

como ele surge. Então, eu fui me envolvendo, eram histórias parecidas com a minha e eu fui me aproximando.

P.: Você acha que *rap* é poesia e na verdade você lendo letra de *rap* é como você estivesse lendo poesia, literatura, uma poesia mais alternativa?

Frida: Eu acho que é poesia, é literatura, é história. É um pouquinho de tudo, *o rap*. Mas tem essas três características: a poesia, a história e a literatura. É uma literatura diferente, alternativa e que retrata o cotidiano mesmo das pessoas. Tem muito *rap* antigo que tem muito a ver com hoje. Tem muita coisa, se você pegar, tem né. O que eles falavam vinte anos atrás é hoje ainda.

P.: Qual é o grande barato de ler? Você disse que lê com prazer, mas que prazer é esse? Você lê mais para se informar sobre a criança e o adolescente. E se alguém te perguntar o que te atrai para ler, você diria o quê?

Frida: Eu acho que é a forma de como está escrita. A forma de estar narrando a história de alguém, na sua imaginação, parece que é outra pessoa que está contando. Eu pelo menos sou assim. Quando estou lendo uma história e parece que é alguém que está contando pra mim aquela história, mas não é, eu que estou lendo. Parece que alguém está contando pra mim aquela história. E é bem isso mesmo, porque tem o autor e é a mesma sensação como se alguém tivesse contando mesmo para mim aquela história. Então, eu acho que o barato é a forma que escreve e a linguagem, né.

P.: Jogo de palavras? Como assim? Me explica melhor.

Frida: Assim, por exemplo, tem história que começa assim: “Era uma vez...” Eu não acho graça nisso. Gosto da história quando começa, como eu posso te dar um exemplo?

P.: Quando te surpreende?

Frida: É, mas vai dando um mistério, do jeito que você vai lendo, vai te mostrando que aquela história, vai te mostrando como aquela pessoa que está na história vai vivendo aquela situação, dentro daquela história e várias histórias de onde ela tem de sair. Se você pegar o *Ferréz*, que escreveu vários tipos de livros, tem aquele *Manual prático do ódio*, tem *Capão Pecado*, que são histórias muito parecidas com a minha, e do jeito que ele vai contando, parece que você está vivendo aquilo que ele conta. É nesse sentido, não tem uma palavra difícil, não é uma linguagem que está longe do seu vocabulário, é uma linguagem que está dentro do seu vocabulário, que não está tão distante. Tem leitura que você tem que ir no dicionário ler para entender, porque ele está falando isso. E tem outro tipo de leitura que não precisa disso. São palavras que estão dentro do seu vocabulário e que você entende, mesmo que esteja escrito de uma forma diferente.

P.: Tem gente aí na biblioteca lendo *Dostoievski*. O que você acha dessas leituras?

Frida: O pessoal gosta de ler.

P.: Vitor Hugo?

Frida: É. Mas eu ainda não me aproximei dessa leitura, o pessoal fala que é importante. São grandes clássicos, eu não me sinto atraída. Eu sei que é importante e as pessoas lêem com muito gosto. *José Saramago*, eu sei que é uma leitura que parece que é muito boa, mas eu não li. Um dia, eu sei que eu vou ler, mas é que ainda não me despertou aquela vontade de ler “mesmo”. Não despertou, mas eu sei que é importante. Sei que é um bom escritor.

P.: Quantos livros você acha que leu nos últimos anos, por ano, assim mais ou menos?

Frida: Por ano? Não sei te falar, não sei falar porque eu leio muita coisa junto. Por exemplo, tem coisas que eu tenho que estudar da faculdade e eu acabo priorizando. Mas às vezes eu estou tão saturada daquela leitura que eu vou ler outra coisa. Então, eu vou tentando dividir assim, a leitura.

P.: E hoje em dia onde você lê, em que horário? Você disse que antigamente você lia muito de noite, na sua casa.

Frida: Eu leio de noite ainda. Leio muito de noite e, agora que eu não estou trabalhando, leio mais na parte da manhã. E no estágio, eu acabo tendo muito contato com a leitura também. Então, é assim: eu estou sempre lendo um pouquinho alguma coisa. Mas ler mesmo eu leio muito à noite. Eu acho que está até prejudicando minha vista.

P.: A sua mãe nunca te disse assim: “Pára de ler menina, você está lendo demais, faz tantos dias que você não larga esse livro.”

Frida: Não. Ela sempre diz que ler é bom. Às vezes, eu vejo que ela fica chateada porque eu queria ler mais e não consigo. Falta de tempo, tem barulho, porque eu tenho dois irmãos, um de 13 e um de 6, e eles são fogo. Entra e sai, entra e sai, e fala e grita e eu não consigo, não me concentro. Com muito barulho eu não me concentro.

P.: A sua mãe falou a vida inteira pra você que ler é bom. Alguma vez você perguntou para ela: Por que ler é bom, mãe? Por que você sempre fala isso?

Frida: Ela sempre falava que ler é bom porque você aprende a escrever melhor e você tem informação. Ela nunca falou que ler é bom. Ela sempre falou que ler é bom por causa disso. Sempre explicou que é bom por tal coisa.

P.: E de onde vem essa visão de leitura que sua mãe tem? O pai dela falou isso pra ela ou porque ela tem uma tia que falou isso pra ela?

Frida: Não. Acho que é porque ela tem pouco estudo e ela percebeu, depois que eu nasci, o que eles não tiveram, eles querem que os filhos tenham. Então, minha mãe veio nessa linha, porque ela teve pouco estudo. Ela não se dedicou ao estudo e ela acha que os filhos têm que ter isso. E porque o estudo acaba trazendo isso e hoje ela é... Através da minha ida para a universidade, foi um estímulo para ela voltar a estudar. O meu envolvimento com um grupo político como o *Força Ativa*, e querer criar na juventude uma expectativa de vida, ter outro envolvimento, ter outras idéias, outras coisas que o jovem não tem de estímulo e aí minha mãe... Deu um estalo nela, porque ela viu que meu envolvimento é importante. Essa foi uma coisa que estimulou ela a voltar a estudar e ela terminou já.

P.: Ela tinha feito até a sétima?

Frida: Ela tinha feito até a quarta e agora ela terminou o ensino médio. Então, a letra já está melhor, ler ela já lê muito bem. E ela não assiste novela.

P.: Ela é aquela mãe que quer o canal 2?

Frida: Não, canal 2 não, mas ela gosta muito de ver jornal, essas coisas. Então se ela está assistindo jornal, eu vejo também. Como ontem, que tem aquele programa *Leitura Dinâmica*, ela estava assistindo e eu também assisti. Meio cansada, mas eu assisti e também tem alguns seriados como o *Arquivo Morto*, da televisão e ela assiste bastante e eu acabei gostando por causa dela. Porque eu não assisto muito televisão, não assisto novela. Eu gosto de assistir ou jornal para saber a notícia muito por cima ou esses tipos de seriados que eu aprendi a gostar por causa dela.

P.: Essa sua amiga com quem você compartilhava os livros, você conviveu com ela de quanto até quantos anos? Você lembra? Você falou que trocava os livros.

Frida: Na minha adolescência. Entrei no *Força Ativa* e perdi o contato com ela porque ela ficou grávida, até casou né. A gente conversa ainda. Não é mais aquela amizade porque eu já não tenho tanto contato como era, mas ela foi uma grande amiga assim.

P.: E você lembra quantos anos você tinha quando você entrou no *Força Ativa*? Primeiro você veio para a biblioteca e depois para o *Força Ativa*, não é?

Frida: Quando eu entrei no *Força Ativa*? Quando eu vim para a biblioteca, eu estava com dezoito anos. Então, eu acho que, quando eu entrei, eu tinha uns dezenove. Já vai fazer uns cinco anos que eu estou no *Força Ativa*.

P.: Você trabalhou como agente jovem?

Frida: Agente de prevenção. Lá no *CTA* eu fiquei três anos.

P.: O que é o CTA?

Frida: Centro de Testagem e Aconselhamento contra DSTs. Faz um trabalho de aconselhamento para a juventude, não só para os jovens, mas para as mulheres também. Mas o nosso era o Plantão Jovem, que era um trabalho, que tinha reconhecimento do trabalho do *Força Ativa* pela educação preventiva que fazia nas escolas, falando sobre a sexualidade, DST/AIDS sobre a camisinha, sobre todos os temas. Então, esse trabalho no CTA foi um reconhecimento e valorizou o trabalho né. Então, eu comecei a fazer oficina, aí eu comecei a fazer um monte de coisas. Mas para tudo isso tem que ler, porque o que o grupo aborda na leitura não é aquela leitura que tem que forçar, que tem que ler, que é forçado. É uma leitura que é boa para você mesmo né. Eu acho que é um pouco isso.

ENTREVISTA COM LAÍS

P: Por que você acha que se interessou por ler?

Laís: No comecinho mesmo, minha mãe e irmã sempre chamavam a minha atenção porque eu tinha mania de engolir muitas letras. Eu falava errado. Mas pra mim isso era normal. Porque as pessoas achavam engraçado, mas na realidade não era engraçado, era um erro enorme na gramática. Com o tempo, mesmo, a professora falou: a sua filha é maravilhosa. Ela entende e interpreta bem, mas ela tem de ter um incentivo na leitura.

P: Profa. de português?

Laís: De português. Eu tava na 2^a. série do fundamental. E essa professora é maravilhosa, excepcional ela. Eu gostava muito dela. E ela falou pra minha mãe: “Incentiva ela a ler. Já que ela tem mania de ler a Bíblia, esses negócios de igreja, dá a Bíblia para ela ler, de pouquinho em pouquinho, salmos, provérbios, que é uma linguagem mais pra jovens, crianças, coisas mais simples, provérbios, sabedorias”.

Então, eu comecei assim. Que ela falou assim: “vai te ajudar muito no seu vocabulário, pra você mudar a sua linguagem errada.” Aí eu comecei a ler a Bíblia.

Então, a Bíblia era meu livro. Aí, conforme o tempo, tinha professores que falavam de certos livros, que chamavam a atenção dos alunos para a leitura, faziam o máximo pra gente ler. Tinha uma professora mesmo, que era japonesa, e era Margarida o nome dela, e eu vi assim que ela era muito calma, ela fazia leitura de livros de literatura. Ela pedia pra gente fazer leitura pra ver se a gente interpretava bem, se a gente tinha uma boa fonética na leitura. E ela era tão calma que, às vezes, a sala não dava muita atenção pra ela, mas ela sabia os alunos que estavam aprendendo. Então, eu comecei a vir na biblioteca [BCST]. Minha irmã é que me falou que aqui tinha uma biblioteca porque eu nem sabia, passava e nem sabia. Aí eu fiz meu cadastro direitinho. E aí eu comecei a vir mesmo

P: Você lembra quantos anos você tinha quando você fez o seu cadastro?

Laís: Aqui? Eu tinha 17 anos.

P: Mas 17 anos eu achei que você tinha agora.[risos]

Laís: Eu estou com 21 anos. Eu tava com meus 17, 16 anos que eu comecei a pegar livro. Porque antes, como aqui é difícil ter biblioteca, principalmente comunitária. A única biblioteca que tinha era na escola e ela não era muito aberta, na realidade, para os alunos. Eles falavam que era, mas era muito restrita... pra gente pegar livro.

P: A biblioteca não era muito aberta aos alunos porque eles não emprestavam os livros? Como é que era? Porque isso é normal, todo mundo fica me falando isso.

Laís: Era mais livro didático que eles davam pra gente tirar matéria. Mas pra ler mesmo, no comecinho, teve um momento em que eles deixavam a gente levar o livro... pra casa. Mas sempre tem uns que não sabem o que fizeram, que somem com o livro. Mas daí eles tiraram, porque antes eu também pegava livro na escola. Mas aí eles tiraram. Não tinha como pegar o livro pra você ficar lendo, até pra distrair a mente... E ainda o meu professor falou que no livro você pode aprender diversas coisas... só num livro. Aí eu falei: “então, eu vou começar a ler mesmo. Eu quero essa mudança mesmo. E aí eu vinha aqui pegar livro, pegava um ou dois. E eu falava “mãe, eu vou ler esse livro essa semana”.

P: Você estipulava um prazo?

Laís: Eu lia e contava pra minha mãe e pra minha irmã o que eu lia. Meus colegas achavam engraçado: “Como você consegue gravar a parte de um livro? Como você gosta?” Se você consegue interpretar bem, ele fica gravado.

Teve um trabalho do *Dom Casmurro* e do *Mar Morto*, que era de escola. A gente tinha de fazer uma pesquisa sobre esse livro e um resumo para a professora. Nesse trabalho, ela pediu cinco coisas: pra gente fazer uma síntese, depois fazer uma redação dissertativa, narrativa e

descritiva. Aí eu fiz e pra mim tava ótimo, tava maravilhoso e entreguei pra professora. Aí ela foi em mim e falou: “Não, não é aquilo que eu queria. Não tá bom. Tem que melhorar.”

Aí eu fiquei toda triste. Como assim tem que melhorar? Eu fiz o meu máximo, me esforcei. Mas tá bom. Aí eu fiquei na semana estudando só isso. A síntese ela falou que ela não gostou mesmo. Como ela não gostou? Aí eu estudei muito sobre o que era síntese. Perguntei pra uma professora de português pra ela explicar pra gente como que eu poderia fazer essa síntese de um texto sobre saúde, sobre religião. E aí ela foi me explicando que a gente pega uns poucos trechos e depois faz uma síntese em cima. Aí sim, eu comecei a entender. Aí eu fiquei o dia todo fazendo o trabalho até de noite. Aí terminei e falei: “Ah, agora se ela não aceitar esse trabalho, não dá. Como é que pode?” Aí eu entreguei pra ela e na outra semana, que era a aula dela, ela chegou em mim e falou: “Parabéns! Você me surpreendeu!”

Aí eu gostei, porque eu fiz um esforço, fui atrás de outra professora de português, sem ser essa da minha sala... E ela era um amor, ela sabia explicar bem, ela até me deu o telefone dela, porque ela viu que eu tava ficando biruta, porque eu queria fazer as coisas direitinho. Aí quando ela chegou e falou “Parabéns! Você me surpreendeu!”, eu falei: “Nossa! Pelo menos eu consegui!”

P: Em que série você tava?

Laís: Eu tava no 2º. ano do ensino médio, quando aconteceu esse fato... Na minha vida, assim, cada coisa que foi me levando, foram vários fatos que foram ocorrendo que foi me fazendo gostar mesmo de ler... Até na escrita, eu falo assim: “Eu quero pelo menos saber fazer uma redação maravilhosa, pra quando for prestar faculdade, tudo, sabe especificar. Porque na redação eles têm uns critérios de avaliação.” Então, eu falei: “Lendo, pelo menos, eu vou tendo noção das palavras, ampliar um pouco mais o meu vocabulário e na escrita eu vou melhorando também a caligrafia... e muita coisa mais. Então, a leitura pelo menos, eu tô conseguindo, tô caminhando. Agora, na escrita, eu quero melhorar mais ainda, porque é uma ajudando a outra.

P: E você falou dessa prima...

Laís: Amanda.

P: Não, da professora.

Laís: Fernanda.

P: Você falou que ela te influenciou também.

Laís: Me influenciou também.

P: Por quê?

Laís: Porque teve uma vez que ela chegou em mim e perguntou como eu tava na escola, principalmente na parte de português mesmo e aí eu falei pra ela: “Ah, professora”, pra minha prima, porque eu chamava ela de professora, “eu sei que eu tenho uma dificuldade mesmo na redação, na escrita”. E eu passei umas férias na casa dela, fiquei uns dias lá.

P: Quantos anos você tinha?

Laís: Eu tava com os meus 16 anos. Aí ela me emprestou um livro sobre redação, infantil mesmo, aí eu fui lendo. E ela falou pra mim: “Não precisa se preocupar porque é devagarzinho que a gente vai aprendendo. Vai lendo também.” E ela queria dar um auxílio também pra mim fazer... como é que fala? Não é supletivo. É que antigamente tinha magistério na parte de língua portuguesa. Então, ela queria que eu fizesse. Mas eu falei pra ela: “Como eu tenho esse grave erro, acho que não dá pra mim prestar.” Aí ela falou assim pra mim: “Não, dá sim! Você estuda! Dá sim!” E ela me incentivou nisso. Como ela mora longe, eu falei pra ela que eu não ia optar porque não era uma área que eu ia me sair bem, não sei. Tava tendo concurso e tudo. Mas aí ela me incentivou mais ainda. Quando ela vinha em casa, ela tomava às vezes... ela me fazia escrever as palavras que eram difíceis na redação, via os erros, me explicava. Então, assim, foi um apoio a mais pra mim, um incentivo a mais..

P: E ela é professora de quê?

Laís: Ela é de professora de criança de 2 anos, infantil, primário.

P: E ela gosta de ler também?

Laís: Gosta. Ela é muito esforçada. Minha mãe sempre falou pra mim dessa prima dela. Eu me espelhei muito nessa minha prima, porque ela sempre foi de ler, de estudar, sempre foi esforçada mesmo. Ah, ela gosta. Eu gostava também de pegar coisas, de querer aprender, principalmente na Bíblia, que era a primeira coisa.

Aí eu falava: “mas será que eu sou normal?” Porque a minha irmã não gostava de ler muito. Ela era mais de escrever. Meu irmão também não. E aí eu pensava: De quem eu puxei esse negócio de querer aprender, aprender a ler, saber pronunciar a palavra ou escrever melhor? E a minha mãe falou: da sua prima. Essa nossa prima sempre foi esforçada. Minha mãe brincava comigo, ela falava: você estuda demais. Você tem que parar com isso. Senão, você vai ficar igual a um primo da gente que estudou tanto que acabou ficando louco. Minha mãe brincava comigo, porque eu me esforçava muito mesmo.

Porque às vezes as pessoas pensam que a gente, mesmo não tendo uma condição de vida boa, o aluno ele não tenta fazer por onde. E outras pessoas que eu conversava elas estudavam muito, pegavam livro, a gente às vezes trocava figurinha entre a gente sobre o que a gente aprendia mesmo em sala de aula. Ou no nosso bairro, qual é a diferença. Aí eu falava pra minha mãe: se eu não consigo auditivamente aprender mais rápido, eu vou ter que, além de visualmente ir ler, pra mim aprender. Então, eu fazia assim. Minha mãe achava que era um absurdo, porque minha irmã aprendia só ouvindo. Aí ela falava “como pode”? Porque ela tem três filhos: uma só ouvindo, meu irmão era a mesma coisa. E a outra, não: ela tem de pegar o caderno e ler. Aí eu falava: Será que isso é normal? Eu me sentia diferente mesmo nessa parte. Porque a minha irmã ela não fazia lição, ela não escrevia mesmo no caderno. E aí a minha mãe falava assim: “É incrível... eu ia na reunião da sua irmã e na prova que ela fez e tudo todas as amigas dela esperavam que ela não ia passar de ano, que ela ia ficar. Aí a professora: “Não, a Juliana passou. Por que ela passou? Porque ela prestou atenção ouvindo o que eu estava falando, a explicação”. Aí as amigas dela riram e falaram: “Como?” Mas ela passava porque ela prestava atenção na aula. Então, a minha mãe falava assim: “Às vezes, pra uns é mais fácil nessa parte, ouvindo a explicação, pega. E pra outros, não.” Porque nessa parte minha mãe sempre conversou muito comigo pra mim não me sentir diferente. Porque eu perguntava pra ela: minha irmã aprende tão fácil e rápido. Minha mãe via o caderno dela e falava: “Como, filha? Você não escreveu nada?” E ela respondia: “Ah, mãe eu não preciso.” E é engraçado porque é uma troca mesmo. Minha irmã às vezes ela falava: eu vou te explicar, explicar o que você não entendeu. Aí, como ela não é também muito de explicar, eu falava: “Eu sei que você sabe... me explica melhor.” Eu tava muito ruim em matemática. Ela me explica e tudo, mas ela é muito assim: é 1, 2, 3, entendeu? Aí a minha mãe ficava em cima. Mas aí é essa a diferença também que eu acho que eu encontrei: ela aprende de uma forma, meu irmão de outra forma e eu de outra forma, que era mais de ter que ralar mesmo, de ficar lendo... E ainda eu falei uma vez pra ela: Numa prova de ciências, a professora deu duas matérias pra gente estudar, mas ela tinha falado pra gente que ela só ia passar a prova de um texto só que ela passou. Aí eu fiquei com medo que ela passasse referente ao que tava no livro... seria a parte de rotação... moléculas, átomos... E a gente tinha que saber sobre a diferença entre positivo e negativo. E eu fiquei com medo que ela passasse também sobre isso. E eu li o livro de ciências. E aí quando teve a prova, caiu aquilo que eu li. Aí o que me salvou foi aquilo que eu li. Aí eu falei pra minha mãe: “Ah, mãe, é melhor a gente fazer um esforcinho a mais na leitura do que ficar só na explicação. E como eu não tenho domínio só na explicação, não vou pegar rápido, pra mim, é mais fácil assim, lendo.

E a minha mãe ela zoa mesmo. Até hoje ela zoa comigo. Ela sempre fala: “Você sempre tem de ficar estudando, se matando. Você é muito exagerada, muito ansiosa pras coisas. Você já

aprendeu. No momento em que você leu aquilo, o que você pegou, você pegou. Não adianta você forçar a sua mente a absorver aquilo.

P: A primeira coisa que você lembra de ter lido que você gostou foi a Bíblia, foram outros livros, foi gibi...O que você acha?

Laís: A Bíblia foi o começo mesmo, porque também tinha esse negócio de catequese.

P: Você tinha que ler para a catequese?

Laís:É, porque na catequese você tinha que saber interpretar. E era engraçado porque eu e a minha irmã sempre fazíamos tudo junto. E a minha irmã interpretava melhor do que eu. Ela sabia que eu tinha uma dificuldade, então ela sempre queria fazer por mim. Eu falava: “Não, eu tenho que aprender. Não posso deixar você sempre fazer tudo pra mim. E também isso não é certo. Eu posso ser novinha, mas você me carregar nas costas sempre não dá certo.” Eu falava pra ela: “O catequista sabe disso. Então, não é válido. Eu tenho que aprender.” Então, a Bíblia foi sempre um incentivo pra mim. Diferenciar certas palavras. Até quando eu dizia: “Ah, mãe, você sabe que tem novela também na Bíblia?” [Ela perguntava:] “Como filha?” [E eu respondia:] “Tem novela, sobre romance, que é o canto e explica sobre romances. Mas a gente não sabe porque é outra história diferente. A gente não vê que é um romance ali acontecendo. E eu falava pra minha mãe. E ela [perguntava]: “É sério, filha?”. [E eu respondia:] É, mãe.

P: E quem te falou isso, te chamou a atenção pra isso? Foi você que percebeu sozinha? Foi alguém que te falou?

Laís: Quando eu ficava lendo, eu via que tinha uma história bem diferente no canto, falando sobre a mulher, referente à mulher, e depois referente ao homem. E como eu sempre fui conselheira da Bíblia, de leitura bíblica, aí eu fiz “Estudo Bíblico”, aí começaram lá a falar sobre o surgimento da Bíblia, que na Bíblia tinha contos, tinha coisas ali que não eram reais, fictícias, e que tinha cantos de novelas também. Aí falou que lá tinha e como eu já tinha lido antes também, eu tava percebendo que tava umas coisas diferentes. Aí eu comecei a ter noção mais mesmo que era sobre novela, sobre romance. E algumas pessoas não viam isso na Bíblia. Só acham que a Bíblia tem assim a parte histórica, Gênesis, Profeta Isaías, os Evangelhos, que são mais falados. E eu gostava muito de sabedoria. E sabedoria e provérbios são da parte de Cantos. E eu sempre gostei muito de Cantos.

P: E qual é a sua religião?

Laís: Eu sou Católica Apostólica Romana. Que todo mundo fala que não pode falar só que é católico. Porque católico todo mundo pode ser. É a religião que até hoje eu tenho mais contato é o catolicismo.

P: Legal... E aí, então, você leu a Bíblia... E depois você começou a ler o quê...?

Laís: Eu gostava de ler sobre aventuras, tanto que eu te falei da redação, da professora quando ela pediu, tenho até escrito. Conforme eu leio, eu passo na minha agenda o que eu entendi do livro, o nome do livro, o ano que eu li e tudo. Tem esse que foi da aventura.

P: O de aventura você pegou aqui na biblioteca?

Laís: Aqui na biblioteca.

P: *Você tinha uns 16 anos... é isso?*

Laís: Eu tinha meus 17, 16. E o outro foi sobre romance, que era contos de adolescentes... Como é o nome certo? ... É *Amor Infinito*. Que é a parte assim sobre casamento. Aí eu li ele também e achei muito bonito. Ele fala dos laços do matrimônio e sobre uma linha invisível que existe no casamento. E aí eu gostei porque tava explicando que certos casamentos... tem pessoas que têm uma afinidade muito grande, mesmo sendo marido ou não, na amizade, eles estariam próximos para o resto da vida. Então, ficaria um laço invisível que deixaria eles próximos. Foi um dos que eu li e achei bonito, que é uma história real de uma atriz que fez...

Confissões de Adolescente... Ela tava escrevendo um pouco a vida dela, essa parte de romance e tudo como se deu. Aí eu achei bonito também.

Aí eu venho pegar livro assim de romance, aventura. Teve um que eu peguei, que eu falei: “Nossa! Esse aqui é de tragédia! No fundo do mar... Nossa! Que história louca”

Era sobre um relacionamento. O marido fazia de tudo para agradar a esposa dele. Mas ela não tava nem aí pra ele. Porque ela sabia que tinha o domínio dele. Eu não sei se ele era empresário... Ele tinha uma profissão de nível maior... E ela também não vem de nível alto, mas também por isso era muito inteligente mesmo... Ele fez de tudo pela família dele, pelo casamento dele. Tinha a filhinha que tinha um amor imenso pelo pai, não pela mãe. Essa esposa dele traía ele. E é incrível que ele sabia, mas ele era muito frio. Ele sabia, mas ele não demonstrava que ele tinha rancor dela, raiva dela, por ela fazer isso.

P: Você lembra quem escreveu esse livro?

Laís: O autor? Não.

P: E romance nacional, você já leu algum?

Laís: Nacional, acho que só li mesmo da escola. Foi o *Dom Casmurro* e o *Mar Morto*, que achei muito legal a história, bem

P: Do *Mar Morto* ou do *Dom Casmurro*?

Laís: Do *Mar Morto* eu achei legal mesmo. Achei boa, que é referente também a uma novela, que a novela Porto dos Milagres foi tirada desse livro. Do *Dom Casmurro*, eu achei... que todo mundo falando, teve ainda a apresentação na sala, o seminário. Eu achei uma história muito difícil de ser compreendida, porque ele não soube tomar uma decisão na vida dele... Ele deixou a situação ficar daquele jeito e ele depois perdeu aquilo que ele não tinha como ter controle. Porque, conforme ele casou com a Capitu, fez a vontade que ele tinha de casar com ela, a mãe dele teve que engolir o orgulho dela, porque ela tinha feito uma promessa para o filho que tinha morrido e aí foi uma promessa e eu achei bonito porque ele fez de tudo e a mãe dele deixou ele casar com ela, mas ele não confiou nela. Ele não soube, ele não queria que machucasse ela ou ferisse ele mesmo como homem pelo fato de ter sido traído, mas ele deveria ter perguntado pela criança porque a criança depois morreu e ela também morreu e ele não ficou sabendo se era o pai ou se era o amigo dele que era o pai, o Escobar. Aí as pessoas falavam: “Será que ela não traiu mesmo ele não? Porque ela tinha uma amizade muito forte com o Escobar. E a gente falava: será que ele não traiu a Capitu com a Sancha? porque ele tinha uma amizade muito forte com ela. E a gente ria porque a gente uns falavam que sim, outros não. Aí fica gravada essa história porque a gente falava: “Como pode um cara daquele que conseguiu dar um rumo na vida dele, não virou padre, não foi viver num mosteiro, casou, casou com a pessoa que ele queria mesmo, desde a infância?” A Capitu era muito assanhadinha, muito fogueira. Então, o que ela queria ela conseguiu mas ele era muito fechado. Depois desse fato é que ele virou mesmo Dom Casmurro. Ele se fechou para o mundo. Aí que a gente entendeu porque Dom Casmurro. Ele se fechou e ficou amargurado.

P: E você achou legal ler esse livro na escola?

Laís: Depois eu achei legal mesmo, porque a gente fica pensando: “Ai, o professor fica dando esses livros para a gente ler.”

P: Que livros o professor pedia?

Laís: *Gabriela Cravo e Canela*, *Anjo*, *Macunaíma* e esse foi o mais difícil de ler porque a linguagem dele é totalmente diferente, um pouco mais difícil e a gente tem essa dificuldade de compreender essa linguagem porque ela é antiga, totalmente diferente, mas ele pediu para a gente esses livros mesmo. Mais literatura brasileira mesmo.

P: Você gostava?

Laís: Conforme o tempo, eu comecei a gostar sim. Teve uma peça do *O Cortiço* e a gente adorou porque foi muito bem passada e a nossa sala soube fazer direitinho.

P: A sala é que montou a peça?

Laís: Montou e foi bonito. A gente falou: “Nossa, meu, passou tudinho assim, foi bem como no livro mesmo!” E a gente gostou. Teve essa peça e teve outra peça, mas aí ela foi

interpretada porque eles fizeram uma música, né. Aí eles cantaram e depois, nossa, a gente criou muita coisa. A professora sobe assim utilizar, montar direitinho. Ela conseguiu passar direitinho o que ela queria e ela incentivou também

P: Essa professora era de que ano?

Laís: Ela foi do segundo ano do colégio. Do ensino médio.

P: Era quando você tinha dezessete anos?

Laís: Isso. Como eu dizia, ela soube passar para a gente essas coisas importantes, soube integrar a sala também para estar fazendo isso, para estar fazendo a peça e para estar fazendo o seminário também, porque a gente teve que fazer seminário lendo na sala, um tinha que ficar fazendo pergunta para o outro e a gente tinha que saber responder e ela gostava que a gente tivesse noção de tudo que podia cair, principalmente em provões. Ela dava xerox para a gente tirar e para saber interpretar certas perguntas que não estavam no livro, né. A gente tinha que tirar e quem ia fazer ENEM ou provão já tinha uma noção a mais. Ela que empurrou nossa sala nessa questão de leitura

P: Como era o nome dela?

Laís: Era Márcia. Ela deu um empurrão mesmo e ela era muito dinâmica, extrovertida, alegre. Era muito bom ter um professor assim na sala e esse era o jeito dela mesmo.

P: E sua escola era municipal ou estadual?

Laís: Estadual. Escola Estadual Rui de Mello Junqueira.

P: Ah, tá. Porque, se eu entrevistar outras pessoas da mesma escola e elas falarem da mesma professora precisa aparecer o elogio na pesquisa. Se você tivesse todo o tempo livre do mundo pra ler, que tipo de livro você ia querer pegar na biblioteca? Porque você falou que não sabia que parte da estante que tinha que ir. E agora?

Laís: Hoje eu tenho assim: como eu queria estudar psicologia, eu iria pegar livros de psicologia, um pouco de filosofia, falaram que é bom porque a filosofia abre um pouco mais a mente das pessoas na parte crítica e essa parte de aventuras, que mistura um pouco realidade e fictícia. Eu acho muito bonito assim. Ajuda as pessoas a pensarem um pouco mais. Não deixa as pessoas de lado, com medo. E aí tem um livro que eu li e que foi emprestado que é da memória, como melhorar sua memória. É a história de uma moça que mora nos Estados Unidos e essa moça tinha ganho não sei quantos milhões de dólares por causa da memória dela. Livros sobre boxe, esporte, porque ia cair muitas perguntas sobre a seleção. Era um programa mais ou menos como o do Sílvio Santos para ganhar dinheiro, mas tinha um monte de coisas e ela falou que, pela memória dela e como ela começou a estudar mente e corpo, e quando necessita muito dessa parte da memória ligada a coisas tipo: O que você fez ontem? O que você comeu? E a gente começava a perguntar: O que você fez ontem, essas horas? E respondiam: Não lembro. Aí eu comecei a prestar atenção e comecei a fazer perguntas para mim, para saber se minha memória é reativa ou não. Se ela tinha acesso às informações que eram guardadas. Aí eu vi que não, vi que ela era muito preguiçosa. Aí comecei a ler livros sobre conhecimentos gerais e assim eu comecei a ler mais. Aí eu tive uma fase de ler sobre Quilombola, Fazenda e Senzala eu li um pouquinho para ter conhecimento mais da minha história.

P: Quem te influenciou pra ler esse tipo de livro?

Laís: Aí vou falar a verdade, foi o pessoal daqui.

P: Pessoal da Biblioteca?

Laís: É mais ou menos.[risos]

P: Foi o Wilson?

Laís: Foi, foi ele que me influenciou nessa parte e eu também não lia porque não tinha conhecimento sobre a raça negra, libertação, minha descendência, como se deu tudo isso. Até hoje ele fala: “Como você vê a liberdade? Como é a imagem do negro daquela época e da época de hoje? Mudou muito.” E então eu comecei a ler e descobri que quilombo não era só

no Rio de Janeiro, não era só quilombo do Zumbi, eram vários quilombos e a gente não sabia. Teve uma luta muito grande em várias regiões que foram travadas.

P: É que a história não conta.

Laís: Não conta. E por isso comecei a ler para entender um pouco mais. Os professores tentam explicar, mas na minha sala não tinha muitos negros, eram pouquinhos. E a gente tinha aquele interesse de saber sua raiz e na escola não tem esse costume de falar sobre a raiz da família mesmo né, a árvore genealógica. E aí eu comecei a me interessar mais e ele dando esses livros, eu disse: “Nossa, agora estou compreendendo um pouco mais. Tirar esse idéia de que negro não gostava de livro, né. Não tenho mais essa idéia. Eu me pergunto: “Por que né dizer que negro é orgulhoso?” E aí comecei a mudar minha postura e de saber como foi a formação daquela população e ver como hoje mudou mais e tem escritores negros também. Aí eu comecei a fazer pré-vestibular e aí eu comecei a ter mais conhecimento da minha Igreja. Aí eu comecei a olhar com outros olhos a minha religião, a minha doutrina, que antigamente ela foi muito perversa, mas hoje ela deixou certos medos, mas dizer que a doutrina dela mudou completamente, não mudou. Mas aí comecei a ter esse olhar crítico maior mesmo, quando eu comecei a fazer esse exame, ainda mais freqüentando uma biblioteca que você conversa com vários tipos de gente, pega livros diferentes que fala de vários fatos da vida real ou não. Você não muda atitude tão de repente, mas aí eu comecei a fazer o pré-vestibular, aí comecei a ver outra parte da História, da religião e, querendo ou não, a vida é interligada à História, né. Aí quando eu comecei a falar muito da minha religião, que eu sou muito católica e sou aquilo que eu sou” Mas aí ele a explicar, começou a falar de outra forma e foi aí que eu comecei a aprender mesmo e porque isso aconteceu e porque a Igreja exercia esse poder naquela época sobre vários povos. E entender que eles tinham um conhecimento maior e já tinham conhecimento sobre a espiritualidade então já não podia ser o mesmo e tinha povos que não tinham e a escravidão foi uma das que eles falaram que estavam ajudando, mas eles davam com uma mão e tiravam com a outra. Eles ajudaram, mas tiraram com outra. E ele foi explicando um montão de coisas e ele era um professor japonês e a gente falava: “Nossa, como ele entende muito bem, nós que devíamos saber mais sobre nossa história e ele como professor graduado e tudo, como é que ele sabia tanto assim, né? Ele falou que, para ele, ele era irmão da gente, porque o fato que aconteceu e que acontece ainda foi muito importante para ele, como a luta foi importante porque as relações são muito complicadas mesmo e porque muitos não conseguem desenvolver referente à história e que as perguntas que deveriam ter sido feitas e não foram feitas e que muita gente não teve coragem de se expor naquela época. Quando a luta acabou, o negro foi jogado à margem, à periferia e não tinha como base, estrutura e nem da comida mesmo por causa da mistura que teve se a gente pudesse ter casais negros não precisava da miscigenagem e então ficou mais difícil para ele se equilibrar, fazer as bases, né. Eu não sabia que antigamente o negro não era constituído numa família né, e então tiveram que inventar uma lei, que é a Lei do Ventre Livre, e aí que eu comecei a entender um pouco mais a história, porque quem não conhecer um pouco de História nunca ai entender o presente, né. Principalmente quem não estuda ou quem não está envolvida vai ficar perdida. Vai ficar pensando: “O que tem a ver, né?”

P: Se você tivesse que dizer quem mais te influenciou para você gostar de ler, foi a escola, foi a biblioteca da escola, foi a biblioteca aqui, que foi a biblioteca comunitária, foi a própria Igreja, foram seus amigos, foram outros exemplos de leitores, quem você acha que mais te influenciou assim?

Laís: Minha família. Nessa parte, acho que foi a estrutura que a minha mãe sempre deu na educação e ela sempre falou: “Gente, educação, o estudo, nós somos humildes, mas tem que estar sempre em primeiro lugar e a gente tem que ir buscar.” E a gente se mirava no exemplo dela porque ela também voltou a estudar. Não é fácil falar tudo isso e não estar fazendo. Ela é assim. E minha família mesmo, meus familiares gostam de estudar, fazer leitura e também por

causa de mim e por causa da Bíblia, porque eu lia e tinha muitas histórias, porque eu não tinha compreensão muito boa. Só ela entendia. E aí, conforme eu comecei a ler outros livros, eu fui começando a ver e me falaram que no livro que se lê, cinquenta por cento é verdade e cinquenta por cento é mentira. E quando me falaram isso eu disse: “Por quê?” E aí ele me respondeu: “Só o autor vai poder dizer se foi verdade ou não foi. E quem escreve sempre vai aumentar, a história ou os fatos. Você nunca pode falar que aquilo é totalmente verídico, que é verdadeiro mesmo.” Aí começou mesmo uma influência de pegar livro.

P: Quem falou para você que cinquenta por cento é verdade e cinquenta por cento é mentira?

Laís: Foi um vizinho meu, quando você fica perto de uma pessoa que é muito inteligente parece que influencia a gente mais ainda, né, porque a pessoa inteligente tem a mente muito mais aberta, entende mais as coisas e eu nem sei como expor isso.

P: Era ele que ficava dizendo que você tinha que fazer faculdade?

Laís: Não, não foi esse não. Esse é meu vizinho e ele tem essa mania de religião e gosta de ler e minha prima também e ela gosta muito de discutir religião.

P: Como ela chama?

Laís: Amanda, e minha prima começou a praticar essa Igreja dos Mormons, a Igreja de Jesus dos Últimos Dias.

P: Que é ali embaixo, né?

Laís: Isso. E aí esse meu vizinho começou a participar, mas ele não fala, mas quando ele participa de alguma coisa, ele tem todas as perguntas dele para serem feitas até ele ver se aquilo é certo, se é correto ou não é. Essa igreja ela se tem como uma igreja única e verdadeira. Todo mundo que aparecia e ia lá para dentro, falava: “Essa igreja é única e verdadeira.” Aí a gente falava: “Engraçado, toda pessoa que entra aí diz que essa igreja é única e verdadeira, muito estranho.” E eu falava: “Gente, é assim, eu sou católica mas essa é uma igreja muito bem organizada, em tudo... na parte da família, na parte dos jovens, dos idosos, no coletivo, eles sabiam como fazer direitinho nas dinâmicas, nas atividades, bailes.” Nossa! Baile nessa igreja chamava mais atenção dos jovens e a gente foi e achamos lindo. E vinham americanos para cá e, nossa... a gente nunca viu, né. Ficava todo mundo bobo assim, todo mundo da rua e a gente ficava fazendo um monte de perguntas para eles lá. E a gente perguntava: “Vocês são muitos frios mesmo, por que é tão frio lá?” E nisso esse meu vizinho ele tinha mais de investigar sobre certas religiões e aí ele começou a pesquisar essa igreja e aí, quando ele pesquisou, ele viu que não era uma religião, era uma seita e minha prima estava adorando essa igreja. E aí ele foi descobrindo várias coisas dessa igreja, que antigamente tinha bigamia, onde o homem podia ficar com muitas mulheres naquela época, e desvirtuou toda a história da Bíblia, que Maria teve um filho, não do Espírito Santo mas de um homem e contou tudo totalmente diferente e a gente falou: “Nossa, agora começou *“a tirar”*, mesmo né. Agora, como esse conteúdo que a gente podia ter aprendido no momento que eles foram aparecendo na mudança da Igreja e expor os fatos que ocorreram e é como ele fala: “Todo mundo fala mal da Igreja Católica e o que fizeram de errado e essa igreja por que escondeu né?” E que tinha também a oração dos mortos também que eles fazem e a gente estranhou, porque será que os mortos precisam mesmo de toda essa adoração? É uma coisa muito estranha. E a gente ficava assim: “Se eu falar muita coisa e se você falar muita coisa, vai estar falando besteira, porque era muito forte a imaginação da igreja. Ela tinha uma organização muito boa. Aí ele chegou e pegou o livro de uma *“ex”* dessa religião dos mórmons e ela contou tudo que ocorreu. E no livro estava escrito que nem tudo que estava escrito num livro é a verdade. Aí eu fiquei prestando atenção e vi que agora sim é que estava caindo a ficha., porque a gente lê só uma parte e geralmente aquela parte é maravilhosa. E esse vizinho que pesquisou e que chamou a atenção da gente e foi explicando para a gente muito bem. E chamou o pessoal dos mórmons que dava aula para a gente e eles passaram o lado deles, mas teve hora que eles afirmaram que isso foi real, que foi assim que tudo aconteceu. E isso aí

começou a influenciar a minha prima a não participar da igreja porque, é lógico, faz uma mistura na cabeça da pessoa, na religiosidade dela, né. E ela tinha uma visão que Maria tinha engravidado do Espírito Santo, que Jesus não casou com nenhuma porque... que Jesus ia voltar num facho de luz. E aí fez uma mistura e foi aí que eu comecei a me interessar mesmo.

P: E você acha que em primeiro lugar quem mais te influenciou para a leitura foi a sua família, por causa da sua mãe?

Laís: Minha mãe né, não tem como, porque, se você não tiver ninguém falando para você que “Ah, se você não fizer isso, você também não vai ser instruído, né.”

P: E em segundo lugar?

Laís: Acho que, em segundo lugar, a escola influencia mesmo, né. Tem certos professores ali que dá uma ressalva, porque ele às vezes não quer que o aluno, ele não se importa de passar para o aluno o que ele aprendeu, porque às vezes ele não lembra muito, mas ele joga essas e percebe que: “Ah, esse aí pescou aquilo e vai entender porque.” A biblioteca também ajudou muito a mudar certos conceitos, certas idéias que você tem.

P: O que foi mais importante essa biblioteca daqui ou a da escola?

Laís: A daqui mesmo porque eles davam muita atenção para a gente. Eles perguntavam: “O que você entendeu do livro?” E a gente ficava toda sem graça. E perguntavam: “Vocês leram o livro? Até que parte vocês leram?” E a gente falava: “Pôxa, eles se interessam mesmo se a gente leu o livro, perguntam e minhas colegas mesmo falavam que aí a gente gostava mesmo de ler o livro e as minhas amigas gostavam de vir.

P: Elas não gostavam?

Laís: Gostavam porque era gostoso, porque faziam perguntas: O que ela leu? O que ela entendeu? Aí vai mudando um pouco a idéia assim, porque o professor só passa como matéria e você vai lendo em outros lugares e tem outras pessoas interessadas no que você está aprendendo e vida vai mudando, né. Porque aí as pessoas estão apostando um pouco na vida dos jovens, na leitura e aí que eu gostei mais, já ia pegar livro na biblioteca, fazer certas perguntas também, já que eu não entendia vou perguntar para quem entende. E aí você conhece mais livros, mais autores. Ah! deixa eu ver: Ah, o Wilson também, ele quando me viu, ele fez a pergunta né: “O que eu entendi sobre o mundo subdesenvolvido?” Aí ele perguntou toda questão geográfica para mim e eu falei: “Não sei, sou muito nova para saber tudo isso.” E foi muito engraçado porque eu falei, e era dia do meu aniversário ainda.

P: Que dia é seu aniversário?

Laís: Dia vinte e cinco de dezembro. E quando ele perguntou isso para mim, e ele é muito comunicativo, o que ele pode passar para a pessoa ele passa. E eu não sou muito de ficar falando, principalmente essa parte séria e ele me chamou num canto e começou a falar sobre a parte global, e eu falei: “Ah, eu estou entendendo, mas acho que sou muito nova para entender do assunto e isso aí eu vou entender mais conforme o tempo.” Aí, depois que ele falou aquilo para mim, eu fiquei pensando no aquecimento global, no mundo subdesenvolvido e que o Brasil é o terceiro e aí eu comecei a ter conhecimento que o mundo não só gira só no bairro, o que aconteceu nos EUA referente à Bolsa de Nova York, os dólares, vai influenciar no Brasil também. Agora, eu falo que hoje eu tenho noção um pouco mais porque, se ele não fizesse essas perguntas, e ele fez pergunta assim sobre Angola, e ele fez para mim, né. Eu disse: “Temos descendência”. E a minha mãe veio falar para mim: “Ele falou isso?” E eu disse: “O que é que tem? Nós temos descendência, né.” E aí esses pontos sobre a minha religião, a minha cor, eu queria entender um pouco mais. Em casa, a gente conversava e cada um tinha um ponto de vista sobre o porquê a escravidão aconteceu, porque os negros de Angola são olhados com outros olhos. Eles falam que no passado os negros eram muito orgulhosos. Eu fico pensando: “Será que poderia ter sido isso? O ser humano não pode ser julgado por aquilo que a Igreja põe, o que deveria ser posto são os direitos.” E eu não entendia porque essa parte

da religião sempre foi aguçada em mim. Eu dizia: “Não pode ter sido isso. Deus não ia querer que fosse assim e não tem nada a ver.” E eu falei: “Não, não é isso.” E eu fiquei próxima das pessoas que tinham um desenvolvimento nessa parte diferente do meu, sobre religião, sobre as raças, como que se consideram como negros e outros dizem que são pretos.

P: Qual é a diferença?

Laís: Porque assim: um dia a gente foi fazer uma pergunta para um menino daqui da biblioteca, o Aquim, e foi muito engraçado. Eu falei: “Eu sou negra.” E ele: “Não, nada disso.” E falamos: “Mas preto é uma cor.” E ele: “Pode ser uma cor, mas, para definir um movimento como o que foi, nós somos pretos, porque a palavra negro é muito sofrida, muito atacada. Mas então o preto não gosta de ouvir muito essa palavra. Não só ler como ouvir um branco dizer ô negro! Então a palavra negro soa de uma forma muito pejorativa, pequena.” E aí eu comecei a entender porque muitos se consideram como pretos. E também nos EUA que também não pode chamar de negro, porque eles não admitem, né. E muitos daqui também têm como referência a de lá e as histórias de lá. E quando ele falou tudo aquilo para a gente, porque a gente estava apostando né. E ele pegou o dicionário e mostrou que isso também quer dizer uma cor negra e a gente falou: “Mas amarelo também é uma cor.” E aí já fica o conflito né. Mas ele deu uma ressalva, um segundo nome né.

P: Como é o nome da moça que é professora?

Laís: É a Fernanda.

P: Nossa... eu estou cercada de Fernanda aqui. Eu quase botei o nome de Fernanda na minha filha também. A parente, a prima que também é professora é Fernanda, né? E o que seus amigos e amigas falavam de você ler bastante? Achavam normal, achavam esquisito? Você ajudou eles a se influenciar, como que era?

Laís: Certas partes tem certos amigos que influenciam na leitura né. Eu tinha uma colega que ela gostava de ler e ela pediu um livro emprestado sobre a Anita Garibaldi. E que era uma história que eu tinha em casa e aí eu falei para ela que a história era muito legal e contei. E quando eu leio algo, eu tenho que contar, não dá para ficar tudo para mim, não dá para ficar também né. E ela achou legal e disse: eu quero ler. Então, eu vi assim que em certas partes, se eu não falasse assim, não ia fazer bem nem para mim e nem para minha colega. Tem amigos meus assim, tem uma amiga que diz: “Ah, Taisa você para decorar e a parte da leitura você é o *must*. Você gosta mesmo.” Eu falei: “Ah, eu comecei a gostar mesmo e é algo que a gente tem como registro né, os livros. É um documento também”. E ela até me contou uma história sobre catadores, que eles catavam livros, um senhor que catava livro e que ele não tinha noção do grande poder que o livro tinha e das histórias e quando ele começou a abrir e ele foi tendo conhecimento do patrimônio histórico do Brasil. Então, você está vendo como ler é uma coisa importante? Aí eu comecei também a influenciar a minha amiga. Agora o que eles falam que é legal ler é que eu mesmo gosto. Pode falar né, e a gente começa a querer ler também e até minha mãe estava começando a pegar livro aqui para ler. Aí é um incentivando outro.

P: E antes de pegar livro aqui, você tinha livro em casa, pegava com sua prima, como é que você fazia quando você era pequena?

Laís: Quando eu era pequena, minha irmã e eu estudamos em colégio de freiras e ali as coisas eram muito rigorosas.

P: Mas era uma escola de freiras?

Laís: Não. Era uma escola particular, era um internato. Tinha escola estadual, era na zona sul, mas era uma ótima escola também.

P: Que bairro da zona sul? Eu moro lá na zona sul.

Laís: É lá no Jabaquara.

P: Ah, não. Eu moro na Zona Sul, mas pra lá de Santo Amaro. É zona sul, mas é periferia e Jabaquara é mais centro.

Laís: Lá era mais perto do Aeroporto de Congonhas, era a creche e ela já tinha uns cento e nove anos a freira de lá.

P: Até que idade você estudou lá?

Laís: Eu fiquei até os nove anos, digo, até os dez anos. E minha irmã ficou até os doze porque minha irmã entrou com cinco e eu entrei com três anos. Aí eu saí com dez e ela saiu com doze.

P: E aí vocês vieram morar aqui na Cidade Tiradentes? E como era naquela escola, tinha livro?

Laís: Isso. Lá era um atividade imensa que a gente tinha e era tudo muito organizadinho, cronometrado, o que eles faziam. A gente ia para a escola com a tia, a tia levava a gente para a escola e depois a gente tinha momento de... almoçava, tinha momento de reforço que a gente tinha que fazer e ela via onde a gente tinha dificuldade e aí a gente tinha aula de violão, de criatividade

P: E vocês dormiam lá?

Laís: Dormia lá e isso foi uma ajuda a mais porque tinha mais atenção, né. As professoras não davam só atividades normais, elas passeiam e elas queriam que a criança tivesse não só dever, mas lazer também e dependia da criança. Se ela dissesse que: “Ah, isso eu não vou fazer.” E outras faziam bem direitinho e tinha crianças que nunca tinham tido isso e a gente precisa saber valorizar. E a gente valorizou muito e lá eles davam uma ajuda para você entrar na faculdade. Mas, como entrou o governo do Maluf, ele tirou. Ele tirou uma porção de coisas e lá era uma Instituição.

P: Você lembra o nome de lá?

Laís: O colégio era Almirante Barroso e a creche era Baronesa de Limeira.

P: O colégio era Almirante Barroso?

Laís: É. O colégio era Almirante Barroso e a creche era Baronesa de Limeira. E a nossa adolescência foi maravilhosa, não tenho nada para reclamar. Muita gente falava: “Ah, ficou longe da mãe, mas foi como um preparo na educação. Minha mãe foi muito criticada, não que a gente não gostou, por ter deixado a gente na creche, né. Ela falava que era um sonho da mãe dela também. Então ela dizia: “Ah, é meu sonho também. Então, eu vou realizar o sonho dela.”

P: A sua mãe já morava aqui na Cidade Tiradentes ou ela morava lá no Jabaquara?

Laís: Ela morava lá no Jabaquara e com um estilo de ida totalmente diferente e ela falava: “Vem para cá, muda tudo. É um começo, né.” Lá eu tinha estrutura e aqui não, tinha que ser construído.

P: E a família desceu a lenha na sua mãe?

Laís: Desceu a lenha, mas ela falava que era porque precisava e não porque ela queria deixar os filhos sozinhos, sem assistência nenhuma: “E no momento que eu estiver trabalhando como é que eu vou...”

P: Ela trabalhava bastante?

Laís: Trabalhava. Ela era cozinheira e aí ela falou: “Melhor eu garantir essa parte do que fiar na mão dos outros...” E hoje em dia os parentes agradecem. Eles falam: “Você está de parabéns porque seus filhos...” , porque pelo menos da vida que a gente tinha e que todo mundo falava: “Ai, coitadinhos.” E ela falava: “Eu não devo satisfação para ninguém e as minhas coisas eu que assumo.” Hoje ela é agradecida, elogiada.

P: Valente sua mãe, hein?

Laís: Meu avô é quem fala: “Sua mãe está de parabéns”. Ele fala: “Parabéns.” Porque eles tinham uma outra visão, porque naquela época o preconceito era muito grande.

P: E hoje a sua mãe voltou a estudar?

Laís: Voltou porque eu andei pegando no pé dela. Porque é assim: quando ela passava para a gente e a gente falava para ela: “Por que você não terminou?” E a gente falava: “Você tem que terminar.” Vai com calma. Parou porque tinha sofrido um acidente: ela perdeu o dedo da

mão e ela não teve uma ajuda da mãe dela para ela estudar porque, naquela época, para ela e a mãe dela o ensino era muito básico, né. E a gente falou: “Não, agora você tem condições de voltar a estudar, de aprender mais. A gente sabe que você é boa em conta e você tem uma letra linda.” E ela falava que o primo dela dizia que a caligrafia tem que ser impecável e ela falava que tinha uma tia que tinha uma caligrafia muito linda e ensinou ela e ela agradeceu muito porque a caligrafia dela é linda.

P: Desculpe, estava muito barulho e eu não ouvi.

Laís: Eu estava falando que ela tem que terminar o estudo. Ela tem uma letra linda e sabe fazer conta e ela falava: “É como tem gente que não terminou e está bem de vida?” E eu falei: “Ah, porque as coisas hoje não são iguais daquela época, e agora exige ensino fundamental e até quem tem faculdade tem que mostrar que tem conhecimento mesmo, aí que vai ser a prova.” Foi isso aí que eu falei para ela e ela começou a pensar e falou que ia voltar. E ela voltou, só parou no primeiro por causa do serviço dela, mas pelo menos ela saiu do serviço de auxiliar e saiu da quarta, da quinta e assim foi indo e a gente dando apoio para ela mesmo.

P: E ela trabalha como cozinheira?

Laís: Não, hoje ela não trabalha mais como cozinheira, ela está como faxineira e a gente falou para ela que ela perdeu por causa do estudo. Ela tinha conhecimento, mas não tinha o fundamental completo. E aí pegaram outra pessoa.

P: Ah, que talvez nem cozinhasse tão bem, né? Provavelmente não cozinhasse tão bem.

Laís: Foi o que eu disse para ela e disse ainda que agora ela vai voltar a estudar, vai estudar: “Senão a gente vai bater em você.” Eu sempre falo que tudo a gente vai aprendendo e para ela isso foi importante, foi mais importante ainda porque a gente empurrou ela para estudar. Eu e meu irmão falávamos: “Vai estudar, sim.” Ela chamava a gente para ensinar e a gente dizia: “A gente vai ensinar você, não vamos fazer para você.” Eu digo que leitura, o saber ler e escrever representa algo na vida de alguém e é muito importante. Uma noção básica para a pessoa, né.

P: E me fala uma coisa, por que você acha que gosta bastante de ler se seu irmão e sua irmã nem tanto? Porque nunca tiveram que estudar tanto ou porque eles não vieram muito na biblioteca? Enfim, quando você olha assim, por que você acha que você gosta muito mais de ler do que eles?

Laís: Porque a minha irmã é muito agitada e eu não sou uma pessoa agitada, uma pessoa muito agitada, eu sou muito mais na minha. Então, o jeito dela é de sair muito e eu gosto mesmo é de ficar dentro de casa, eu fico mais na minha. Então, o livro se tornou um incentivo para a leitura e um empurrão também para eu ler o livro e eu sou mais isso. E meu irmão ele tem aquele incentivo para a leitura, mas não é uma coisa forte assim, ele pode ler um dia e acabou. Mas ele também é agitado e a diferença de mim é isso: a agitação. Ela tem um outro olhar do mundo. E, para falar a verdade, ela tem um olhar totalmente diferente do meu e do meu irmão mesma coisa. O olhar dele é totalmente diferente do meu. Até a forma deles aprenderem a absorver é diferente. Minha mãe que fala que nenhum dos irmãos são iguais, não tem como.

P: E você falou que agora, se você tivesse tempo para ler, você ia ler sobre psicologia e que você se interessa por esse assunto e até minha pesquisa é de psicologia, coincidência. Então, quando você lê, você pode ler para estudar, para se informar. Quando você lê coisa de romance, de aventura, por que você gosta de ler isso? Você se sente bem? Por que você acha que você gosta? Que isso traz assim de sensação? Te traz calma? O que você acha que acontece? Me conta o que você acha que rola.

Laís: É o que conta assim de uma vida de uma pessoa, de pessoas diferentes e eu me emociono de saber que isso se passou há muito tempo, de saber que foram criados porque as histórias foram muito bem criadas, parecem reais. Romance é assim, como sempre o final é maravilhoso [risos], não tem nada a ver, mas o maravilhoso é quando termina a história ali,

mas a continuidade do romance é outra coisa, mas o que me faz assim ler é os personagens, o jeito que falam dos personagens, a forma que ele lida com a situação que aparece no livro e com o que vai acontecendo, a tomada de decisão com o que está acontecendo ali que o autor que escreveu ou se foi um fato real mesmo, e eu me interesso mais ainda quando é fato real. E também quando é fictícia e, às vezes, nossa, como parece real. Será que isso não aconteceu mesmo? Não sei porque mesmo que eu gosto, acho que é uma forma de prestar um pouco mais de atenção no que acontece ao meu redor, não só com meu bairro, com as histórias que acontecem no meu bairro mas com histórias que acontecem em outros locais e o que é interessante é ver como foi mudando a vida da pessoa conforme aquela história é contada. É que é assim: falavam que antigamente tinha muito conto e era o que ajudava as pessoas a terem noção de outros locais, como que era e é porque eu gosto assim. De regiões do Brasil também. Eu li um livro que falava de Ouro Preto e falava das igrejas que são maravilhosas e eu falava: “Ah, eu quero um dia ir lá ver.” E lendo o livro te dá a impressão que você viveu naquela época. Como era totalmente diferente a forma deles lidarem com as situações, de como a mulher era vista. Eu li um romance também que a menina era sempre culpada, acontecia alguma coisa e já diziam: “Ah ela é a culpada. Foi por ela que tudo aconteceu.” E então vão ter que salvar ela. Mas e por quê? Aí você começa a fazer perguntas porque o autor também faz surgir um questionário. E aí também que me põe mesmo para ler é não ficar como você falou: alienada. Senão, você pensa que vai depender de outra pessoa para aprender alguma coisa. E as pessoas falam: “Ah, você fica lendo muito livro, o que você vai aprender?” E lendo um livro você vai aprender muita coisa mesmo, você aprende a distinguir muita coisa, mesmo que você não sabia que era aquilo. Você fala: “Será que era aquilo mesmo?” Até no conto mesmo, na aventura, eu acho que ajuda a pessoa a ter um pouco mais de coragem de fazer aquilo mesmo que ela quer e não ter medo do objetivo que ela tem de fazer faculdade, de ser uma dançarina ou de cantar. E quando ela lê um livro e vê os fatos que ocorreram, até o que ela viu de positivo ou não, dá uma noção conclusiva sobre você também, né. Você vê como você pode pegar parte desse livro e fazer parte da sua vida também. Mas essa parte eu não queria fazer porque eu não estou lendo muito agora ...que eu tenho que estudar e trabalhar e são coisas mais administrativas, documentos, então é um outro olhar, mais cientificamente mesmo. Então é um cuidado maior nessa área. Se bem que eu não estou lendo muito, eu peguei um livro que é *Em nome da rosa* e que é da Igreja também.

P: É do Umberto Eco?

Laís: Isso mesmo. E me falaram tanto desse que livro que eu disse: “Não, eu vou ler.” E até o filme falaram. Mas eu disse: “Não, vou ler o livro primeiro porque todo mundo fala que o filme não conta toda a história. O livro *Em nome da rosa* é um livro assim meio que religioso, que fala um pouco mais da história de Maria e teve um que eu li que era *Maria Lavath* e eu achei muito bonito, falava da religião essênica, né. Eu estou voltada mais para essa parte de psicologia da religião, ler um pouco mais e saber um pouco mais daquilo que eu estou participando, né. Se eu estou na igreja, eu tenho que ter conhecimento de tudo o que o padre está falando, a diferença da mesa, a cor do pano que eles colocam, a batina que eles colocam diferente.

P: Você faz um trabalho no altar lá na sua Igreja?

Laís: Ah, eu participo. Participo do Grupo de Jovens e ajudo na missa.

P: E o grupo de jovens incentiva a ler ou não?

Laís: De todos ali que eu acho que possam gostar de ler...

P: Só você?[risos]

Laís: Ah, como todo mundo fala: “Ah, ela gosta muito de ler a Bíblia.” Eles reparam. Acho que mais uns cinco.

P: Muita gente fala que a Bíblia foi o primeiro romance por causa daquilo que você falou: que tem um monte de histórias, quem casa com quem, quem é filho de quem, o que acontece,

principalmente – principalmente não, se no Antigo Testamento tem no Novo também tem - se você pensar na história de Cristo, quantos filmes já deu né?

Laís: Nossa, um monte e cada um diferente do outro. Eles não são todos iguais e eu procuro muito essa parte. Às vezes, fico me perguntando: “Será que eu estou muito obcecada?” Mas é uma coisa que está muito enraizada em mim. Eu gosto dessa parte que fala da espiritualidade, de pessoas que tentaram fazer alguma coisa diferente nessa vida para pessoas em seu redor, para pessoas próximo dela, fazer algo diferente. Não só desenvolver ela, mas desenvolver quem está próximo. É muito bom ter isso e passar o conhecimento para outras pessoas e aí vai dando incentivo para a pessoa, né.

ENTREVISTA COM MALIK

P.: Então, Malik, me conta um pouco de você, o que você leu no passado, se vem lendo, se você leu só para trabalho, como que foi?

Malik: Outras coisas.

P.: Outras coisas? Me conta um pouquinho então.

Malik: Como eu precisava fazer leitura para a universidade, eu fiquei muito destinado a leitura de textos e recortes, capítulos de livros.

P.: Para a universidade?

Malik: Para a universidade, uma leitura podada e muda. Basicamente essas coisas e algumas para distrair.

P.: O que você leu para se distrair?

Malik: Para me distrair? Paulo Freire [risos] e Lima Barreto.

P.: Ah, tá. O que você leu do Lima Barreto?

Malik: Do Lima Barreto, Clara dos Anjos.

P.: Me conta um pouquinho como é que você acha que começou a gostar de ler, que ensinava e não por obrigação.

Malik: Gibi em preto e branco e tinha umas palavras que eu achava interessante: “silêncio sepulcral que permeava toda a cidadela”. Eu achava isso interessante com nove, dez anos.

P.: E você entendia essas palavras?

Malik: Fazia associação com a gravura, com o quadrinho e conseguia entender.

P.: Legal. E você se lembra quando você começou a ler, como foi na escola, quantos anos você tinha, se gostava da professora, da escola?

Malik: Olha, o meu caso foi bem interessante, eu me lembro de toda cena. Eu li uma frase que dizia: Ele estava na praça. Eu li isso no primeiro mês, no primeiro bimestre do primeiro ano e aí a professora Dirce me empurrou por todas as salas, da primeira até quarta, lendo para eu ler na frente da classe para mostrar que eu sabia ler.

P.: Ah, e você foi o primeiro aluno da sua sala que soube ler ou primeiro aluno do primeiro que soube ler?

Malik: Pelo menos, foi isso que mostrou, provavelmente eu tinha uma noção de leitura. Nossa, é engraçado. Eu lembro da cena, essa história estava engavetada.

P.: Vou fazer um parêntese só para te dizer que seu nome vai ser trocado. É tudo muito confidencial.

Malik: Já tinha até um nome fictício, mas depois eu falo. Senão, não é mais confidencial

P.: Ah, é verdade.

Malik: Na verdade, a gente estava fazendo uma atividade, era a lição do R, lembro até hoje, era a lição do R. E aí tinha um menino que lia é toulo, é toulo. E eu falei: é touro, é touro. E aí eu peguei o livro e li a frase inteira. Daí a professora viu que a gente estava conversando. Primeiro, ela queria dar uma “carcada”. E aí eu li, ela disse: “Lê de novo.” E aí eu li. Então, ela falou: “Vem aqui.” E ela passou em todas as salas – era no período vespertino – correndo por todas as salas, mostrando que eu sabia ler.

P.: Você acha que tinha uns sete anos?

Malik: Não, eu tinha seis ainda. Eu entrei na escola um pouco adiantado, porque eu fazia sete em julho. No primeiro momento assim, eu disse: “Caramba, eu sei ler.”

P.: E foi logo no primeiro bimestre?

Malik: Foi bem no início assim.

P.: Então você tinha feito pré?

Malik: Olha, seis meses só.

P.: Então, a que você atribui essa facilidade para ler?

Malik: Não sei. Na verdade, nunca parei para pensar porque na primeira série eu não lia gibi. O que eu fazia muito quando eu andava pela cidade com meu pai de ônibus era ficar olhando as placas. Desde os cinco anos eu ficava olhando para tudo que é lado e depois disso eu peguei gosto por ler.

P.: E seu pai ia te falando o que estava escrito nas placas?

Malik: Não.

P.: Você sempre ia com ele de ônibus para a cidade?

Malik: Sempre, sempre ia com meu pai, às vezes que ele ia procurar emprego, assim um emprego informal e ele me levava sempre para estádio de futebol. Ele trabalhava em estádio de futebol.

P.: Ah, que legal. E você “filava” sorvete também [risos].

Malik: É. E agora ele nem pode chamar a atenção. Era Yopa, que agora eu acho que nem existe mais.

P.: A Yopa virou Nestlé, eu acho. Eu lembro da Yopa. E me conta como é que você se sentiu quando a Dona Dirce te levou em todas as salas para te exibir?[risos] Você ficou orgulhoso?

Malik: Acho que mais encabulado do que com orgulho assim, mais encabulado. Era meio embaçado ficar lendo para a sala inteira e eu era, ainda tinha aquela categorização A, B, C e D, e eu era da D.

P.: Você era da D?

Malik: Era da D.

P.: E por que você tinha sido colocado na D?

Malik: Provavelmente porque a nossa turma veio, eu tenho quase certeza que eles faziam a distinção pelo poder sócio-econômico, porque era um bairro pobre, mas umas áreas em torno eram mais qualificadas.

P.: Que bairro que era?

Malik: Jardim Fernanda.

P.: Onde é esse Jardim Fernanda?

Malik: Próximo ao Shopping Aricanduva. Próximo, não, era bem perto. Avenida Pompéia por ali. Eu creio que eles faziam distinção, talvez isso tenha sido só uma coincidência. Boa parte da minha turma eram os que moravam ali.

P.: Eu estava te perguntando por que você acha que você aprendeu a ler tão rápido na escola e você falou que você ia com seu pai de ônibus prestando atenção nas placas. Você tem irmãos mais velhos?

Malik: Tenho, o Clayton e a Adriana.

P.: O Clayton ou a Adriana, eles te incentivavam para você ir para a escola? Falavam alguma coisa?

Malik: Não.

P.: Não? Então, é um mistério porque você aprendeu a ler tão rápido.

Malik: Na verdade, refletindo agora bem rapidinho sobre isso, só pode ser mesmo essa viagem pela cidade de São Paulo e olhar as placas, ver os letreiros de ônibus. Porque, de resto mesmo, eu fazia o que uma criança pobre e normal faz. Brinca de coisa que não exige muita leitura. Assistia programa que naquela época era Jaspion e o Giraia, que não forçava muito o cérebro.

P.: E você gostava da escola? Como que era? Você sempre foi um bom aluno, variou?

Malik: Não, sempre fui. Sempre entre os melhores do dentro que eles chamam de estudante melhor. Hoje eu já não concordo com isso de que um aluno, um estudante, é melhor do que o outro. Mas eu estava sempre ali na linha de frente.

P.: Você acha que tinha essa boa relação com a escola por causa de quê? Sua família pegava no pé, mandava você estudar, sua mãe ia nas reuniões e falava: “Menino, estuda.” Por que você acha que você foi bom aluno?

Malik: Bom, pela parte dos meus pais, não tinha muita cobrança não. Minha mãe trabalhando e meu pai desempregado e sem muito tempo de dar atenção ao momento escolar. Está aí uma outra incógnita. Vou pensar sobre isso. Talvez porque eu tinha preguiça de estudar em casa e eu ia para a escola, então arrebatava na escola, porque eu não gostava de fazer lição em casa.

P.: Você se concentrava e já fazia a lição de casa na escola?

Malik: Boa parte da lição de casa eu fazia na escola e, quando não dava, eu ia para casa e em casa eu tinha problema.

P.: Por que você tinha problema?

Malik: Porque eu não gostava de fazer lição em casa, porque, para mim, a casa era lugar para brincar e a escola era para onde eu ia para estudar. E a relação que eu fazia era: se minha mãe está trabalhando, eu preciso fazer a minha parte dentro das dificuldades que tinha na família ali. Eu acreditava que eu tinha que estudar e foi rolando.

P.: Entendi. Você falou que gostava de gibi. Como você tinha acesso a esses gibis? Seu pai comprava, você pedia ou alguém te emprestava, ou você tinha um pouco e tinha um amigo que tinha outro? Ou seus irmãos é que tinham? Como ia parar gibi do Konan, quer dizer, Homem Aranha, na sua casa?

Malik: Minha mãe era trabalhadora doméstica. A patroa dela tinha um filho adolescente e aí ia jogar os gibis fora. Porque um dia ela deu uma carona para minha mãe e eu estava junto com a minha mãe e, na carroceria de uma Pampa, ela tinha um monte de gibi lá. E ela ia jogar fora e eu peguei uns gibis.

P.: Ela ia jogar fora sem te oferecer?

Malik: É. Eu fiquei olhando e ela falou: “Você quer?” Eu respondi: “Eu quero.” Ela ia jogar fora, ia tudo para o lixo e eu fiquei folheando, porque na Pampa ia minha mãe, ela, mais uma pessoa na frente e eu fui na carroceria. E, quando a gente ia descer, eu estava folheando o gibi do Homem Aranha. Acho que eu estava com uns nove anos.

P.: Quantos gibis você acha que você ganhou naquele dia?

Malik: Uns sete ou oito gibis, mas não chegava a dez. Mas era um tanto considerável. Era só Homem Aranha. Konan era só na quarta série. E o Konan eu lia emprestado. Tinha um menino que o pai dele era dono de uma banca de jornal e ele era da minha sala. Esse menino estudava junto comigo e o pai dele era dono de uma banca de jornal.

P.: Era o mesmo que era amigo da Vanessa ou não? Ou era outro dono de banca de jornal?

Malik: Era outro. Quando eu morava lá, era outra parte da zona leste. Ele era dono de banca de jornal, de locadora. Era uma realidade engraçada daquela escola. Era uma escola de ensino forte, de regras fortes e tinha estudante de classe média porque, para você ter, na década de noventa, uma banca de jornal, uma vídeo-locadora no período dos planos econômicos mirabolantes do Collor, era um cara de poder aquisitivo razoável. Tinha gente que morava na favela, que era meu caso, e tinha gente que era dono de comércio e tal.

P.: E vocês trocavam idéias sobre os gibis? Como é que era?

Malik: A gente falava sobre o Konan, a gente acha que o Konan era trash.

P.: Falavam palavras difíceis?

Malik: Palavras complicadas e eu achava isso da hora e isso me aproximou muito dele.

P.: Quanto tempo você conviveu com esse menino?

Malik: Com o Anderson?

P.: Ah, era Anderson o nome dele?

Malik: Eu lembro do nome e sobrenome dele, era Anderson Bossi Pimenta.

P.: Como? Bossa?

Malik: Bossi Pimenta. Era descendente de italianos. Foram dois anos da quarta à quinta série. E, quando fui ver, eu já gostava de ler já. Daí já passava a frequentar a sala de leitura da escola.

P.: E a sala de leitura da escola lá perto do Aricanduva?

Malik: Lá era aberto.

P.: Me fala dessa sala de leitura, das salas como que era, podia levar livros para casa, não podia, quantas vezes por mês ia nessa sala de leitura, ia com a professora, ia sozinho. Como é que era?

Malik: Ia com a professora. Não levava livro para casa. A professora levava a galera e ficava um monte de gente e aí não tinha leitura nenhuma. Ela dizia: Você vai lá e pega o que você quer. Tinha acho que um dia específico para ir para a leitura. Não me recordo bem das ocasiões que nós íamos para a sala de leitura, mas não havia cobrança de alguma forma de avaliação da leitura. A gente ia lá para...

P.: Para se divertir, para ler.

Malik: Mas não havia indicação de leitura mesmo, que te indicasse para algum caminho. Então, eu lembro logo de cara assim, era na terceira série que eu freqüentava a sala de leitura, de: Mobi Dick era o livro que eu li. Não era da coleção Vaga-lume, mas era parecido.

P.: Como era essa Coleção Vaga-lume? Eu não me lembro, porque eu não tive sala de leitura na minha escola. Não existia isso porque eu sou mais velha que você.

Malik: Leitura infanto-juvenil com títulos clássicos. Títulos para os da minha época assim: Passageiros do Futuro, A Ilha Perdida, A Primeira Reportagem, esses os livros que eu li. Açúcar Amargo, um clássico que até hoje na faculdade, eu reli esse livro porque ele é muito legalzinho. Acho que essa coleção iniciou uma boa parte de quem lê um pouquinho, começou com essa Coleção Vaga-lume.

P.: É verdade.

Malik: Tem alguns exemplares aqui na biblioteca e eles saem com uma certa freqüência, pelo menos quando eu fico aqui. E eu sempre indico Açúcar Amargo. Eu digo: “Leia: Açúcar Amargo, fala das mulheres que trabalham no corte de cana na região de Ribeirão Preto”. E isso, para uma leitura adolescente, eu acho até um pouco avançado. O Autor é Pedro Bandeira, quer dizer, Marcos Reis. Dá uma lida nesse livro, é bom, é bom.

P.: E me fala, você começou a ler a Coleção Vaga-lume com quantos anos?

Malik: Da terceira série até a sexta, sétima. Até a sétima série mais ou menos. Tinha uns dez anos.

P.: E como que você fazia? Você lia principalmente na sala de leitura mesmo? E em casa você lia mais gibi?

Malik: Gibi.

P.: E depois desse período, com quantos anos você mudou aqui para a Cidade Tiradentes?

Malik: Onze.

P.: Com onze anos, a partir da quinta, sexta série.

Malik: Quinta série. Foi o último ano que eu fiz lá.

P.: E você falou que lá podia ir na sala de leitura e aqui não podia?

Malik: Aqui não tinha. [risos]

P.: Aqui não tinha.

Malik: Engraçado, porque, quando nós viemos no ano de 1992 para cá, uma série de escolas ainda não comportava o número de crianças que veio para cá. Foram construídos barracões, as famosas escolas de latinha.

P.: Eu já fui em várias delas. E aí?

Malik: Você imagina escolas sem estrutura nenhuma. E também não tinha sala de leitura. Pelo menos, se ela existia, se existisse, nunca foi aberto para os estudantes. E aí leitura quase nenhuma aqui até a oitava série. Nessa linha.

P.: Tá. Essas escolas de latinha não tinham sala de leitura, mas as aulas de língua portuguesa eram legais, dava para desenvolver hábito de leitura ou não? O que você se lembra mais ou menos? Ou ensinava mais gramática? Como é que era?

Malik: Eu lembro da professora Lúcia, que inclusive eu fui apaixonado por ela. Não vai entrar na pesquisa mesmo, então eu brinco. Eu fui apaixonado pela professora Lúcia. Ela tinha uns trinta e poucos anos e eu me apaixonei por ela.

P.: Por quê? E ela era de português?

Malik: Era de português, e eu achava... Mas ela era uma ótima professora e ela indicava livros na sala de aula. Ela indicava, mas a gente não tinha acesso e sem muita possibilidade de conseguir livro. Eu acho que foi um período de ostracismo da sexta série até o primeiro ano colegial. Sem leitura, se eu contar, acho que li uns três livros, da sexta série até o colegial, foi muito. Muito pouco.

P.: O que aconteceu no primeiro colegial?

Malik: No primeiro colegial, eu comecei a trabalhar e aí eu tinha que mentir no emprego.

P.: Como assim, mentir?

Malik: Porque eu tinha catorze, a família pensando para procurar emprego porque precisava mesmo. E aí na entrevista, a moça perguntou se eu gostava de ler e eu gostava de ler. Aí ela perguntou o que eu lia e aí comecei a falar o nome das revistas. Por incrível que pareça, eu falei o nome de várias revistas, umas revistas ridículas para mim hoje: Isto É, Revista Manchete, Veja e nem tinha revista Época. Aí eu falei essas revistas e ela perguntou: “Mas você lê isso mesmo?” E eu respondi: “Leio.” “E que parte você gosta de ler?” ela perguntou. E eu respondi: “Tecnologia.” Tudo mentira porque eu gostava de outras coisas, mas eu nem lia revista Veja. Eu sabia que elas existiam.

P.: Por causa do seu amigo cujo pai tinha banca de jornal?

Malik: Não, não. Pela vida mesmo. Sabia que essas revistas existiam nas bancas de jornal quando eu ia já procurar revista em quadrinhos, porque revista em quadrinhos continuava. Mas aí com treze anos, doze, eu fazia trabalhos esporádicos na feira com uma barraquinha de pão e conseguia levantar um fundo e ia lá e comprava gibis.

P.: Entendi.

Malik: E eu comprava gibi usado do Konan. Eu cheguei a ter uns sessenta e sete números do Konan.

P.: Uau, era fã mesmo.

Malik: Gostava muito do Konan, muito, muito mesmo. E aquelas palavras eu já entendia e, na verdade, uma nota de rodapé: as revistas do Konan me incentivaram a estudar Geografia.

P.: Por quê?

Malik: Quando você abre a revista do Konan, hoje nem sei se tem revista do Konan sendo publicada aqui, mas ele tinha um mapa. Era uma história fictícia. “A Era Eboriana” era o período em que se passavam as histórias do Konan. Ele tinha um mapa que era uma alusão ao mapa-mundi e eu identificava os personagens, as nações que viviam na história fictícia com o mundo real. Daí essa relação. E no gibi do Konan tinha e tinha um personagem que chama Salomão Ken, ele era puritano. O nome dele era Herói Puritano e eu queria saber que diabo que era o Herói Puritano. Daí eu fui tentar pesquisar quem era o Herói Puritano. Falava da Inglaterra século XV e eu ia no século XVII e aí eu comecei a tomar mais gosto pela leitura. Eu devo tudo ao Konan.

P.: Você acha?

Malik: Acho que sim. [risos] Mas aí, voltando lá na mulher, o que eu gostava mesmo de ler era gibi do Konan e, na hora da entrevista, eu falei: “Ah, leio revista Veja, Época, quer dizer, Manchete, Isto é. E aí ela caiu no golpe. Mas também os meninos que concorriam comigo, coitados. Coitados não, né. Tinham uma deficiência de leitura muito grande também, eles nem conheciam essas revistas. A minha vantagem era de conhecer essas revistas. Eu via essas revistas na banca de jornal e, pelo menos na hora da entrevista, na dinâmica, isso para trabalhar de ajudante geral, daí me perguntaram da leitura e isso me deu uma vantagem grande e aí eu fui contratado.

P.: Você conhecia as bancas de andar nas ruas com seu pai, por causa do pai do seu amigo que era dono da banca de jornal ou porque conhecia pela vida conforme você disse?

Malik: É, conhecer as bancas de jornal mesmo foi aqui na Cidade Tiradentes.

P.: Aqui tinha.

Malik: Aqui tinha banca de jornal e tinha uma banca de jornal que vendia bala de amendoim e eu ia lá comprar bala de amendoim e via o Konan. Enquanto a turma juntava dinheiro para comprar bala de amendoim, eu comprava uma “merrequinha”, uma quantidade pequena de bala de amendoim e comprava mais gibi do Konan.

P.: E onde você comprava gibi usado do Konan? Na própria banca?

Malik: Nessa banca que ficava na frente do prédio onde eu morava. Eu ia lá sempre, e lá tinha gibis antigos, mas também tinha os atuais.

P.: O que sua mãe e seu pai falavam e seus irmãos de você ler tanto gibi do Konan?

Malik: Nada.

P.: Nada?

Malik: Nada, nenhum tipo de ... minha mãe não sabe ler. Agora ela já está aprendendo.

P.: Ela está indo, é de Igreja?

Malik: Meu pai tem a quarta, quinta série, o antigo colegial. Então, ele conseguia ler o básico assim. A contribuição da minha mãe nisso continuou através das patroas dela. Ela sempre trazia revistas meio que involuntariamente, mas ela trazia revistas. Daí os heróis já tinham mudado, era Capitão América, Homem de Ferro, Thor. Thor é um que eu gostava de ler por conta das palavras diferentes. Tinha uma fase que ele usava: “Corra como se o mal encarnado estivesse atrás de ti.” E eu queria entender porque aquele Super herói falava assim de modo diferente. Como se o mal encarnado estivesse atrás de ti. Ah! É da mitologia nórdica. Tudo isso dava uma grande abertura.

P.: Qual era o grande barato de ler ao invés de ver televisão? Thor, eu me lembro, quando era pequena, também passava na televisão. Passava tipo meio-dia. Era meio tosco o desenho na televisão porque eles não se mexiam muito, lembra? Qual era o barato de ler ao invés de ver televisão como as crianças aparentemente fazem?

Malik: Até hoje eu tenho uma mania. [risos]

P.: [risos] Pode falar.

Malik: Até hoje, eu tenho uma mania: eu crio personagens. Eu não desenho, mas eu crio personagens, desde criança eu fazia isso, sempre fiz. E o gibi me ajudava a criar esses personagens.

P.: Era um personagem com quem você falava ou você imaginava um gibi?

Malik: Isso, eu imaginava uma história e, na verdade, eu cheguei a desenhar um gibi. Fiz alguns gibis, só que o ponto alto não eram os desenhos. Os desenhos eram muito ruins. Eu caprichava mesmo nas histórias. E criava personagens e o gibi me ajudava muito a imaginar outras histórias. Daí, um herói que falava como o Thor, hoje eu não gosto, mas que eu via aquelas palavras difíceis e de uma forma diferente de se expressar do Homem Aranha que falava: Putz! Aí eu gostava mais do Thor. Eu aprendia mais coisas com o Thor e conseguia colocar outras. Homem Aranha era uma coisa muito urbana, a cidade, tal, e para mim eu não gostava. O que me chamava mais a atenção era o Konan, por conta das palavras difíceis e pela história passada em outra realidade. E o Thor com essa forma de lutar contra outros deuses. Aí eu ficava criando personagens a partir dessas histórias. Sempre criei alguns personagens, até hoje eu faço isso quando eu estou com a cabeça muito quente.

P.: Você escreve até hoje?

Malik: Hoje eu não escrevo mais, só crio. Tenho na cabeça um plantel de quase quarenta personagens, só que eu não passo para o papel porque, se meus amigos pegarem, vão rir de mim até o fim.

P.: E me fala, você arrumou esse primeiro emprego de ajudante geral quando você estava no primeiro colegial com catorze anos e você passou a estudar a estudar onde?

Malik: Comecei a estudar à noite.

P.: Me fala como foi seu colegial.

Malik: Péssimo, péssimo dos péssimos.

P.: À noite era pior do que de dia?

Malik: Muito pior. Meu ritmo na escola caiu exponencialmente. Lembro até hoje de vários casos de ser aplaudido. No segundo ano, a professora chamava Gare, de língua Portuguesa e eles percebiam a dificuldade financeira da minha família. Tinha uma moça que era servente da escola, que era parente do meu pai, daí eu não ia para excursão, não ia para nada. Só que aí a professora começou a bancar e um dia ela chegou para mim...

P.: Essa Garé?

Malik: A Garé falou assim: “Para o melhor aluno do Brigadeiro Correa de Mello”, que era a escola que eu estudava, “você está recebendo um prêmio”. E ela me deu um uniforme novo.

P.: Porque você era o melhor aluno mesmo seu rendimento tendo caído?

Malik: Não. Isso no segundo ano do fundamental lá atrás voltando essa história, porque da Garé eu tinha mais recordação do que da Dirce, porque ela me empurrava, me incentivava muito.

P.: Me conta dessa Garé,. Estou muito interessada.

Malik: Ah, Garé.

P.: Ela te incentivava te chamando de melhor aluno, te dando uniforme, ela alguma vez te deu livro, te deu gibi?

Malik: Não, o que ela mais me incentivava era quando ela chegava e começava a cutucar, ela jogava um livro na mão e dizia: “Você já leu isso aqui?” Mas era tudo livro didático. Ela dizia: “Lê esse texto, você já pode ler esse aqui.” E daí ela passava lição de caligrafia e aí ela falava: “Não, você não precisa fazer, lê isso aqui.” Aí eu ia ler outra coisa. Ela passava texto maior para eu ler.

P.: Aí ela te desafiava mais o que o resto da sala. A média dos alunos não era tão boa.

Malik: Ela não falava na frente de todo mundo, era bem na surdina ali. Na frente de todo mundo, foi quando ela me deu esse uniforme. Eu tenho essa imagem todinha: dia chuvoso, a gente fazendo o texto “A Raposa e as Uvas”, aquela história jargão e ela chegou assim e parou a sala. E aí fez todo mundo me aplaudir e eu fiquei morrendo de vergonha. Eu falava: “Pára com isso!” Mas aí eu ganhei esse uniforme porque eu não tinha uniforme. Eram muitos irmãos.

P.: Eram quantos?

Malik: Na escola, naquela época, eram quatro e uma no pré. Então, não dava para garantir material para todo mundo e também tinha um livro. Isso não sei se o Clayton te contou.

P.: Não.

Malik: Essa Garé foi minha professora no segundo e terceiro ano e tinha um livro que chamava Caminhando, eu e meu irmão dividíamos o livro. Nós estávamos na mesma série, já na terceira série, e a Garé ainda estava comigo. E um dia era para mim e outro dia era para o Clayton, até que a Garé me deu o livro.

P.: Nessa época, o Estado não fornecia o livro, a gente que comprava. Eu lembro que a professora pegava com trinta por cento de desconto e o pai da gente tinha que mandar o dinheiro para ela comprar na editora. Tinha gente que demorava mais e tinha gente que demorava menos para levar o dinheiro. As que demoravam menos era porque tinham mais dinheiro. Eu lembro disso.

Malik: E aí ela me deu o livro, essa Gare. Eu tenho saudades dela de vez em quando. Ela acho que nem vai lembrar de mim, talvez lembre.

P.: Acho que lembra, professor não esquece.

Malik: Daí ela me deu esse livro no terceiro ano. Nossa, dá para lembrar de todas as professoras, porque esse destaque que eu tinha na sala de aula repercutia com as professoras assim. Eu lembro que, quando na terceira série, trocou a Garé e entrou um professor e ele era muito rígido e ele falou: “Se você é o melhor aluno, eu quero ver comigo.” Nossa, dele eu tenho raiva, queria ver ele sentado aqui, agora. Professor Antonio, eu não lembro da cara dele, mas também não faz falta.

P.: Você ficou com raiva porque ele era o oposto da Garé?

Malik: Ah, ele chegou desafiando de uma maneira para me ridicularizar. É que esse pessoal pensa que estudante que é criança, é tonta. Pensa que a gente quer desafiar pelo simples prazer de desafiar. Ele não tinha necessidade, ele falou isso, mas para mim a provocação foi desse jeito e para outros ele colocava para fora da sala e dava advertência por qualquer motivo. Era um professor tradicional.

P.: Teve mais algum professor que te marcou positivamente?

Malik: Teve uma professora de Geografia da quinta série. O pior é que eu não vou lembrar o nome dela. Nossa, eu também era apaixonado por ela. Na verdade, não era apaixonado por ela não. Mas eu achava ela muito bonita e, no terceiro bimestre, a turma já tinha... Ela já estava dizendo os que não iam mais precisar fazer avaliação no último bimestre porque já tinham sido aprovados. Foi no ano que trocou as notas para: b (bom), ns(não satisfatório) e S (satisfatório) e aí ela falava: Você já vai ficar com b (bom), não precisa fazer. Eu e mais uns três alunos. Daí ela passou uma redação de tema livre. Daí eu escolhi “Países ricos e países pobres.” Aí é que eu descobri que eu devia ser militante, porque ela passou esse texto e eu entreguei o texto normal, uma redação normal, mas quando veio a correção ela disse: “Aqui tem um aluno que está na quinta série, mas fez uma redação de sétima série.” Daí eu lembro de um carinha muito chato, o nome dele era Clayton, outro Clayton, era muito chato, como eu detestava aquele moleque porque ele era muito chato.. E ele disse: “Ah, esse menino tem que ir para a sétima série, ele pode até ser professor se está tão adiantado assim.” E eu, nem aí. Aí quando ela falou: “Eu quero que todo mundo aplauda o Malik.” Nossa, aí o mundo caiu, porque ela fez eu ler a redação para todo mundo e perguntou, fez a mesma pergunta que você: “Onde você tirou essa informação?” E eu não sabia de onde eu tinha tirado essa informação de que os países do Primeiro Mundo, foi isso que eu escrevi na redação: “Os países do Primeiro Mundo não colaboravam com os países do Terceiro Mundo” e exemplifiquei Brasil e Argentina. Os Países do Segundo Mundo estão com muitos problemas, provavelmente identifiquei uma União Soviética, olha nada a ver, que viagem. [risos] Isso no ano de 1992, e falei alguma coisa sobre a época e ela fez a sala toda me aplaudir e isso aí me marcou bastante. Daí eu vim para cá, para a Cidade Tiradentes. Aí começa a cair o nível da... sempre continuei sendo um estudante da linha de frente, sempre de ponta, mas já percebia a diferença no rendimento escolar. Depois que eu voltei, no ensino médio, foi onde eu comecei a trabalhar e estudar no noturno e foi até os dois primeiros bimestres do primeiro ano, eu tinha nota só A e B. Aí eu comecei a trabalhar em maio e aí eu começou a cair. Aí raramente eu tirava um A, era só C e a maioria das notas eram B, e eu tirava C e B. Aí eu fiz curso técnico porque eu precisava arrumar um emprego melhor do que eu fazia.

P.: E você fez curso técnico de quê?

Malik: Contabilidade.

P.: Tá. Junto com o colegial ou seu colegial foi de contabilidade?

Malik: Junto. Daí teve algumas disciplinas que já no segundo ano eu já não tive mais: Inglês, número de aulas de Geografia caiu, História. Tinha Português, Matemática, mas aí entrou outras disciplinas como Contabilidade Geral, outras coisas.

P.: E aí no colegial, como você estava trabalhando e estudando, você acabou não lendo? Nada espontaneamente assim? Ou você continuou lendo porque ganhava das casas que a sua mãe trabalhava?

Malik: Minha mãe tinha parado de trabalhar. Aí eu tinha ganho meu último irmãozinho e eu tinha que trabalhar. Por isso que eu menti no primeiro momento, mas no trabalho lá no refeitório ficava um monte de revistas.

P.: Ah, tinha um refeitório.

Malik: Tinha. E tinha a revista Veja, Exame e eu lia só para passar o tempo mesmo.

P.: Almoçava rapidinho e ia ler as revistas, é isso?

Malik: Eu tinha quarenta minutos de almoço, dez minutos que sobrava entre almoçar, escovar os dentes, o deslocamento da loja que era na rua 25 de março até o refeitório, sobrava uns dez a quinze minutos. Lia dez e lia também na hora do café, porque eu não tomava café que era para economizar a grana. Aí eu ia para o refeitório ficar lendo. Daí a leitura matava a fome, quer dizer, enganava, né. Ficava lá e lia. Essa foi minha prática de leitura nos anos iniciais do ensino médio e isso foi concomitantemente.

P.: Tá. No ensino médio, é quando no currículo você fala, você prevê que vai ensinar para o aluno, literatura brasileira. Você se lembra de alguma coisa legal de Língua Portuguesa no ensino médio ou não? Na verdade, o ensino médio não te incentivou a ler literatura? Assim... se não foi proposto de uma forma legal ou que te incentivou da forma que uma menina falou: “Ah, se tivesse tal livro”... Como foi a aula Português no ensino médio?

Malik: No primeiro ano, tive uma professora de verdade. Só que dela eu não lembro o nome. Mas ela passou para a gente livros alternados e eu escolhi Memórias do Escrivão Isaías Caminha do Lima Barreto. Esse livro veio assim como um marco que me fez caminhar para o que eu sou hoje eu devo um pouco ao gibi do Konan, mas foi o Memórias do Escrivão Isaías Caminha.

P.: Por quê?

Malik: Porque o Lima Barreto sempre ácido né, com suas críticas à sociedade, a sociedade do século XIX, traz um menino que era preto vivenciando o racismo de várias formas, tentando trabalhar na redação do Jornal O Globo. E aí aquelas histórias, eu me identifiquei com o personagem que era o Isaías e que ele gostava muito de ler e eu também gostava e eu me identifiquei com ele, e a questão das discriminações, que eu já sofria de montão e já identificava elas todo dia quase. Aí teve um debate na sala de aula. A turma que era para ter feito comigo, o grupo, não leu, só eu li. Aí eu fiquei sozinho no debate e a sala inteira. O debate quase me abateu porque ninguém concordava com o que o Lima Barreto estava dizendo.

P.: Como você teve acesso a esse livro? Você comprou num sebo, você pegou na sala de leitura que na verdade não tinha, como você disse, você teve que comprar, como é que foi?

Malik: Nessa escola, já tinha sala de leitura, que já era no Tatuapé.

P.: Ah, seu ensino médio foi no Tatuapé?

Malik: É. Como eu trabalhava, para sair de lá até aqui, não ia dar tempo. Então, eu estudava no Tatuapé. Entrava às sete horas lá. Senão, eu não conseguiria estudar.

P.: Não daria tempo de chegar.

Malik: Não conseguiria chegar, o trânsito era ruim e entrar na segunda aula não ia rolar. Então, eu estudava no Tatuapé. Fui para o Tatuapé mesmo sem trabalhar, mas já na perspectiva de encontrar um emprego. E esse livro eu acredito que o menino que me emprestou tenha pego na biblioteca da escola mesmo. Mas não fui eu que fui atrás, foi alguém do grupo. E aí eu estava com o livro na mão e eu fui o único que leu. Nesse momento, eu gostei para caramba do Lima Barreto.

P.: Me conta do debate. Onde você quase foi abatido?

Malik: É, quase saí de lá sem vida. Porque o Lima Barreto questionava em vários momentos o racismo meio que escondido. E ele teve um momento – que a história que eu li e que eu ainda me lembro e li uma vez só e eu me recordo – que ele saiu do interior e foi para o Rio de Janeiro procurar emprego de entregador de pães. Ele tinha um sonho já de trabalhar com algo

mais qualificado, não trabalho braçal e ele não estava conseguindo e ele foi tentar entregar pão e tinha vaga, só que aí o empregador não quis empregá-lo e ele se perguntava o porquê. Se tinha a vaga e ele tinha todas as qualificações que iam além do que precisava para a função e ele se perguntava por que não foi aceito e ele relacionou obviamente com a sua condição de ser preto e eu contei esse fato na sala de aula. Falaram: “Você está louco.” Tinha uma menina que chamava Fátima, ela era mais velha, deveria ter uns trinta anos e eu era o mais novo da sala e ela disse: “Você está louco, esse racismo está na sua cabeça.” Eu respondi: “Mas não fui eu que escrevi, foi o Lima Barreto, conversa com ele.” Fui irônico até, eu falei: “Ressuscita ele e conversa com ele.”

P.: Mas lá no Tatuapé a maioria da classe era branca ou não? Ou a menina é que não enxergava mesmo?

Malik: No Tatuapé, pelo menos a sala que eu estudava eram poucos pretos, muito poucos. Mas tinha muita gente da Cidade Tiradentes que estudava lá, mas na minha sala eram poucos pretos. Ela morava na Mooca e ali era um bairro mais qualificado economicamente. E aí depois esse debate prosseguiu, mas o que esse livro do Lima Barreto contribuiu depois numa aula de literatura foi para dar um click assim: “Nossa, preciso ler mais sobre isso, meu Deus o que é isso?” No mesmo ano, eu li O Triste Fim de Policarpo Quaresma. E aí eu consegui associar Lima Barreto a coisa boa. E aí foi rolando. Lembrei de uma outra história de leitura na minha vida, na quinta série. Tínhamos que ler O Menino do Dedo Verde.

P.: Sei. Tistu, o Menino do Dedo Verde.

Malik: É, era esse o nome dele e eu não tinha dinheiro para ler e eu não li o livro e fiquei com nota baixa. Isso aí me marcou bastante. Eu gostava de ler e não tinha grana para comprar o livro.

P.: E aí você acha que ficou com mais vontade de ler? Todas as oportunidades que eu tiver eu vou ler ou não?

Malik: Talvez inconscientemente. Mas aí é uma história que eu lembro, porque eram duas formas de leitura: a peça que nós fomos assistir e a outra, o livro. A minha leitura foi só a partir da peça. Então, minha nota foi reduzida. Eu fiquei com nota baixa.

P.: Depois do Lima Barreto lá no colegial, no Tatuapé, você se lembra de ter lido mais alguma coisa?

Malik: Fora a revista Veja? [risos] De livro assim, livro completo, nada. Eu lia textos dos livros didáticos do José William Vicentini, que é um geógrafo, e eu lia textos do livro dele. Isso eu lia bastante. Eu já gostava.

P.: Sabe o que eu lembro? Na minha casa, logo no começo do ano, quando chegava, comprava o livro de Português, eu pegava e lia todos os trechos e textos. Porque tinha trechos de contos, de poesia. Eu lia tudo. Eu acho que tinha uns doze capítulos no livro e eu lia todos e as minhas amigas não acreditavam que eu tinha lido todos os trechos. Eu ia pulando a gramática. Você chegou a fazer isso? E aí eu fico me perguntando, você já viu isso? É que, na falta do quer ler, você acaba lendo a literatura do livro didático.

Malik: Na segunda série, eu fiz isso e na terceira também, com o livro Caminhando, olha só. Se eu falar que eu lembro da história, você não acredita. Uma história que era o bicho ia levar presépio para Jesus, para o nascimento de Jesus. Era uma história que era um pouco maior porque era no fim do livro, na segunda série e eu já lia inteirinho já. E lia os textos.

P.: Livro de Geografia, de Português...

Malik: No fundamental, quando eu estudava lá no Jardim Maria Fernanda, aqui já nem tinha mais.

P.: Aqui não tinha? Era mais copiar da lousa?

Malik: Copiar da lousa. Que coisa chata ficar copiando da lousa, mesmo com a professora Lúcia, linda. Ela passava muita coisa para a gente copiar da lousa. Mas no ensino médio eu já lia os textos do José William Vicentini, porque era o livro dele: Sociedade e Espaço. E aí eu

lia os textos. Eu gostava do que ele escrevia e dos textos que ele trazia no corpo do livro, alguns textos de autores e que eu lia e nem sabia quem era. O que eu mais lia era esse cara.

P.: Me conta assim, no colegial você estava trabalhando, você leu Lima Barreto e não se lembra de ter tido mais coisa para ler. Então, quando é que você começou a ler bastante mesmo? A ter mais acesso a livro? Porque no colegial ficava difícil porque você estava trabalhando e estudando. Você chegava a pegar livro na biblioteca do Tatuapé ou não?

Malik: Não. Era fechada

P.: Na escola do Tatuapé, a biblioteca também era fechada?

Malik: Fechada. Eu fui na biblioteca da escola duas vezes só nos três anos que estive lá.eu

P.: E como foi o atendimento ou não foi atendimento ou foi junto com a classe?

Malik: Eu fui lá só para procurar um livro para fazer um trabalho e nem encontrei. Era difícil consultar. Fui duas vezes só, duas ou três vezes. Tinha uma peculiaridade nessa escola: tinha muitos adultos, pessoas muito mais velhas. Talvez pelo curso de contabilidade, na minha sala, eu era um dos mais novos ou o mais novo, provavelmente mais novo, tinha muito adulto ali. Meu melhor amigo tinha vinte e cinco anos. E eu tinha catorze quando conheci ele.

P.: E esse cara de vinte e cinco anos lia?

Malik: Lia, nossa ele era...

P.: Ele te influenciou para ler?

Malik: Bastante.

P.: Me conta dele.

Malik: Ele era um roqueiro, gostava de rap. Ele era um roqueiro da antiga, mas roqueiro de verdade. Gostava de rap, gostava muito de MPB, gostava muito de MPB, ele era um cara eclético pra caramba. Até hoje eu tenho amizade com ele. E a gente debatia muito. E eu gostava de pagode, olha que lixo.

P.: Apaga,apaga, apaga.

Malik: Eu gostava de pagode e um dia eu pedi: “Ô Juca, grava uma fita lá pra mim.” Que não tinha CD né. Então, eu falei: “Grava uma fita lá pra mim, grava o som do Katingulê de um lado e da Legião Urbana de outro.” Aí ele falou: “Não, mano eu não vou gravar para você não,eu gravo Legião Urbana.” E eu: “Não, samba é música popular.” E ele falou: “Isso não é música popular, isso é uma forma massificada de dominação.” E eu: “Mano, de onde você está tirando isso? Você está ficando louco.” Isso foi no primeiro ano, eu com catorze anos. E ele: “Não, vamos pensar direito.” Aí ele me levou na casa dele, me apresentou algumas coisas.

P.: De música?

Malik: De música. Aí ele me mostrou a biblioteca dele.

P.: Ah, ele tinha uma biblioteca?

Malik: Tinha uma biblioteca. Olha só, falando de prática de leitura e meus amigos é que me iniciaram. E aí, eu me lembro, foi a primeira vez que vi um livro do Eduardo Galeano, Veias Abertas da América Latina, mas eu não peguei para ler.

P.: Cara, todo mundo falava desse livro naquela época.

Malik: [risos] Eu não peguei para ler, mas ele me mostrou o livro, mas eu lembro que o que peguei com ele mesmo para ler foi a biografia do Bob Marley.

P.: Ah, tá. Estamos reconstituindo.

Malik: Olha só, estou lembrando as coisas: ele me mostrou um som que era um rock progressivo que chamava Casa das Máquinas e aí eu pirei naquele som e aí que eu fui entender porque ele falava que o som do Katinguelê era música alienada. Aí foi a provocação. Foi uma provocação boa.

P.: Então estamos reconstituindo melhor, você leu Lima Barreto, você leu a Biografia do Bob Marley.

Malik: Não era um livro, era um texto. Esse texto ele provavelmente tinha pegado da internet ou de algum outro canto. A internet ainda não era popular, não sei de onde ele tirou.

P.: O cara tinha uma pequena biblioteca.

Malik: Tinha uma pequena. Tinha uns livros lá e o que eu lembro bastante é do Veias Abertas da América Latina, capa branca, vermelha, preta, vermelha e aquilo chamava a atenção e, como eu conversava muito com ele, porque ele era diferente da maioria da turma, e como ele era mais velho e tinha muitas experiências, ele me mostrava outras coisas. Ele gostava muito de repente, dos repentistas. Ele gostava muito e até me ensinava umas rimas assim. E ele me ajudou, e é um cara branco, me ajudou a entender o rap. Eu gostava de rap, mas... E ele me falou: “O rap tem uma letra que você tem que prestar mais atenção.” Eu disse: “Ah, eu conheço Racionais.” Então ele disse: “Vamos ouvir melhor.” Daí eu fui começar a ver outras coisas, mas, como ele era um cara muito crítico, essa criticidade dele contaminou, porque eu já tinha meu arremedo de crítica do Lima Barreto e minha experiência de vida lá, nossa.

P.: Você não tirou proveito da biblioteca que o seu amigo tinha em casa?

Malik: Não.

P.: Ele era seu melhor amigo e você não leu a biblioteca inteira dele?

Malik: Eu fui na casa dele umas duas vezes. Eu morava na Cidade Tiradentes e ele morava na Vila Formosa.

P.: Longe pra caramba.

Malik: É. Eu saía do trabalho e foi umas duas vezes que eu saí do trabalho e fui na casa dele.

P.: Mas ele te deu uma outra visão.

Malik: Deu. Porque eu estava indo naquela pegada típica de um jovem meio cabeção. Eu freqüentei o Shopping durante os catorze até os quinze anos. Saía do trabalho, pessoal ia para o Shopping, se não fosse para a escola, eu ia para o Shopping também, que ridículo. Para o Shopping Aricanduva. E com ele eu comecei a ver outras coisas e, a partir daí, é a partir disso: Lima Barreto, a influência do Juca, os livros de José William Vicentini. E aí foi embora. E aí eu comecei a ler mesmo, ler de verdade mesmo, quando foi para fazer vestibular.

P.: Me conta disso.

Malik: Era roqueira.

P.: Mas não era amiga do Juca?

Malik: Não, nem conhecia. Ela era do trabalho, começamos a namorar e, para me aproximar dela, eu me aproximei mais ainda do rock. Olha só que picareta! Nisso, eu comecei a ler um pouco sobre a história do rock só para conseguir... Bem picareta, mesmo. Lia sobre Pink Floyd.

P.: E você lia onde isso ou você procurava na escola?

Malik: Revista e só de ouvir, eu perguntava para ela mesmo. Pegava aquelas revistas antigonas e ia ler já com uma certa criticidade e questionava coisas que o rock dizia. Eu não aceitava o que o Bruce Dickinson, vocalista do Iron Maiden com camiseta do Brasil. Eu achava: “Nossa, que babaca, um inglês colonizador usando a camiseta do MEU (eu era nacionalista) país. E, com esse arremedo de crítica, eu me aproximei dessa namorada e aquela coisa do rock que não era tão rebelde assim. Era mais algo para ser vendido. Esse namoro com a Elisângela, essa aproximação com o rock e essa crítica assim, uma vez nós debatemos a universidade e eu disse o que você falou ali dentro, que USP era lugar para boy, isso já era o ano 2000. Eu disse: “USP é lugar para boy, pobre como eu não estuda na USP.” E ela disse: “Se você não tentar, você não vai entrar.” Eu falei: “Beleza, eu vou tentar, mas não vou conseguir, porque aquele lugar já está pré-determinado a quem tem condições de estar. Quem não tem é um acidente. Então, ela me disse: “Então, seja um acidente!” E eu acreditei nessa de auto-ajuda [risos]. E aí eu fui com ela e mais outros amigos procurar um curso no SENAC.

P.: Curso pré-universitário?

Malik: Não, curso técnico de contabilidade, para eu me aperfeiçoar na área. Daí custava duzentos e cinquenta reais e aí ela falou: “Não, tenta fazer um vestibular, tenta qualquer coisa.” Descemos até a escola onde eu estudei, que foi no Tatuapé, foi tudo no mesmo dia desse debate, o debate sobre a universidade pública.

P.: Não do Lima Barreto.

Malik: Quando eu debati com ela e com outro garoto que a universidade pública era elitizada e não me cabia lá, a gente estava no caminho para ver o curso no SENAC. E, quando eu entrei no SENAC, e quando eu vi que o curso era caro, saí de lá desesperado, pensando: “O que eu vou fazer da vida? Não quero ser ajudante geral para o resto da vida.”

P.: Quantos anos você tinha?

Malik: Dezenove. Já o ensino médio tinha ficado para trás há dois anos. Daí fomos até a escola onde eu estudava só para pegar o histórico e daí lá tinha uma cartazinho da EDUCAFRO Pré-vestibulares. Eu peguei o endereço e ela cutucando: “Vai, vai para a universidade, tenta, presta o vestibular, olha, esse cursinho é gratuito, é dez por cento do salário mínimo, tenta fazer alguma coisa.” Aí eu fui. Comecei a estudar na EDUCAFRO lá no Tatuapé também. Mas aí já não dava mais para segurar e aí eu comecei a ler os negócios.

P.: Que negócios?

Malik: Eduardo Galeano, eu lia Eduardo Galeano e pedia para a professora de Geografia da EDUCAFRO alguns textos. E aí ela me deu o livro Kiplin do Che Guevara, ela me deu o livro. E daí um outro amigo – que era da banda de rock que eu cantava, eu cantava rock, minha cabeça já estava virada mesmo – e esse meu amigo, baterista da banda de rock, para me comprar para eu fosse vocalista, ele me deu o livro Biografia de Nelson Mandela. Aí eu li a biografia de Nelson Mandela, a do Che Guevara. Foi tudo casando no ano de 1999 e no ano de 2000, que eu li a biografia do Nelson Mandela, aquela coleção Kiplin, aqueles livros de bolso do Che Guevara e Veias Abertas da América Latina, isso mais tarde. Entre o ano de 1999 e o ano de 2001, acho que essas três obras assim é que onde eu fui adentrando. A Biografia do Nelson Mandela, a do Che Guevara e Veias Abertas da América Latina. Aí eu já estava envolvido com o rap até o último, mas estava com a banda de rock e o que o rap me falava, me instigava a ler.

P.: Por quê? Como? A que horas? [risos]

Malik: A música era do Consciência Humana, o disco era Entre a Adolescência e o Crime e a música era... a música que eu estou falando era do disco Adolescência e o Crime que ele falava para a polícia: “Policiais otários, fardados, não, sem nível de faculdade.” Daí um cara que era filho de policial falava: “É, mas se eles estão falando que “rapeiro” não tem faculdade, o que eles estão falando? Eu respondi: “Mas o que ele está falando é outra faculdade, não é nível universitário.” Então ele disse: “Então, explica melhor.” E eu não conseguia explicar que essa faculdade era a possibilidade de optar por algo, que ele estava falando para o policial que ele não tem nível de faculdade, mas ele não tem escolha, ele está lá para matar. Era o que o cara dizia e eu não conseguia explicar isso. Eu tinha que entender isso e foi a música que me desafiou a começar a ler. Daí eu fui ler e entender desse desafio dessa música, o que as músicas queriam dizer de verdade. Porque aí os caras falavam em Estado e eu não sabia o que era o Estado. Para mim, era só o estado de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas e eu tinha que entender o que era o “braço armado do Estado” que eles falavam. E aí eu fui começar a ler os negócios e aí eu comecei a ter contato com literatura funk e tudo que eles escreviam foi entrando e aí comecei a ler.

P.: Como você tinha acesso a essa literatura Funk?

Malik: Quando eu cantava na banda de rock e aí eu tinha uns amigos que eram punks e aí eles me emprestavam e eu comecei a escrever também, tudo no mesmo período, entre o ano de 1999 e o ano de 2001 e tudo isso já influenciado pelo curso de preparação para o vestibular da EDUCAFRO.

P.: Tá. O cursinho da EDUCAFRO durou quanto tempo?

Malik: Para mim, que comecei no ano de 2001, foram seis meses.

P.: Seis meses? No vestibular, geralmente você tem que ler umas dez obras clássicas da literatura brasileira. Você chegou a ler essas obras?

Malik: No ano de 2001, nenhuma.

P.: No ano de 1999 e no ano de 2000 não?

Malik: Não, nenhuma da literatura obrigatória, um lixo. Os caras são... mas é leitura obrigatória. Eu tinha que ler isso, mas eu não li. Nem li os resumos. Eu lia outras coisas. E conciliava entre trabalho, banda de rock e o cursinho da EDUCAFRO.

P.: E quando é que você conseguia tempo para ler? Você lia no metrô, no ônibus?

Malik: Ah, no ônibus.

P.: Você conseguia sentar no ônibus? Eu ficava frustrada quando eu pegava o ônibus e ficava a viagem toda em pé [risos]. Às vezes, eu lia em pé.

Malik: É porque, assim, o Parque Dom Pedro a gente pegava aqui e até o Centro era uma hora e meia, mais ou menos.

P.: E aí você ia sentado?

Malik: Eu ia para o terminal. Eu saía umas cinco e quarenta. Essa hora, eu já estava na rua já e pegava sentado, pega o ônibus das seis horas e cinco minutos, ia sentado e ia lendo. Quando eu não dormia, eu ia lendo. Daí eu já conseguia tempo para ler. Só que eu também já lia, no lugar de estudar as matérias química, física, eu ficava lendo outras coisas principalmente geografia, geografia e história. E eu começava a ler os livrinhos que os professores me emprestavam no vestibular e tal.

P.: Eles te emprestavam lá na EDUCAFRO?

Malik: Emprestavam. Os professores que eu tinha mais contato me emprestavam os livros. E aí eu era aquele estudante chato que debatia. E aí eles viam isso e alguns professores legais emprestavam livros.

P.: Que livros eles te emprestavam?

Malik: O do Che esse livro, e um que foi emprestado para mim foi uma coleção que até deve ter aqui na biblioteca, em preto e branco, que falava sobre a Revolução Francesa. Essas coleções de História. Alguma coisa dessa linha. E aí foi um dos livros emprestados que eu fiquei mais tempo. Também outro livro emprestado foi de História também. Falava sobre a Revolução Russa, era de uma dessas coleções, acho que era Primeiros Passos, acho que não era Primeiros Passos, me emprestaram também. E eu li e aí eu já estava instruído para passar no vestibular Guevara que a professora deu. Esse livro ela me presenteou, ela me deu.

P.: Aí você fez seis meses de EDUCAFRO e já passou na UNESP?

Malik: Não. Fui para a USP

P.: Como que foi?

Malik: Fui para a USP. Fui prestar USP, Ciências Sociais.

P.: Você já conhecia essa biblioteca aqui ou não?

Malik: Não. Não sabia nem que existia biblioteca aqui. Fui prestar USP e a pontuação foi boa para quem não tinha estudado. Eu não estudei nada e eu fiz aquela época que era dividida em duas fases. Dois dias. E a nota de corte que eu precisava era tipo nove pontos para Ciências Sociais e todo mundo falava. A coleção é essa aqui. É essa aqui a Coleção (observação sobre a coleção que tinham emprestado).

P.: Ah, Repetindo a História, da Editora Atual ou da Editora da Unicamp.

Malik: A leitura era nessa linha sobre a Revolução Francesa. E aí eu fiz bastante pontos e os professores falavam: “Você foi muito bem, continua, continua.” Dá até para enumerar os livros que foi ficando cada vez mais complicado. Por exemplo, eu fui para...

P.: E para a UNES você foi no ano de 2002? O que é UNES?

Malik: União dos Estudantes Secundaristas. Tem a UMES e tem a UNES que é... eles montaram esse cursinho e eu fiz esse cursinho, mas aí já estava lendo muitas coisas.

P.: De Geografia e História, Ciências Sociais?

Malik: Principalmente nessa linha. Já tinha tido contato com o pessoal do MST para escrever uma letra de rap, mas com o som de rock eu fui na Secretaria Nacional do MST, na Barão de Limeira, e aí eu conversando com eles, eu disse: “Eu quero material de vocês, porque eu quero conhecer vocês para poder fazer uma música para homenagear a luta de vocês.” E aí eles me deram um livro de um cara que foi meu professor na UNESP, me deram isso. O livro chamava Minha Brava Gente e me deram um monte de livros, livros e cartilhas do MST e aí eu já estava lendo muita coisa.

P.: E aí como te incentivaram a fazer UNESP? Na UNES te incentivaram mais a prestar numa universidade pública além da USP?

Malik: Não, na UNES, eu prestei só USP. Eu entrei na UNESP o outro ano ainda. Só que aí eu já estava mais qualificado com as outras disciplinas e aí fiquei por três pontos na segunda fase. Daí esmurrei a parede, chorei. Mas, se eu tivesse prestado Geografia nesse ano, eu teria passado com seis pontos de vantagem acima da nota de corte. Assim, eu teria entrado em Geografia na USP no ano de 2002, se eu tivesse prestado. Prestei Ciências Sociais e não passei. E aí conheci essa biblioteca no ano de 2002.

P.: Como foi assim, conhecer a Biblioteca no ano de 2002?

Malik: Um rapaz que foi meu catequista me indicou esse grupo Força Ativa.

P.: Catequista? Você era da Igreja Católica?

Malik: Não, eu fui para a Igreja Católica para não deixar minha mãe magoada. Tomara que ela não ouça isso, mas logo depois eu saí.

P.: Você tinha quantos anos, você foi fazer Primeira Comunhão, é isso?

Malik: Eu fui me batizar. Eu não era batizado e minha mãe falou: “Vou te batizar agora, com dezoito anos.” Eu disse: “Ah, mãe, eu não quero.” Mas, aí eu fui me batizar, aí eu fiz Batismo, Crisma, Primeira Comunhão, tudo junto. Mas eu não botava fé naquilo mais. Não sei porque motivo eu não acreditava mais nisso. Eu acreditava em Deus, mas não botava fé na Igreja. Mas aí o catequista me indicou o Força Ativa. Ele me disse: “Vai lá que tem um grupo muito bom.” Numa reunião de Conselho Tutelar que eu estava participando, daí eu conheci o grupo, me indicaram a Biblioteca, daí eu tinha os livros de literatura que eu já tinha lido já e mais alguns, Memórias Póstumas de Brás Cubas.

P.: E você pegava esses livros com quem?

Malik: Aí eu comprava.

P.: Você continuava trabalhando?

Malik: Estava trabalhando ainda, mas aí já tinha a possibilidade de vestibular e aí no ano de 2002 eu já tinha comprado alguns livros.

P.: Então você leu essa leitura obrigatória para o vestibular no ano de 2002?

Malik: Eu li dois livros, de verdade, que eu comprei. Li Macunaíma e Memórias Póstumas de Brás Cubas. Foi no ano de 2002 que eu também fui despedido do trabalho, quer dizer, ano de 2001 que eu saí do trabalho, porque eles não quiseram me dar um aumento. E aí eu saí do trabalho e, para ler uma leitura obrigatória no ano de 2002, e eu ainda não tinha arrumado emprego, foi A Hora da Estrela da Clarice Lispector, foi que eu fui a pé até a Biblioteca de Guaianazes.

P.: Que você me contou outro dia.

Malik: Eu falei: “Ah, eu vou a pé.” Eu precisava ler o livro, tinham me falado bem do livro e que a autora era muito boa e que tinha um tal de Rodrigo que era o cara, o escritor, o autor da história que tinha escrito o livro, acho que era Rodrigo o nome dele, eu pensei: “Ah, eu quero ler esse livro.” E fui a pé até a Biblioteca de Guaianazes. Nunca mais eu faço isso.

P.: Deu muita bolha no pé, né? [risos] Estava sol também?

Malik: Estava e tem a maior ladeira. Você vai ver o caminho de Guaianazes até aqui, o caminho não é lá essas coisas.

P.: Como que foi o atendimento nessa Biblioteca de Guaianazes?

Malik: Não lembro do atendimento.

P.: Não lembra?

Malik: Não lembro, só sei que eu peguei o livro e vim embora. Eu catei o livro e, como eu tinha que ir embora porque ia escurecer, eu falei: “Ah, eu vou embora rapidinho, ia a pé, estava sem grana. Eu mal lembro daquela biblioteca, na verdade.

P.: Me diz uma coisa, quando você leu esses três livros: A Hora da Estrela, Macunaíma e Memórias Póstumas, o que você achou deles?

Malik: O do Macunaíma eu li e detectei algo esquisito e até hoje eu acho que preciso reler a obra do Mario de Andrade para captar quais eram, em quem ele estava se inspirando aquele momento da história em que Macunaíma e seus irmãos vão na pegada do gigante e molham as mãos. O Macunaíma cai, toma banho inteiro na água mágica, se banha e acontece uma mágica e ele fica louro. O outro irmão cai, consegue se banhar um pouquinho e fica bronze. O outro cai e, como só tinha um pouquinho de água, molha só as mãos e as mãos ficam brancas. Então, a mágica libertou um e deixou ele claro, o outro ficou moreno dentro dessa consciência de vida e o outro ficou com as palmas da mãos brancas. Eu achei isso muito esquisito. Eu lembro que eu marquei e eu fiz essa leitura exclusivamente no Metrô. Aí eu já estava trabalhando e eu fiz no Metrô. Essa era das Memórias Póstumas de Brás Cubas. Memórias Póstumas de Brás Cubas me marcou porque todo mundo falava que era difícil e eu achei “mó” fácil. Eu não sei se eu sou um autor de culto ou de culto ao autor. Eu disse: “Ah, ele está trabalhando nessa parte um monte de coisa. Gramaticalmente, o que era um substantivo na hora ,vira adjetivo na outra. Não sei por que o pessoal acha tão difícil.”

P.: Por que todos acham tão difícil e você não achou?

Malik: Sei lá.

P.: Todos acham tão sem graça e você não achou?

Malik: Não sei.

P.: Você não sabe?

Malik: Uma outra incógnita. Aquela viagem que ele faz pelos séculos eu achei “da hora” aquilo.

P.: Você acha que você ficar analisando as letras de rap conforme o Juca te incentivou a fazer e tentar entender o que tinha por trás delas te deu uma certa habilidade de análise literária, sabe, de compreender poesia, compreender até as metáforas que tem nos romances e nos contos assim?

Malik: Ah, ajudou.

P.: Você acha?

Malik: Ajudou bastante.

P.: Ou sou eu que estou pondo isso na boca? [risos]

Malik: Ajuda bastante porque, se você pega essa parte que esse menino se confundiu quando o Consciência Humana fala “A polícia não tem nível de faculdade” e ele entende universidade, e eu estava até interpretando que o grupo queria mesmo dizer que os policiais não precisavam de universidade para ser policiais, mas não era isso não, o que essa música está pontuando é que eles não têm escolha a não ser a repressão. Fazer umas análises dessa, com certeza, me facilitaram em outras análises, com certeza. Várias outras letras de rap são complicadas até para as pessoas entenderem.

P.: Me fala um pouco dessa biblioteca aqui, do contato com o Força Ativa, o contato com os mediadores da biblioteca ou o acesso aos livros daqui da biblioteca fez alguma diferença na sua formação como leitor? Ou não? Tem uma diferença entre o leitor que você era e o leitor que você se tornou, pelo acesso, pela intermediação das outras pessoas, da interação com

outras pessoas ou não? Você acha que já estava na verdade formado como leitor e você veio mesmo contribuir para a biblioteca?

Malik: Minha relação com o Força Ativa é bastante peculiar. Quando eu conheci o Força Ativa no ano de 2002, eu conheci, mas não vim para cá imediatamente. Vinha aqui, olhava a política e, como eu estava me preparando para o vestibular e estava determinado a ser aprovado, então eu não freqüentava aqui muito. E como tinha esse trabalho junto ao grupo de rock, a gente estava começando um trabalho de conscientização política dentro daquilo que a gente chama de conscientização. Mas aí eu estava atuando lá na Zona Oeste, em Carapicuíba, então eu não vinha para cá com muita freqüência. O grupo que eu pertencia mesmo era de lá.

P.: Grupo de rap?

Malik: Grupo de rock. Apesar de ser do rap cantava numa banda de rock para ajudar os meninos que estavam sem vocalista. Eu fiquei pouco tempo lá, mas ajudei a compor as letras, tudo. E fazia os trabalhos por lá. Então, eu não vinha muito para cá. As leituras que eu tinha que fazer para o vestibular e fazia de forma capenga porque eu lia mais dos outros... Depois do livro do Mandela e do Che Guevara, eu comecei muita coisa assim não propriamente para o vestibular, mas me ajudaram muito a entender um pouco mais a sociedade, leituras que vinham nessa linha, e isso me ajudou a passar no vestibular e eu não fiquei muito tempo no Força Ativa, eu não vinha para cá. Quando eu vim para cá no ano de 2003, passei no vestibular. Fui embora no ano seguinte, tive muito pouco tempo de experiência aqui no Força Ativa. Não cheguei nem a atuar como mediador. Eu não tive nenhuma formação aqui como mediador de leitura.

P.: Você ficou atuando mais como voluntário, mas agora que você voltou da UNESP, a sua formação como leitor já tinha se dado antes desse contato com o grupo e com a biblioteca?

Malik: Eu ingressei no Força Ativa no ano de 2004. No ano de 2004 mesmo, eu fui embora. Então, eu vinha para fazer trabalho muito esporadicamente. Então, a leitura vinha anterior dessa história que eu te contei. Mas, como eu fui para a universidade, eu não tinha como estar aqui. Estudar em São Paulo e... pouco contato, eu não conheço o acervo da biblioteca, eu desconheço o acervo. Eu não tenho essa relação que o AK47 ou a Dandara têm.

P.: Você me falou que, lá na UNESP, aluno boy não lê e que você pegava até xerox emprestado dos outros para ler, mas que os caras que podiam ler nem liam. Você acha que a UNESP contribuiu também para você ser um leitor que você é hoje ou não?

Malik: Deu. Me potencializou tecnicamente. Aprendi a consultar uma biblioteca, aprendi a escrever. Hoje eu consigo escrever porque eu sou um pesquisador né. Fiz um projeto “Bendito, o positivismo na UNESP”. Pressupõe-se que o estudante universitário tem o hábito da leitura, o que não é verdade. Como eu te falei antes, tinha uma obra lá que só eu retirava a obra do Florestan Fernandes, a última facta como a do Florestan Fernandes para entender a formação da sociedade brasileira e saía da biblioteca na mão de um só estudante, era muito pouco. O pessoal tinha que ler.

P.: Me fala uma coisa: você foi na biblioteca pública de Guaianazes, teve essa relação com as bibliotecas e com as “não-bibliotecas”, no caso das escolas que em algumas elas não existiam, tem alguma outra biblioteca pública à qual você foi? Na cidade?

Malik: Centro Cultural Vergueiro.

P.: Tá, me conta como que foi, quantos anos você tinha, como foi o atendimento.

Malik: Foi no ano de 2003, já para prestar o vestibular, a gente foi estudar lá. Aí montamos um grupo de estudos e fomos estudar, fazia um grupo de estudos ali. O ambiente era propício para isso, gostoso. Deveria ter um lugar assim em cada bairro. Daí fomos para lá, eu e essa minha namorada na época e mais alguns colegas que estavam também prestando vestibular e a gente estudar. Aí pedi para ver o acervo, mas tinha que fazer a carteirinha. Aí eu fiz a carteirinha e eu nem cheguei a tirar nenhum livro de lá porque era muito longe. Daqui até lá são duas horas de ônibus. Se eu pudesse ia direto para lá, mas duas horas de viagem não

compensa. Mas daí eu freqüentava para estudar e lá eu lia. Lógico que o primeiro lugar que eu fui lá foi a Gibiteca, né. Li um gibi do Konan que eu não tinha e não encontrava em lugar nenhum e lá eu encontrei. Daí eu freqüentava a Cinemateca lá, digo a sala de cinema, mas não cheguei a retirar nenhum livro de lá. Ah, uma outra história. Várias histórias. Uma vez trabalhando no ano de 2001, eu estava cansado daquela droga daquele trabalho que me explorava demais e saí para fazer uma entrega na Rua da Consolação. E aí eu passei em frente à Mario de Andrade. Aí eu fiz a entrega aí voltei correndo e entrei. Daí entrei na Mario de Andrade e pedi um livro sobre Zumbi dos Palmares. Eu queria ler sobre o Zumbi dos Palmares. Me deram uma enciclopédia, li mesmo uma enciclopédia e fiquei um tempo lá lendo. Tomei uma chamada do chefe, mas valeu à pena. Foi a outra biblioteca que eu entrei.

P.: O que você achou do atendimento? A Mario de Andrade é acolhedora ou não é?

Malik: Não, não é acolhedora não. Pelo menos, não foi naquele momento. Agora passa por uma reforma a Mario de Andrade, eu passei lá em frente outro dia, achei meio estranho, muito frio. Aí a mulher me traz lá, provavelmente tinha outros autores que falavam, tem outros autores que falam do Palmares que eu já li, mas ela me traz uma Enciclopédia. E Enciclopédia é tudo muito resumido, duas páginas. Daí eu li aquelas informações básicas de que Palmares caiu, foi formado no ano de 1600, muito limitado. Por exemplo, se tem um mínimo de diálogo, ela ia saber que aquelas informações eu já tinha. Eu queria ler outras coisas mais aprofundadas sobre Palmares. A obra do Nelson Freitas, do Edson Carneiro, ela poderia ter me indicado, mas foi muito frio: “Deixa sua mochila, entra, não faz barulho, se precisar tirar xérox vai ali.” Muito frio.

P.: E burocrático.

Malik: Burocrático e as pessoas não pareciam comigo nem um pouquinho. Nem um pouco.

P.: Como assim?

Malik: Só tinha brancos. E com certeza todos que estavam ali, hoje, conhecendo os universitários, eram universitários. O estilo roupinha, o cabelo meio jogadinho, esse perfil de estudante é que estava lá. Daí era estranho até. Eu estava lá com o uniforme da loja. Entro lá no meio daquela playboizada toda. É uma biblioteca fria, mas acho que tem o maior acervo de São Paulo. Do Brasil, né.

P.: É.

Malik: Então, foi meu outro contato com a biblioteca. E na UNESP o que eu mais valorizava era a biblioteca.

P.: Por quê?

Malik: Porque eu aprendi o valor da leitura.

P.: E qual é o valor da leitura?

Malik: [risos] Essa é boa. Aqui na Força Ativa, a gente tem uma camiseta que tem aquela frase jargão: “A leitura desfaz o nó que está em seu cérebro”. Não: “Quem lê desfaz o nó que está em seu cérebro.”

P.: Ou cria outros. [risos]

Malik: É. Contigo essa frase já não seria a mesma, né. Por exemplo, o que a gente tem de informação é extremamente conduzido, limitado, é assim: “Lê isso aqui. Lê a revista Veja para se manter informado. Assista o Fantástico que é a sua revista semanal eletrônica, leia livros de auto-ajuda, leia isso e aquilo. Vai ler O Lance que é um jornalzinho, vai ler o Diário de São Paulo, não leia A Folha de São Paulo, que é um público maior que você. Povo com poder aquisitivo maior e com maior capacidade. Pobre não leia! Não saiba da sua história.”

P.: Quem disse isso?

Malik: [risos] Quando, na escola, a gente não é instruído a pegar um livro de verdade sobre a Revolução Industrial e entender, a nossa história vem sendo negada. A história dos trabalhadores, a história dos pretos, a história das mulheres vem sempre sendo negada. E através da possibilidade que alguns autores tiveram de ler, escrever alguma coisa que

contrarie a lógica de dominação, aí a leitura ajuda e ajuda bastante. Muito, muito. Se eu não tivesse lido o Manifesto Comunista ou Veias Abertas da América Latina, eu não ia entender muita coisa do que eu precisei entender. Se eu não tivesse começado a ler Marx, trabalhando numa gráfica no ano de 2002, foi um exercício simplório, mas calculava com meus colegas de fábrica o quanto eles de mais-valia tiravam da gente. E essa leitura que a revista Veja fala que é de dinossauro, que os professores universitários falam que já não servem para dar conta da realidade, essa forma de leitura possibilitou hoje em dia para eu estar desenvolvendo os trabalhos que desenvolvo, acreditando na emancipação do ser humano. E isso, putz! Tive que ler A Importância do Ato de Ler do Paulo Freire. Quando eu cheguei e vi esse livro eu disse: “Ah, tenho que ler.” Li e aquela coisa que a leitura do mundo precede a leitura da palavra coube para mim porque... Que diabo, que esse moleque não sabe o que significa O crepúsculo da noite faz com que Konancor, o herói bronzeado, quer dizer, a estátua de bronze precise infiltrar pelos seus...putz! Ele falava um termo muito engraçado... subterfúgio, quer dizer, subterrâneo da paliçada. Que diabo eu entendia com aquilo, com aquele desenho, que lição é aquela se eu não tinha o domínio desses termos? Alguma coisa tinha com isso, sei lá. E aquela condição de que a leitura possibilita para você ir para além do que aquela merda da televisão mostra. Para mim, era apaixonante isso.

P.: Você sempre achou a televisão um lixo assim ou tinha alguma coisa que se salvava?

Malik: Ah, não. Eu assistia Jaspion. Você lembra do Jaspion, né?

P.: Eu sou mais velha do que você.

Malik: Ah, é verdade, mas você não é tão mais velha assim. Eu tenho vinte e seis anos.

P.: Eu tenho trinta e nove.

Malik: Então, treze anos. Mas tudo bem, você não pegou Jaspion.

P.: Não. Eu peguei os Flinstones. É horrível, mas eu gostava dos Flinstones. Mas sabe o que gostava na televisão? Teve uma fase da televisão que ela ficou meio intelectualóide e tinha um programa na TV Bandeirantes, acredite se quiser, em que aparecia uma porção de “osos”, sociólogos, filósofos, que discutiam várias coisas. Aí tinha o Canal Livre entrevistando a Marilena Chauí. Eu gostava de ver aquilo. Meus pais achavam... Eu via muito os programas da TV Cultura, documentários, isso moleca assim com treze anos porque, quando eu tinha decidido ler, eu também achava a televisão um lixo.

Malik: Eu só gostava só dos desenhos animados. E dos programas de flip: Flip Flip que passava na TV Gazeta.

P.: Eu sou anterior aos flips e quando os flips surgiram eu já tinha uns dezoito anos.

Malik: Eu assistia com a minha irmã. Eu assistia televisão, mas muito pouco. Mas já desde pívete já me empapuçava essa história de novela.

P.: Agora eu queria te fazer alguma perguntas, que você já fez uma análise, eu preciso fazer umas perguntas muito objetivas assim: Tinha prática de leitura na sua família? Ou seja, você falou da sua mãe, do seu pai, mas, de vez em quando, você via seu pai comprando um jornal mesmo que de esportes?

Malik: Não.

P.: Sua irmã mais velha também não?

Malik: Não.

P.: As práticas de leitura na escola e ir para sala de leitura, por mais que pareça impossível serem legais, porque teve a segunda série, depois teve uma lacuna, teve contatos com alguns amigos. Você acha que as práticas de leitura da escola ajudaram a formar você leitor?

Malik: Não.

P.: Não? Mas talvez o fato de te elogiarem por ser um bom leitor e por saber dominar a tecnologia da leitura.

Malik: Contribui né,dá uma levantada no ego. Decodificaram o que eu sabia né. Contribui, sempre diziam: “Vamos ler mais.”

P.: Você acha que os professores contribuíram para você gostar de ler?

Malik: A Dirce, A Garé e a Lúcia, que eu me apaixonei.

P.: A Lúcia era da sexta série?

Malik: Da sexta série.

P.: Você acha que a igreja contribuiu para você ler?

Malik: Não.

P.: Não? Alguns amigos contribuíram para você ler? O Juca, o Clayton.

Malik: O Juca, o Clayton do gibi do Konan, mais o menino que me deu a biografia do Nelson Mandela me ajudaram muito.

P.: O contato com pessoas que gostavam de ler foi importante ou às vezes você conheceu o cara e ele te deu um estalo de ler coisa diferente. Você sempre teve contato com alguém que lia ou não?

Malik: Na verdade, não. De vez em quando, aparecia alguém importante assim.

P.: Tá. Agora, eu quero te fazer uma pergunta Malik: se você pensar na sua família, na escola, na biblioteca, no grupo de pares... O que nós chamamos de seus grupos de pares? Os seus amigos do rap, do rock... Continuando, na igreja e no próprio acesso ao material impresso, a escola, pensando nos professores, a escola como instituição, o livro didático de Língua Portuguesa, a biblioteca dividindo em escolar, pública, a comunitária... Como é que você classificaria o que mais contribuiu para você se tornar leitor?

Malik: Grupo de pares.

P.: Grupo de pares?

Malik: É isso. A biblioteca que eu tive contato e a escola. A igreja e a família infelizmente não. Meu irmãozinho mais novo, eu acho que eu tenho um papel importante assim de estar sempre enchendo o saco para entender algumas coisas, mas a gente lia junto. Agora, em casa já está com o hábito da leitura, não é à toa que em casa já não se assiste Big Brother. A gente não assiste Big Brother.

P.: Por quê?

Malik: Parece que as pessoas da minha família começaram a identificar o quanto aquilo torna a gente dependente e limitado na cabeça. Daí, quando está passando Big Brother, minha mãe está tentando ler. Ela pega a Bíblia e fica lá. A gente tira do Big Brother, mesmo que vá para outro canal, mas o fato da maior parte da população estar vendo Big Brother e algumas pessoas da minha casa que não são militantes, não têm entendimento político numa linha comunista e tal como eu e meu outro irmão, de estarem se recusando a ficar na frente da televisão, para tentar ler, como a minha mãe, que não tem o domínio da técnica da leitura, ou da minha irmã estar lendo a biografia do Malcolm X no horário que vai para o trabalho, com certeza é uma influência minha e de algumas pessoas do Força Ativa que passaram a frequentar minha casa. Aí o pessoal fala: “Conversa chata.” Mas o pessoal vai acabar influenciando. O fato de eu ter passado na universidade.

P.: Você foi o primeiro, você acha que seus irmãos mais novos vão pelo menos tentar? Porque você criou um novo... você mostrou que é possível.

Malik: Paradigma?

P.: É que a palavra paradigma está tão complicada agora.

Malik: [risos]

P.: Que a gente não pode nem mais, quer dizer, o que significa mesmo paradigma é uma coisa que as pessoas usam com outro sentido. Então, eu nem estou usando.

Malik: [risos] Não. Nenhum paradigma no sentido figurado. Criamos um paradigma na família. Tínhamos a idéia de trabalhar para ter isso e nada além disso. Agora, a gente, na minha casa, consegue pensar além de ser só um trabalhador braçal, uma trabalhadora braçal. Tem que pensar além de ser uma operadora de telemarketing. Um que quer fazer psicologia,

outra que quer trabalhar na área de Recursos Humanos, mas a nível superior. Um irmão que já está fazendo universidade.

P.: Que é o seu...

Malik: Meu irmão mais novo.

P.: Ele está fazendo o quê?

Malik: Sistema da Informação.

P.: Assim, você teve algumas leituras de literatura, você teve muitas leituras de política, geografia, sociais, ciências humanas de modo geral. Hoje, você lê alguma coisa de literatura, de ficção, de ler por ler? Ou a sua leitura é mais voltada realmente para sua formação talvez como futuro professor universitário? Não sei o que você vai fazer.: A bolsa está garantida, né. [risos]

Malik: Mas eu corri, preferi voltar para casa um pouco. Se ele me quer tanto assim, vai ter que saber esperar. Na verdade, hoje eu posso decidir qualquer forma de leitura. Hoje, eu leio até Monteiro Lobato. Qualquer tipo de leitura engrandece meu conhecimento, me possibilita ir além do que eu era um dia atrás. Mesmo relendo a Clara dos Anjos, mesmo relendo Machado de Assis, poderia pensar: “Ah, uma leitura mais leve do que ler Karl Marx”. Mas é uma leitura que eu faço para entender o que aquele leitor quer dizer e que ele não escreveu aquilo desconectado do mundo. Ele escreveu em algum momento e essa leitura para mim é extremamente prazerosa. Eu leio Marx com o sorriso aqui nas orelhas. Eu adoro essa leitura. A leitura para mim é como um potencializador da minha... depois que eu comecei a ler e comecei a entender outras coisas, até minha forma de me relacionar com as pessoas está se alterando. Consigo presenciar, em vários momentos da minha vida, como a leitura está me ajudando no relacionamento com as pessoas. E ficou algo tão comum para mim agora, que eu nem consigo diferenciar, e vou até me aprofundar nesse debate do que seria uma literatura

P.: De ficção.

Malik: É. Uma leitura de prazer da literatura para a militância, porque a leitura, sim, lógico que você vai filtrar alguma coisa. Eu não vou ler livro do Dan Brown com os mesmo olhos que vou ler do Karl Marx. Mas a leitura me jogou tanta coisa positiva enquanto ser humano, [que] qualquer leitura eu estou fazendo com prazer, mesmo as mais complicadas. Lógico que lá em casa, se eu vou ao banheiro, eu leio só livro do Bocage no banheiro, mas eu gosto de ler. Eu peguei esse gosto pela leitura. E parece que vai ser um gosto que não vai sair de mim.

P.: Então, depois dessa longa análise da sua trajetória, uma pergunta: As pessoas dizem que geralmente não se gosta de ler, que quanto mais o tempo passa, menos as pessoas gostam de ler porque a leitura tem a concorrência da televisão, da internet, do game, que as pessoas já nascem vendo televisão, os bebês já vêem televisão e que a leitura é uma coisa assim que exige uma certa concentração mais contínua, mais linear, menos click, menos tecla, menos segmentada, menos veloz. Aí, no Brasil, existe uma grande dificuldade de acesso ao material impresso porque ele é caro, porque não tem biblioteca, porque às vezes na escola as práticas não incentivam muito o aluno a ler. Diante disso, como é que se justifica, o que explica, na sua opinião, que um menino chamado Malik, nesse país, nessas condições, nessa geração que supostamente não lê, vindo de uma camada que não tinha acesso ao equipamentos culturais assim como a biblioteca, o cinema ali perto de casa e que não tinha livros em casa e que não tinha condições de comprar esses materiais, como é que você explica que você gostou de ler? Onde você percebe o início do seu interesse por ler? É essa a minha grande questão. Queria entender como é que essas exceções se formam. Sem fazer a meritocracia: Ó... Mas querendo entender o que aconteceu de mediação na história dessa pessoa que ela ache “Bom, isso me fez virar leitor”. Estou te pedindo uma espécie de resumo de tudo que a gente conversou.

Malik: Eu vou usar exemplo de outro cara para tentar explicar, porque, na verdade, isso acontece com membros do Força Ativa, alguns que gostam de ler, porque tem alguns que não gostam de ler, não têm tanto hábito de leitura assim. Eu trabalhava lá em Presidente Prudente

fazendo oficinas com meninos com liberdade assistida e os caras não sabiam ler, boa parte. Mas, a partir do momento, parece uma coisa muito militante, mas não, a partir de um momento que apareceu um maluquinho na biblioteca, na Biblioteca da UNESP que eu peguei um livro no meu nome, na minha carteirinha, joguei o livro na mão dele, toda vez o desgraçado voltava: Vamos lá na biblioteca pegar o livro? Eu falava: “Porra, mano, agora não dá, estou ocupado, se vira lá.” Ele chegou a ir algumas vezes, mas o ambiente hostil que é a universidade para um menino que está envolvido com a criminalidade vai afastá-lo. E aí depois eu acabei voltando para pegar livro para ele. Mas esse contato que ele teve com a leitura, essa possibilidade... o primeiro livro que eu coloquei na mão dele foi Estação Carandiru. Um livro que ele se identificou na hora por ele ter passado pela FEBEM. Uma das coisas fundamentais é ter um acesso e a forma de incentivo. Eu gostava de imaginar as coisas, quando o gibi caiu na minha mão, foi uma mão na roda. Do gibi, você indo para Mobydick, você lendo aquelas coisas que me interessavam, mesmo com toda dificuldade que eu tinha para chegar isso na minha mão, foi cutucando, foi provocando. Agora, você incentiva o moleque desde pequeno “Ah, filhinho, eu vou te dar um vídeo-game, se você passar de ano, eu te dou um vídeo game” e não incentivar o hábito da leitura, lógico que vai ter uma tendência mais a ele jogar vídeo game. E essas inserções, que não são tão raras, não acredito mesmo que sejam tão raras, se você tiver o mínimo de contato, poder fazer parte, terá chance de pegar um livro assim e folhear pelo menos, aí você consegue pensar em algo melhor, porque eles tiveram em algum momento o contato com o livro.

P.: Então você está dizendo que o acesso ao material impresso foi importante pra você também?

Malik: Muito importante.

P.: Então, você está revendo isso?

Malik: Ah não, tinha que responder sobre material impresso! Ah, sim. Esse acesso ao material impresso se fez muito por eles que me emprestavam.

P.: Então é um e um.

Malik: Porque aí você forma uma coisa, por que o que está fazendo agora na minha casa as pessoas deixarem de ver televisão e o que faz a minha mãe ficar pegando no meu pé para que eu ensine ela a ler? Será que não é ela estar vendo eu toda hora ali com um livro sentado na escada, lendo? Ou meu irmão chegando toda hora com um livro embaixo do braço ou a minha irmã indo trabalhar e pedindo um livro emprestado? Será que não é isso? O que ela está tentando fazer? Ler para que ela consiga ir na Igreja e fazer a liturgia. Ela está relacionando a televisão com a leitura como algo muito superior para ela, no que a leitura pode oferecer e que vai contribuir para ela no trabalho que ela faz, que é na igreja. Goste eu ou não, seja eu ateu ou não. Aí fica: qual o sentido que a gente vê na leitura? Se a gente não vê sentido logo, a gente não vai ler. Essa idéia de que as pessoas não lêem, as pessoas lêem, olha no Metrô as pessoas lendo aqueles livrinhos. Os malucos vão ler O Lance e as meninas lêem Zíbia Gasparetto, livro espírita. Nossa, o povo tem outras... O livro é caro pra caramba, eu fico bobo: um livro didático custa sessenta reais. Um livro didático, aquela merda de livro, custa sessenta reais. O outro livro de expressão popular que é mais barato custa quinze reais. Uma população que não tem acesso ao material impresso não vai ter como ler mesmo. E essas inserções, se eu começar a pensar que, se tiver em algum momento alguém que te incentivou a ler, mesmo que seja indiretamente, seja uma professora lá, seja um camarada que te mostra outra coisa, isso vai fazer parte da sua vida e você vai começar a ver sentido nisso. Se não ver sentido, não adianta. Mesmo o paulo Freire “cutucava” a gente. Não adianta brindar um livro para ler, ele vai decodificar, não vai fazer sentido, ele vai cair fora.

P.: Você acha que o fato da sua mãe não saber ler e seu pai naquela época não ter tanta escolaridade fez você querer ser o contrário? Ou não?

Malik: Muito subjetivo, muito, muito, muito mesmo, mas eu queria dar uma resposta. Eu não sabia o que era o sistema. Isso já na quinta série. E eu não sabia o que era o sistema, mas eu queria mostrar que eu podia ler, que eu podia ir além, que eu podia ser mais do que estava colocado para mim. Aquele choque que tinha nisso: foda-se a inserção, né. O fato de misturar na mesma turma assim um boyzinho que estudava naquela escola com uma galera da favela, e eu era um da favela no meio, sai da turma D e vai para a turma A no ano seguinte. Eu entro no primeiro D e vou para o segundo A, isso foi um choque para... ele chamava Wellington.

P.: [risos] Bate no Wellington depois. [risos] Ele era boyzinho?

Malik: Era boyzinho e depois ele pegou uma carta de amor que eu escrevi para uma menina que eu era apaixonado e ele leu. E a carta era da hora, era bonita. Aí ele leu em voz alta. Eu queria mostrar que eu era melhor do que ele, que eu era o melhor aluno e eu acreditava nisso.

P.: Você acreditava assim: Ele é boyzinho, eu sou da favela, mas eu sou melhor aluno do que ele e isso de alguma forma te compensava, não é te compensava...

Malik: Era o campo que eu tinha para bater nele, porque fisicamente e economicamente ele batia em mim.

P.: Você acha que fazia essa relação assim?

Malik: [risos] Eu fiz isso muitas vezes mesmo nos meus personagens fictícios: ele era o meu inimigo. E um dos meus heróis ele era o leitor. E ele era um estudante, e andava de skate, essas coisas assim e criei um herói que era estudante. Eu criei, ele era o vilão dessa história.

P.: Ah, o boyzinho?

Malik: O boyzinho, Wellington. Muito provavelmente o heróizinho era eu, né. Eu não tinha pensado nisso, mas muito provavelmente esse herói que eu criei, que nas horas vagas ele estudava, era eu.

P.: Você pode fazer uma relação assim: meus pais não foram muito para a escola, a escola não é um bom lugar para mim ou uma relação de: eu vou provar que eu sou bom com a escola porque meus pais não foram ou...

Malik: Eu tinha que dar uma prova para aquele pessoal. Na quinta série, aconteceu uma coisa: uma vez, a gente entrou na escola e a escola estava em reforma e aí tinha um vaso sanitário no meio do pátio e o filho da puta do Renato, eu falei: “Ih, olha lá Renato, a sua privada lá.” Falei zoando, brincadeira de moleque. Aí ele falou: “Não, é sua, porque você é favelado.” Filho da puta, mas você engole seco. E ele sempre vinha pedir para mim, para eu fazer os trabalhos para ele e eu não fazia nunca. Então, acho que ele pensou: “Agora você vai ter que engolir isso, mano.” Essas coisas, esse conflito que tinha entre meios, eles eram pobres demais.

P.: Você ia para o topo da pirâmide de alguma forma pelo seu desempenho na escola.

Malik: Ele tinha que me aplaudir com frequência e eu usava isso para ganhar. Não foi isso que realmente me tornou um leitor. Foi realmente o contato com esse Juca, a criticidade do Juca me ajudou muito. Ele ser crítico e me indicar alguma coisa para questionar o samba que eu ouvia, as coisas que ele fazia me ajudou muito. E aí, depois dele, meus amigos que passaram pela minha vida, mais a necessidade de fazer vestibular. Essa relação de ser um cara pobre me fez também na universidade, porque, quando eu entrei na universidade, eu não tinha uma leitura tão aprofundada da teoria marxista, mas já tinha, eu fazia uma relação de: ali eu era um trabalhador e um homem preto trabalhador em uma universidade elitizada. E ter esse caráter, também mesmo na sala de Geografia, tinha três pretos na sala de aula. E todos eles, cinquenta por cento são de escolas públicas, mas são de escolas públicas assim, é diferente uma escola pública na cidade, uma escola pública no Tatuapé e uma escola pública aqui na COHAB. É diferente. Eles vinham de escola pública, mas com outra realidade. E eu pensava que eu tenho que fazer justamente o quê? Utilizar esse arsenal que a universidade me dá para me aprimorar e trazer essa teoria para o meu povo, né, para a classe trabalhadora. E era isso que eu objetivava. O que eu fazia era ler muito. Eu lia muito. As técnicas, aprender as técnicas, aprender a escrever um projeto de pesquisa, aprender a fazer uma monografia,

aprender um artigo científico, colocar direitinho as normas da ABNT, aprender a mexer no Word, no Excel ou no Corel Draw para saber como trabalhar uma revista eletrônica. Isso tudo eu tinha que trazer, mas meu gosto pela leitura já estava aí e aí conseguia ler num dia Florestan Fernandes e no outro Paulo Freire, ler o machado de Assis e ler outras coisas.

P.: Legal, Malik. Você quer falar mais alguma coisa?

Malik: Não. Serviu para me aliviar bastante a conversa.

P.: É? As pessoas normalmente gostam, falam: “Nossa, tem coisa que eu pensei hoje e que eu não tinha pensando antes. É terapêutico, eu acho, pensar na sua história.

Malik: Porque é assim: o mundo acaba nos embrutecendo demais. Você precisa se fechar, essa história aqui nem com meus amigos do Força Ativa eu conversei. Essa história de como eu me tornei um leitor ou de como eu saí de uma situação de quase total dominação para eu me tornar um crítico dessa sociedade. Mas a gente se embrutece demais. A universidade me embruteceu muito. Eu tive que vestir uma armadura para não ser como vidro, para não entrar no jogo do status acadêmico, para não me colocar superior da comunidade aqui, onde é o lugar que eu moro, por ter um material de leitura maior do que eles. Me embruteceu e eu tive que vestir essa carapuça de que: “Você é um trabalhador, você é um homem preto, pobre e precisa trabalhar com isso para que você não tente agora se tornar como um deles, porque, com as minhas notas e a minha média era de nove ponto dois, na universidade, os professores babando “Venha, venha.” e eu “Fiquem pra lá, deixa que eu fique com orientador aqui”. Eu tinha dois orientadores na faculdade e uma delas é da Pedagogia que trabalhou Paulo Freire e ela me ensinou a ler Paulo Freire e ia pensar em voltar. E hoje eu sou um dos exemplos nessa biblioteca justamente enfatizando a leitura, porque a leitura não me salvou, mas as condições que a leitura me deu para que eu pudesse entender a realidade que eu estou vivendo, foram fundamentais. E divulgar meu valor pessoal e ir trabalhando com isso, e aí vai rolando.. No meio rural tem aquele esquema de leitura no meio rural, tem que ensinar. É porque é daqui o seu projeto.?

P.: Um dia eu vou te contar de onde eu sou de verdade, onde eu nasci.

Malik: A pesquisa universitária, o trabalho universitário é complicado em algumas coisas, porque você precisa delimitar um objeto e precisa fechar ali para não ficar muito amplo, senão você não vai conseguir falar de tudo, mas... Nossa, por exemplo, ontem mesmo eu conversava com uma professora de Filosofia, eu estava em Prudente ontem, eu conversava com ela e ela lamentava por não ter conseguido aula, mas a gente estava dialogando, porque ela conseguiu abrir numa cidade de cinco mil habitantes, no interior paulista, uma biblioteca. E ela estava contando isso para mim eu dialogando com ela sobre algumas coisas técnicas, de como manter uma biblioteca, uma biblioteca comunitária assim e no meio rural que as pessoas têm dificuldade de ler e é meio enjoada. Se aqui é complicado imagine no meio rural.

P.: Porque teoricamente, no meio rural não pega ônibus e passa pela cidade e vê os letreiros que foi o que você fez. O meio rural tem menos imersão em ambiente de letramento, tem menos coisa escrita.

Malik: Você vai num assentamento, de reforma agrária do MST, onde um pessoal tem um outro trabalho para leitura, onde você consegue perceber algumas diferenças, mesmo assim, o acesso e a falta de livros é muito, muito grande. Eu vi cada coisa pelo interior, eu conheci boa parte do oeste de São Paulo. Em Geografia é bom que você faz muita atividade de campo e assentamento, acampamento do MST, eles estão sempre tentando colocar práticas de leitura. Sempre, sempre. E aí o pessoal do meio rural vivencia uma realidade diferente e talvez um pouco mais drástica do que agente aqui. Não tem acesso.

Eu perguntei pra você outro dia sobre o Rio pequeno. Lá em Prudente tem uma moça que é uma pessoa da hora, gente fina e é ela que mora no Rio Pequeno.

P.: Essa é a casa dela em Prudente ou no Rio Pequeno?

Malik: Não, no Rio Pequeno. Aqui tem uma favela.

P.: Bonita ela, né?

Malik: Linda!

P.: [risos] Quem é essa aqui?

Malik: É ela mesma, com cabelo diferente. Ela foi para Prudente, foi fazer Pedagogia lá e eu estava dialogando com ela justamente sobre isso. Qual é a proximidade da USP com o pessoal, com os amigos dela que moram naquela favela e ela... Que tem a favela da São Remo, enorme, casa dela fica na favela 1010, fica a meia hora da USP a pé e qual o contato da leitura da USP, o que você tem. Ela disse: “Nenhuma.” Alguns trabalham lá e a gente estava conversando aquele dia, o problema que se dá com ela. A favela é do lado da USP, mas não...

P.: Sabe o que acontece? Eu vou ter essa conversa com você em off.

Malik: Eu já pensei que estava tudo em off.

P.: Não, mas me fala quantos anos você tem?

Malik: Vinte e seis.

ENTREVISTA COM MARIA

P.: Você poderia me contar dos primeiros livros que você leu, gibis ou revistas, de quando você começou a aprender a ler... Como foi? Qual é a primeira coisa que você se lembra de ter lido?

Maria: Então, eu não tenho recordação da época da infância não. Eu sei que... às vezes, eu folheava alguns gibis, que os meus irmãos às vezes tinham, e... eu lembro que eu não lia, vii, só via as figuras mesmo. A recordação que eu tenho é... já tinha quinze anos, foi aquela coleção... Vaga-lume. E eu li o livro que eu mais gostei, que eu comecei a ler mesmo foi aquele *Vinte mil léguas submarinas* do... do Júlio Verne se eu não me engano, *A ilha perdida*. Aí eu comecei a pegar livros assim de... literatura infanto-juvenil, e aí a partir daí eu... fui pegando outros temas. É a minha recordação assim mais...

P.: Ah, tá. E você é a irmã mais nova?

Maria: Eu sou a caçula dos sete irmãos.

P.: Ah, tá. E esses livros e gibis estavam na sua casa, eram livros da escola, eram livros de biblioteca?

Maria: Não, eram gibis que estavam na minha casa, alguns meu irmão comprava e outros é porque a gente é vizinho duma dona, duma vendedora de uma banca de jornal. E aí os filhos dela davam gibis pra gente. Então tinha esses lá em casa, mas... eram poucos.

P.: Ah, entendi... E na escola você se lembra de os professores pedirem pra ler alguma coisa?

Maria: Então, de primeira à oitava série, não tenho nenhuma recordação em relação a isso. E eu estudei numa escola aqui na Cidade Tiradentes. Agora, teve uma mudança radical quando eu fui estudar numa escola que fica lá no Parque D. Pedro...

P.: No centro?

Maria: Isso, fui estudar lá no colégio São Paulo e aí eu fiz lá o ensino médio e todos os anos os professores me pediram livros, que lesse livros, principalmente os clássicos da literatura brasileira, uma coisa mais voltada até pro vestibular, com essa perspectiva... mais na escola lá. Aqui eu não tenho nenhuma recordação.

P.: Tá. E lá nessa escola o que você leu? Leu esses clássicos...

Maria: Ah, eu li Machado de Assis, li... esses do vestibular. Não sei se eu vou lembrar outros agora. Tipo Guimarães Rosa, cheguei a ler... Não cheguei a ler Lima Barreto. O *Vidas Secas*. Aí eu li... do Machado, eu li bastante, *Quincas Borba*... Mais esses assim só.

P.: Tá. E hoje em dia você gosta de ler o quê?

Maria: Então, hoje em dia eu gosto de ler vários temas, mas não de qualquer autor. Eu gosto de ler autores que discutem, fazendo sempre avaliação, uma crítica da sociedade, mas que tenha alguma perspectiva em relação à mudança. Então, eu leio... me interessa muito pelas questões de gênero, pelas questões raciais, muito pelas questões políticas, sociologia e... até por conta da minha área, eu gosto de ler coisas de biologia. Mas eu tenho interesse por assim, no geral. Pra mim, o mundo é uma coisa a ser desvendada, são várias facetas, sei lá. E aí eu gosto de ler de tudo um pouco, mas principalmente leituras que fazem com que eu entenda a sociedade como ela está organizada.

P.: Entendi. E você fez o ensino fundamental aqui em Cidade Tiradentes e aí você foi lá pro colégio no Parque D. Pedro e que aí teve uma mudança radical. Que mudança radical foi essa?

Maria: Porque, quando eu fui pra lá, a minha perspectiva em relação a fazer o vestibular era muito pouca. E os alunos lá da escola – também acredito porque já é o ensino médio, falavam muito mais, tinha, sei lá, mais informações. A gente sempre falava sobre fazer cursinho ou não, já discutia que curso que mais gostava ou não. Então, eu me sentia mais por dentro da discussão, uma coisa que eu já não era habituada a fazer quando estudava aqui. E alguns colegas da minha sala, eles tinham vindo de escola particular e aí eles traziam também

algumas experiências que pra mim eram diferentes. Da história mesmo deles, de vida que eles contavam. Então, eu achei até que eu tive um pouco de dificuldade de acompanhar, que eu achei que a disciplina lá daquela escola era diferente. Pra mim, foi até uma questão de uniforme, que tinha que usar uniforme. Não podia sair sem a liberação dos pais. Então, a escola, ela tinha uma organização diferente da que foi aqui. Então, eu acabei me sentindo envolvida num mundo um pouco diferente, que até então eu freqüentava aqui na escola.

P.: E lá tinha biblioteca, nessa escola?

Maria: Lá tinha biblioteca. Eu lembro, eu tenho recordações de ter freqüentado a biblioteca de lá, nunca de ter pego um livro, mas de ter freqüentado. E lá, pra mim, uma das diferenças que eu achei que foi legal é porque tinha os laboratórios e tinha... e eram os alunos que, na troca do intervalo, ia até a sala, não era os professor que vinha. Então, as salas, elas tinham alguma coisa referente à matéria. Então, tinha uma sala de meio ambiente que tinha alguma coisa, alguns bichinhos... A sala mesmo de geografia e história tinha alguns quadros, algumas coisas. E tudo isso pra mim foi sendo diferente, sendo novo, foi me deixando mais voltada pra..., mais interessada por essas questões de leitura, e de estudo e tal.

P.: Ah, legal. E como é o nome desse colégio?

Maria: É o colégio São Paulo. Fica bem ali ao lado do terminal Parque D. Pedro.

P.: E você foi morar pra lá ou você continua morando aqui?

Maria: Não, eu continuei morando aqui. Lá, eu só estudava.

P.: Ah, legal... E por que você decidiu ir pra lá?

Maria: Eu decidi ir pra lá porque, nesse período, esses vizinhos – eles vão fazer muito parte da minha história, esses que são donos da banca de jornal – eles já estudavam fora. E eles sempre faziam alguns comentários em relação à diferença das escolas. E já quando eu estava na oitava série, eles chegavam a perguntar pra mim se eu ia fazer faculdade, alguma outra coisa e era um assunto pra mim meio disperso. Mas eu comecei, até pelo meu histórico de vida, comecei a pensar um pouco mais sobre como seria meu futuro. E aí eu, na busca de, sei lá, uma escola um pouco melhor, e já pensando no vestibular, é que eu decidi me mudar de escola. Então, eu sofri um pouco de influência dos meus vizinhos que já estudavam, estudavam no Tatuapé. E até eu tentei ir pra escola que eles estavam, mas não consegui. Aí, eu fui pro São Paulo. Mas eu fui pra lá já com a idéia de tentar dar um pouco mais de qualidade pros meus estudos.

P.: Ah, entendi. E esses vizinhos têm a banca onde?

Maria: Eles têm a banca aqui na Avenida dos Metalúrgicos. Eles moram lá, duas casas acima da minha.

P.: Ah, tá. E você é a primeira filha que vai pra universidade ou já tem irmãos que foram?

Maria: Não, eu sou a primeira. Minha mãe não é alfabetizada, meu pai fez até a quarta série daquela época. E meus irmãos, alguns ainda não concluíram o ensino médio. Todos concluíram o fundamental, mas alguns ainda estão pra terminar o ensino médio. Eu sou a primeira que vai pra Universidade.

P.: E você falou que quando tinha uns quinze anos, você começou a gostar de ler a série *Vaga-lume* e tal. Quem que te apresentou, entre aspas [risos]?

Maria: Esse meu vizinho. Então, a mãe deles... um livro que não vendia, material, sempre que vem assim com jornal coleção, ela levava pra casa dela. E ela tinha meio que uma bibliotecazinha em casa. E o quintal dela também tinha um monte de coisa. E aí esse meu vizinho – o nome dele é João – ele é o que mais ficava... Eu lembro que ele ficava falando de coisas e eu não entendia nada do que ele estava falando. E eu sempre querendo brincar e falava “Ah, não enche o saco” brincando. E aí um dia eu parei pra ouvir o que ele estava falando, e ele falava de estudar, de universidade, de sociedade...

P.: *Esse é o pai ou é o menino da sua idade?*

Maria: Não, ele deve ser uns quatro anos mais velho que eu só. E aí ele é que falava sempre pra mim, e aí ele falava “Ah, lê um livro” e ficava falando, enchendo o saco, e eu [respondia]: “Não, não gosto. Quero assistir televisão”. E aí eu fui cedendo, fui aceitando. E ele falava pra todas nós lá na rua. E aí eu peguei esse livro e gostei. Deixei um pouco a televisão e fui ler. Aí eu comecei. E aí eu terminei de ler. E aí eu entregava o livro pra ele e ele me dava outro.

P.: Ele é que escolhia pra você?

Maria: É. Ele falava “Ah, desse eu acho que você vai gostar”, porque pra mim... Até que ele começou a dar uns livros que eu achei muito difíceis. Ele me deu o Rousseau pra ler, *O contrato social*, e eu não entendi nada. Daí eu falei: “Ah, não quero esse daqui não. Me dá aqueles outros lá”. E aí foi mais ele que foi me dando incentivo. E ele já fazia cursinho. E, no ano que eu comecei a me interessar mais por leitura, ele passou no vestibular...

P.: E ele foi fazer o quê?

Maria: Ele foi fazer Ciências Sociais na UNESP, em Marília. E aí caiu meu mundo. Falei: “Ah, e agora quem vai falar pra mim...? Porque na minha casa não tinha isso. E aí foi quando eu conheci aqui o espaço da biblioteca... Já com esse incentivo, com essa vontade já, que tinha brotado. Aí, eu vim aqui pra poder ler mais livros...”

P.: Ah tá, aí você começou a frequentar a biblioteca aqui?

Maria: Isso. Aí, eu vim aqui pra biblioteca comunitária. E tinha os mediadores de leitura e aí eu falei que tinha interesse e aí eles já... Eu lembro que eu fiquei, no primeiro dia que eu vim aqui, eu fiquei conversando bastante com o pessoal. E aí eles falaram... também falaram assim, mais ou menos na mesma linha que meu vizinho falava, conversava comigo...

P.: Tipo o quê?

Maria: Assim, muita pergunta. Sempre colocaram muitas questões pra mim, pra reflexões. E principalmente em relação à sociedade. Eu lembro que esse meu vizinho, ele me infernizava muito porque ele questionava comigo porque que eu dançava axé. Eu falava “porque eu gosto, porque eu gosto”. [E ele dizia:] “Não, você não acha que expõe o corpo da mulher, que banaliza o sexo...?” Então, e aí eram vários questionamentos. E, quando eu vim pro espaço da biblioteca, as pessoas daqui também começaram a me lançar um série de questionamentos pra eu refletir. E aí eu – acho que até pela idade, pela curiosidade – eu fui querendo ler, querendo saber, querendo discutir, querendo formar a minha opinião, porque eu sempre percebia que a opinião das pessoas era diferente, que eu até concordava, mas eu queria saber dar minha opinião pelo conhecimento que eu tinha, não só por achar que é legal. Então, isso me fez me lançar mais à questão de ler.

P.: Nas primeiras vezes em que você veio à biblioteca, quem estava aqui mediando a leitura?

Maria: Então, estava o Gilson e estava um rapaz que hoje não frequenta mais, que o nome dele é Rogério. Eu lembro dessas duas pessoas.

P.: Tá. E aí como é que era? Eles te davam livro pra ler, você levava?

Maria: É. Eles faziam muita piada porque eu pegava livros da Agatha Christie. E eu não entendia porque eu era... Esse meu vizinho, ele me presenteou com o livro *O assassinato no Expresso Oriente* e eu amei. E aí eles ficavam fazendo piada e eu não entendia... Porque eu pegava Agatha Christie e tal. E aí eu ficava aqui..., mas eles não... No começo, eles não me deram livros. Eu pegava aquele que era do meu gosto. Mas eu lembro que eles sempre me pegavam pra ficar falando, falando, falando. E aí eu lembro que depois eles começaram a me orientar: “Ah, por que não ler outras coisas? Tem essa estante aqui.” E aí eles começaram a me indicar. Eu lembro que, no começo, eu li bastante coisa sobre questão racial. E aí era uma das discussões que a gente fazia muito aqui né, da...da questão do padrão de beleza, auto-estima... E aí eles, sei lá, pelos temas que eu demonstrava mais interesse... E até porque também eu comecei a construir uma identidade diferente, comecei a questionar mesmo essa questão de padrões, porque que a gente não se aceita como a gente é e está sempre querendo parecer com os modelos da televisão e tudo mais. E aí foi fazendo isso... Toda essa discussão

e essa leitura foi preenchendo uma construção da minha... minha auto-estima mesmo, quem eu era. Eu passei a, sei lá, a mudar a minha... Os meus comportamentos passaram a mudar mediante as coisas que eu estava discutindo e aprendendo. E aí em casa isso teve um impacto muito forte, porque eu comecei a questionar tudo mesmo. E essa questão do cabelo: por que a menina preta tem tanta vergonha do cabelo e ela não sabe cuidar do seu cabelo, não sabe lavar o cabelo crespo, não sabe trançar, e a gente não tem essa cultura. É mais fácil pegar qualquer alisante e pronto. E aí tem vergonha mesmo de sair na rua porque o cabelo, porque é alvo de várias piadas, comentários. E aí eu passei a radicalizar: tudo que eu fazia antes, eu não fazia mais. Parei de alisar o cabelo, falava que não, que a gente tinha que valorizar a beleza africana e tudo mais, passar a ter referências. E aí em casa a minha mãe falava: “Pára com isso, vai alisar esse cabelo! Agora, só faz trança e não sei o quê”. E aí minha mãe começou a notar essa diferença. E em casa comecei a fazer... Todos os debates que eu fazia aqui eu fazia em casa: “Está errado isso, está errado aquilo”. Começou aquele conflito. Até então, tudo que eu estava aprendendo era novo também, pra todo mundo na minha casa também. E aí falavam: “Nossa! Tá sendo influenciada”. Minha falava: “Ai! Esse *Força Ativa!*” [risos] E aí eu me perdi... [risos]

P.: Eu estava te perguntando sobre o que eles falava, que eles foram falando pra você ler. Aí você foi falando que teve um impacto na sua identidade...

Maria: E aí eu passei a vincular também todas as discussões dos livros que eles me indicavam pra mim ler, eu passei a vincular com a minha situação de vida e com a situação de vida geral, assim, das pessoas da comunidade. Então, discutia muito as questões de classe, como essas coisas nos afetam, como essas coisas determinam a nossa vida. E aí eu passei a me sentir diferenciada até do meu grupo de colegas, pelas idéias, pelo comportamento, pela perspectiva de vida. E aí eu passei até a me considerar, assim, uma pessoa que foi salva: pra mim, eu tinha a impressão de que tinham me tirado de um mundinho muito pequeno, muito limitado e tinham me aberto portas pra poder enxergar.

P.: Quantos anos você tinha quando você veio pra biblioteca? Uns quinze, uns dezesseis?

Maria: Não. Pra biblioteca, eu já estava com dezesseis...

P.: Pra frequentar. E aí você entrou no *Força Ativa* com quantos anos?

Maria: Ah, já estava no final dos... quase dezoito. Eu lembro que eu tinha dezessete anos.

P.: Tá, entendi. E aí você nunca mais parou de ler?

Maria: Nunca mais parei de ler. Só quando tinha alguns problemas emocionais assim muito graves, aí eu lembro que minha leitura ficava sempre pra depois. Mas não, nunca mais perdi o gosto pela leitura.

P.: Me explica melhor essa idéia de “eu fui salva”, porque tem várias pessoas que falam isso...

Maria: [risos]

P.: Aí eu quero saber se as pessoas que falam isso têm a mesma idéia ou se elas estão falando de coisas diferentes... Me explica melhor.

Maria: Hoje, eu enxergo a coisa assim: por sermos assim pobres, em primeiro lugar, e aí por sofrer a violência racial de gênero e tudo mais, tem coisas que são quase impossíveis que não aconteça. E, na minha vida, particularmente, eu acho que talvez de ter ficado grávida na adolescência, que a maioria das meninas da minha idade acabaram tendo gravidez na adolescência não planejada. Eu acredito que eu me salvei de não sofrer um série de violências de gênero, porque eu passei a me portar diferente em relação a isso. Então, os relacionamentos que eu passei a estabelecer e o namoro não me colocavam nessa forma, porque eu sempre questionava... não, que tinha muito isso... por exemplo, namorado que diz o tamanho da saia que você vai usar, namorado que diz se você pode ter amiga ou não... Então, comigo essas coisas não aconteciam porque eu falava “Não, espera aí! Ser namorado não é dono, propriedade... Como é que é?” Então, eu via as minhas colegas passarem por essas coisas e eu não admitia comigo, porque tinha outra postura em virtude do que eu lia.

E mesmo sobre discriminação racial porque, nos lugares onde eu freqüentava, que eu percebia qualquer menção ao racismo, a discriminação, me colocava em discutir sempre... Eu notava sempre que as pessoas, ao ver que eu tinha determinada informação, não tinha determinada postura comigo de discriminação... Até com a polícia mesmo, que também tem muito da violência policial e aí tem... Eu já fui parada já duas, três vezes aqui. E aí, quando você fala, a forma como você se coloca, como você fala, as pessoas percebem que alguma informação você tem, então você passa a não sofrer algumas violações de direito que você sofreria. Então, muitas pessoas também vinham até me perguntar “Ai, como é que eu posso fazer tal coisa?” ou “Aconteceu tal coisa com o meu filho. Como eu posso proceder?” Então, eu percebia que eu tinha alguma coisa diferente do senso comum, porque tanto eu me tornei referência pras pessoas de dar algum tipo de informação ou de onde poder buscar, como eu não sofria com algumas coisas que muito provavelmente eu sofreria se eu não tivesse tido essa relação com a leitura. Até pelo histórico da minha família, questões em relação ao álcool mesmo. Porque, na minha família, o alcoolismo é uma coisa muito recorrente em quase todo mundo. E até os dezessete anos eu lembro [que] eu também bebia muito. E aí, quando eu passei a ler, a questionar e a me fortalecer, construir uma outra auto-estima, eu pensei “Olha, isso aqui não dá muito...não dá futuro” e tudo mais. Então, a minha vulnerabilidade diminuiu. Então, é mais ou menos o incentivo que eu tive...que eu fui salva.

P.: Entendi. E quando você começou a ler, a partir dos quinze anos, você buscava o quê nessa leitura? Prazer, conhecimento, assunto às vezes pra discutir com as pessoas, os próprios mediadores daqui? Você falava “eu vou ler”. Mas “vou ler” por quê?

Maria: Tá, no início, pra mim era um prazer, porque, quando eu abria os livros, o resto do mundo parece que desligava. Aí, eu ficava ali naquela história, naquela viagem. Então a narrativa me envolvia. Então, acho mais por prazer mesmo no começo. Depois, eu passei a sentir a necessidade de ler pra obter conhecimento mesmo, pra saber me posicionar, pra saber, quando alguém me questionar, eu saber porque é que eu estou falando as coisas. E eu passei a ler muito pra vida ter um sentido pra mim, pra eu poder me situar no mundo e poder... E eu também, quando eu passei a ver a série de violências que eu achava que sofreria se não tivesse mudado, eu passei a ler porque eu tinha vontade de dar uma contribuição pra essas pessoas. Assim como o meu vizinho enchia o saco falando, eu também falei “Ah, eu acho que eu sempre senti um desejo de contribuir também, de tentar fazer pras outras pessoas. Então, eu fui lendo porque eu vi que eu me tornei referência pra algumas pessoas e eu gostaria que essa referência tivesse um sentido, estivesse fundamentada. Então, pra isso a questão da leitura...que eu passei a ter vontade de transformar também.

P.: Entendi. E quando você começou a ler bastante, qual foi a reação assim da sua família? Você falou que teve alguns debates em que você entrou. Mas as pessoas, de modo geral, falavam “Que legal! Olha como ela lê!”? Ou não? Como é que é?

Maria: A minha mãe falava assim: “Você vai ficar louca! Pára com isso, menina! Agora, vira e mexe, tá com o livro na mão! Vai ficar louca!” Minha mãe achava que eu ia ficar louca. Os meus irmãos, eu não me recordo deles comentarem nada... E era uma postura meio... eu acho que eles tinham mais curiosidade do que estava acontecendo comigo, porque assim eles viam que eu estava ficando diferente. Mas eles não brigavam, mesmo porque eu não estava aprontando nada, né, vamos dizer assim. Passava mais tempo na biblioteca do que na esquina. Então, eles viam essa diferença das meninas e do meu comportamento. Eu sempre respeitei minha mãe. Então, tinha algumas diferenças, e meus irmãos não brigavam muito. Eles são super bravos. Eles não brigavam comigo, mas eu acho que eles tinham alguma curiosidade, mas nunca houve um diálogo: “Como que é lá? Eu vou com você...” Nunca houve isso. Agora, minha mãe, ela tinha medo. Ela falava que eu ia ficar doida e tudo mais. E aí, quando eu começava a discutir muito, falava muita coisa, ela falava: “Esses livros aí que você está lendo é que está fazendo isso”. Então, minha mãe sempre viu tanto o *Força Ativa*

como os livros como um problema que estava me deixando muito diferente. Hoje em dia, ela reconhece que foi positivo pela pessoa, sei lá, pela forma como minha vida está e tudo mais. Ela fala que eu sou uma das filhas que deu menos trabalho e tudo mais. Hoje em dia, é tranqüilo. Ela não fala mais nada enfim. Mas, no começo, ela meio que tinha...

P.: E o seu pai fala alguma coisa?

Maria: Então, meu pai não mora com a gente desde os três anos de idade. Eu não tenho assim...ele não teve nenhum contato.

P.: Tá. Você falou da importância desse vizinho, da importância daqui da biblioteca... Você acha que a escola foi importante também ou não, no ensino médio, pela forma como as coisas eram propostas...? Como é que você avalia o papel que a escola exerceu ou poderia ter exercido ou não exerceu de te formar leitora?

Maria: Bem, no ensino fundamental, eu acho que a escola teve um papel muito negativo. Primeiro, porque o ensino, da forma como ele é dado: você passa o ano todo estudando aquilo; chega no outro ano, você já não lembra de mais nada. A coisa é posta de um jeito que parece que é pra tirar um pouco do conhecimento que você tem. E porque a escola também só valoriza a leitura escrita, a leitura da palavra. Ela não valoriza outros tipos de leitura, ela não trabalha com a música, com a imagem, ela não trabalha com outras formas de leitura e ela não valoriza o conhecimento que você traz. O professor tem a postura do que sabe tudo e nós somos os vazios que estão ali pra ser preenchidos com o conteúdo deles. Hoje, eu faço essa leitura. Então, pra mim, a escola teve esse papel mais negativo. E porque eu me recordo bem que a escola sempre ficava fechada. A escola, não. A biblioteca da escola sempre ficava fechada, agora eu não lembro direito de...

P.: Você ia à biblioteca da escola?

Maria: Não, eu não me recordo. Quando tinha que fazer um trabalho ou alguma coisa, eu ia sempre na minha vizinha, pegar revista, pegar livros. Era mais fácil, não era tão chato. Não tinha que enfrentar aquela mulher com aquela cara tão brava que sempre tem na escola quando você quer alguma coisa. Então, eu nunca usei o recurso da escola no ensino fundamental. E lá no colégio São Paulo, eu lembro que eu tinha uma referência muito negativa porque a diretora era super racista, a de lá.

P.: Você tá brincando...

Maria: Super racista. Então, eu tinha uma bronca da escola. Eu passei a questionar patriotismo e tudo mais. E aí lá tem que cantar o hino nacional e eu então tinha umas referências ruins de lá nesse sentido. Mas eu lembro que eu gostava da professora de literatura, a forma como ela colocava a questão... Ela pedia, se eu não me engano, acho que era um livro por mês pra gente ler e aí eu, eu não sei, eu passei... Aquelas aulas, especificamente daquela professora, pra mim, foram positivas. E eu li bastante os clássicos da literatura brasileira por conta daquelas aulas. Mas eu acho que mais por conta da professora, do indivíduo, não da estrutura da escola.

Agora, o São Paulo era diferente em relação a acesso. A biblioteca era mais, sei lá... Eu recordo que era mais fácil o acesso e tudo mais, fazer a carteirinha, pegar livro emprestado. Eu lembro que era um pouco mais fácil do que aqui. Mas eu acho que foi mais positivo no sentido da professora, não tenho muita recordação dela, mas eu acho que a professora era diferenciada, não a estrutura. E, quando eu fui fazer cursinho, eu passei a ter mais raiva ainda da escola, porque eu vi que eu não tinha aprendido nada. Eu via que “Ou eu sou muito burra, ou a escola realmente é ruim”. E a escola realmente é ruim, né? Hoje dá pra... Na universidade, a professora fala: “Aí, isso é da quinta série”. Você fala: “Qual quinta série?” Porque a que eu fiz, no meu conceito, não mostrou isso. E se mostrou, foi de uma forma que é a de decorar e não de aprender.

P.: Essa escola era municipal ou estadual, esse colégio São Paulo?

Maria: Lá era estadual, que nem o daqui é municipal. Então a escola não foi determinante no meu envolvimento e prazer pela leitura, entendeu, nem um pouco relevante...

P.: Tá, entendi... E o livro didático de língua portuguesa? Teve alguma coisa que você leu nele, algum trecho que você falou “Aí, eu vou ler esse livro” ou “vou ler mais, porque eu li esse pedaço e achei legal”?

Maria: Tinha sim. Tinha um livro de português, que trazia uns pedaços de... não sei se eram contos, se eram versos. Eu lembro que eu peguei um livro, aquele *Espumas Flutuantes*, do Castro Alves, a partir de um livro didático. E tiveram outros também do Álvares de Azevedo, que bastante também a partir do livro didático. Tiveram sim, mas é... Alguns poucos, mas tinha. Tinha um livro que eu tenho até hoje, um de português. Eu achava o livro didático com um uso também. Eu achava ele bem legal, mas eu acredito que eu tinha esse interesse mais porque a questão do vestibular já estava assim em pauta na minha vida. Então ficava mais... até gostava no começo. Depois, eu não gostava muito não desses livros. Mas, no início, até gostava.

P.: Hoje você não se interessa muito por ler literatura brasileira?

Maria: Não, não... Eu gosto de ler, mas assim, períodos que os autores viveram, pra quê aquele autor escreveu. Então, eu não leio necessariamente as obras, mas eu me interessava de ler, por que é considerado clássico, por que escreveu sobre que ponto de vista, usando que tipo de linguagem. Mais eu gosto de saber mais o contexto, do que propriamente ler os livros...

P.: Teve alguma biblioteca pública que você chegou a freqüentar ou não na sua história?

Maria: Então, tem uma biblioteca pública ali em Guaianases. Aí eu lembro que, nos momentos de desespero, “Eu tenho que entregar trabalho”, alguma coisa, a gente sempre ia até lá. Mas, nossa, eu não me lembro de ter pego nenhum livro lá não. Não sei se era docu... Uma vez ia, mas não tinha documento. Outra vez é... com problema de receita Eu lembro que sempre tinha alguma coisa e aí eu passei a não ir mais lá. De biblioteca pública, só essa que eu fui, nenhuma outra.

P.: E, fora a Solano Trindade, você freqüentou alguma outra comunitária aqui em Cidade Tiradentes?

Maria: Não. Não, eu até cheguei a ir em alguns pontos aqui que tem no telecentro da Tiradentes, tinha uns livros lá, mas eles não emprestavam... Onde tinha livro eu ia fuçando... Ali no Itaquerá tem uma biblioteca também. Eu lembro que onde eu via livro eu ia fuçar, mas freqüentar mesmo só aqui na comunitária. E da universidade, que eu fiz um ano de Biologia na Fundação Santo André, que eu ia muito na biblioteca de lá e agora na biblioteca da UNG³.

P.: Me conta como que foi o cursinho pré-vestibular, a entrada na universidade... me conta um pouco disso. Você fez o cursinho logo que você fez o ensino médio?

Maria: Deixa eu lembrar... Ah, foi assim: eu terminei o ensino médio, aí eu fiquei sem estudar. Aí teve um projeto da prefeitura que ela deu umas bolsas pra fazer cursinho no, como é o nome, Poli?

P.: Ah, o cursinho da Poli.

Maria: O cursinho da Poli! E aí eu comecei a fazer o cursinho lá na Lapa, só que a dificuldade do transporte, alimentação era um pouco difícil. Aí surgiu... Tem um Movimento dos Sem Universidade. E aí surgiu a proposta de fazer um núcleo aqui de um cursinho pré-vestibular. E eles pediram pra duas pessoas do *Força Ativa* coordenar – o Gilson e a Roberta. E eu lembro que, na época, eles estavam com muitas atribuições. E aí eles acharam interessante passar pra outras pessoas e eles propuseram o meu nome. E tinha outro rapaz que também estava chegando no *Força Ativa*. E tinha uma remuneração pra nós, que seríamos coordenadores. Seria por cinco, seis meses. E aí teria que fazer esse papel de cuidar de tudo.

³ UNG é a abreviação usada por Vanessa para referir-se à Universidade de Guarulhos.

Até a diretora da escola onde foi instalado o cursinho era parceira também no *Força Ativa*. Tinha uma parceria... ela com a escola. E aí eu saí do cursinho lá do Poli, pra mim coordenar esse cursinho pré-vestibular. E aí eu ia nas reuniões do Movimento dos Sem Universidade. Comecei a participar mais das discussões, a me interessar mais pela coisa. E aí, de vez em quando, eu assistia algumas aulas aqui no cursinho. Mas aí eu comecei a me envolver mais com isso. Aí eu decidi mesmo que eu ia prestar o vestibular. Só que eu tinha muita dúvida [sobre] como é que eu vou fazer pra pagar e tudo mais. Mas aí eles: “Ah, presta e entra. Depois, a gente vê como é que faz.” O pessoal do *Força Ativa* sempre dava esse incentivo “Oh, não se preocupa não. A matrícula, a gente ajuda a pagar, vamos ver como é que é”. Aí eu terminei no final do ano seguinte que eu saí da escola, acabou esse projeto desse cursinho. E aí eu fui fazer um cursinho lá no centro também, que é o cursinho do Onze de Agosto. E eu estudei lá. Acho que no final do, não vou lembrar os anos direito não, aí estudei, fiz um ano lá, prestei vestibular na... Só não prestei nenhum público até hoje. Aí eu passei na Fundação Santo André e fui estudar lá. Aí eu consegui o FIES. Eu estudei por um ano. Só que eu me sentia muito mal lá na universidade, porque eu era a única pessoa preta da sala. E eu me sentia mal com isso. E os professores discutiam... eles diferenciavam a biologia, e tirava a biologia do contexto social. Isso me dava uma angústia e eu “Ai!”. Eu ficava fazendo assim... Eu gostava de biologia. E eles ficavam falando assim pra mim: “Por que que não tenta Ciências Sociais?”, “Ai, vai fazer história.” “Não, sua cara é geografia.” Todos os professores falavam pra mim. E eu falava: “Não! eu gosto de Biologia, gosto de Biologia.” E eles ficavam discutindo e nunca relacionavam a biologia com o contexto. E eu já estava vindo dessa discussão da biologia enquanto uma ciência que está envolvida nas contradições sociais. Eu achava... então, eu lembro que eu faltava muito e eu acabei reprovando. Eu peguei quatro ou cinco DPs e aí eu reprovei, saí da universidade. Aí eu cheguei a fazer mais uns seis meses de cursinho, fiquei sem estudar, fiquei super desestimulada. E foi indo, foi indo, foi indo e aí eu prestei vestibular no semestre passado, novamente. Aí eu entrei pelo Pro-Uni lá na UNG. Eu estou fazendo biologia. Aí agora eu percebo que eu consegui amadurecer um pouco, porque eu fui pra universidade com algumas ilusões, né.

P.: Que tipo de ilusão?

Maria: Porque eu achava que a mesma discussão que a gente fazia aqui era a discussão que ia estar sendo feita lá. E a discussão era diferente e aquilo me angustiava e eu não sabia lidar com isso. Eu me sentia mal por ser a única pessoa preta da sala e... Tem um professor que, no primeiro dia de aula, eu estava com a camiseta do Che Guevara e ele falou: “Nossa! Vi você com essa camiseta, eu fiquei até com medo de você.” Aí eu lembro que eu fiquei... hãiiii... Vários episódios aconteceram e eu não soube lidar com isso. Depois, eu conversei muito com o pessoal e [eles me disseram]: “Não, a universidade, esquece, não dá ideologia pra ninguém. Você vai lá pra conhecimento técnico e a perspectiva é outra. A perspectiva da qual a gente parte é outra”. Então, hoje, na UNG, eu pego aquilo que eu vejo que é, pra mim, o conhecimento técnico mesmo, porque o ideológico né... Porque eu sempre falo pros meus amigos [que] o papel do biólogo, quando ele tem que ir fazer qualquer trabalho em relação à ocupação de área de manancial, por exemplo, o papel do biólogo não se limita a pedir a retirada das pessoas de lá, simplesmente, e não se preocupar: “Ah vai pra debaixo da ponte”. Aí é problema do cientista social ou do historiador. Pra mim, a ciência não tem que ter essa fragmentação. Isso eu já eu conversei com os meus colegas. E aí eu falo: “Então, o problema da biologia também é um problema da luta de classes, porque eu sempre falo, [que] se a gente está vivendo hoje, por exemplo, o período da... se fala muito da questão do meio ambiente, efeito estufa e não sei o quê... e por que essas questões não têm resposta? Porque o próprio presidente dos Estados Unidos fala que, se a indústria dele tem que parar pra que o buraco na camada de ozônio diminua, que é uma pena, mas que a indústria dele não vai diminuir. Estou falando, então eu sempre discuto com o pessoal, que o problema do meio ambiente é um

problema também do sistema capitalista, que é pra exploração e não pra uma economia de subsistência. Então, eu travo algumas conversas, alguns bate papos, mas os professores não vêm nessa linha. A fragmentação do conhecimento, que biologia não sei o quê ... e não essa... Porque uma das coisas que eu aprendi aqui na biblioteca foi essa questão de que não é fragmentado as coisas. As coisas são todas encadeadas, e todas sendo consequência de uma outra coisa. Então, a entrada na universidade, pra mim, foi mais por... Eu nunca pensei em me distanciar daqui da biblioteca porque, pra mim, a biblioteca sempre... as discussões, tudo que a gente faz aqui, sempre me deram respostas que eu julguei mais coerentes com os problemas que eu entendo do mundo do que os fatos da universidade ou do cursinho ou da escola. Então, pra mim, a biblioteca e as discussões todas que a gente faz no *Força Ativa*, pra mim, são a base de todo o resto e essa questão da leitura, porque tudo que eu pego hoje, mesmo de biologia, dou uma filtrada, vou ver lá quem é o autor, por que ele escreveu, pra quê... Então, pra mim, mesmo na universidade, minha maior referência é esse espaço, não a universidade.

P.: E você acha que outras pessoas exerceram um papel importante pra você gostar de ler...?

Maria: Ah tá, teve uma figura também: era avô desse meu vizinho... E ele era um senhor de já uns oitenta e tantos anos, e ele também sempre ficava falando e falava e eu [pensava]: “Ai meu Deus, deixa eu ver o que ele está falando.”

P.: Falando o quê?

Maria: Ele falava de revolução sempre. Porque ele participou do período da... que teve em torno da ditadura militar, ele foi, segundo conta, tem alguns registros, ele foi segurança particular do Carlos Prestes. Então, ele se auto-intitulava comunista, ele defendia o regime comunista, e ele sempre contou várias etapas. Todo dia ele ficava lá discutindo com o livro, falando com o livro. Aí eu fui ver que livro que era. Era *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, do Engels. E ele ficava falando pra mim desse livro e eu não entendia nada. E ele me incentivava também que eu lesse. Ele não falava muito pra mim pegar muitos livros. Ele me dava alguns que tinha na casa dele. Tinha Lênin, tinha Trotsky, tinha essas referências, tinha Marx... E eu folheava, mas não entendia direito. Só que ele falava muito. Então ele meio que traduzia pra mim. Falava da questão nacional, e aí ele ia falando e falando. E ele também foi uma figura que incentivou... ali no paralelo. Era a mesma família toda praticamente. Mas os netos discordavam dele, porque eles falavam assim: “Meu avô, ele acha que Marx é Deus”. Tinha umas discordâncias assim e... Então, quando eu não estava com um, eu estava com o outro. E eu ouvia o que todo mundo falava. E ouvindo, ouvindo, eu fui armando minha opinião. Então, por querer estar segura, e ter segurança...

Ah, sim, o meu irmão mais velho, ele embora não lesse, eu lembro que, de vez em quando, ele sempre sentava comigo e falava “Olha, estuda, lê bastante, nunca dependa de homem nenhum, seja independente”. E esse meu irmão mais velho, sempre tinha umas falas assim. Então, eu também tenho uma referência positiva em relação a ele, que ele sempre me incentivava que eu estudasse. E falava assim, meio vago, mas sempre que ele tinha alguma fala, era nesse sentido. Então, também foi uma referência pra mim. E fora isso, mais as pessoas aqui da biblioteca mesmo que eu passei... outras pessoas do movimento social que eu passei a conhecer e a conversar também.

P.: E na escola, você acha que, no ensino fundamental, no ensino médio, foi uma boa aluna? Você repetiu algum ano? Você gostava da escola, não gostava...? Como é que era? Você achava um tédio? Achava estimulante?

Maria: Olha, eu tenho poucas lembranças da escola, porque eu era aquela aluna invisível. Tem aqueles alunos que os professores não gostam, tem aqueles que não dão trabalho, que são, sei lá, bem carneirinho, na linha que eles querem. Então, eu nunca reprovei nenhum ano. Eu fiquei de recuperação acho que uma vez, na matéria de educação artística, que ninguém nunca fica de recuperação em educação artística. Mas eu detestava a professora, e eu, nossa, detestava desenho também. Eu lembro que eu fiquei de recuperação nessa matéria. E aí eu era

sempre muito quietinha, muito medrosa, tinha medo da minha mãe. Se minha mãe tivesse qualquer reclamação, não queria saber quem estava certo: ela batia primeiro pra depois escutar. E, além de ter medo da minha mãe... Minha mãe é assim: por não ser alfabetizada, ela sempre fez questão de colocar todos nós na escola. Também nunca faltou numa reunião, sempre que precisou ela teve muito presente e tudo mais. E eu lembro que, quando eu tinha que fazer algum trabalho, alguma coisa em casa, que eu ficava olhando pro caderno sem saber o que escrever, quando ela via que a gente tinha alguma dificuldade, ela sempre vinha e pedia desculpa: “Desculpa, eu não posso ajudar porque não sei, porque eu não estudei”. E aí o que é que ela fazia? Passava aqueles vendedores de enciclopédia na porta, e ela sempre comprava, porque eles mostravam aquela enciclopédia enorme, toda colorida, vinha com o CDzinho, não sabe nem pra quê servia. [E o vendedor dizia:] “Porque seu filho vai usar até a universidade, não sei o quê”. Então ela, porque achava que ia contribuir pra nossa formação, sempre comprava, fazia muito esforço, os atlas... Então, do jeito dela, ela dava esse incentivo. E minha mãe, muitas vezes, pra pagar essas enciclopédias, ela levantava cedo, ia pegar papelão, juntava latinha, ia vender. Então, todo esse esforço, essa dedicação... A figura da minha mãe é uma figura muito forte pra mim. Porque, mesmo sem ter tido essa matéria de conhecimentos, mas sempre ter dado esse... que pra mim tudo é uma coisa, o jeito dela dentro das limitações dela é...um incentivo muito grande, então... E até por ter um conflito emocional: meu pai não está aqui, não faz nada por mim; minha mãe está aqui e faz tudo. Então, isso também fazia com que... Eu sempre tive muita força de vontade pra não decepcionar minha mãe. E aí, na escola, eu sempre fui boa aluna, porque eu gostava também. Não tinha dificuldade de aprendizado nem nada. Eu gostava, só que eu sempre tinha em mente que eu não podia decepcionar minha mãe, que minha mãe estava fazendo tudo por mim. Então, eu ia bem na escola. Eu lembro que tinha um irmão meu que dava um trabalho do caramba, bateu até em professor e tudo mais e... eu sempre falo “não isso eu não vou fazer não”, acho que por causa da referência da minha mãe também. Muito medo de apanhar, mas eu não queria decepcionar ela.

P.: E você tem tio, tia, primo, alguém que também foi um incentivo ou não?

Maria: Não, não tem. Na verdade, depois que eu comecei a universidade e tal, alguns primos meus também [disseram]: “Ai, mas como é que é? Como é que faz?”. Eu fui a primeira mesmo de toda a família. Inclusive tem uma sobrinha minha de dezesseis anos que quer prestar vestibular. Ela vai fazer biologia também e ela sempre me liga, está sempre perguntando. Estou acompanhando ela pra ela ingressar, mas eu fui a única mesmo da minha família.

P.: E na escola, você lembra as matérias que você gostava? Era ciências ou biologia mesmo?

Maria: Não, depende do professor. Eu lembro que teve um ano que tinha um professor de matemática que era super duro. Ninguém gostava dele e, naquele ano, gostei de matemática. Teve um ano uma professora de português que naquele ano eu gostei de português. Então, era assim. Só quando eu fui lá pro colégio São Paulo é que eu me encantei pelo professor de... Lá tinha meio ambiente. Tinha um ano que era psicologia e o outro ano era meio ambiente. E eu lembro desse ano que foi meio ambiente e eu gostava da sala e gostava daquele professor. Ele parecia o Leônidas, do pica-pau [risos]. E eu gostava dele. E tinha uma vez que eu nunca me esqueci “O que é carioteca?” e ele falava e era tão engraçado, e aí eu passei. Já no ensino médio, lá eu passei a me dedicar muito em biologia, mais por causa dos professores. Mas nunca tive uma matéria que desde sempre eu gostei mais. Era o professor que era legalzinho e a matéria ficava legal aquele ano.

P.: É esse João que foi fazer Ciências Sociais na UNESP?

Maria: Na UNESP de Marília.

P.: Quando ele saiu, os irmãos dele não continuaram te incentivando ou sim?

Maria: É que o irmão dele mais novo, a gente começou a namorar. Ele é da mesma idade que eu. Aí o nosso papo era só namoro mesmo. E aí ele tinha um irmão mais velho que já estava na USP, estava fazendo filosofia. Então, ele nem era da minha geração, a gente não... [ele] sempre olhou pra mim como criança, não tinha contato. E tinha a Bia, que a gente era muito amiga. É irmã dele também, só que ela era a rebelde da família, que não queria estudar, que não queria isso, que não queria aquilo. E a mãe ficava “Vai estudar, vai não sei o quê”. E todos os meninos estavam se encaminhando pra estudar, fazer faculdade e tudo e ela não. Então, nossos assuntos também eram outros. Agora, o meu namorado, que era o mais novo deles, de vez em quando, a gente tinha algum bate-papo assim, mas nunca desfrutou muito não. Era mais com o João mesmo.

P.: E depois você conheceu o Álvaro aqui na biblioteca?

Maria: Foi. O Álvaro, eu já estou há bastante tempo no *Força Ativa*. E ele também já conhece o *Força Ativa* há muito tempo, só que ele só se aproximou agora. E aí quando ele se aproximou, vindo até junto com um colega nosso, que é o Marley, aí é que eu conheci ele. A primeira vez até foi... Sempre a gente se conhece num debate acalorado. E ele estava num debate sobre a questão da mulher, inclusive ele tinha dito que... Tinha surgido um papo aí que ele não conhecia nenhuma mulher preta que fosse inteligente. Aí, a gente começou um debate, um debate e aí eu conheci ele aqui .

P.: E se você não estivesse estudando, não estivesse trabalhando e estivesse com todo o tempo livre do mundo, você ia ler o quê agora? Você tem seis meses pra não fazer nada a não ser ler...

Maria: Uh, que bom! O que eu ia ler? Eu até estou pensando, se eu tivesse tempo, eu ia dar um enfoque maior, eu ia ler sobre a formação do Brasil. Eu estou lendo um livro do Caio Prado Júnior, que eu também estou tirando um descanso da Biologia, que é *A formação econômica do Brasil*. Então eu leria alguns livros sobre história do Brasil. E também estou muito interessada em ler sobre a Revolução Russa agora, porque eu já peguei alguns grupos de estudos aqui na biblioteca e eu acho que eu não tive um aproveitamento muito legal. Então, eu tenho uns textos em casa, taylorismo... Ah, eu leria o Braverman também, aquele livro até tenho em casa...*Trabalho e capital monopolista*, trabalho alguma coisa assim. Eu leria esse. Estou doida pra ler também o Clóvis Moura, *A sociologia do negro no Brasil*, se eu não me engano.

P.: Aqui tem alguns lugares em que acontecem mediações pra formação de leitores: na própria família, a escola e aí na escola você pode dividir entre professores, livros didáticos, a biblioteca escolar, o atendente da biblioteca escolar, a biblioteca comunitária, a biblioteca pública, grupos de amigos, né no caso, vizinhos... Como é que você classificaria? O que não contribuiu em quase nada ou em nada pra você se tornasse leitora? O acesso ao material impresso, o fato de você ter o que ler (porque eu conheço uma menina que falou “fiquei oito meses sem ler, porque eu já tinha lido tudo que tinha na minha casa, e a biblioteca da escola não é circulante, e eu não tinha mais o que ler”). Então, o que você acha que mais te favoreceu e o que você acha que não contribuiu em nada pra você se tornar leitora?

Maria: A igreja não entra no meu caso [risos]?

P.: Não sei, estou te perguntando.

Maria: Não, porque a igreja não contribuiu em nada [risos]. Eu acho que o que menos contribuiu foi a questão do acesso, porque, tirando a biblioteca aqui e esses meus vizinhos,...

P.: Você não teria tido acesso...

Maria: Não tinha essa cultura de livro, nem do que era sebo, não tinha essa cultura de comprar livro... Aliás, pra mim era um dó: gastar dinheiro com livro? Hoje é que todo mês eu tenho que comprar um. Então, o meu grupo de amigos com certeza foi o que mais contribuiu.

P.: Mais do que a sua família, ou o fato da sua mãe mandar você ir bem na escola?

Maria: Não, o grupo de amigos mais que a família. Depois disso, a biblioteca também, acho que mais que família ...

P.: Por causa dessa biblioteca aqui né?

Maria: É, não totalmente porque ...

P.: Totalmente não. Principalmente por causa dessa ou não?

Maria: É. Por causa dessa. Porque, como aqui é de um movimento social, em paralelo com as minhas leituras eu comecei a ter algumas atuações aqui no bairro. Então, eu fui ser agente de prevenção, passei a fazer alguns trabalhos que me trouxeram muito, me enriqueceram muito. E tem a questão da leitura né, do conhecimento em si e tem a questão da experiência de vida. E a minha situação na comunidade, em lidar com as pessoas, de estar envolvida e discutindo, estimulando a mudança de comportamento das pessoas me trouxe um enriquecimento muito grande, uma experiência de vida muito grande, então...nessa biblioteca porque, das que eu tenho contato, nenhuma outra fez um diferencial.

P.: Você era agente de prevenção de problemas de saúde, violência...?

Maria: É... É um serviço que é o centro de testagem e aconselhamento, que tem aqui na Cidade Tiradentes. E a gente trabalhava prevenção de DST, AIDS... E, em paralelo, porque tem essa unidade de saúde, tem em outras regiões também. E aí começou a funcionar nessa unidade o projeto “Plantão Jovem”. Esse projeto foi escrito e pensado pelo “*Força Ativa*”, em parceria com a Cristina, que é uma psicóloga que trabalha no serviço especializado que atende os portadores do vírus HIV. Então, esse projeto foi pensado e implantado em primeiro lugar aqui em Cidade Tiradentes. E a proposta do Plantão Jovem é fazer o trabalho por pares. Então, seria um jovem que faria o trabalho com outro jovem, levando em consideração a questão da linguagem, da proximidade, da referência. E aí eu fui também, depois que eu saí da coordenação do cursinho, eu também fiquei um ano no Plantão Jovem. E aí, até por todas as discussões que a gente fez, nunca foi a “prevenção pela prevenção”, a leitura pela leitura, sempre tinha um quê a mais e... A gente sempre discutia que a prevenção só poderia se dar se a gente também discutisse a questão da auto-estima, porque a adolescente que não se gosta, que não se cuida, ela não vai usar preservativo. A discussão das questões raciais, de todos os outros temas transversais, a sexualidade, a gente fazia discussão. Então, tinha grupos de estudos, tinham formações com essa Cristina, dava pra estudar e tudo mais e fazer esse trabalho lá. Então, por não ser prevenção pela prevenção é que me deu muito ânimo de continuar, de estar no projeto e fazer esse trabalho. E a gente acabou se tornando referência porque as crianças, as meninas que freqüentavam o serviço, passaram a freqüentar, elas começaram a querer trançar o cabelo, a cuidar do cabelo, a prender, e a gente fazia muito mais que o trabalho de prevenção, fazia um monte de outras coisas e aí pra mim isso foi importante. Então, essa biblioteca, por estar sendo mantida pelo movimento *Força Ativa* e ter essa perspectiva de mudança, de dar uma contribuição pra mudança da comunidade, então ela pra mim foi também muito relevante.

Eu acho que a escola... em segundo lugar. Aí eu coloco minha família na frente da escola. Por último, a escola.

ENTREVISTA COM MARLEY

Marley: Eu não tinha feito quase nada. Só puxei o cabelo da menina porque ela me xingou. Eu fiz assim e fiquei quieto. A professora mandou escrever “Não devo bagunçar na sala”. Aí eu fui escrevendo e a galera rindo. Aí na última linha, ela com a régua de madeira na mão: “Apaga o que você escreveu!” Fui escrevendo: “Devemos sempre bagunçar.” Várias vezes. Ela achou que eu escrevi “Eu não devo”.

P.: Você tirou o não da frente.

Marley: Eu coloquei “devemos sempre”.

P.: Essa é a entrevista do Marley. Que dia é hoje, Marley? Vinte e nove?

Marley: Vinte e nove.

P.: Vinte e nove de fevereiro, ano bissexto, de 2008. Quem nasce em 29 de fevereiro só faz aniversário a cada quatro anos.

Marley: Sério?

P.: Não. É brincadeira. Então, Marley, esse episódio que você me contou, você tinha quantos anos?

Marley: Eu estava na quinta série.

P.: E essa professora era de quê?

Marley: Ela era de ...português.

P.: De português? Ah.

Marley : Eu me propus a não errar na ortografia. Eu sempre quis usar caderno de caligrafia pra melhorar a letra. Nunca conseguia usar. Eu começava a fazer desenho. Escrevia a cartilha do Ó. A gente não escrevia, não treinava letra.

P. : É mesmo? Me conta como que foi, como você era antes de entrar para a escola, você queria ir para a escola, não queria? Você se lembra? Como que foi sua relação com a escola?

Marley: É, então, desde a antiga creche, eu era considerado um menino atentado. Como eu amamentei até os dois anos. Minha mãe conseguiu ter esse feito que hoje é raro, minha mãe conseguiu amamentar dois anos, então eu tinha bastante energia, disposição. Eu era o fominha da turma, mas teve uma época assim... a gente nunca chegou a passar fome. A gente chegou a morar numa favela, mas fome nunca, só que é... a galera no refeitório, só da primeira série, no refeitório, a galera deixava um pouco de comida nos pratos, eu comia. Aí o pessoal chamou minha mãe: “O que está acontecendo? Está passando fome?”

P.: No refeitório da escola?

Marley: É e aí... “Não, não passo fome, não sei o que acontece. Sei lá, estou com fome.” E aí negociaram: “Então, quando ele quiser, dá o segundo prato pra ele.” Que o pessoal não dava aí.

Marley: Sem querer eu consegui garantir, consegui garantir um direito da galera ter acesso ao segundo prato.

P.: Entendi.

Marley: Pô, legal. Eu era bem novinho.

P.: Ah, legal. Me conta, você foi para a creche com quantos anos?

Marley: É... então, eu sempre fui desde bebezinho assim. Sempre fui e acho que isso acabou me ajudando no desenvolvimento assim... com as demais crianças. Porque desde pequenininho assim vivendo com outras crianças, você acaba aprendendo. Agora eu lembro também de um aspecto difícil que foi aprender a comer de garfo e faca.

P.: Na escola?

Marley: É. Porque eu não sabia comer de garfo e faca. Comia só de colher. Daí ela:

-Não, você tem que comer com garfo e faca que é o certo.

-Mas eu não sei.

-Você vai ter que aprender.

Aí tiraram a colher e eu fiquei muito chateado com isso.

-Mas eu quero comer de colher.

- Não, você vai aprender a comer de garfo e faca. Todo mundo está comendo.

Eu falei:

–Caramba, como é que eu uso? Não sabia, porque eu pegava no garfo, digo, na colher com o punho fechado. Não era no lance de apoiar. Com o dedo médio, o dedão. Tem toda uma técnica pra pegar no garfo.

P.: É difícil.

Marley: Não pega no garfo como pega na colher. E vice-versa. Aí eu não conseguia. E aí nesse dia eu não comi. Fiquei chorando.

P.: Isso na creche ou na escola?

Marley: Foi no pré.

P.: No pré.

Marley: Aí minha mãe foi chamada. Aí falou: - Você não precisa chorar.

Marley: Mas eu não consigo. –Mas você vai ter que conseguir, tal. Minha mãe também:- Você vai ter que conseguir. Meio que na marra isso.- Você vai ter que conseguir.

P.: Ahã. Quantos irmãos vocês são? Você é o mais velho, mais novo? Ela usava a técnica “Você vai ter que conseguir” com todo mundo?

Marley: É. Criação difícil. Porque assim: Sou eu e minha irmã.

P.: Ah, são só vocês dois?

Marley: Sou o mais velho, diferença de seis anos de idade.

E ela, quando veio, veio enchendo meu saco. Porque eu era o único e o primeiro filho, então era todo mundo em torno de mim. Quando ela veio, veio meu ciúme. Então pra chamar a atenção, porque tudo era ela, eu comecei a fazer xixi na cama. Eu nunca tinha urina solta. Eu comecei a urinar, sabe, pra chamar a atenção mesmo.

Marley: Mesmo apanhando, porque enquanto isso, tava dando atenção pra mim. Lembrando disso agora é curioso porque sou educador. Quando às vezes vejo alguma criança ou adolescente fazendo pirraça, eu me lembro disso. –Eu já fiz isso também. Não que eu vá reforçar:- Tá certo, menino!

Aí veio ela, minha irmã, a Simone. Ela tem vinte e quatro anos hoje.

P.: E você tem trinta?

Marley: Trinta. E ela... meu grude. Ela me adorava e eu odiava ela – porque ela veio pra encher meu saco. Ela me adorava assim. Aí aos poucos eu fui começando a gostar. E ela... a infância da minha irmã foi muito difícil assim. Porque ela chegou a sofrer uma queda com a minha avó quando ela era bem nenezinha assim. Acabou batendo a cabeça. Aí teve que raspar a cabeça dela, aí ela com um monte de...de..como é que é? Não é sonda que fala é... tomando soro. Monte de agulha no corpo dela, na cabeça. Aí eu disse : - Gente, minha irmãzinha. Aí começou o amor... Ela também sempre gostou de mim. Eu era a referência máxima pra ela. E, referência assim... jeito de se vestir, música, idéia. Tudo era eu.

P.: Ah, legal. Ela é a mãe da Chiara?

Marley: É isso.

P.: Ah... e hoje você é ainda referência para ela?

Marley: Olha, é assim... é foi cada um para o seu rumo, mesmo morando na mesma casa. Dá pra dar uma pausa?

P.: Dá.

Marley: Por favor.

P.: Claro.

Marley: Só falar com essa jovem aqui.

P.: Então, Marley. Aí a gente tava conversando sobre... aí você começou a valorizar sua irmã, tudo mais, ficou com medo de perdê-la na verdade. Aí a gente tava falando que hoje você não

é mais a referência dela, cada um assumiu um caminho diferente embora more na mesma casa.

Marley: Porque é assim... é que a minha irmã é mais nova mas ela acabou reproduzindo um pouco da postura conservadora.

Uma postura machista. –menina senta com a perna fechada, moleque tem que estar na rua mesmo. Aí a grande... assim, não dá certo assim. Questão política mesmo. O rap ela não ouve mais. Ela ouve esse tal de Harry Bee, o black ? Eu continuo no rap, som pesado. Ela... Beyoncé, ela adora Beyoncé. Eu falo, a gente bate muito sutil, mas, não falamos a mesma linguagem. E ela me respeita como irmão e eu respeito ela como irmã. Ambos somos, ela é mãe e eu sou pai também. Meu filho acaba tendo uma criação diferente da minha sobrinha.

P.: Ah, tá. Seu filho fica com você?

Marley: Então, ele fica com a mãe, mas ele tá sempre comigo assim final de semana, ou quando eu finalmente fico de folga, eu sempre fico com ele e aí acaba rolando um pouco de choque de aprendizagem com as crianças, porque ele tem mania de questionar tudo e a Kiara numa de aceitar tudo. Um choque de valores. São grude um do outro, eles se adoram. Talibaki e a Kiara ambos têm cinco aninhos, mas eles se gostam bastante.

P.: Legal. Me conta assim... quando você começou a ir para a escola, sua mãe amamentou você até dois anos, ela trabalhava fora?

Marley: Trabalhava.

P.: Trabalhava em casa, como que era?

Marley: Funcionária pública do Estado, era secretária.

P.: Secretária, ah tá.

Marley: Eu lembro que ela, a primeira vez que ouvi essa palavra de preconceito. Mas não foi um sentido de conteúdo ideológico, mas foi numa linha de emoção, minha mãe falando .

Marley: Até hoje ela fala que o próprio preto tem preconceito com o preto. Ela conseguiu um cargo de chefia e as pessoas começaram a perseguir ela e tinha uma coordenação e o cara era branco. Ele discriminou minha mãe assim falando um monte de coisas.

E eu não gostei, porque da escola, é curioso, a escola era do lado do posto de saúde . Ela começou a trabalhar no posto de saúde.

Marley: E assim...pela Secretaria da Saúde. Nessa área assim. E tudo ela ficava sabendo, escola...só um momentinho... Telefone? Pausa. Caramba, viu!

Marley: Quer que eu continue do último ou você quer...

P.: Então, entrevista com o Marley, terceira parte. Aí você estava me falando que ela trabalhava na Secretaria da Saúde, no posto.

Marley: E assim, como eu via ela sendo maltratada e eu acabava ficando lá, quando acabava a aula a gente voltava junto pra casa.

P.: Ah, tá. Quantas horas você ficava lá ?

Marley: Umas duas horas, três horas.

E nessa ocasião eu não gostei do jeito que o cara falou com ela e aí eu peguei o caderno de ponto e risquei todas as folhas. Rasurei tudo e aí catei o canetão e risquei o posto de fora a fora. Maior atentado.

P.: Você tinha quantos anos?

Marley: Eu já estava na quinta série. Quinta série. Acho que não vou me lembrar direito. Entre a quarta e quinta série. E aí foi complicado, régua de madeira na escola, no trabalho da minha mãe. Eu apanhei, não era muito entendeu? É que eu fazia travessuras e apanhava. Era brigão na escola, muito nervoso. Merecia. Adorava jogar bola, mas meu desafeto era em casa com meu pai. Meu pai bebia, ele era alcoólatra e ele bebia assim, realmente de ficar caído assim no chão, das pessoas debocharem dele e eu: Nossa! ficava muito bravo com isso. Os caras levavam ele em casa, paqueravam minha mãe. Aí eu ficava mais bravo ainda e eu descontava em todo mundo isso. Batia nos amigos, a gente voltava a se falar depois mas...

brincadeira de soco forte, .

Marley: Até que minha mãe me encaminhou para um psicólogo. Esse cara trocou várias idéias, inclusive o lance de eu estar vivendo a vida do meu pai e da minha mãe. Que eu tinha que viver um pouco mais a minha e tal. Isso acabou me ajudando.

P.: Esse psicólogo era da escola?

Marley: Do posto. É do Posto de Saúde. Lá tinha um psicólogo muito bom.

P.: Quando você fala lá é porque não era aqui na Cidade Tiradentes?

Marley: Não, não... era lá no Parque Peruche. A gente morava na Zona Norte, nós morávamos na Zona Norte e depois fomos na Parada de Taipas morar com minha avó. Voltamos para a Vila Penteado, passou um pouquinho pela Vila Nova Cachoeirinha. O fluxo era procurando aluguel mais barato. E a questão da bebida do meu pai, endividamento nos bares próximos.

Era complicado. Teve uma vez a gente mudou, uma semana, uma semana a gente foi assaltado. Tinha um grave problema assim de ser assaltado, levar televisão, som, essas coisas. Meu pai era metalúrgico, hoje ele está aposentado. Melhor funcionário da firma era ele. Ele tinha a quarta série primária. Pra trabalhar ele nunca teve problema, problema mesmo era a bebida, que era uma forma dele desabafar também. Minha mãe, ensino médio, concursada, hoje ela é aposentada. Minha mãe é a única que conseguiu casar da família dela, meu tios assim. Das duas famílias assim, parte mãe e pai que acaba sendo uma só, tem histórias trágicas muito pesadas e hoje a gente está um pouco distante dos parentes. E está bom assim. A gente vai lá, dá uma passeadinha [risos] Tem uma avó viva, que é a mãe da minha mãe, e meu tios lá em Taipas.

P.: Ah, tá. Me fala coisa: - Você falou que sua mãe tem ensino médio. Ela terminou depois de casada ou quando ela casou ela já tinha ensino médio?

Marley: Ela já tinha. Ela já tinha porque minha mãe sempre foi uma boa aluna, assim. Estudante, ela ia ser filha de Maria. Meu pai que desviou o caminho dela. Ainda bem, senão eu não estava aqui. Religiosa, né.

P.: Ela ia ser filha de Maria mas ela estudava num colégio de freira?

Marley: Não, não. Escola normal.

P.: Normalmente as crianças, os bons leitores pelo que eu estou entrevistando, foram bons alunos e você estava me dizendo que você teve uma fase de bastante rebeldia, de travessuras, de aprontar todas e tal. Nessa fase de bastante rebeldia, de aprontar todas, de gostar muito de futebol, você já lia? Gostava de ler? Ou isso veio depois ou foi uma fase que interrompeu? Como que era ?

Marley: Eu gostava muito de ler gibi.

P.: Gibi? Ahã.

Marley: Eu gostava de ler HQ, heróis em quadrinhos. Era em quadrinhos. Eu não gostava de Turma da Mônica, nada de assuntos de menina. Tinha que ser leitura de gente grande, é assim que eu pensava. Eu gostava de ler Konan o Bárbaro, Homem Aranha mas, Homem Aranha porque ele não era igual ao Super Homem. O Super Homem eu não gostava, eu achava ele sempre um babaca. Gostava mais do Lex Luthor. Acho que ele era mais brilhante na inteligência.

Marley: O Super Homem, tem toda uma discussão ideológica sobre o Super Homem, mas eu achava muito parecida com a bandeira dos Estados Unidos, aquelas cores que ele usava mesmo com pouca idade e aí eu descobri que o Walt Disney fez o Zé Carioca, super herói brasileiro, maior palhaçada. Mas eu gostava de O Demolidor, o homem sem medo, pela simplicidade mesmo do Matt Murdok. Eu manjava muito de gibi, cheguei a ter uns dois mil gibis. Minha mãe jogou tudo fora, por que ela falava das baratas. Eu fiquei muito bravo. Tinha coleção completa assim. Quando veio X MAN. Quando veio X Man, nossa, eu não perdia um porque eu me identificava muito com o Wolverine em questão de ser nervoso, de

levar uma e nunca levar desaforo para casa de jeito nenhum. Eu queria ter (incompreensível) que o bicho ia pegar. Primeiro policial que me enquadrasse! Mas eu gostava de ler bastante assim...Batman, porque o Coringa e o Charada no gibi, não no seriado de tevê porque os caras eram mais zoados. No gibi os caras davam um ar de mistério assim. O próprio Batman depois eu descobri que ele era, na verdade o Batman é um policial e aí eu não gostei mais do Batman. O lance dele ter perdido e dizer: - Não, agora o lance vai acontecer da minha forma e tal, eu ficava avaliando. Uma vez, eu queria pegar os caras que fabricavam bebida alcoólica e mandava para o Brasil. Dar uma de Batman pegar esses caras mas aí eu lembrei... Não, mas o Batman não mata, então tem que ser estilo meio que Wolverine e tal, ficava nessas viagens assim, mas gibi me ajudava a refletir bastante assim um monte de coisas. Eu lia mais Marvel. E assim, Ana Paula, o gibi era mais acessível também . Era muito mais barato, hoje, na época . Hoje o gibi seria mais ou menos uns dois reais, no máximo dois e cinquenta, mas na verdade tudo fica caro, agora esse lance de distribuição setorizada. Tem gibi que não chega aqui na cidade Tiradentes.

P.: É mesmo?

Marley: É porque tem uma distribuição setorizada . Outro dia, eu estava indo com a Bia para a PUC e tem uma banca de jornal ali, bem próximo da PUC, tem um monte de gibi que não vem pra cá, entendeu? Eu ficava avaliando isso.

P.: Você disse que chegou a ter dois mil gibis. Era sempre a sua mãe que comprava os gibis? Alguns eram emprestados? Como que era o acesso aos gibis?

Marley: A gente fazia vários rolos. Assim... tinha uma rua bem grande lá onde eu morava e era um descidão e a gente fazia umas disputas.

P.: Isso lá na Zona Norte?

Marley: É. A gente fazia umas disputas, quem chegava primeiro quantos gibis. No futebol quem ganhar tá valendo gibi .Então, tipo bolinha de gude. As vezes a gente acabava emprestando mas tem sempre um alguém que tem mais condições financeira , então ele acaba comprando todos os gibis que tinha no mês assim e ... Ah! comprei as novas e a gente lia junto e tal, até que a mãe dele mudou , eles mudaram de lá.

P.: Quem era esse menino?

Marley: É o Ricardo.

P.: Ricardo, o riquinho?

Marley: É. Ric, Ricardo. A casa dele também era um clube da cidade quase, lá . A gente brincava na garagem e o portão da garagem era bem retangular e grandão, então dava pra fazer de trave de porta e a gente metia, chutava a bola e tal. Uma vez agente chutou tão forte que a porta quebrou. Todo mundo correu apavorado, ficamos uns dois dias sem aparecer na rua. Imagina, minha mãe não vai ter dinheiro pra comprar uma porta doída dessa. Então, quando ele mudou, a rua ficou um pouco mais difícil porque era umas coisas que ocupava nossa mente. Porque depois, além do gibi tinha a questão do futebol de botão, que era uma febre. Futebol de botão, nossa! fazia diversos campeonatos na rua, campeonato da escola, do bairro e eu sempre bem colocado assim.

P.: Quantos anos você tinha quando você conviveu com esse Ricardo?

Marley: Ah então, tinha em torno de doze, treze anos.

P.: Doze, treze anos. E que bairro foi esse?

Marley: Lá na Vila Nova Cachoeirinha.

P.: Tá. E esse Ricardo era seu amigo de escola também?

Marley: Não. Ele estudava em escola particular. Na escola tinha o Nélio.

P.: Nélio?

Marley: Nélio era o meu melhor amigo, até ele mudar de horário porque ele começou trabalhar. Aí eu falei: -Ah! vou começar a trabalhar que nem o Nélio. Minha mãe e meu pai não deixaram.

P.: Você queria trabalhar também?

Marley: Opa! com certeza.

P.: Estudar de noite e trabalhar de dia?

Marley: É. Não...e o pessoal dizia: -Não, prejudica. E eu...- Não prejudica. Prejudica sim, hoje aos trinta anos eu estou vendo que prejudica. É. Trabalhar e estudar é horrível.

P.: O Nélio também gostava de gibi, ele também tinha material assim ou não?

Marley: Não, o Nélio não. Ele gostava de futebol e de paquerar as meninas. Ele se arrumava mais e a gente até começou a se arrumar mais assim depois. Ah! o Nélio já está com outra menina e tal e nós aqui. Só que aí era outra cria porque todo mundo andando que nem o Nélio arrumadinho. Eu foi difícil assim pra mim esse negócio da roupa. Você tá vendo pessoas da sua idade andando com roupa de marca. Na época era o Mizuno. Eu nunca tive Mizuno, uma vez meu pai veio com Le Cheval, com luzinha - Ô pai, mas que tênis ridículo.

P.: Você já era grande. De luzinha era pra criança menor tipo...

Marley: E era Le Cheval podia ser Mizuno. Importante era a marca, não era o modelo em si, era o nome e tal. E veio escrito Le Cheval, que era o tênis mais ridicularizado da época. E meu pai, o olho dele encheu d'água, ele falou que ele nunca teve um pai pra dar um tênis pra ele. Ele tentou ser e pediu desculpas. Aí aquilo ali me travou e aí eu pensei: -Como eu estou sendo imbecil porque meu pai tá me dando um tênis. Aí eu tive o maior cuidado, o tênis durou uns três anos. Só usava pra sair. Eu falava: -Ô Pai, tô usando hein! Ele não fala muito, meu pai. Mexe o bigode, balança a cabeça, a não ser...

P.: Ele é mais introspectivo?

Marley: É. Ele é reservado, minha mãe já é mais tagarela que nem eu. Minha irmã já puxou mais o meu pai.

P.: Você acha que esse Ricardo foi importante nessa história do gosto pelo gibi, pelo fornecimento do gibi? Como que foi?

Marley : Eu acho que ele ajudou.

P.: Ajudou?

Marley: Ajudou. Mas, assim, nesse negócio de ler, porque minha mãe nunca leu as histórias infantis, mas na escola a gente lia. Na escola tinha uma professora de leitura. Ela lia algumas histórias, eu dava risada. Pinochio também, dizia: -Nossa tem muita gente que vai ter nariz grande. Mas aí vinha umas piadas: É, mas seu nariz já é grande. Já vinha umas piadas que eu não sabia na época me defender. Um certo príncipe era diferente de mim.

E eu:- Mas por que isso? Até os heróis são diferentes de mim. Eu ficava refletindo isso, bastante. Uma vez eu cheguei numa menina e falei: Eu quero ficar com você e ela me disse: Ó eu não fico com negro.Primeira vez que alguém falou. Porque minha mãe nunca falou, para mim mãe eu sou moreno, para policia eu sou negão e na minha opinião eu sou preto. Então assim... e isso acabou estimulando um pouco, peraí tem alguma coisa errada nesse mundo porque tem, tem um menino lá na sala, era o Rafael,. Rafael ficava com quem ele quisesse, ele era lindo, olho azul e mais nada, tinha mais nada. Ele andava com a mesma roupa que a gente, mas ele tinha esse algo a mais. Então, ele logo foi espirrado. Ah, vai pra lá, eu tenho vergonha de ser isso aqui. Aí eu lembro da minha mãe: Vamos cortar esse cabelo, vamos fazer uma risquinha, vamos passar um creme. Não é culpa dela, acho que para tentar evitar os maus comentários, porque hoje ela escuta: Ah! o **Marley** é tão legal, mas aquele cabelo dele. Pessoas julgam pela aparência. Mas eu acho que o Ricardo foi um facilitador. Como a bola era dele, ele era o dono da bola, então era importante ter o Ricardo.

P.: A bola era dele e a casa legal era dele. Vocês brincavam na casa?

Marley : Às vezes a gente ia lá, a primeira vez que eu joguei vídeo game foi lá e não era... na época de Atari lá em casa era Atari.

P.: Eu lembro do Atari.

Marley: Tinha Enduro, tinha esses jogos assim. Tá bom, porque eu nunca me liguei em jogos

eletrônicos. Eu gostava da rua e minha criação foi voltada para empinar pipa, jogar pião, bolinha de gude, futebol. Na rua, tudo na rua.

Ricardo: Então a gente ia na casa do Ricardo, tinha um lance de comida também: - Ô que coisa boa!. Mas a pessoa dele não era o que ele tinha, mas era ele. Ele era legal.

P.: Ele era agradável?

Marley: Às vezes, ele começava se meter a mau, mas ele não era mau, a família dele era. Ele botava a gente para dentro, ele afrontava a família dele. Ele falava : -São meus amigos. E a gente se sentia, como que eu posso dizer?

P.: Acolhido por ele?

Marley: É acolhido. Ele passava que :-Ah, eu gosto deles independente se estão de chinelo, se o cabelo é assim ou assado. São meu amigos. Mas que gente, né ? A gente via que a galera não via hora de mudar de lá. Quando ele mudou, a gente ficou triste e ele também e a família comemorando.

P.: Isso foi lá na Vila Nova Cachoeirinha?

Marley: É isso aí.

P.: E me fala, lá na casa do Ricardo você chegou a ver estante de livro ou só rolava papo de gibi mesmo?

Marley: Olha, Ana Paula, eu vou falar para você: uma das coisas que eu mais lembro da minha educação era chegar na casa dos outros e não ficar reparando. Era assim que a gente fazia. Por exemplo, a gente ficava na casa dele e passava pela sala, eu não lembro como era a sala. Eu não reparava. A gente ia com aquele objetivo: vamos jogar vídeo game. Ia jogar o jogo. Nada de: Ah, vou olhar essa estante. Nossa! Mas é de quê aquilo ali? Material é caro. Então, eu aprendi assim, minha mãe educou a gente sempre dessa forma.

P.: Não estou falando nesse sentido, eu estou falando no sentido assim de você...

Marley: Então, não reparei. Tinha uma caixa de gibis que eu lembro. Agora, de livro...

P.: E quando você ia para o Posto, você falou que sua mãe não lia muito, não estudava em casa?

Marley: A Bíblia.

P.: A Bíblia? Porque ela era evangélica, católica?

Marley : Católica.

P.: Católica, tá. Que horário que ela lia, como era essa prática de leitura dela?

Marley: Ela não lia muito não. Igual a minha vó, não. Minha vó é evangélica e ela lia bem mais a Bíblia que minha mãe, mas ela acabava lendo um pouquinho, um trechinho na hora da Ave-Maria. Lia na hora da missa, ela levava a gente para a missa. Ela lia bastante, tinha os cantos bíblicos.

P.: Ela lia lá na frente para todo mundo?

Marley: Lia, cantava. Colocou também lá uma catequese. Só que eu não ia, eu ia jogar bola.

P.: E na sua casa tinha livro, tinha revista, tinha jornal?

Marley: É, isso sempre teve. De curso de corte e costura, que a minha mãe fez. E livros do meu pai, assim de mecânica. Meu pai depois ele começou a ler acho que de tanto minha mãe ficar chamando ele de analfabeto, de burro, de ignorante.

P.: Ela fazia isso?

Marley: Quando os dois ficavam brigando ela começava a xingar ele. Então ele começou a ler faroeste, meu pai sempre gostou de ler faroeste americano.

P.: É mesmo? Aqueles livros que se compra na banca?

Marley: Texas. Eu não me lembro os outros não, mas era mais Texas. Ele gostava de ler isso aí. E assuntos gerais assim, atualidades.

P.: Então, na verdade, se é que eu entendi, sua mãe tinha mais escolaridade, mas quem lia mais era seu pai.

Marley: É isso aí.

P.: Ah, que interessante. Quando ele começou a ler, você já era maior ou ele sempre leu bastante? Ele tentou ser autodidata. Como que foi?

Marley: Não, meu pai nunca... meu pai, se ele tivesse uma faculdade, ele ia estar bem, mas ele tinha dificuldade de aprendizagem escolar. Escola sempre foi um ambiente que expulsava ele. Aí então ele não conseguia ter uma frequência na escola. E como ele sustentava a casa dele, a minha vó, então ele tinha que trabalhar de qualquer jeito. Então o lance da dedicação, da alienação do trabalho, ele era extremamente sugado pelo trabalho. Tinha sábado que o chefe dele ia buscar ele em casa. Mesmo que ele estivesse mamado, embriagado, na ressaca, ele levava ele porque ele era o melhor funcionário da Proxan.

P.: Entendi. Quando seu pai lia que impressão que você tinha? Que ele estava gostando de ler? Você tinha uma visão negativa ou positiva dele estar lendo? Você pensava: ele está lendo e não está brincando comigo. Como é que você via a história dele ler?

Marley: Meu pai lia, mas uma leitura bem do gosto dele. Acho que ele lia por prazer para ele mesmo, para conhecer alguns assuntos. Até mesmo o Código de Defesa do Consumidor, Direitos Trabalhistas, meu pai entende mais que minha mãe, até hoje. Minha mãe falava: Ah! fulano está sofrendo. Ele dizia: Ah! porque é burro, porque não conhece o que está na lei. O que está na lei? – Isso, isso, isso, então as pessoas não lêem, tem que se ferrar mesmo. É que ele também ele falava como uma autocrítica, assim... se eu tivesse, ele falando assim: se ele tivesse mais tempo ele com certeza voltaria até para a escola. Mas hoje ele está de boa.

P.: Como é que você via a escola? Você falou que tinha uma época que você aprontava bastante. Você aprontava bastante, mas ia bem nas matérias ou não? E teve uma fase que você chegou a ser bom aluno? Como é que você avalia? Você acha que você foi mau aluno a vida inteira na escola, porque a escola repetia o que aconteceu com seu pai, que se sentia expulso dela? Me fala um pouco da sua relação com a escola.

Marley: Eu fui expulso na quarta-série por algo que eu não fiz. Naquele dia eu falei: - Mano, vou parar de ir na escola porque agora vou criar um monte de problema, tá errado. Eu tava fazendo lição e era o maior da sala. Não sei o que deu os meninos que estavam chutando a porta e derrubou a porta, os meninos, aí vem o inspetor e já veio direto em mim. Por quê? Porque eu era o menino que estava sempre brigando na escola, eu estava sempre arrumando confusão ou alguém arrumava comigo e não fugia da treta de jeito nenhum eu estou aqui. Nesse dia eu estava fazendo lição e aí nesse dia a solidariedade feminina foi importante. Todas falaram: - O Marley não fez nada, mas prevaleceu o estereótipo. Desde o inspetor de aluno, a professora, a direção e inclusive a minha mãe todos falando uma só voz: -Esse menino tem problema. Aí minha mãe com medo, né? Ai será que ele puxou os tios? Meus tios todos têm história de comprometimento e tal por parte da minha mãe. Mas eu não fiz nada, foi injusto, eu fiquei muito triste aí eu repeti de ano, fiz tudo de novo a quarta série mas sempre naquele ritmo assim, eu sentava no meio e daquele dia em diante só fundão. Sempre no fundão, professor passava coisa interessante eu até escuto mas senão eu vou começar a zoar, é bolinha de papel no professor, é tinta Nanquim na cadeira do professor, chiclete mascado na cadeira do professor. A figura do professor passou a ser um inimigo para mim. E a galera da primeira carteira, todos. Arrumava briga com todos. Eu deixava bem... Se vocês olharem para trás meus dois pés vão voar na cara de vocês. Eles diziam: Mas o que a gente fez?

-Vocês estão sentados na frente. Era complicado, mas nota eu tirava e era a raiva dos professores, porque na hora da reunião: -Ah porque o Marley é um demônio, é um atentado, a gente não consegue dar aula porque ele ri, ele tira sarro da cara da gente, que não sei o quê, não sei o quê.

- Tá e a nota? Não ele está bem, mãe. Aí minha mãe...

P.: Era reunião de pais?

Marley: Era. É porque professor adora acabar com o aluno na frente de todo mundo para a

mãe passar vergonha e em casa resolver da melhor maneira possível. Com um cabo de vassoura ou um trinta e oito bem carregado.

P.: [risos]

Marley: Mas a minha mãe falava para mim melhorar. E eu falava: -Mas eu estou prestando atenção, eu estou entendendo, para mim está bom assim. Então foi assim até o ensino médio.

P.: Até o final do ensino médio ou até o começo?

Marley: Não. Até o começo do ensino médio.

P.: O que aconteceu no ensino médio?

Marley: Não, acho que é a idade. Comecei a brigar menos. Não que eu comecei a sentar na frente, sempre no fundão. Só que no Ensino Médio eu entendi mais, acho que pela idade também, a questão da participação do aluno enquanto uma pessoa que tem direito. Por exemplo, eu ajudei a fazer um grêmio lá na escola. Aí já estou falando da Cidade Tiradentes.

P.: Você veio para a Cidade Tiradentes em que série?

Marley: Sétima. Sexta ou sétima? Sexta.

P.: Sexta? E você tinha quantos anos, treze?

Marley: Por aí.

P.: Depois que você repetiu a quarta você repetiu mais alguma?

Marley: Eu não repeti, mas eu pedi para voltar para o terceiro ano.

P.: Tá, entendi. Então você tinha uns treze, catorze anos?

Marley: Por aí. E aí eu comecei a participar desse negócio de grêmio. Vamos participar, vamos fazer a coisa acontecer e tal. Acho que é legal, a gente tem direito de jogar bola e já era. Vamos fazer campeonato, fazer baile. Vamos deixar essa escola mais a nossa cara .

É lógico que professor não queria nada disso, direção não e aí...- Não, vamos fazer, vamos bater o pé, ir para cima . Porque não é justo, comecei a lutar pelo direito das pessoas e pelo meu também. Queria me ver mais na escola. Semana cultural adorava organizar e aí eu comecei a ser uma pessoa mais participante, mais atuante na escola, mas não para aparecer. Comecei a adquirir o conhecimento. Aprender e passar.

P.: De onde vinha esse conhecimento?

Marley: Acho que da vivência. De algumas leituras, eu estava começando a ouvir rap . Quando eu ouvi pela primeira vez: Voz Ativa, aí tem um som do Taíde que é rock, chamada Luz Negra e que falava que Hitler não era negro e a bomba atômica não foi feita por nós mesmo assim somos perseguidos pelos marginais mais, sei que para você tanto faz.

É verdade porque a gente é tão perseguido se não fomos nós que fizemos a bomba atômica. Então comecei a refletir nessas questões. Na escola assim eu não me via como protagonista de nada. Na história então ,eu sempre odiei História. Minhas notas mais baixa era de História. Porque ah, tá bom Grécia, Roma e tal,firmeza, mas e aí? Até hoje na faculdade estou falando nisso, eu sou meio...

Vamos falar da Filosofia Grega mas no Egito tinha filosofia? Eu percebi o quanto a gente realmente tem que correr atrás do conhecimento e compartilhar.Não adianta guardar só para si.

P.: Com quantos anos você começou no rap ?

Marley: Nossa, eu era novinho. Uns onze , doze. Primeiro contato foi na São Bento.

P. : Na Estação São Bento ?

Marley: É do Metrô. Tinha uma galera dançando. Comecei a dançar primeiro, depois veio o rap. Eu disse: - Nossa, muito louca essa dança, da hora. Ainda mais todo mundo discriminando, julgando : -Ah isso tá errado, fica aí rodando no chão, ai coisa de gente que não tem o que fazer, de maloqueiro, de negro.

Mas e aí,eu sou o que? Eu sou isso que vocês estão julgando, . Diziam:- Não você não, você é gente decente.

Ah, gente decente? Gente decente não faz isso ? Aí é que acabou fortalecendo mais. Agora é

que eu vou fazer mesmo, sabe? Acho que nem é com o pessoal que fica dizendo que o negócio de funk é errado, isso não é música. Acho que o debate não tem que ser nessa linha. Tem que discutir o que o funk está dizendo e não dizer ah, isso não é música. O jovem gosta de ir contra. O adulto está dizendo que está errado, ótimo.

P.: Você falou que teve uma hora que você começou a se questionar porque você era diferente. Porque aquele loirinho de olho azul tem mais namorada, tem várias namoradas ? Isso também te fez ler , te fez entrar no rap? Te fez querer investigar alguma coisa, pesquisar alguma coisa porque eu tive a impressão que você quis disse : Ah, aí eu corri atrás para saber . Você falou uma frase mais ou menos assim, me explica isso. Foi junto com o rap, antes?

Marley: Não, eu acho que o rap ajudou mas eu, estava tudo contra , total. Minha pele era marrom clara ou morena, meu lábios não eram beijo. Pessoal fala que negro tem beijo , não tem boca. O cabelo não é tão ruim então não sou negro, firmeza. Tá bom, não sou. Já que eu não sou negro, eu sou o que?

Moreno. Aí as meninas... Marley você é moreninho, firmeza. Mas porque quando a policia me enquadra ela não me chama de moreno?

P.: Porque a policia te enquadrava?

Marley: Nossa, direto. Porque assim...hoje eu uso blackpower mas quando eu era mais novo eu usava carecão, a navalha. E para a época isso também era radical. Nossa! você foi para a FEBEM? Era isso que eu ouvia. Nossa! você já passou na FEBEM? E a policia... Você já tem passagem negão?

Marley; Não, não tenho.O policial: lógico que tem com essa cabeça aí.

Marley: Quer dizer que se você usa um corte, um modelo que você gosta você é rotulado por isso? E é negão, é neguinho, é bandido. Uma vez eu estava correndo, fui enquadrado: Você está correndo por quê?

Marley: Estou me exercitando. A Policia: desculpa aí, você sabe preto quando está correndo, sabe essas coisas. A Policia acabou reforçando essa imagem de marginal e que minha mãe ficava temerosa em casa. Ela dizia: Você vai sair assim, de bermudão, careca? Nossa , estou com medo. A Policia praticava esse medo que a minha mãe tinha. Eu pensava: Meu, tem coisa errada nesse planeta aí e as informações não estão chegando.Eu estou aqui à deriva. Quero saber o que está acontecendo mesmo. E fui começando a pensar, quando eu vou para o centro, tenho que fazer trabalho na Biblioteca Municipal, trabalho de escola. Quando consegue achar algum livro aqui em Guaianazes? Quando consegue . E estranho, quando estou na Avenida Paulista eu tenho um jeito. Quando eu estou lá na Cidade Tiradentes tenho outro jeito.

P.: Jeito de que ?

Marley: Ah, as pessoas me olhavam. Aqui eu era mais um. Ia na escola ali, toma um enquadro lá mas não faz mal para ninguém. E lá na Paulista: -Esse moleque aí, o que que é? Tá de olho na minha bolsa? Cansei de ver um monte de brancaçada jogando a bolsa para o outro ombro, a maleta ou atravessa a rua. Eu pensava: Não, impressão minha, deixa eu ver. Não, não vai atravessar de volta. Sabe, dando um contorno ? Atravessa a avenidona para dar um contorno para não trombar com você.

Marley: Gente, eu sou um lixo! Porque eu estando vivo, as pessoas me vêem, tem medo ou eu sou mau. Sou mau.

P.: Você ficou pensando isso quando você veio para a zona leste?

Marley: Não, já lá na Zona Norte. Eu ficava pensando muito porque lá na Zona Norte tem assim: é mais próximo do centro, tem uma desigualdade também terrível. A gente estava lá na sola, pega ônibus em Santana e vai para o Centro mas você via uma galera de carro. Tem uma área nobre lá .Na Zona Norte tem. E aí eu via que tem uma diferença na tonalidade da pele das pessoas também nessas áreas nobres. Sabe essa coisa de olhar e perceber? Tipo: Tem alguma coisa nesse planeta que eu não estou entendendo. Ah, deixa eu começar a entender e onde que estão as informações.

P.: Onde você foi pegar as informações?

Marley: Então, aí é que está a dificuldade. Porque quando eu vi o rap, aquilo falava o que eu estava pensando. Falava da discriminação, do preconceito. Aí pensei: É isso mesmo. Aí comecei a ouvir bastante o som e na biblioteca além do trabalho eu comecei a ler alguma coisa à parte. Terminava o trabalho e fazia leitura complementar, . Cheguei lá na bibliotecária e disse: -Você tem alguma coisa aí sobre negros?

Bibliotecária: Mas o que?

Marley: Qualquer coisa.

Bibliotecária: Qualquer coisa não tem, você tem que vir com um tema.

Marley: Ah, não sei.

Bibliotecária: Ah, então não tem.

Marley: Aí eu fiquei mais bravo.

P.: Em qual biblioteca?

Marley: Lá na Municipal.

P.: A Municipal é aquela Nilton Santos?

Marley: Não, a outra. Não é a Mario de Andrade. É a Mário de Andrade, .

P.: É a Mario de Andrade, lá no centro da cidade.

P.: Você tem um a outra tomada fora aquela? Eu estou traumatizada porque eu perdi uma entrevista com o Clayton, sabe?

Marley: Hum, tem que fazer de novo. Bicho, o Clayton é um homem que lê, mano.

P.: Lê mesmo.

Marley: Vai chegar Marie? Sabe que a Marie é francesa ?

P.: Je parle français.

Marley: Ó.Ela adora idioma. Inclusive ela queria morar em Paris, St. Germain.

P.: Ah, d'accord.

Marley: Olha só!

P.: On peut parler français si vous voulez.

Marley: Como seria Marileide em francês?

P.: Ah, o francês querendo falar Marileide. O nome eu não sei como seria mas eles não sabem falar Marileide. Eles falariam "Marrileide" ou "Marrileidê". Eles falam : Polá , Titô, Biá. Eles não sabem.

Marley: Aê.pegou! Você sabe traduzir também?

P.: Sei. Eu já falei para você.

Marley: Francês não, falou de inglês. Tem uns dois sons para você traduzir também. Mas agora eu acho que é difícil, . Rap é difícil.

P.: Rap em inglês é mais fácil, francês é mais difícil . Porque eu estou mais afastada do francês muitos anos, eu usava na faculdade.

Marley: É o Saian Supacrew . Quero ouvir esse cara...

P.: Então você ia na Mario de Andrade ou na Biblioteca de Guaianazes fazer o trabalho de escola .

Marley: É naquela época não tinha Internet não. Não para nós .

P.: Tá e como foi quando você foi pela primeira vez na Mario de Andrade, na Guaianazes ? Você foi sozinho, foi com amigos?

Marley: Acabava indo em grupo. Vamos lá fazer e tal. Dialogar, fazer trabalho de Ciências, História também. Mas sabe aquele trabalho que você escreve, escreve, escreve, escreve mas e aí ? O que você gostou? O que você escreveu? Não tinha um diálogo, um debate em cima do trabalho. Era para você fazer, vai revezando quem copia para o professor ver que todo colocou sua letra e cada um ganha a sua nota, assim. Trabalho bem mecânico.

P.: Me fala uma coisa: Lá na Biblioteca você perguntava se tinha alguma coisa para você ler sobre negro e aí a pessoa falava , preciso de um tema e aí como era, mesmo assim você

continuava indo lá?

Marley: Não é assim: eu só ia fazer trabalho, . Até que tirar nota e tal mas faltava algo. Aí uma vez eu disse: Ah, professor o senhor fica dando esses trabalhos aí só para ver se a gente está escrevendo? Não entendo, então porque você não dita e a gente vai escrevendo na sala e te entrega a folha ?

Professor: Ah, você está questionando meu método ?

Marley: Que seu método? Você é louco? Então eu tinha uns arranca-rabo assim porque eu não entendia, eu não compreendia a matéria.Só decorava . É o que a Histamina fala ,que na escola ninguém aprende, só copia,copia.

P.: E me fala, lá na biblioteca não tinha muito, onde você foi buscar essas informações para as perguntas que estavam te...

Marley: É então, no meio do rap lá na São Bento tinha uns debates, uns diálogos e aí eu só fui participando. Quando nós mudamos para a Cidade Tiradentes ficou mais longe a São Bento e eu fiquei muito bravo. A gente ia todo sábado lá.

P.: Aí você fala gente, é quem?

Marley: A gente montou um grupo de break, chamado Citbreak, da Tiradentes. Então a gente treinava e tal. Só que não era só dança,uma vez a gente estava lá, eu não tinha despertado direito o gosto pela leitura . Até que um dia um cara enorme, com o cabelo mais alto ainda, gigante,"blackão". Nossa, quem é esse louco aí, . Era o Nelson Triunfo, um dos pioneiros do hiphop do Brasil e aí ele chegou e falou : -E aí molecada vocês estão aqui. Quem canta ? Quem dança? Aí levantou a mão uma galera. Quem toca, quem é DJ? Outra levantou a mão. Quem grafita? Quem está na escola? Aí a metade já levantou a mão. Ele falou: -Essa metade que não levantou a mão, não esqueça que vocês são o futuro. Se vocês não projetarem a vida de vocês, vocês vão para onde? Por exemplo : a maioria de vocês aqui são o que? Qual a história de vocês ?E ele foi dando esses puxões de orelha. Aí eu pensei: É isso mesmo, o que ele está falando é o que eu estou em dúvida. Agora ferrou. Não, deve ter algum lugar para eu achar isso aí. Aí eu cheguei nele e falei ; - Ô cara, você falou nesse negócio aí mas e aí mano onde estão essas paradas aí.

Marley: Aí ele falou: Cara, tem coisa que está aqui (apontando para o cérebro), aqui (apontando para o coração) e aqui (apontando para o livro).

P.: Cérebro, coração e o livro?

Marley: É. Não, firmeza . Esses dois aí já estavam mas e esses livros aí?

Nelson: Cara, é o seguinte mano, vai lá na Biblioteca.Tem coisa boa lá, mano. Não fica esperando não. Mas na escola também tem coisa boa mas você tem que aprender a ler . Porque você não pode ficar negando a leitura, conhecimento está lá. Você tem que conhecer tudo.

Marley: Ah, interessante. Eu dialoguei isso com a professora de português .Ela disse : -Aí que maravilha, o mais atentado agora está preocupado em ler.

P.: Ela falou ironicamente?

Marley: Ironicamente tanto que eu joguei a cadeira nela.

P.: Em que série foi isso?

Marley : É joguei nela, foi na sexta . Sexta, sétima. Sétima série. Fui chamado, novamente meu nome no livro negro. Primeiro questionamento foi com a diretora, ela chamou a minha mãe porque ela disse que eu fui muito agressivo. Ela disse :- Ah, o Livro Negro está te esperando.

Marley: É , Livro Negro igual a eu é coisa ruim, ? Então onde está o branco? Aí ela não falou nada. Aí ela disse :- Senta ali, não, fica em pé e vira para a parede. Aí ela chamou a minha mãe, certo?

P.: Aí ela te escutou e não te deu razão ?

Marley: É. Ela dizia : Como é que ele está certo? Eu falei: Claro que ele está certo. A

senhora é o que? Ela: Ah, sou morena escura.

Marley: Não, mãe a senhora tem que assumir a sua identidade. Meu pai : É fica colocando...Eu disse: - Fica colocando o que pai, você acha que você é branco? Ele disse: - negro é que eu não sou, seu avô é da Bahia.

Marley: Então é de que ? Então eu fui puxando um pouco da minha árvore. Eu fui avaliando, é lógico que é assim : hum.tem uma discussão que é assim: você é mestiço porque tem um daqui e de lá e acolá. Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia e minha avó era de um povoado nativo. Ah, então você não é nada? Não, você é alguma coisa porque tem uma identificação aí. Meu cabelo é crespo, meus traços, dizem que sou etíope . Não que eu sou etíope , eu sou afro descendente, então não dá para mudar a história. É lógico que não com essas palavras mas nessa época cheguei nessa compreensão e nessa dimensão aí eu escrevi uma letra de rap falando do preconceito. Aí já era. Minha mãe : mas que coisa é essa menino falando essas coisas? Deus não gosta disso e tal.

Mas a gente cantava o som, dançava e eu estava bem inserido nesse movimento hiphop. Aí começou a ter umas palestras , uns debates.

P.: Isso lá na São Bento?

Marley: Além da São Bento, o pessoal do Movimento Negro também sabe de algumas coisas. Ah, vamos discutir questão de racismo. Então, vamos lá, vamos ver. Pôxa interessante isso aqui e aí foi potencializando no desenvolvimento.

P.: E onde você pegava livro, texto para ler sobre esses assuntos?

Marley: Livro mesmo eu não conseguia pegar ainda .Era mais na escola que tem um limite para pegar para fazer trabalho para escola mas lia bastante cartilha, adorava ler Fanzine .Que ao mesmo tempo era gibi e livro.Muito louco isso aqui e falava umas coisas legais. Aí teve um que eu peguei que falava do Movimento Abu Jamal, Feras Negras, per aí aquilo me aguçou, .

P.: Onde você pegou?

Marley: Foi na reunião do Movimento Negro .Aí me interessei de ir no Comitê, pela libertação do Movimento Abu Jamal. Aí tinha na Tiradentes a Aliança Negra .Ah, deixa eu participar disso, acho que é legal. Só que eu participei, foi uma passagem muito relâmpago .É porque não tinha um espaço, muito pequeno. Tinha muita gente, muita fama, muito nome. A gente participou de vários eventos do Aliança Negra mas membro do Aliança Negra, não .Acho que eu fui uma semana, e uma semana é muito pouco. Migrei para o Força Ativa.

P.: Quantos anos você tinha?

Marley: Dezesete. Dezesesseis para dezesete.

P.: Na escola você estava no Ensino Médio?

Marley: Ensino Médio. A galera discutindo questão de política, de racismo, da importância da leitura. Ah, vamos ver. Acho que é legal. Só que o primeiro choque. Foi um choque na verdade. Primeiro contato foi um choque na verdade.

P.: Por quê?

Marley: Porque o pessoal já veio com um discurso assim: Rap não é Hiphop. Os caras estão tirando o Rap do HipHop, os caras estão loucos . Até da cultura HipHop. Ah, mas não é cultura, é movimento. Vários debates.

P.: Aí você não sabia nem como falar, né?

Marley: É AnaPaula, e tinha também na Cidade Tiradentes um acontecimento muito importante, tipo desenvolvimento meu também e da comunidade, principalmente meu que era a Rádio Comunitária. A Rádio Comunitária foi muito louco. Porque lá tinha discussão, tinha debates, a galera se encontrava. A juventude se encontrava lá.

P.: Na Rádio Comunitária ?

Marley: É. Jovenzinhos. Fazia um som, gravava um som e tocava na Rádio , na FM. Nossa, fazia entrevistas lá , a gente podia fazer entrevista ao vivo. Então assim, era um mecanismo

transformador e muito bom, muito bom mesmo. Eu lamento o boicote do Anatel. Acho que foi a Anatel que resolveu boicotar um monte de Rádio Comunitária, porque a Tiradentes começou a ser um centro de atenções do HipHop, chegou a ter até trezentos grupos de Rap.

P.: Nossa, trezentos grupos de Rap?

Marley: Era muita gente fazendo som. Aonde você ia tinha galera cantando. Hoje é essa febre do Funk aqui mas o Rap era mais porque tinha uma mensagem. Questão do consciente na época, falando da Tiradentes, rap de festividade pública falando do que o bairro está precisando, tal. Muito louco. Então assim, foi uma perda inestimável terem fechado a Rádio. A gente do Força Ativa tinha um programa. Olha o estrago! Um programa muito ouvido. Teve duas fases: a primeira que foi do Souza Ramos, a gente estava mais como participante e tal, depois nós migramos para a Castro Alves e lá o dono da rádio propôs para a gente assumir o programa, que era um programa de segunda à sexta das oito da noite às dez. Horário nobre de FM, . Opa! demorou. Pegar um horário bom, a galera que vai estar ouvindo a gente e tal. E toda quarta, todo dia tinha um.

P.: Quantos anos você tinha, em que ano foi, você lembra?

Marley: Faz tempo isso , meados de 1.999 , 2.000.(hum mil novecentos e noventa e nove, dois mil.)

P.: Você cursava que ano na época?

Marley: Eu já tinha terminado já. Eu terminei em 1.997 (mil novecentos e noventa e sete), o Ensino Médio. Aí a gente fazia várias coisas legais, entrevistas, veio uma vez a TV Cultura para cobrir. Da Hora!. A Globo queria vir. A gente falou :Fuck you, Rede Globo, vocês não. Falaram: Ah, mas qual é o problema , vocês vão aparecer no Jornal.

Marley: Que aparecer que nada. Vocês vão mostrar um bando de gente que não tem o que fazer. Capaz de vocês quererem fechar a rádio. E outra coisa que também acabou boicotando foi a interferência na novela. Ficava no meio das novelas, nas casas, já pensou? Então...vamos fechar isso aí. Mas foi muito legal a Rádio Comunitária. E a gente também chegou a ter um lance assim com o Aldo Leite que era o dono da Rádio, ele era militante do PT e a gente começou a ter uma proximidade com o Partido dos Trabalhadores, então, mais a esquerda assim,. Ninguém se filiou mas tinha uma afinidade porque era um Partido de Esquerda que defendia um monte de coisas que a gente defendia também então vinha de encontro .Não era essa onda de Tucano que está hoje aí. E nessa época também zoaram desse vermelho desbotado do PT.[risos]

P.: Depois do Força Ativa e da Rádio, o pessoal da Rádio Comunitária falava de leitura e o que você começou a ler exatamente? Que obras você começou a ler?

Marley: Como a Rádio Comunitária foi uma mola propulsora para mim, então falava bastante de política. Política, política mas isso é muito chato, cara. Estou ficando louco. Então eu comecei a entender que política envolve um monte de fatores, não é só a política praticamente dita, a partidária. Então vamos ter que aprender isso aí. Tem uma situação que precisa reverter, se a gente não trabalhar isso, então a gente tem que começar ler. Lembro que eu comecei a ler um livro de Gil Pestana: Negro e a Cidadania, comparando , se o Brasil fosse negro, o Brasil só com os brancos. Falei: Nossa, a desigualdade está complicada. Aí quando falou negro é política aquilo foi aproximando também, bem agora vamos ter que começar a ler um monte de coisas e aí a galera do Força Ativa também indicando várias coisas para dar uma lida : -Ah, podia ler alguma coisa, um pouco do racismo. Você vai ver que tem uma diferença, uma discriminação. Três linhas, né.

P.: Aí você pegava esses livros onde, com o próprio pessoal?

Marley: É . O pessoal emprestava e aí tinha uma idéia de montar uma biblioteca e aí juntou vários agrupamentos. Pessoal do Impacto Punk, vários agrupamentos. Tinha um pessoal que defendia biblioteca fechada só para militantes e a gente: - Não, não é da comunidade. Não tem biblioteca aqui. Aí teve a galera que acabou rachando e aí, vamos bancar essa biblioteca.

Durante um bom tempo ela ficou funcionando no Bancários ali, próximo da praça do meia cinco. Era numa casa e aí tinha, o dono lá super gente boa, deu várias idéias, uma pessoa bem centrada assim, só que tinha cachorro, chovia, não tinha forro então os livros estavam estragando. -Meu, vamos ter que conseguir outro espaço. E aí vários debates.

P.: E aí você continuava lendo?

Marley: É. Só que num ritmo melhor de leitura .Tempo vago. Ler em casa. Na rua mesmo ficava coma galera mais velha um pouco. E aí: - E aí, Titão que você está lendo ? Aí eu dizia : isso, isso, isso. Aí ouvia assim: Ah , maior chato, é chato ler. Eu dizia: É bom ler senão a gente não consegue entender, compreender, aprender.

Eles falavam : Ah! para, você está parecendo esses caras filósofos aí. Eu : -Ah, mas tem que ler. Diziam : Ah, então firmeza ,lê aí então.

P.: Você lia na rua então?

Marley: Lia, então uma vez. Um dia a gente foi numa Escola de Samba fazer um trabalho lá, fizemos o diálogo e tal e acabou e ficamos um pouco mais e eu acabei lendo lá também. No meio da Escola de Samba mas fiquei lendo. Eu fui entendendo um monte de coisas. A crítica despertando cada vez mais . Só tomando cuidado para não ficar muito chato, senão você não tolera mais nada, . Parece que quanto mais você lê...você sabe .

P.: É verdade. Me fala uma coisa , você começou a ler sobre música e tal, você começou a ler alguma coisa de literatura, de ficção, autores brasileiros?

Marley: Sempre tive muito preconceito com o romance brasileiro. Ah, isso não serve para nada, prefiro ler um rap. Prefiro ler outra coisa . Ah, mas é legal. Legal para que? Porque assim eu tinha uma visão muito ... da Academia Brasileira de Letra, língua portuguesa ,da influência portuguesa . Não fala de mim, não fala de nada. Tô suave. Lógico você é limitado mas é generalizar. Era o que chegava para mim. Escola mesmo, em casa, na rua.

P.: Esse preconceito em relação a romance você acha que veio da escola, da rua?

Marley: É, porque o professor dizia, hoje a gente vai ler um romance hoje. Aí veio aquelas frases . Ah, que coisa chata. Aí vinha uma frase : -Ah, uma região inóspita. E não falava a tradução. Ou você ouvia e acompanhava no dicionário ou ia comprar o livro, raro isso . Será que o professor não tinha a sensibilidade de :-Pô essa palavra é um pouco difícil. Já lê e traduz qual é o problema? Mas não acontecia e então você acabava criando um bloqueio. Enquanto isso na outra forma de relatar um romance me vem o rap falando o que eu entendo, trazendo a realidade. Ah, prefiro ouvir rap, . Ah, ficar ouvindo essa babaquice que não tem nada a ver comigo, já não chega as outras matérias, agora isso também. Então, tô de boa.

P.: Foi dentro do Força Ativa que você começou a mudar por algum motivo?

Marley: A questão foi a leitura . Muito forte em mim a leitura. O pessoal , Malcolm X, Steve, Karl Marx ...quem é esse cara? O cara nem é preto, mano. É mano, Karl Marx quem é esse cara aí? Deve ser rico mano. Para ser gordo deve ser rico. Mas aí a galera sempre preocupada em fazer os debates, dialogar, trazer a fonte. Sempre foi uma preocupação, uma característica do grupo. Ah, então temos que conhecer mais. Como é que vou falar do Lusíadas sem ler , falar mal sem conhecer. Aí quando eu li Marx em filosofia. Que ele tinha um monte de curso e na verdade ele odiava assim em todos os sentidos de : - Malandro, eu estou fazendo isso aqui para me apropriar do conhecimento que está fragmentado, não é porque eu quero.

Marley: Telefone, deve ser a Bia. Deixa eu ir atender lá.

P.: Aí você ficou lendo literatura de tanto que o pessoal ficava dizendo que você tinha que ler, que era legal. Você mudou sua visão de literatura ? O que você gosta ler além das coisas políticas ?

Marley: Então, Lima Barreto é firmão, . Eu gosto muito de literatura marginal.

P.: O que você lê de literatura marginal?

Marley : O próprio Ferréz. O Ferréz é gente boa. Sérgio ... firmeza. Acho que vem numa

linha legal assim de dialogar do jeito que a gente troca idéia . A linguagem, ela não pode ter limite.

P.: Como assim, limite?

Marley: Limite, porque a ortografia oficial ... Pausa.

Alguém chegando...Oi, boa tarde.

Marley: Boa tarde.

Mulher: Vocês aceitam livro?

Marley: Doação, sim.

Mulher: Qualquer livro?

Marley: Qualquer livro, mas assim, depende, se o livro estiver muito antigo, porque a gente tem conexões com outras bibliotecas, entendeu?

P.: Então... você estava falando que gosta de leitura marginal.

Marley: Acho que não é nem gostar.É identificação.O cara está falando o real.

Marley: Eu li vários romances mas os caras viajam muito na maionese. Por quê? Para qual classe que eles estão escrevendo, para quem? Eu gosto muito daquele malucão , o Jack London. Acho que ele é foda nessa linha de romance. Ele já declara: - Mano, estou escrevendo para a minha classe, a classe trabalhadora, . Então, tem romance de classe, é esse que eu gosto. Não tem essa coisa de : - Ah, tem que ser preto. Lógico que um romancista preto não é fácil achar.Mas acho que não é esse o critério. É o que se escreve, para quem e porquê. Eu leio pouco romance porque a maioria não é para mim.

P.: Da literatura brasileira você falou que gosta do Lima Barreto...

Marley: Gosto, o cara é firmeza. Lima Barreto, quem mais? Ah, é que ele era o mais folgado de todos.

P.: No ano passado você acha que leu quantos livros?

Marley: No ano passado...perai.

P.: No ano passado, no total ?Quantos livros você lia por mês?

Marley: Não lia tanto assim. No ano passado eu li seis livros.

P.: No ano passado?

Marley: No ano passado.Teve livro que eu tive que ler, reler, ler de novo. Aquele livro assim: já livro aquele livro mas vou relê-lo.

P.: Eram livros mais relacionados a Ciências Sociais , Política?

Marley: Um sobre política. Outro que eu li mas tinha que dar uma lapidada porque o pessoal da faculdade está pedindo, do Aristóteles, .Príncipe do Maquiavel é da hora. Eu li também um livro sobre Abrigos, inclusive foi a Bia que jogou na minha mão porque quem participou desse livro, os colaboradores.Era uma cartilha e foi o pessoal que ajudou a elaborar o Estatuto da Criança e do Adolescente. Então é muito novo esse trabalho com criança e adolescente e esse livro discute várias questões que não estão acontecendo ainda e o livro é do ano de 1992. Quer dizer, um absurdo! Mas é legal isso.

Marley: Li também um do Jack London, muito bom. Eu li do Jimmy Scott Heron, O Abutre, da hora também.

P.: Mas enfim, você não lê coisas mais teóricas. Você acaba lendo ficção.

Marley: É. Ficção é algo que não é real?

P.: É. Ficção é o que não é real e não é necessariamente ficção científica é que não é real. Lima Barreto é ficção.

P.: Lembra que eu tinha dito que eu ia fazer uma porção de perguntas que eu ia fazer no final? Como a gente não tem tanto tempo vou te fazer a pergunta assim meio rapidamente. Você acha que as práticas de leitura na escola, ir à biblioteca da escola te ajudou a gostar de ler ou não? Lá na Zona Norte e depois aqui na Cidade Tiradentes. Não sei se aqui você ia ou se aqui não tinha.

Marley: Então, não porque...falido na escola . E a pessoa responsável por mexer no livro

dizia: -Tá cheio de pó. Isso não dá autonomia para o aluno mexer, conhecer. Logo dizia : -Ah, vai bagunçar. Vinte alunos para ler um livro, .

P.: Isso na Zona Norte ou na Cidade Tiradentes?

Marley: Tudo quanto é escola que eu já fui, é . Não tem uma didática, uma metodologia, captação de história , nunca vi isso não. Eu faço mas nunca fizeram comigo.

P.: Essa professora que você jogou a carteira, era de Português?

Marley: Era.

P.: Era, então qual foi o papel exercido pelo professor de Língua Portuguesa? Você acha que em algum momento o professor de Língua Portuguesa te ajudou a ler ou não?

Marley: Não. De jeito nenhum, quando eu acertava tudo a professora ficava brava.Ela falava : Que absurdo !

Marley: Pois é professora, como eu sou obrigado a conhecer esse idioma do opressor, então eu vou fazer o que ?

Professora: É mas você não pode subestimar uma língua tão maravilhosa dessa!

Marley: É mas ninguém quer ensinar africano, .

Professora : Ah, mas vai aprender africano para que, por quê? Palhaçada.

P.: Qual você acha que foi o papel exercido pela Biblioteca Pública? A Biblioteca de Guaianazes, a Mario de Andrade, o atendente da biblioteca, o acervo?

Marley: Ah, está lá . Se você quiser vai lá. Não tem um “chega” assim até você : -Ah, Biblioteca Mario de Andrade , muitos livros, muito boa.Não tem uma conexão com a periferia, para quem mora longe do centro, alguma coisa nesse sentido, intercâmbio. Uma coisa móvel para facilitar.Tudo distante, muito distante. Quando a gente chegava já chegava cansado.Escreve pouco, tira xérox lá do pouco, não lê o que você escreve.Também o professor não estava nem preocupado na época. Ah! trabalho grosso, fez a capa está bom, inclusive, a minha função era fazer a capa do trabalho.

P.: [risos]E hoje você faz a capa da Biblioteca.Quer dizer , não faz só a capa. Faz um monte de coisas.

Marley: A gente dividi:-Ah, o Marley faz a capa, o outro a letra é bonita deixa ela escrevendo , o outro paga o lanche.

P.: E na escola você tinha amigos que também liam e depois que você entrou no rap você tinha amigos que também liam e que te ajudavam emprestando livro ou trocando idéias ?

Marley: Então... Ana Paula,tinha um distanciamento porque mesmo o pessoal do rap não é sinônimo de leitura crítica, . Pessoal do rap lagartixa: não falava nada com nada, não lia, não queria transformar nada , então , não acrescentava nada. Então era muito relativo, depende com quem você fazia amizade. Diziam : Ah, você gosta de rap , coisa de bandido, hein.

Marley: Você ia falar o que?

P.: Na própria escola?

Marley: Ah, legal. Mas aí quando via o rap na prática ali, você cantando no microfone , diziam : Nossa, que legal! Você estressa no começo. Cara, vou ter que provar que o povo está errado mas ... vamos lá . Ou eu me convenço que estou errado.Tem que provar o ponto para algum lado. O que não dá é para ficar na dúvida. Eu prefiro tentar e errar do que nunca tentar.

P.: Agora eu gostaria que você classificasse de um jeito bem mecânico, digamos, mas que meio que resumindo todo nosso raciocínio. Aqui tem várias agências de socialização : tem a família, a escola, isso não está incluída mas está aqui que é a biblioteca, a Igreja, os amigos e tem um outro item que também não é uma agência mas que é o acesso ao material de leitura. O que você acha que mais te fez tornar um leitor? Foi sua família, foi ver seu pai lendo os romances que ele gostava de ler, foi sua mãe dizendo : - Não menino vai para a escola que você tem que ser bom aluno. Foram os amigos? O que você colocaria em primeiro lugar que contribuiu para você se tornar leitor? Um leitor que lê espontaneamente com autonomia, que deseja ler porque acha legal. Porque era leitor antes quando fazia trabalho na biblioteca mas é

outro tipo de leitor por obrigação. Quem te fez dizer: Ler é bom? Uma coisa melhor do que ler é bom, porque ler é bom é uma coisa que você deve ler. Ler é legal, ler é manero, me faz bem. Eu gosto.

Marley: Eu ia para os amigos.

P.: Os amigos, porque você estava pensando...

Marley: Pensando na galera que fazia parte dos movimentos, pessoal do Break, e questão da militância. Mesmo juvenzinho mas indo nas reuniões. Fazer parte das reuniões, debates. Tinha que começar a ler mesmo,. A Força Ativa.

P.: O que não te ajudou de forma nenhuma a se tornar leitor, que você colocaria como zero?

Marley: A Igreja.

P.: A Igreja?

Marley: Tinha que ler a Bíblia, não podia ler outra coisa. Mas o mundo é a Bíblia? Eu não tinha paciência. Agora eu tenho dependendo da linha, como a Igreja agora está mais romana do que em outra época, então agora eu estou com menos tolerância ainda. Igreja é horrorosa.

P.: Depois dos amigos, o que você acha que mais te encorajou, que te ajudou a se tornar leitor. Foi o acervo, a família, a biblioteca?

Marley: Agora eu estou em dificuldade porque se não fosse a família eu não ia para a escola.

P.: A família de alguma forma te ...

Marley: Colocaria a família, o pessoal tinha aquele lance de:-Não, não vai trabalhar, vai para a escola.

P.: Você começou a trabalhar com quantos anos?

Marley: Na verdade desde os doze, mas de fato com autorização, aprovação familiar depois dos dezoito.

P.: Mas você trabalhou desde os doze fazendo uma coisa que a gente chama de bico?

Marley: De bico, pedreiro, pintor, reforma e manutenção. Monte de coisas, entendeu? Acho que a família estimulou aí sim.

P.: A Igreja não te ajudou.

Marley: Não.

P.: Tem alguma outra coisa que não te ajudou a se tornar leitor?

Marley: A escola. Escola horrorosa. É o que eu chamo de educação bancária. Você decora. É a formulazinha. Decorou, tirou nota na prova e acabou. Vai aprender o que? Raro o professor que vez ou outra falava isso mas você tem oito professores, um fala isso e o todo como fica? Porque a escola até chegar na sala de aula em quantas portas com cadeado você passou, ? A própria forma que está organizada a escola ela não é para te estimular no processo educacional criativo.

P.: E a Biblioteca, te ajudou?

Marley: Biblioteca ajudou mas não, a Comunitária ajudou.

P.: A Comunitária que está vinculada ao grupo de amigos que ia meio junto, Força Ativa e tal. O fato de você ter acesso ao material, da sua mãe concordar em comprar gibi. Isso te ajudou também ou não.

Marley: Até na escrita, na leitura porque eu ficava lendo e interpretando. Então na hora que eu lia na sala ou eu lia em grupo, o pessoal dizia: Nossa, ele lê bem, ele respeita a vírgula.

P.: E você acha que você deve isso ao gibi ou a outras coisas?

Marley: Não ao gibi mas ao meu desempenho, ao meu desenvolvimento porque eu tive que sair do mundo abstrato que é o gibi e ir para o real, matéria. Porque eu acho que o gibi até hoje eu leio, eu gosto de ler mas leio com outros olhos. Hoje eu leio com olhar mais crítico do que quando eu era mais novo.

P.: Se você tivesse que resumir assim em duas frases. Eu me tornei leitor porque... Você diria o que?

Marley: Eu me tornei leitor porque os estímulos da sociedade negativa pairavam sobre o meu

ser e eu precisava de respostas para eles, porque eu sofria muita discriminação, ainda sofro mas eu não entendia porque, hoje me sinto mais preparado para encarar qualquer discriminação, preconceito ou falta de respeito com a minha pessoa hoje.

P.: Você acha que a leitura de alguma forma foi te dando mais auto-estima?

Marley: Sem dúvida.

P.: Teve alguma coisa relacionada à sua identidade mesmo?

Marley: A leitura ajudou mas se você não encontra seus pares você enlouquece. Você vê tudo contra: a rotação, a translação, onde eu estou nisso ?

P.: E seus pares foi o pessoal do Movimento...

Marley : Força Ativa, galera do HipHop porque eu precisava de identificação quando ia para o salão, ia os jovens todo mundo feliz. Era ali que eu me encontrava. É lógico que hoje eu ir para a balada é secundário mas o lance de você estar com uma pessoa que compartilha as idéias com você , isso te fortalece. Aí quando você depara com outras pessoas que tem outro ponto de vista a sua base é mais sólida, . Dá para dialogar de igual para igual com a pessoa.

P.: Você é educador social, Marley?

Marley : Sou. Ou mini-tudo social como você preferir.

P.: [risos] Mini-tudo social?

Marley: É. Um pouco psicólogo, um pouco pedagogo, um pouco assistente social.

P.: Um pouco motivador de atividades diversas.

Marley: É. Um pouco esportista.

ENTREVISTA COM TAIKO

P.: Taiko, o que você está lendo agora?

Taiko: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

P.: E o que você está achando?

Taiko: Estou achando legal.

P.: Você está lendo esse livro porque a escola pediu ou porque você quis ler?

Taiko: Eu sempre quis ler esse livro, eu sempre tive vontade de ler, mas eu esperei o momento certo, sabe?

P.: Por quê?

Taiko: Ah, no começo das aulas, quando tudo está tranquilo, sabe, já introduzir a Literatura, no começo das aulas, sabe? Eu sei que eu vou precisar no meio do ano, então eu já preveni logo. Quanto mais ler um livro melhor, sabe?

P.: Entendi. Você está em que ano, no terceiro?

Taiko: Terceiro do ensino médio.

P.: E você estuda de manhã?

Taiko: Pela manhã.

P.: Você se lembra quando você começou a gostar de ler?

Taiko: Desde criancinha, porque eu nasci num berço evangélico...

P.: O que é nascer em um berço evangélico?

Taiko: É você nascer, seus pais já serem cristãos e você já nasce eles sendo cristãos, continua sempre evangélico, na religiosidade e tal. Aí eu tinha sempre o desejo de ler a Bíblia. Então, eu me esforçava para aprender a ler somente para ler a Bíblia. Entendeu?

P.: Entendi. E você lembra como foi o seu processo de aprender a ler, se você gostava, se não gostava da professora, você lembra disso? Se foi no pré, se foi na primeira série, como é que foi?

Taiko: Olha, desde criança, como eu disse, eu gosto de ler e escrever. Então, eu exigia da minha mãe e minha mãe também exigia de mim. Então, quem me ajudou bastante mesmo foi a minha mãe. Minha mãe não deixava somente ao sabor dos professores. Ela também me ajudava, porque isso é super importante na vida de uma pessoa, de um jovem, de uma criança. Os pais também têm que dar uma parte da colaboração, entendeu?

P.: Entendi.

Taiko: E minha mãe me ajudou bastante.

P.: O que ela fazia?

Taiko: Fazia tarefas para eu fazer, fazia textos para eu fazer, fazia aquelas letras cheias de pontinhos, para eu escrever em cima, sabe?

P.: E a sua mãe é professora?

Taiko: Não.

P.: E como ela sabia o que era para fazer?

Taiko: Ela sabia o básico, ela via e fazia para mim. Ela sabia que isso seria importante para mim...

P.: Você é a irmã mais velha, do meio...?

Taiko: Mais velha.

P.: Quantos irmãos você tem?

Taiko: Dois, por parte de mãe. Agora, por parte de pai, eu tenho três.

P.: E o seu pai também é evangélico?

Taiko: É.

P.: Me conta um pouco... O seu pai estudou até que ano e a sua mãe até que ano? Você sabe?

Taiko: Meu pai já terminou, e agora está se preparando para fazer pré-vestibular, pela Educafro também, tentando concorrer à bolsa pra a universidade. E minha mãe parou na

oitava, e meu pai prosseguiu, só que aí ela falou que não quer mais, deu uma paradinha e deu um desânimo, sabe, porque minha mãe não tinha muita paciência.

P.: E a sua mãe e o seu pai continuaram estudando depois de adultos?

Taiko: [confirma com um som] mas minha mãe continua na oitava, ela tinha parado na quarta, aí depois que nós viemos de Salvador, Bahia, para São Paulo, ela começou a estudar.

P.: Ah, você é de Salvador?

Taiko: Sou.

P.: Que legal, e por que vocês vieram para São Paulo? Faz quanto tempo?

Taiko: Oito anos.

P.: Você tinha então nove anos?

Taiko: Dez.

P.: E aí você veio direto para a Cidade Tiradentes ou vocês foram para outro bairro?

Taiko: Não, viemos diretamente para a Cidade Tiradentes. Minha mãe veio para São Paulo numa caravana da igreja. Aí, nisso ela entrou em contato com a madrinha dela de casamento e a madrinha dela informou que o irmão dela tinha um apartamento à venda. Aí minha mãe fez troca com um terreno que nós tínhamos em Salvador, aí fez o negócio e ele foi pra lá e a gente veio pra cá.

P.: Qual é a diferença de morar em Salvador e morar em São Paulo, na Cidade Tiradentes? A escola é diferente? As pessoas são diferentes? Você sentiu muita dificuldade em se adaptar, foi difícil?

Taiko: Muito, sofri muito preconceito, muita discriminação.

P.: Preconceito por você ser de Salvador?

Taiko: Também, por eu falar assim meio arrastado e meio rápido ao mesmo tempo, sabe? Cantando... Lá em Salvador, o ensino é bem melhor. Agora eu não sei se mudou, porque faz oito anos que estou aqui, mas acho que ainda é bem melhor que o ensino de São Paulo.

P.: O que você achava melhor lá?

Taiko: Olha, eu tinha bolsa, então eu estudava na particular, na Adventista, você conhece, claro. Mas mesmo assim eu tinha colegas que eram da pública. Então, eu sabia que o ensino estava compatível, o que eles estavam ensinando estava compatível com a particular, entendeu? Aí, quando eu vim para São Paulo, eu senti muita falta do que eu estudava em Salvador, mas eu era uma super aluna.

P.: Você sempre foi boa aluna?

Taiko: Sempre.

P.: Sua mãe sempre exigiu?

Taiko: Não, ela exigia criança, mas depois ela via que eu tinha responsabilidade e não pegou no meu pé mais, porque eu acho que a gente tem que ter responsabilidade, né? [risos]

P.: É verdade. E o seu pai quer fazer faculdade de quê?

Taiko: Ele estava pensando em fazer Farmácia e depois Química, mas agora eu não sei mais quais são os planos dele. Eu tenho que perguntar de novo.

P.: É porque ele trabalha nessa área?

Taiko: Não, ele faz produtos de limpeza.

P.: Ah, entendi. E você se lembra quais foram as primeiras coisas que você leu? Você já saiu lendo a Bíblia bem grossa ou você leu uma versão facilitada, você leu gibi da Igreja ou gibi normal, da Mônica, do Cebolinha? O que você lembra de bem pequenininha, de ter em casa pra você ler?

Taiko: Em casa, eu lia a Gênese, a criação. Na escola, eu lia – que até hoje fica na memória – de Ruth Rocha, livros de Ruth Rocha, se eu não me engano era de um Marcelo, que estava aprendendo a ler as horas, não sei se você já ouviu falar sobre esse livro...

P.: Não, me conta dele.

Taiko: Então, era muito legal. Ele tava aprendendo...

P.: Não era o Marcelo Marmelo Martelo...

Taiko: Não sei, eu sei que tem Marcelo no título e é da Ruth Rocha. Eu li esse livro, foi tudo de bom, só que eu perdi esse livro em Salvador, na mudança, entendeu, e ficou por lá, eu não pude trazer.

P.: E esse livro o seu pai comprou pra você, era da escola, da biblioteca, você ganhou, como que foi?

Taiko: Isso, da escola e os professores exigiram que comprasse para o nosso crescimento.

P.: Entendi, e em que série você estava?

Taiko: Aí eu não lembro.

P.: Ah, tá, quando você leu esse livro você não lembra.

Taiko: Não lembro.

P.: Você lembra de outro livro que você leu depois?

Taiko: Não, eu li muitos livros para contar assim. Eu lembro os primeiros, que foram esse, que sempre marca, mas o segundo, o terceiro, eu não lembro.

P.: E onde você pegava os livros para você ler?

Taiko: Como eu disse, depois que eu mudei de Salvador e vim para São Paulo, minha vida mudou concernente a isso. Aqui tem mais espaço, mais biblioteca, porque lá em Salvador não tinha tanta biblioteca, na minha cidade, ou tinha e eu não tinha conhecimento. Mas eu vim para São Paulo e tudo mudou, concernente aos livros. Se eu pudesse eu vivia numa biblioteca.

P.: É mesmo? Por que você gosta tanto?

Taiko: É tão bom ler...

P.: O que tem de bom em ler?

Taiko: É tão bom, você adquire conhecimentos, você descobre coisas novas, você viaja, pelo mundo da fantasia, é muito bom ler, sabe, você vê experiências nos livros, e você pensa que a sua situação é difícil. Mas, a partir do momento que você lê aquela história que está no livro, você fala “nossa, eu reclamo de barriga cheia”, e essa pessoa aqui, mesmo não sendo verídica a história, mas tem uma pessoa que passa por essa situação e ela suportou. Então, por que eu não posso suportar a minha?!

P.: E quem começou a te incentivar a ler? Foi mais a sua mãe mesmo, foram os professores da escola? Você lembra assim como, quem teve esse papel de falar “não, lê que é bom, vai ler”?

Taiko: Olha, um pouco foi minha mãe, e um pouco foi meu pai também. Mas depois eles não falavam muito, sabe? Eu mesmo fui me virar e eu mesmo segui o meu caminho nessa área. Eu fui procurando as coisas que eu não sabia, eu sou muito curiosa, aí tinha dúvidas sobre certas coisas, aí eu ia, procurava nos livros...

P.: Sobre que coisas você tinha dúvidas?

Taiko: Ah, de tudo um pouco, de todos os assuntos. Se tinha um trabalho e eu ia fazer, aí tinha uma palavra eu ia e procurava, procurava saber sobre aquilo... e assim...

P.: Ah, tá, e lá em Salvador você tinha muitos livros dentro de casa?

Taiko: Tinha, porque eu ganhava das pessoas.

P.: Quem dava livros para você?

Taiko: As pessoas gostavam do meu jeito e me davam livros já usados. Tipo, a pessoa terminava o colegial e entregava os livros pra mim, sendo que eu era criança. Daí eu pegava para rabiscar. Tinha um livro de medicina que eu ainda guardo as folhas dele, ainda conservo, mas eu ainda não li ele, aquelas folhas, mas eu tenho uma vontade muito grande de ler essas folhas, porque tem coisas que você não tem oportunidade de ler. Aí você vai e abre essa oportunidade para outra coisa.

P.: E essas pessoas que davam os livros para você eram da Igreja, eram vizinhos, eram tipo chefe do seu pai? Quem eram essas pessoas que davam livros para você?

Taiko: Acho que eram amigos da minha mãe.

P.: Da igreja?

Taiko: Eu não lembro mais.

P.: Na sua casa, lá em Salvador, o seu pai tinha o hábito de ler também, ele gostava de ler?

Taiko: Mais a Bíblia.

P.: Ele lia todo dia?

Taiko: Todo dia.

P.: Que horário que ele lia?

Taiko: À noite, na hora de dormir, pela manhã. Se ele estava de folga à tarde, ele levava a Bíblia sempre para trabalhar, aí ele lia no ônibus.

P.: Ele sempre foi adventista ou ele ficou depois de adulto?

Taiko: Não, nós não éramos adventistas. Minha mãe era da Batista, junto com meu pai. Aí depois a gente mudou de igreja, a gente foi para a pentecostal Deus é Amor, é famosa também.

P.: Entendi. Você estudava numa escola adventista, mas você não era adventista.

Taiko: Não, mas era muito boa essa escola.

P.: O que você achava de bom nela?

Taiko: Ai, tudo sabe, uma parte de mim ficou nela. Tinha uns corais, os professores eram excelentes, os livros, tudo. Eu gostava de tudo, tudo nessa escola.

P.: Nessa escola, tinha biblioteca, sala de leitura?

Taiko: Não, não tinha. Mas, quando eu saí dela, já estavam construindo, porque estava começando onde eu morava. Mas, se eu quisesse ir para uma escola adventista mais diversificada, eu teria que ir para o Centro.

P.: Você se lembra de algum professor dessa escola que te influenciou a ler?

Taiko: Para ler assim, eu não lembro não.

P.: Você falou que por um lado foi muito legal você vir para São Paulo por um lado porque aqui tem muita biblioteca. Quais são as bibliotecas que você utiliza aqui em Cidade Tiradentes?

Taiko: Aqui, eu utilizo essa, a CEPTEL...

P.: O que é a CEPTEL?

Taiko: A CEPTEL é um clube assim, é tipo uma ONG. Aí eu vou nela, vou na do Salgado, vou na da Bibliotecária, tudo ex-escola que eu estudei, somente, e na escola que eu estudo atualmente que é a Simão Matias.

P.: Nas escolas onde você estudou, você vai para pesquisar ou você retira livros também?

Taiko: Olha, na Bibliotecária, eu não retiro livro e nem na do Salgado também, porque não pode, somente no Trindade e no Simão Matias, que é onde eu estudo agora.

P.: Lá na escola onde você estuda pode retirar livros? Pode ficar quanto tempo?

Taiko: Pode ficar uma semana, o tempo que for necessário para você terminar de ler o livro, entendeu? Mas, se eu sentir que vou demorar mais tempo com aquele livro, eu vou lá e renovo ou então eu dou uma satisfação que eu não vou devolver no dia marcado.

P.: E você falou que aqui tem bastante biblioteca. Você acha que os atendentes das bibliotecas também te ajudaram a gostar de ler?

Taiko: Alguns.

P.: Você pode me contar deles?

Taiko: Olha, da escola, começando da escola, foi uma luta.

P.: Como assim?

Taiko: Porque hoje a maioria das pessoas não gosta de ler por causa das pessoas que formam a escola. Agora, eu estou falando da escola. Na escola, os alunos não gostam de ler porque só são incentivados a ler por obrigação, não tem uma pessoa preparada para influenciar o aluno, sabe, de uma forma envolvente, daquilo que ele gosta. E, quando a pessoa gosta, quando tem aqueles cinco, três, dois, ou um na escola que gosta de ler, eles proibem.

P.: Como assim, proibem?

Taiko: Eles... No meu caso, eu gostava de levar livros, bastantes livros para eu ler, eu devorava um livro em um dia, bastante livro, eu gostava, e entregava e pegava mais. Uma fome insaciável de ler livros. Aí, elas não gostavam que eu pegava. Foi uma luta, porque elas falavam assim, “não podemos mais emprestar livros porque os alunos do ano passado, retrasado, não trouxeram os livros para cá, emprestaram e não devolveram. Então, elas achavam que eu tinha o mesmo caráter que as outras pessoas, mas eu mostrava diferente pra elas, entendeu? Aí teve uma hora que isso acabou. Aí elas aprenderam a gostar de mim, a me emprestar os livros e tudo ficou numa boa. Mas agora eu não pego mais livros emprestados lá, porque está fechada, nem a minha irmã mesmo pega.

P.: Isso na escola em que você estuda?

Taiko: Estudava. Na que eu estudo agora, também tinha esse mesmo problema. Os alunos da minha sala não podiam pegar, não sei o porquê, acho que por causa do mesmo motivo. Por causa de um, todos sofrem. Aí eu fui lá, comecei por mim mesma, fui influenciando meus colegas, falando “eu tô pegando livros emprestado na biblioteca”. A partir do momento que eu fui pedir pra ela, ela deixou emprestar, e aí todo mundo começou a emprestar livro.

P.: Você acha que ela deixou você pegar porque você era boa aluna – porque é seu direito emprestar – o que você acha? Se não podia pegar emprestado, por que ela abriu uma exceção para você?

Taiko: Ai, eu não sei, acho que foi por causa do meu interesse e por causa da minha persistência...

P.: Como é que você fez?

Taiko: [risos] Eu irritava, eu batia na porta, corria atrás dela, perguntava “E aí não vai abrir a biblioteca não?”. Aí, quando a biblioteca estava aberta, eu ficava escolhendo os livros, colocava na mesa e falava assim: “eu quero levar esses livros”, entendeu, e ela... Eu até falei com os professores: “como é que pode uma escola não poder pegar livros emprestados?” Eu ficava revoltada por causa disso.

P.: E como é que você sabia que era obrigação da escola te emprestar esses livros – porque tem gente que não tem essa noção – como você sabia que era seu direito?

Taiko: Porque eu pensava assim: se a gente paga imposto e a escola é pública, então eu tenho direito de pelo menos pegar emprestado. Assim como eu ganho livros didáticos, é paradidático, se eu não me engano, livros normais, de estudo, se a gente tem o direito de receber esses, por que a gente não pode ler outros livros mais interessantes, entendeu?

P.: Isso você tirou da sua cabeça ou alguém te falou isso?

Taiko: – Acho que quem colocou isso na minha cabeça foi, como eu posso te dizer, o meu gosto de ler mesmo, foi me mostrando as coisas, entendeu?

P.: Você acha que foi ficando, tipo, mais esclarecida?

Taiko: – Isso. E tem professores que não gostam que os alunos gostem de ler, tenham interesse, porque eles acham que ele é o professor e o aluno é o aluno e tem que ficar por ali, entendeu? Não pode seguir em frente, fazer uma carreira maior que a dele, ter uma profissão maior e ganhar melhor que ele. Eles não se satisfaz com isso, tem muitos professores, tem uns que levantam os alunos e tem uns que abatem.

P.: – Quem você acha que te levantou?

Taiko: Eu lembro que tinha uma professora no Salgado na oitava série que se chamava Celina...

P.: Ela dava aula de quê?

Taiko: De Português. Ela era uma ótima professora, até a gente começou a estudar o Auto da Barca do Inferno. Até hoje eu lembro desse livro e pretendo lê-lo novamente.

P.: Do Gil Vicente.

Taiko: Isso.

P.: Por que você lembra dele, o que te marcou nesse livro?

Taiko: Não sei, eu não lembro o que me marcou, mas o que ele fez eu não lembro, mas marcou a minha vida. Ela era uma ótima professora.

P.: O que ela fazia que era diferente?

Taiko: Ela vinha, perguntava as nossas dúvidas. Como eu disse, eu sou muito curiosa. Mesmo as perguntas que eu acho que são desnecessárias, mas tenho aquilo comigo, eu solto. Acho que, por mais que as pessoas achem que sejam fúteis a sua pergunta, você tem que dizer, porque a sua pergunta pode não ter valor para outras pessoas, mas para outras pode ter valor, pode ter algum fundamento, entendeu? Aí eu falava, ela vinha, me explicava, me dizia tudo. Ela era super legal, tanto que ela era humilhada por alguns alunos. Então, eu tinha aquele amor por ela, entendeu, porque eu achava injusto o modo como meus colegas tratavam a professora, porque ela se interessava, preparava a aula, a matéria, com um interesse especial para nos ajudar. E os alunos não queriam, mas eu reconhecia o esforço dela.

P.: Teve mais algum professor que te levantou?

Taiko: No ano passado, teve a professora SÉrgia, no Matias. Ela dava aula de Português também. A matéria que eu mais gosto é de Português. Então, ela fez seminário. Meu seminário foi do Dom Casmurro, Machado de Assis. Teve vários seminários, então ela fazia assim a gente ler porque ler é bom. Ela mostrava que ler era bom, e ela explicava as fases literárias bem explicadinho, tinha auto-avaliação. O modo como ela trabalhava com os alunos era bem eficiente. Não tinha gente que ficava com nota vermelha na aula, não.

P.: Por que ela era excelente...

Taiko: Apesar de ser exigente. Ela é super nervosa, ela gosta de tudo certinho. Então isso daí facilitava as coisas pra mim, porque eu também gosto das coisas certas...

P.: Entendi, e teve mais algum outro professor assim?

Taiko: Que eu me lembre, não.

P.: Antes da oitava, mais algum?

Taiko: Não, só lembro de uma bibliotecária.

P.: É? Me conta.

Taiko: A Edivan, da escola Salgado, não sei se você conhece. Ela era uma ótima bibliotecária, ela me emprestava os livros, apesar que o limite era um livro, ela me emprestava mais de um livro, porque sabia que eu entregava.

P.: Foi com ela que você teve que ser persistente?

Taiko: Não, foi em outra escola.

P.: – Nessa escola, podia pegar livro emprestado então, sem problema?

Taiko: No Salgado, sim, mas com um pouco de restrição. Não era toda hora que emprestava, porque não são todos que gostam de ler. Acham que é uma coisa banal. Mas, depois que a coisa vai evoluindo na idade, ele vai vendo que aquilo que ele fazia era uma coisa que não é de pensamento bom, sabe?

Depois, quando ele vai, termina o Ensino Médio, ele vai fazer uma faculdade e você vai precisar ler, você vai ter que aprender a se virar. Se você não correr atrás de informação, você não vai saber de nada.

P.: Quem te falou isso?

Taiko: Acho que foi as pessoas que eu convivo também, não só em casa, na Igreja. Eu procuro amizades que me evoluam, entendeu, e as pessoas que eu vejo que têm um pensamento pequenininho, aí eu vou lá e dou uns conselhos, sabe, e consigo influenciar aquela pessoa...

P.: Que conselhos você dá?

Taiko: Eu aconselho que ler é bom, que sem ler você não consegue alcançar o sucesso, você tem que descobrir coisas novas, ler livros, por mais enfadonho que seja, mas depois você pega o prazer de ler.

P.: Qual é o prazer? Quando você acha que a pessoa pára de achar enfadonho e começa a achar prazeroso ler?

Taiko: Quando ele começa a ler uma coisa que ela gosta. Primeiro, se ele não quiser começar por Machado de Assis, que é um livro mais assim, a forma que ele é escrito é mais pesadinha, as palavras, então ele tem que pegar um livro assim mais leve, indo por etapas. Aí ele vai conseguir, tipo menino, ele gosta mais de esporte, então, isso não impede ele de ler. Ele pode pegar o jornal e começar a ler a sessão de esportes, entendeu?

P.: E assim, eu lembro que, quando eu era criança, adolescente, quando vinha o livro didático, como de Língua Portuguesa, eu lia aqueles trechos, ou de poema, ou de conto, eu pegava do capítulo 1 até o 12 e lia tudo assim. Os meus amigos me achavam maluca, eles não acreditavam que eu tinha feito aquilo, lido todos os textos de Literatura. Você fazia isso também? Você acha que o livro didático de Língua Portuguesa, trazendo aqueles pedaços, aqueles trechos, te incentivou a ler também?

Taiko: Incentiva bastante, porque se tem um trecho de um livro, aí você fica curiosa para saber o resto da história, ou se é um trecho que foi pego pela metade do livro, você quer saber o começo, entendeu? É muito bom isso que eles estão fazendo agora, com os livros, colocando trechinhos, os livros recomendados pelos editores, muito bom.

Como você disse que você era chamada de maluca, eu também sou chamada de maluca porque eu gosto de ler. Quando eu começo a ler, minha mãe fala “Talita, sai do livro, Talita, meu Deus, eu não agüento”. Meu Deus, quando eu começo a ler, eu fico fissurada pelo livro, eu só saio dali quando eu termino de ler o livro. Tem livro que é tão empolgante que me prende do começo ao fim. Aí minha mãe parece que se sente incomodada porque eu começo a ler e esqueço da vida. Parece que o mundo não existe, só existe eu e o livro. Na escola, antigamente, eu lia 10 livros por semana, e eu falava para o professor, para a professora e ninguém acreditava, mas tinha a bibliotecária para confirmar, entendeu? Quando eu devolvia os livros, eu contava a história para ela, entendeu?

P.: Ela te perguntava?

Taiko: Não, não, eu mesma falava para ela saber que eu não estava mentindo.

P.: E aí, quando você contava, o que ela falava?

Taiko: Ela falava “nossa, você gosta de ler mesmo, né?” Mas eu não sei o pensamento dela, mas acho que ela me achava maluca também. A maioria das pessoas me acha maluca porque eu gosto de ler.

P.: Você alguma vez teve algum amigo que também gostava muito de ler, ou amiga?

Taiko: Não, agora, não sei esse ano e no ano passado. Agora, antigamente, nos anos que eu estudei, no comecinho, eu que influenciei esses meus amigos que me chamaram de doida, eu influenciei eles. E, no ano passado, eu encontrei três alunos que gostavam de ler, mas não da maneira que eu gosto. Um deles fala super cultamente, ele sabe se expressar de uma maneira muito bonita, que até as pessoas chamam ele de maluco também. Mas eu respeito ele, eu entendo o lado dele, que tem pessoas que não valorizam isso, mas a gente chega a um certo tempo da nossa vida que a gente encontra pessoas que valorizam aquilo que a gente faz. E eu valorizo aquilo que meus colegas faz. Tipo teve uma até que escreveu uma redação, que ela recebeu um kit de livros, foi um jornal, eu ia trazer esse jornal, mas não deu para eu trazer. Não foi publicada a redação dela, mas ela ganhou os livros.

P.: E essa amiga é de que série?

Taiko: É da mesma série que a minha.

P.: Em que ano foi isso, ano passado?

Taiko: É, que ela entregou a carta, e esse ano foi publicado.

P.: Que legal.

Taiko: Ela quer ser escritora.

P.: É mesmo? E ela é sua melhor amiga?

Taiko: Não, mas a gente conversa. Melhor amiga assim eu não tenho, só minha mãe, meu pai, só minha família mesmo. Mas eu converso com todo mundo, tenho amizade com todo mundo.

P.: Entendi. Você falou que tem amizade com pessoas que te ajudam a evoluir. O que é uma pessoa que te ajuda a evoluir?

Taiko: Acho que são pessoas que têm alto conhecimento, sabe? Porque eu não posso ficar só centralizada no que eu sou, eu tenho que buscar. Se eu não buscar, como é que eu vou crescer? Tenho que buscar pessoas que já estão formadas, pessoas que estão numa faculdade, pessoas que me ajudem e que eu venha a ajudar, porque é um aprendendo com o outro. Mas também não esquecendo das outras pessoas, sem desvalorizar as outras, também tem que valorizar todos. Mas eu procuro também buscar, se não buscar já era...

P.: E onde você encontra essas pessoas?

Taiko: Ah, eu encontro nas palestras, quando eu procuro assim eu vou nas palestras.

P.: Que palestras?

Taiko: Com, não sei e você já escutou, o William Douglas, ele é muito bom.

P.: Ele é da Deus é Amor?

Taiko: Não. Ele é juiz. Nossa, ele cursou [sic] pra muito coisa, e sempre pegava os primeiros lugares. Ele até fez um livro, *Como passar em provas e em vestibular*, e ele está em parceria com a Educafro. Tipo, eu já fiz o curso de Economia com o economista Sugahari [incompreensível]. Então, quando eu fiz esse curso, tinha muita gente que tinha um pensamento igual ao meu, e tinha pessoas também que pensavam maior do que eu. Então, isso ajuda, ajuda bastante.

P.: E como você fica sabendo das palestras e dos cursos, onde você fica sabendo?

Taiko: Meu pai traz os folhetos da rua, porque meu pai trabalha na cidade, então na cidade é mais fácil, entendeu? Às vezes, quando eu tenho acesso à Internet, que é raramente, porque eu não tenho dinheiro para ir na *lan house*. Aí eu fico sabendo somente por meu pai, e quando eu posso eu vou na sala de informática da minha escola.

P.: Ah, entendi. Você falou de algumas pessoas que te ajudaram, tal, te influenciaram para gostar de ler. O pessoal daqui da comunidade fez isso também ou nem tanto, nessas bibliotecas que você frequenta, você conversa com essas pessoas sobre o que você lê, pede recomendação de livro, como é que é? Tem amizade com as pessoas? Vocês trocam idéias sobre livros? Me fala um pouco disso.

Taiko: É muito raro eu trocar idéias sobre livros com eles, sabe. Mas, quando era na época da Fernandinha, quando a Fernandinha estava, eu tinha mais essa liberdade de conversar com ela, [risos] não sei se é porque mulher com mulher, a gente tem mais liberdade. Aí ela deixava eu à vontade, eu ia, procurava os livros, aí eu lia o trechinho que resumia a história do livro, lia e, se eu gostasse, eu levava para casa.

P.: O que você mais gosta de ler hoje?

Taiko: Hoje, agora no momento, se fosse para eu ler um livro, eu gostaria de ler um livro de suspense, de mistério, tipo de horror, sabe, como é o nome daquele, *O Exorcista*. Gostei muito deste livro, eu gosto de tudo um pouco.

P.: – Você se lembra na sua família, de tios, primos, alguém que também gosta de ler? Que tenha falado “lê, Taiko, vai ser legal pra você”?

Taiko: Não. Eu que falo pra eles. Infelizmente, os meus parentes não gostam de ler.

P.: Você já foi a alguma livraria, alguma vez?

Taiko: Já.

P.: – Como foi?

Taiko: – Olha, muito bom, só que, quando eu vou, eu vou com a minha irmã ou com a minha mãe. Antigamente, porque agora eu não estou mais namorando, eu ia com o meu namorado. Eu fui com meu namorado no Morumbi Shopping, entrei naquela livraria, foi tudo de bom...

P.: Na Fnac ou na Saraiva?

Taiko: Acho que foi na Saraiva, foi tudo de bom. Nossa, aquele cheiro de livro, sabe, só que ninguém tem paciência comigo. Quando eu começo a ler, eu começo a folhear os livros, me interessar por aqueles livros, gosto de olhar tudo, mas ninguém tem paciência de ficar só olhando aquelas brochuras, aí eles perdem a paciência... [risos]

P.: E eles querem ir embora...

Taiko: – Isso. Eles falam “Ah, você fica olhando isso daí, pelo amor de Deus, a gente veio para passear, não para vir na livraria”.

P.: A maioria dos livros que você lê então você pega nas bibliotecas. Você se lembra de alguém alguma vez ter te dado um livro de presente? Você falou que às vezes ganhava livros usados lá em Salvador, e aqui em São Paulo?

Taiko: Aqui, só usados também.

P.: Você chegou a ganhar livros novos, ou a comprar em livrarias?

Taiko: Não.

P.: Você falou que seu pai voltou a estudar, mas ele não gosta de ler igual a você, você gosta mais que ele?

Taiko: – É, talvez porque eu sou mais nova, não tem os problemas da vida. Meu pai trabalha, tem que cuidar da casa, tem que cuidar da gente, correr atrás de serviço, estudar, e mistura tudo assim. Então, não sobra muito tempo para ele ler, e como eu não estou trabalhando, só estou estudando, então eu tenho que aproveitar e ocupar meu tempo em leitura.

P.: É verdade... Você falou que o seu pai lia a Bíblia, né? Quando ele lia a Bíblia, você entendia o que ele estava lendo, você achava legal, não achava, ele lia só para ele, ele lia em voz alta, como é que era?

Taiko: Ele lia em silêncio e às vezes ele lia em voz alta, lia um versículo para a gente e eu entendia. Até hoje, eu entendo. Tem pessoas que não têm facilidade para entender o que está escrito na Bíblia, tipo uma palavra, você abre a palavra, abre a Bíblia no meio e pede para Deus falar com você. Aí, naquilo que cair, é o que Deus quer falar com você. Aí você tem que saber interpretar a história, tudo, mas tem gente que não sabe interpretar, é mais sabedoria de Deus, com a Bíblia, é mais sabedoria, não vem assim dos homens. Com a Bíblia, é diferente dos livros normais.

P.: Como assim?

Taiko: É mais espiritual, entendeu? É mais fascinante ainda porque ela conta a vida dos homens.

P.: O que tem de fascinante nessa vida dos homens?

Taiko: Tem tudo, porque ela conta o começo, o meio e o fim, ela conta o que vai acontecer, o que já aconteceu e o que está acontecendo no momento. A palavra é a boca de Deus, entendeu?

P.: Entendi. O seu pai sempre leu a Bíblia. Quando ele lia um versículo, ele pedia pra você explicar pra ele o que você tinha entendido ou ele te explicava? Como você aprendeu a interpretar os versículos?

Taiko: Acho que foi vendo as próprias pessoas das igrejas, meu pai e minha mãe explicando. Aí eu fui pegando a técnica e fui colocando em prática.

P.: – E você ia pra igreja uma vez por semana, duas, três...?

Taiko: Todos os dias.

P.: Tinha cultos então todos os dias?

Taiko: Até hoje, tem cultos todos os dias.

P.: Os cultos são à noite?

Taiko: À noite, segunda, quartas e sextas consagrações, que é das oito às dez da manhã e no sábado também tem consagração.

P.: E na consagração lê trechos da Bíblia e interpreta?

Taiko: – Lê e interpreta. Aí há louvores, cânticos ao espírito santo.

P.: Quando você era pequenininha, você já ficava dentro do culto na igreja ou você ficava na escola dominical? Nas igrejas, às vezes têm as escolinhas, para as crianças não atrapalharem o culto. Como era?

Taiko: Na minha igreja, tinha escola dominical. Aí, eu participava. E, quando não tinha, eu sentava e prestava atenção ao culto e entendia o que o pastor queria dizer. Tem crianças que pensam um pouco igual gente grande, tem problemas, mesmo que ela não fale, mas ela tem os probleminhas dela e, quando a pessoa falando lá do púlpito, ela recebe aquilo que ele está falando e entrega ali mesmo seus problemas a Deus, e Deus resolve, que era o que eu fazia quando eu era criança.

P.: Desde que você nasceu, seus pais já tinham esse hábito de ir à Igreja?

Taiko: Sim, e de ler a Bíblia.

P.: A sua mãe também lia?

Taiko: Os dois, toda a família.

P.: Você falou que ele lê de manhã, de noite, ele lia nas refeições também, como é que era? Tinha alguma tradição de ler assim, no horário das refeições?

Taiko: Não, mas era antes de comer, porque é sagrado, né?

P.: Em algumas igrejas evangélicas, as pessoas não têm televisão porque acham que não é uma coisa legal. Na sua, é assim?

Taiko: É, só que eu furo as regras, entendeu? Eu sei que a igreja não vai me dar tudo que eu vou querer. Você tem que saber dividir as coisas. A minha igreja proíbe, mas por quê? Porque tem gente que não sabe dividir as coisas, porque tudo tem seu tempo, tem gente que deixa de adorar a Deus e ir para a igreja para ficar vendo novela. Então, acho que foi por isso que eles proibiram. Mas eu não assisto novela. Eu assisto jornal, um desenho quando está passando, um filme que eu sei que vai precisar na escola, eu assisto.

P.: Por causa da igreja, você lê a Bíblia. Mas você acha que a Igreja te incentiva a ser boa aluna, a progredir, a querer ler, hoje em dia também?

Taiko: – Hoje em dia não, são poucas denominações que incentivam os jovens a crescer na vida, a pensar alto.

P.: E a sua igreja te faz pensar alto?

Taiko: Não. Tem pouco espaço para os jovens.

P.: Você disse que a maioria das pessoas não gosta de ler, a tendência é das pessoas não gostarem de ler, você disse que a escola não incentiva muito a gostar de ler, que você teve dificuldade para pegar os livros, você disse que algumas pessoas te achavam maluca, então não tem tantos amigos que lêem tanto quanto você, então, por que você é diferente Taiko? Por que você é uma leitora com tanta sede de ler, que gosta tanto de ler? O que aconteceu na sua vida que te fez diferente?

Taiko: Eu sempre faço essa mesma pergunta pra mim, mas eu não sei responder, eu não sei o que me fez ser diferente, não sei.

P.: De onde vem seu interesse por ler?

Taiko: Acho que foi depois que eu comecei a estudar.

P.: Como assim?

Taiko: Não sei, a vida vai nos ensinando, né? Eu comecei a estudar, então eu acho que foi despertando a minha mente, minha mente acho que sempre foi mais aberta do que algumas adolescentes da minha idade. Sempre eu pensei com mente assim um pouco de adulta, mais amadurecida, acho que foi isso.

P.: – Você lembra de alguns livros que você leu que te marcaram bastante? Eu sei que você lê bastante e que é difícil citar nomes, mas você lembrou do Marcelo da Ruth Rocha, do livro do Gil Vicente, da Barca... Você lembra de mais algum?

Taiko: *O exorcista, Dom Casmurro, Senhora*, de José de Alencar, deixa eu ver quem mais, *O Cortiço, Vidas Secas*. Ai, tem bastante, leio bastante de romances também, infanto-juvenil, Monteiro Lobato, Marcos Rey, Stela Carr, são muitos livros que eu leio.

P.: Muitas pessoas falam que é muito difícil ler Machado de Assis, ler os autores que você já leu, José de Alencar e assim por diante. E, quando eu falei com você ao telefone, você disse que não achava difícil. Me conta um pouco disso. Como é que você falou, “não, agora, eu vou ler um desses livros, da Literatura Brasileira”? Foi por que a escola incentivou, a professora falou...

Taiko: De tanto eu ver as pessoas falando “Ah, eu li esse livro”. Então, como eu gostava de ler, eu me sinto obrigada. Se fulano leu, eu gosto de ler, então eu tenho que ler esse também. Eu não posso deixar de não ler esse livro. E ainda é bastante fundamental se eu for prestar uma questão de vestibular, pode cair uma questão sobre aquele livro, então eu tenho que estar bem preparada.

P.: Você pensa em prestar vestibular pra que carreira?

Taiko: Essa é a pergunta que mais fazem pra mim, porque eu já pensei em ser advogada, já pensei em ser juiz, médica, já pensei em ser enfermeira, já pensei em ser cirurgiã, já pensei em várias profissões, psicóloga, mas nenhuma bate assim, já pensei em servir a aeronáutica, já pensei em várias coisas, mas eu ainda não determinei aquilo que eu quero fazer. É muito difícil você escolher uma carreira, é muito difícil, às vezes a gente fala que é fácil, quando a gente é criança, a gente quer ser uma coisa, mas tipo assim, a gente vai crescendo, vai vendo o desenvolvimento do mundo, as necessidades, a gente não pode querer só uma profissão porque você gosta, você também tem que ver a sua renda, o que vai vir para você. Então, por isso eu fico mais preocupada, eu fico em dúvida sobre “o que eu quero?”, e eu penso também numa carreira que ajude as outras pessoas, entendeu?

P.: E quando você era criança você pensava em qual carreira?

Taiko: Na área de Medicina mesmo.

P.: Outra coisa que eu queria te perguntar: você falou “eu resolvi ler tal livro porque as outras pessoas já tinham lido, e se as outras pessoas leram eu também quero ler”. Minha pergunta é: quem eram essas outras pessoas que já tinham lido esses livros?

Taiko: – Ah, os escritores, quando eu leio nas revistas vejo, eles falam, os professores, quando a gente vai fazer um cursinho, eles sempre dão no final umas revistinhas anunciando o próximo vestibular, e diz o que vai cair, os livros, tipo da FUVEST eles dão umas revistinhas que dizem quais livros que vão cair e as questões. Então, eu olho e vejo, eu preciso ler isso daqui porque eu vou precisar, porque isso como marcou até agora esses anos todos, vai marcar mais pra frente. Então, quando chegar o momento de eu fazer uma prova, eu vou precisar desse livro, dessa leitura, entendeu?

P.: Entendi. O seu pai, você falou que ele trabalha numa indústria, não?

Taiko: Ele trabalha de conta própria, ele é autônomo, mas ele faz produtos de limpeza. Ele é dedetizador, ele faz textura, faz de tudo um pouco, entendeu?

P.: – Ele é autônomo, ele é o próprio patrão dele mesmo... De onde você acha que vem essa vontade dele de estudar, de fazer faculdade?

Taiko: – Olha, eu não sei, eu gostaria de procurar minha genealogia, para entender o meu gosto pelas coisas que a minha família, os meus parentes não gostam tanto. A minha irmã mesmo, eu estou influenciando ela a estudar... ela é mais nova, eu explico pra ela que a situação está difícil, que ela precisa ler, eu mostro o que acontece com outras pessoas que não estudam, que não terminam os estudos, que não lêem, como a mente da pessoa fica fechada, entendeu? E quando você lê, não, você passa a compreender um pouco mais a vida.

P.: – Entendi. E o seu pai, por que você acha que ele quer fazer faculdade?

Taiko: – Porque ele quer mudar de vida. Teve uma certa fase que minha mãe falava “Miguel, vai estudar”, e ele não queria. Ele achava que tinha somente que trabalhar, mas aí o que acontece, depois que ele veio para São Paulo, entrou na Educafro e abriu a mente dele.

P.: – Ele entrou na Educafro?

Taiko: – Entrou.

P.: – Eu achava que a Educafro só tinha cursinho pré-vestibular, a Educafro tem outras coisas? Me conta.

Taiko: – Tem, eu não sei muito sobre a Educafro, mas eu sei que eles lutam em favor dos negros, dos afro-descendentes, eles fazem de tudo um pouco para beneficiar o povo negro, descendentes de indígenas. Eles são muito bons.

P.: – Quando o seu pai entrou na Educafro?

Taiko: – Eu não lembro, só com ele mesmo.

P.: – Você falou que ele entrou na Educafro e abriu a mente dele. Ele foi para a Educafro para estudar, ele também é um voluntário da Educafro, ele trabalha lá?

Taiko: Ele não é voluntário por falta de tempo dele, é muito corrido, mas acho que, se meu pai estivesse trabalhando fixo assim, ele seria voluntário sim. Porque é muito bom trabalhar na Educafro, é bom você ajudar as pessoas, assim como eles estão nos ajudando a gente também tem por obrigação, mas não só por obrigação, tem que ter o prazer de ajudar as pessoas, porque é necessário para termos um mundo melhor.

P.: – E a Educafro fica aonde?

Taiko: Na Rua Riachuelo, lá no Centro, e tem uma aqui perto da minha casa...

P.: Aqui perto da sua casa é tipo uma filial da Educafro aqui perto.

Taiko: É. Tem um pequeno espaço em cada lugar, para as pessoas que não podem ir lá tão longe, saem cedo ou chegam do trabalho muito tarde, aí tem uns determinados horários, aí a pessoa vai e faz o cursinho.

P.: Muita gente já me falou da importância da Educafro. Ela é tipo uma ONG?

Taiko: – Olha, eu não sei te responder, eu tenho que buscar mais informações sobre a Educafro para estar te passando, para eu não passar uma informação errada, que eu não saiba.

P.: – Você não sabe exatamente quando seu pai entrou na Educafro, mas assim, você lembra mais ou menos quantos anos você tinha?

Taiko: Não.

P.: Mas faz tempo?

Taiko: Faz tempo.

P.: E você falou que abriu a mente dele...

Taiko: Abriu, não só na Educafro, mas terminar os estudos, principalmente, entendeu? Ele viu que, para poder ter um emprego melhor, precisa dos estudos. Então, a partir do momento que ele foi vendo isso, ele foi aprendendo, a vida mesmo ensina que, para você vencer essas dificuldades, precisa ter estudo. Por isso que eu acho que abriu a mente dele, ele teve uma nova visão sobre a vida.

P.: Lá em Salvador, você morava em Salvador mesmo ou em uma cidade pertinho de Salvador?

Taiko: Em Salvador. E ra uns vinte minutos próximo ao aeroporto.

P.: Você falou que você tinha bolsa na escola adventista. Foi idéia do seu pai, da sua mãe pedir bolsa, como foi assim?

Taiko: Eu não sei, eu nem lembro mais, só sei que era bolsa.

P.: E você sempre foi uma ótima aluna.

Taiko: Sempre.

P.: E assim, se você tivesse... Você falou que está incentivando a sua irmã a estudar e a ler, o que você fala para ela ler? O que você recomenda?

Taiko: Tudo que eu leio eu dou para ela ler. Simples, ela vê eu lendo, ela fala “A Taiko está lendo, então eu vou ler”. Aí eu deixo lá de propósito, ela vai lá e pega. Depois, quando eu vou ver, ela está lendo.

P.: Parabéns, legal. Agora eu vou te fazer uma pergunta que é assim: tem família, escola, biblioteca, igreja, amigos ou acesso a livros, revistas, gibi. Na escola, você pode pensar nos professores, no livro didático de Língua Portuguesa. Na biblioteca, você pode pensar na biblioteca da escola, tem a biblioteca comunitária e tem a biblioteca pública. Alguma vez você foi numa pública já?

Taiko: Já.

P.: Onde você foi?

Taiko: Na ENAD e lá em Barueri também.

P.: Barueri? Você já foi lá para Barueri então, mas você nunca morou lá?

Taiko: Não.

P.: Como foi quando você foi nessa biblioteca pública, como foi o atendimento? Você se sentiu acolhida?

Taiko: Foi ótimo, hã hã.

P.: Você foi fazer o que lá?

Taiko: Só fui olhar os livros.

P.: Você pegou emprestado?

Taiko: Não, porque eu só fui de passagem.

P.: Me conta uma coisa, quando você veio aqui para a Cidade Tiradentes, você ficou sabendo logo que tinha as bibliotecas aqui, as bibliotecas comunitárias ou você ficou sabendo um pouco depois, como foi?

Taiko: Eu fui descobrindo aos poucos, entendeu? No começo, eu só ficava com a biblioteca da escola e os livros que eu havia ganhado em Salvador e eu tinha trazido para cá.

P.: Que você havia ganhado dos amigos da sua mãe?

Taiko: É.

P.: Mas a sua mãe não trabalhava, assim, numa escola, nada disso?

Taiko: Não.

P.: As pessoas que tinham dado, você não sabe se eram da igreja...

Taiko: Não, não lembro, porque faz muito tempo.

P.: E esses livros que a sua mãe havia ganhado, um deles era esse da Ruth Rocha?

Taiko: Não, esse da Ruth Rocha foi direcionado pela professora...

P.: É verdade, estou lembrando agora que você falou mesmo E esses livros que você ganhou, que a sua mãe ganhou dos amigos falavam de quê? Tinha um de Medicina, que você falou, e eram livros de que tipo, livros didáticos?

Taiko: – Eram didáticos, de tudo tinha um pouquinho. Às vezes eles não tinham mais lugar para colocar os livros aí doavam para a gente, aí servia pra mim mais para recorte de escola, entendeu, porque eu era pequena. Aí eu me apeguei a esses livros e trouxe para São Paulo. MNas teve uns que eu joguei já porque estavam muito velhos, de tantos recortes, mas tem uns que ainda permanecem.

P.: – Quais que você guardou?

Taiko: – Os de Ciências, mesmo roidinho pelas baratinhas e pelos... mas ainda está lá, que eu guardei de lembrança, de recordação, e aquelas folhas de dentista que eu falei pra você, que eu havia arrancado pra brincar, mas eu trouxe. Eu lia, mas eu não entendia o que estava escrito ali, então eu deixei para quando eu crescesse mais e compreendesse aquela linguagem, linguagem de médicos, quando eu compreendesse e eu lesse. Agora, já está no tempo de eu ler.

P.: O que você acha que mais te influenciou a se tornar uma leitora: foi a sua família, foi a escola, foi algum professor da escola, os livros didáticos da escola, foi a biblioteca da escola –

deixa eu colocar aqui – biblioteca comunitária, biblioteca pública, foi a igreja, foram os seus amigos ou foi o acesso, quer dizer, tinha ali livros, tinha gibi, tinha revista, tava dando sopa... O que você colocaria em primeiro lugar como a coisa mais importante para você ter se tornado leitora e a coisa menos importante, que você colocaria em último lugar?

Taiko: Logicamente a minha família e em último lugar os amigos.

P.: O que você colocaria em segundo lugar?

Taiko: O acesso a livros.

P.: E em terceiro lugar?

Taiko: Em terceiro, a escola.

P.: E?

Taiko: Biblioteca e a igreja.

P.: Eu tinha entendido ao contrário [risos]. Você se lembra de ter lido gibi, revista?

Taiko: Eu também amo gibi, amo gibi, principalmente os mais antigos, Pato Donald, Pateta, Tio Patinhas, Mônica, Cebolinha, Magali, Mickey, Minnie, Margarida... Eu gosto desses.

P.: E você lia gibi quando você era criancinha?

Taiko: Lia.

P.: E onde você pegava os gibis, você ganhava usado, como era – gibi é super caro, hoje um gibizinho bobo custa três reais – eu acho caro.

Taiko: Eu ia na casa da minha tia...

P.: – Que tia era essa?

Taiko: A minha tia, a mais velha de todas, irmã da minha mãe. E ela tinha dois filhos, tem dois filhos, e eles gostavam muito de ler gibis, apesar de não gostar de leituras normais, de livros e revistas, só gostavam de gibi, só para se distrair mesmo e deixavam lá no canto, liam uma vez e depois jogavam fora. Então, quando eu ia lá, eu mexia nas coisas dos meus primos e encontrava os gibis, e como eu estava aprendendo a ler, eu peguei interesse pelos gibis. Até hoje eu gosto de gibis.

P.: E você pedia pra sua tia para levar embora ou você lia lá mesmo?

Taiko: Eu lia lá e, quando os meninos não queriam mais, eles me entregavam, aí eu levava pra casa.

P.: E quantos anos eles eram mais velhos que você?

Taiko: Agora eu estou com 17 e eles estão com 22, dá para ter mais ou menos uma idéia.

P.: E revista também tinha na casa dessa sua tia?

Taiko: Não.

P.: Era mais gibi. Lá na Educafro, também tem coisas para ler, para pegar emprestado?

Taiko: Que eu saiba, não.

P.: Então, acho que é isso por enquanto. Se eu me lembrar de mais alguma coisa, eu vou te perguntar. Tem algum livro – deixa eu encerrar aqui – que você esteja querendo. [comentários técnicos]

P.: Lembrei de uma pergunta. Por que é mais legal ler do que ver televisão, por exemplo?

Taiko: Boa pergunta, por que é mais importante ler do que assistir televisão?

P.: Não, por que é mais *legal*, prazeroso.

Taiko: Pra mim, é mais prazeroso porque, com o livro, com a leitura, você exercita a imaginação e com a televisão não, tá ali já tudo pronto. Você nem presta atenção direito no que está passando, você não memoriza tanto quanto com o livro.

P.: Como você escolhe o que você vai ler? Você chega aqui na biblioteca, tem milhares de livros – milhares não tem – como é que você escolhe?

Taiko: Ah, eu vou fuçando, vou procurando, vou vendo os que estão mais escondidos, ou então os que estão mais na frente, olho a capa, eu gosto de ver num livro a capa, a capa chamando a atenção, também facilita bastante, aí se seu gostar eu levo.

P.: Já teve algum livro que você parou no meio, que você não gostou?

Taiko: Já, Palhaços sagrados, de Johny Riverman [risos]

P.: Por que você não gostou?

Taiko: Ah, eu não gostei do jeito que ele terminava a história, eu li só final, li um pouco o começo e algumas folhas da metade, aí eu não gostei, não me prendeu muito não.

P.: – Ah, entendi. Então tá bom, se eu lembrar de mais alguma coisa eu falo...

[Aqui, a entrevista foi encerrada. Como Taiko retomou o assunto, os aparelhos de gravação foram novamente ligados. Taiko fez críticas a alguns professores, que não acreditam na capacidade dos alunos e que julgam que somente eles são capazes]

Taiko: ...capacidade [do aluno], de ser capaz, somente ela [a professora] é capaz [risos].

P.: Você acha que ela não quer ver você crescer.

Taiko: Não somente eu, mas outras pessoas, tem raiva, não tem aquela palavra de encorajamento, sabe, “você vai conseguir, você vai vencer”, entendeu, você vai ser beneficiada, se você se esforçar, você vai ser alguém na vida. E essa professora não, a minha filha, não sei o quê, estudava em escola pública, e ela sempre aumentando em relação à filha dela, como se a filha dela fosse a melhor. A gente fazia os trabalhos, a gente ganhava notas não merecidas, a gente se esforçava para dar o melhor para ela, porque ela era exigente, mas nada para ela tava bom.

P.: Aí ela falava que vocês nunca iam para a faculdade.

Taiko: Não, usava palavra de derrota, entendeu? Mas eu sempre pensava o contrário. Eu falava assim “Quem é ela pra dizer tal coisa? Cabe a Deus julgar, e não ela que é Homem, ela não é nada, nós não somos nada para julgar nosso próximo, eu vou conseguir se eu quiser. Se eu correr, atrás lógico que eu vou conseguir. Agora, se eu ficar parada eu não vou conseguir nada sem me esforçar.” Você está aqui por quê? Porque você se esforçou, você correu atrás dos seus objetivos, então a palavra dela não valeu de nada pra mim. Mas eu sinto que a palavra dela fez efeito de ruim para alguém, porque muitos dos meus colegas começaram a se envolver em drogas. Já não gostavam de estudar, e, em vez dela encorajar, derrubou de vez os meus colegas. Uns agora estão com filho, pararam o estudo, outros morreram...

P.: Morreram de envolvimento em briga...?

Taiko: É. No tráfico.

P.: Mas eles morreram assim em briga com a polícia?

Taiko: Aí eu não sei, só sei que morreram, muitos morreram. Mas, se tivesse professores que tivessem dispostos para ajudar os alunos, cativasse os alunos, mas não tem, e nem tem alunos interessados mais, como antes, em estudar. Então, isso tudo... como é que eu posso dizer, tudo contribui. Aí tem aquela barreira, professor não quer ajudar aluno e nem aluno se interessa que o professor dê a aula.

P.: Mas você teve algumas exceções, que foi a Sérgia, a Celina, quem mais?

Taiko: Elas duas, a bibliotecária, mas teve professores que eu não lembro o nome deles, mas teve bastante pessoas que me ajudaram.

P.: Foram legais. Mas essa de História te marcou negativamente.

Taiko: É, nem lembro mais o nome dela, mas a fisionomia dela eu lembro.

P.: Em que ano você estava?

Taiko: Tava no primeiro ano.

P.: – Aí ela te pegou pela rebelde, você falou “agora que eu vou fazer mesmo...”.

Taiko: [risos] Eu não respondia, que eu não sou de responder.

P.: Mas você pensava, agora que eu vou provar para ela que eu consigo...

Taiko: Tanto que ela ficou com um trabalho meu e não devolveu, e quando professor fica com trabalho é porque é bom, né? Senão, devolveria. Então, ela gostou tanto que não me devolveu.

Eu corri atrás, mas não consegui ter de volta.

P.: O que você acha da forma como se ensina Literatura no Ensino Médio? Você acha que é interessante, faz o aluno querer ler?

Taiko: Eu acho que deveria ter um método, igual ao jornal que estão entregando, você está sabendo?

P.: Não.

Taiko: Eles estão entregando, o José Serra, ele distribuiu nas escolas públicas estaduais o jornal, e esse jornal vai ajudar o aluno por 45 dias. Aí está todo o cronograma, o jornal tem questões que vieram do ENEM também, para facilitar a gente para compreender, e se sair da escola a gente já tem noção. Se eu não me engano, oitava também, segundo e terceiro, aí tem as questões, primeira aula, está tudo dividido, então o professor entra, já tem o que passar, não fica conversando, perdendo tempo com abobrinha não, já vai passando o que está no jornal, resolve aquilo que é a primeira aula, tá escrito primeira aula, então a gente vai e trabalha em cima da primeira aula, aí vem a segunda aula, daquela mesma matéria e a gente e trabalha em cima daquela aula, aí pega aquele horário e não distribui para outras coisas, fúteis, então fica sempre centralizado naquilo. Eu achei legal o que eles fizeram, no primeiro dia de aula, já foi exercício, porque geralmente no primeiro dia de aula é só bagunça, é conversar as novidades, eu gosto disso, eu gosto de coisa pesada mesmo, e eu gostei, eu estou gostando.

P.: Na aula de Língua Portuguesa, o que você lembra de ter estudado o ano passado e no anterior?

Taiko: No ano passado, eu estudei [hesita] Mário de Andrade... Olha, no primeiro ano eu estudei Mário de Andrade, mas tudo repicado, sabe, e estudei um pouco de Literatura, mas eu não lembro que fase que era. No segundo, eu estudei simbolismo, romantismo e estudamos também as características das fases românticas, palavras subordinadas, deixa eu ver... Substantivo, isso só no ano todo. Então, a gente aprendeu bastante porque ficou bastante tempo num assunto e trabalhou mesmo naquele assunto. Mas a do primeiro ano já não trabalhou tanto. Agora nesse ano eu ainda não senti nada, não senti firmeza, até os professores fixos ainda não chegaram, está sendo tudo eventual.

P.: Nesse terceiro ano, em que você está agora...

Taiko: É. Já que está todo mundo, na minha sala não faltou ninguém, tá aí todos os alunos, aí chega um eventual e não vem os professores fixos. É bom quando é o fixo logo, já vai pegando bem pesado mesmo, mas os meus colegas não gostam do meu jeito por causa disso, porque eu gosto de estudar. [risos] São poucos que gostam de estudar na minha sala e na escola e isso é o mais difícil de encontrar na escola pública, né?

P.: Por que você acha que gosta de estudar?

Taiko: Porque acho que eu quero algo melhor pra mim.

P.: E desde pequenininha você pensava assim?

Taiko: É, desde pequena eu gosto de estudar, gosto de aprender.

P.: E quem falou isso pra você: “vai estudar que é bom, vai aprender que é bom”?

Taiko: Ah, não sei. Acho que vai passando os anos e a gente vai aprendendo, aos poucos. Nada é de vez, assim, tudo é aos pouquinhos, aos pouquinhos, porque a escola particular também me ajudou bastante, foi um alicerce pra mim, porque, se eu não tivesse estudado em escola particular pra vir para São Paulo, na quarta série, eu ia ter muita dificuldade.

P.: Por quê?

Taiko: Enquanto eu sabia ler, escrever e fazer as continhas tudo, na quarta série, tinha crianças que estavam aprendendo as coisas da primeira série, aqui em São Paulo, na minha sala, entendeu? Então, eu digo que, se eu fosse passar pelo prezinho, no prezinho de São Paulo, as crianças só vai pra brincar, aí lancha, brinca, brinca, não aprende nada. Se a mãe for uma mãe que tem uma mente aberta, que pense no futuro dos filhos, que queira que o filho cresça, ela vai ensinando o filho, porque é isso que minha mãe fazia. Ela não deixava somente pra escola, ela mesma se interessava pro meu futuro e me ajudava. E hoje é o que acontece

pouco com as mães. Hoje eu peguei uma peruca para ir para a escola, eu vi uma mãe falando assim “ai que saco, minha filha já está me enchendo a paciência, ela chega da escola e fala ‘mãe, que letra é essa que eu estou aprendendo?’, ‘mãe, escreva A, escreva B, mãe’” A menina no prezinho tinha o interesse, mas a mãe não quer. Aí ela xingou lá, deu um palavrão, conversando com a amiga dela, e eu escutando na peruca, e eu falando assim “que mãe de mente fechada, se fosse meu filho, se eu tivesse um filho agora, eu ia fazer de tudo para ele aprender a ler e escrever”.

P.: Escuta, e por que você acha que a sua mãe tinha essa mente mais aberta? Era porque ela trabalhava fora, ou ela não trabalhava, de onde vem essa mente mais aberta da sua mãe? É porque ela tinha amigas na igreja, é por que...

Eu entrevistei muitas pessoas, né, e umas ou a mãe tinha muito pouco estudo, ou não tinha estudo nenhum, e a mãe falava “vai, estuda porque eu não tenho estudo”, outras a mãe não falava nada... Por que você acha que a sua mãe foi tão ativa nos seus estudos, o que fez ela ter tanta iniciativa, de onde veio isso?

Taiko: Nossa, eu não sei de onde vem, acho que minha mãe puxou mais para minha vó, a mãe dela já falecida, a mãe dela era super batalhadora, tinha muitos filhos e fazia tudo, dentro de casa, na roça. Depois que minha avó morreu, minha mãe teve que vir para a cidade, trabalhar em casa de família. Então, acho que foi esse processo que fez ela enxergar a vida, com uma outra visão, entendeu, que ela precisava de estudo, que os patrões dela que estavam ali pagando ela, eles tinham estudo, pra ter um espaço, entendeu? Então, eu acho que ela pensou dessa maneira. Aí depois minha mãe casou e não trabalhou mais em casa de família, aí depois que ela veio pra São Paulo ela trabalhou como recepcionista, sendo que ela não tinha nenhuma experiência na área, e pegaram ela.

P.: Ela foi ser recepcionista de que tipo de empresa?

Taiko: De supermercado.

P.: Ela foi ser recepcionista, e ela tinha tipo até a quarta, mais ou menos?

Taiko: Até a oitava, ela parou na oitava. Ela parou lá em Salvador na quarta, aí veio pra São Paulo, em São Paulo ela fez até a oitava,

P.: No Educafro?

Taiko: Não, na escola pública.

P.: No EJA, na Educação de Jovens e Adultos?

Taiko: Acho que foi suplência, acho que foi eliminação de matérias, foi rapidinho.

P.: Entendi. E ela trabalhou quanto tempo como recepcionista nesse supermercado?

Taiko: Ela está trabalhando há três anos, se eu não me engano...

P.: Ela está trabalhando agora?

Taiko: Ela está na caixa.

P.: Ela está doente?

Taiko: Está afastada, deu um probleminha na coluna dela e ela teve que parar, está na caixa.

P.: Mas me diga, ela trabalhou três anos?

Taiko: Fez três anos com ela na caixa, um ano que ela trabalhou e dois anos na caixa, entendeu?

P.: Entendi. Legal...

Terceira parte

Taiko: – Tem gente que passa necessidade, tem que trabalhar e estudar, outros têm filhos e tem que dividir espaço de tempo pra tudo, enquanto eu tiver oportunidade de estudar eu vou estudar.

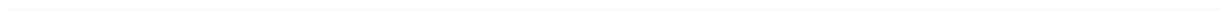
P.: Mas você gostaria de estar trabalhando?

Taiko: Sim.

P.: E o que sua mãe fala pra você?

Taiko: Que não, que enquanto ela puder me sustentar, só estudar.

P.: Então, é nesse sentido que eu falei que você é privilegiada.



ENTREVISTA COM ZAPATA

P: Zapata, me conta como foi quando você entrou na escola. Você gostava da escola ou não gostava? Como é que era? Como foi seu processo de aprender a ler e escrever?

Zapata: Eu nunca gostei de escola. Por outro lado, eu sabia a importância da escola porque tudo da minha mãe era escola. Você já nascia ouvindo isso: “Tem que estudar, tem que estudar”.

P: E de onde ela tinha tirado isso?

Zapata: Aí já é uma boa pergunta que ela não vai poder responder, só na próxima encarnação [em tom jocoso e com risos].

P: Ela é falecida né?

Zapata: Mas eu entrei tarde, com nove anos. Só que eu já sabia ler, escrever, já sabia fazer tudo.

P: Quem tinha te ensinado?

Zapata: Meus irmãos. A gente só não ensina para os de hoje, para o Jefferson, mas tem uma questão de fundo nisso.

P: Vocês são vários irmãos, não é?

Zapata: Somos dez.

P: E você é qual?

Zapata: Sou o Zapata.

P: Você está mais ou menos no meio?

Zapata: Eu sou o quarto.

P: Você é o quarto? Do mais velho para o mais novo, você é o quarto.

Zapata: É. Então é assim: eu entrei, não só eu, mas como... porque é assim, minha família é dividida em bloco, os irmãos era por conta da faixa etária por aproximação. Era o Gil, o Nino e o Fernando juntinhos; eu, o Wilson e o Wilhinho; e os outros também, em bloquinhos. Então, eu, o Wilson e o Wilhinho entramos juntos assim. Quem entrou na idade certa foi o Wilson na escola.

P: Vocês entraram juntos os três e sempre ficavam na mesma sala?

Zapata: Da primeira à terceira, quer dizer, da primeira à quarta série. Só na segunda que o Wilhinho foi para outra. Da primeira à quarta, caímos na quinta, só que aí na quinta, eu mudei de escola porque eu inventei de estudar e segui meu rumo.

P: E você se lembra se era um bom aluno, se você gostava da escola?

Zapata: Modéstia à parte, gostar de escola, como eu falei, eu nunca gostei. Eu estudava obrigado porque eu entendia a importância da escola. Agora gostar, eu acordava cedo e, se eu pudesse, eu não ia mesmo. Mas sempre nós fomos bons alunos. O Wilson no começo teve uma dificuldade porque ele entrou na idade certinha talvez. Agora eu, o Wilhinho, o outro meu irmão que você não conhece, mas depois que ele pegou foi tranqüilo.

P: Sua mãe falava “Você tem que estudar”. Mas, tem que estudar por quê?

Zapata: Mais ou menos do geral do pessoal hoje. Tem que estudar para você ser alguém, para ter uma profissão e tal. Eu estava até comentando com o Fernando esses dias que a minha mãe sempre comentava esse negócio da colação de grau, não era só ensino médio, fundamental. O objetivo dela ...

P: Que todo mundo fosse para a faculdade?

Zapata: Junto.

P: Ela estudou até que ano?

Zapata: Olha, não sei dizer, mas eu acho que nem estudou. Se estudou foi o primeiro, terceiro.

P: E seu pai, morava com vocês?

Zapata: Morou até separar. Ele e a minha mãe separaram.

P: E como era na escola? Você lembra de alguma professora da qual você gostava?

Zapata: Nossa, várias. Inclusive a minha professora da segunda série eu queria encontrar ela hoje, mas ela já não deve estar viva. Na época, eu tinha um ódio dessa mulher, professora Ana era o nome dela, mas ela já era uma senhora. Mas hoje, pensando um pouco o que é um professor, eu queria encontrar ela para agradecer uma porção de coisas.

P: É mesmo?

Zapata: É, porque ela era muito chata, ela pegava muito no nosso pé. Porque a gente era uma família, imagine, um monte de crianças e minha mãe trabalhava. E, como eu falei, como a gente não gostava muito de escola, tinha dia que a gente não ia, minha mãe não sabia e não sabe até hoje. Inclusive na faculdade eu me ferro um pouco por isso, porque a gente sempre defende de se garantir naquilo que você sabe. Então, na segunda série, nada era novidade.

P: Você já tinha visto antes com seus irmãos.

Zapata: Não é que eu tinha visto geral, mas você saber ler e escrever já era suficiente. E assim, não ia muito para a escola. Não é que não ia muito. Na segunda série, eu cheguei a faltar bastante.

P: E mesmo assim você se garantia?

Zapata: Só tinha esse tal de A, que não serve para nada, e essa professora enchia muito nosso saco. E nessa época, era uma época que a escola não tinha livro e o livro era a maior nota, essa professora dava livro para a gente, ela comprava os livros, comprava caderno.

P: Comprava livro didático?

Zapata: A cartilha, né. E plástico, sabe aquele plástico azul?

P: Azul, xadrez?

Zapata: Aquele, sabe, que cobria a carteira. Aquela coisa ridícula. Então, o que eu falo dessa professora é isso: queria encontrar e, como eu acredito em reencarnação, quem sabe eu encontro para agradecer algumas coisas. Ela era boa mesmo, mas era chata, pegava no nosso pé.

P: Ela ficava mandando fazer coisas?

Zapata: Não, ela pegava no pé porque a gente faltava. Não era por questões assim.

P: Ela ia atrás mesmo?

Zapata: Ela era um pouco dura, não é dura, é uma pessoa que eu, o Malik, a Maria faríamos o mesmo para qualquer um de nós sabe, ficar incentivando. Era mais isso.

P: Ah, legal. E assim, você se lembra de mais algum professor que você gostava?

Zapata: Lembro dos bons, porque a maioria não serve para nada, mas eu lembro de um monte. Assim, da quinta série para frente, só foi o de História. Daí para a frente, os professores, eu gostava de quase todos e tinha o professor João. Acho porque eu gostava de História também. Mas teve o de Matemática também, o João, que era outro pé no saco, mas que era um bom professor, o professor de Português. Meus professores, eu lembro da maioria até porque eu tenho uma filha.

P: Você tem uma filha?

Zapata: Tenho. Ela estuda, quer dizer, ela estudou na mesma escola que eu estudei lá em Itaquera, o Fábio. A gente teve quase os mesmos professores, só que ela teve azar, porque ela pegou só os ruins. É o que lembro.

P: Quantos anos tem sua filha?

Zapata: Luana está com catorze.

P: Uau, grandona já.

Zapata: É. Eu era quase da idade dela, grande ela não é.

P: É que eu tenho uma filha de um ano, então perto da minha ela é grandona.

Zapata: Então, eu era adolescente quase da idade dela quando ela veio ao mundo.

P: Você falou que você foi alfabetizado, que já sabia ler e escrever em casa.

Zapata: Fazer continha também.

P: Fazer continha também. Quem te ensinava? Era o Fernando, quem era?

Zapata: Era mais o Fernando. O Fernando sempre foi um cara assim, sempre foi duas moedas. Sempre foi uma moeda, duas moedas não pode, chato mas legal. Eu lembro, mas o processo não sei dizer. Não era aquela coisa assim... Ah, você tem que estudar. Era uma coisa bem natural nossa e também a gente lia muito. Eu não sei de onde vieram os gibis que tinha em casa.

P: Quantos gibis tinha em casa?

Zapata: Eu nunca gostei de gibi. Agora, tinha muito gibi, muita coisa de ler. Meu pai mesmo, apesar que, nesse processo, eu já não estava com meu pai, mas meu pai mesmo lia muito aquelas porcarias daqueles livros que vende em banca. *Bang bang* e tal. Então, acho que esse era o contato. Era uma coisa quase cultural.

P: Então ele comprava toda semana, todo mês?

Zapata: Eu não sei como chegava, isso eu não posso te dizer. Acho que ele não comprava porque a situação não era boa lá em casa para sair comprando assim. Eu tenho até uma foto histórica que eu tenho que trazer para mostrar para o pessoal. Estou eu, o Wilhinho, o Fernando e o pessoal e eu estava com gibi na mão, isso porque eu não gostava. Criança, assim.

P: Por que você não gostava de gibi? Achava bobo?

Zapata: Acho que era mais por causa do personagem. Eu nunca gostei do Homem Aranha, Superman. Eu acho que era mais Mônica que eu era mais chegado. Aí eu já gostava.

P: Você via seu pai lendo algum desses então?

Zapata: Lia algumas, mas ele não era o responsável não, eram mais os irmãos.

P: E tinha livro na sua casa bastante assim dos seus irmãos?

Zapata: Tinha.

P: *De onde vinham esses livros?*

Zapata: Uma boa pergunta. Não sei.

P: Não sabe. Se era doação...

Zapata: Não sei, talvez de alguma biblioteca, eu não sei mesmo. Eu não me atentava para isso.

P: Na verdade, quando você nasceu, eles já estavam lá.

Zapata: É porque assim, o que eu penso hoje? Eu fazia tudo isso, mas, quando eu falo da minha infância, agora que eu faço relação, mas eu só jogava bola, né. Mas teve essas coisas também, mas, quando eu falo da minha infância, eu falo de jogar bola. Então, eu não era muito atento de onde vinha os gibis.

P: E seus irmãos sempre foram bons alunos?

Zapata: Sempre, tirando o mais velho que não sei se ele era bom aluno ou mau aluno, mas ele parou na quinta série porque numa família pobre, o mais velho é que sofre mais. Vai trabalhar e tal.

P: Na sua infância, você já morava na Cidade Tiradentes ou você já morava em Itaquera?

Zapata: Em Itaquera.

P: Até quantos anos você morou em Itaquera?

Zapata: Tenho que fazer as contas. Eu vim para cá no ano de 1995, nós estamos no ano de 2008, vinte anos. É vinte porque eu faço trinta e três anos agora.

P: É vinte anos, legal.

Zapata: Não só em Itaquera, mas Itaquera foi onde eu morei mais tempo.

P: E você falou que você gostava bastante dos professores de História. Teve algum professor de Língua Portuguesa, de literatura, que te incentivou a gostar de ler também? Você lembra?

Zapata: Não.

P: Você não gostava das aulas de português?

Zapata: A gente estudava tudo. Assim, hoje não, mas na época era bom tudo. Tanto é que, se você pegar meus irmãos mais velhos, o Wagner que estudou até a sexta, ele não participa de nada, agora o Fernando mesmo e até o Wellington, que veio depois, eles são bons em tudo. Quer dizer, eles sabem pelo menos o básico, matemática, biologia. Eu sempre estudei tudo e até que era muito fácil porque era decoreba, né. Isso enche o aluno. Na prova, cai cinco questões e aí eles dão um questionário de vinte para decorar. Decorava todas, fazia a prova e pronto.

P: Na escola, você ia para a biblioteca ou não tinha?

Zapata: Não tinha. Eu nunca estudei numa escola que tivesse biblioteca.

P: Não tinha ou não era aberta?

Zapata: Não tinha.

P: Para mim, também nunca teve. No ensino médio, é quando se ensina literatura. Você se lembra de alguma aula de literatura do ensino médio, de algum livro que te chamou a atenção para alguma coisa?

Zapata: Não, até porque a estratégia era didática e tal, mas o importante foi esse contato com o livro do *Frei Beto*.

P: Me conta do livro do Frei Beto.

Zapata: *Alucinado Som de Tuba*, o Júnior já deve lido. Ele conta a história de, não me recordo se é criança ou adolescente, que foi morar na rua. E aí na rua ele tem vivência com um monte de coisas. O título é porque o pai, o sonho do pai dele era tocar tuba. Ele morava na favela e o sonho do pai dele era tocar tuba. E o pai dele alucinado acabou ficando louco por causa desse sonho. Ele simulava tocar tuba e ele foi morar na rua porque eles foram despejados da favela.

P: E por que você acha que gostou tanto desse livro?

Zapata: Porque nessa época eu já lia. Eu lia Marx, lia Harry Braverman sobre a Riqueza do Homem e eu já tinha a maior identificação com a luta de classe. E aí ele veio como, eu não imaginava que a literatura e que um romance brasileiro discutia assim essas coisas. Fora a viagem né. Eu gostei muito, tanto que é um livro que eu indico para todo mundo. Inclusive, quando eu ficava aqui na biblioteca, um monte de gente leu.

P: Com quantos anos você começou a ter contato com essa leitura de Marx? Você participava do *Força Ativa*?

Zapata: Não, eu nem sonhava que tinha o *Força Ativa*. Já existia, mas eu não participava. Mas era por volta dos dezesseis anos, mas eu já cheguei nessa idade gostando de ler e essas leituras foi mais ou menos nessa idade.

P: Mas você começou a ler Marx porque tinha na sua casa ou foi influência dos seus irmãos?

Zapata: Um pouco de influência e um pouco também da época que começou a despertar a questão da indignação. Não só com os irmãos, mas também com outras pessoas, como o Vagner. Ele era bem chegado com o Fernando e eles tinham um grupo de *rap*. Ele era quem coordenava o grupo de estudo e a gente conversava muito também, indicava os livros. Mas eu lia aqueles livros que já não usava mais, OSPB (Organização Social e Política Brasileira) inclusive tem uns bons, eu não sou fã dele não, vou citar, mas não sou fã do Frei Beto não, pelo contrário, mas inclusive tem um OSBP dele que é bom para caramba. Ele é bem didático, fala do socialismo, capitalismo. Acho que ele foi um cara esperto porque se ele escrevia e alguém tinha que escrever alguma coisa diferenciada como os livros didáticos hoje. Mas não sou fã dele, não acho que ele é revolucionário. Só isso, mas é um bom escritor.

P: Você se lembra de alguma biblioteca, quando você era adolescente, que você ia?

Zapata: Lógico.

P: Em que bibliotecas você ia ?

Zapata: No mínimo, três bibliotecas eu freqüentava lá em Itaquera.

P: Que bibliotecas eram essas?

Zapata: Não lembro o nome, mas uma era na rua do Hospital Planalto – inclusive eu estava falando para minha filha ir –, uma outra é no Jardim Morgante, que é perto da escola onde eu estudei, no Fábio, e a outra é na COHAB II, no Jardim Morgante também e tinha uma outra na COHAB II, que era um pouco mais distante. As três bibliotecas eu sempre freqüentava, mas era tudo longe, né. Na época, eu nem me ligava que a biblioteca era longe.

P: Você ia como, ia a pé?

Zapata: Andando mesmo. Eu lembro até de uma biblioteca lá do Morgante que eles foram em casa buscar os livros, uma tiazinha brava.

P: Me fala uma coisa, quem te levou na biblioteca inicialmente, com quantos anos você lembra de ter ido na biblioteca?

Zapata: Ah, já era relacionado à escola, na quarta e quinta série, ia para fazer trabalho.

P: E como que era a biblioteca? Você achava a biblioteca acolhedora, colorida, legal, o atendente era legal ou não? O que você lembra assim da ida à biblioteca?

Zapata: Mecanizado, o atendimento. Aquele salão branco e a indicação de o livro está em tal lugar e você vai lá e pega. Sem contato nenhum. O bibliotecário é funcionário público, aquele clássico de mau humor, nervoso.

P: Nervoso?[risos] Sem vontade de atender?

Zapata: Sempre foi né. Hoje está mudando um pouco a característica do funcionário público fisicamente, mas acho que é porque o pessoal vai se aposentando e vai entrando os mais novos, porque agora tem, na secretaria da escola, mais as mocinhas, as mulheres.

P: Entendi. Você se lembra de alguém que foi exemplo de leitor para você? Seus irmãos ou alguma outra pessoa?

Zapata: O Wagner, que é esse cara que eu já citei. O Wagner enchia meu saco com livro também. Ainda bem né. Eu debatia até mais com ele do que com meus irmãos.

P: Ele era daqui então?

Zapata: Ele era o coordenador do grupo de estudos, só que na época ele nem sonhava com o *Força Ativa*, também.

P: Já tinha grupo de estudos antes do *Força Ativa*?

Zapata: Não, não. Depois do *Força Ativa* que ele veio ser coordenador. Aí ele continua, mas saiu da coordenação.

P: Tinha o Wagner e na escola tinha alguém assim? Algum colega?

Fim da parte 1

P: Quando é que você começou a ler literatura, ler livro mesmo?

Zapata: Eu estava falando da literatura, do contato com a literatura brasileira mais especificamente porque os livros eu já lia antes.

P: Me conta um pouco das obras que você lembra que você leu? Você leu literatura infanto-juvenil, não leu?

Zapata: Só depois de adulto.

P: Porque tem um monte de gente que diz que leu a série *Vaga-lume*.

Zapata: Ainda bem que eu não li.

P: O que você lembra de ter lido?

Zapata: O primeiro livro que eu li mesmo foi, inclusive eu vivo sugerindo para o pessoal, que é *A História da Riqueza do Homem* e aí *Os Primeiros Passos*.

P: Aqueles *Primeiros Passos*, aqueles livros fininhos?

Zapata: É. Lia quase todos e não entendia quase nenhum.

P: E tinha na sua casa ou você pegava na biblioteca?

Zapata: Não, na biblioteca era só geografia, física. Então, lia esses livros, teve *O Alucinado Som de Tuba*, que eu li por causa da faculdade. Faculdade, quem dera, no caso da escola, continuei lendo, esse livro de OSPB que o Júnior gostava muito. Foram esses nessa época.

P: Nessa época você tinha quantos anos?

Zapata: Dezesseis por aí, mas já tinha esse contato com leitura, né. Tem alguma coisa que vou ter que pesquisar também. É legal.

P: Com dezesseis, dezessete anos, você já estava andando com o pessoal do hiphop ou não?

Zapata: *Rap* e não *hiphop* e eu não andava com ninguém, eu ficava na minha porque eu só jogava bola, eu só ficava jogando futebol para cima e para baixo, só andava com o pessoal do futebol.

P: E aí quando você terminou o ensino médio, você tinha quantos anos?

Zapata: Ah, o ensino médio, ele foi um parto, né.

P: Foi? Me conta, o que aconteceu?

Zapata: Quando a Luana veio ao mundo, eu estava no primeiro.

P: Que é a sua filha?

Zapata: É, aí eu comecei a trabalhar e começava a estudar, só que eu comecei a trabalhar em padaria e era muito inflexível e aí foi, foi, foi e eu vim terminar eu acho que eu estava com vinte e três, vinte e quatro por aí.

P: É que na padaria tem aqueles horários muito puxados, não é?

Zapata: É. E eu trabalhei muito à noite, porque, assim, até a Luana nascer, nossa situação era muito ruim lá na minha família. Só que a minha mãe era assim: a gente trabalhava, mas, se comesse a prejudicar, ela mandava sair e ponto final. Então eu cheguei até a trabalhar com meu pai na oficina para ganhar um dinheirinho, na padaria antes, quando eu era adolescente. Lembra que eu falei que mudei de escola e fui trabalhar numa fábrica de salgadinho, mas aí, se comesse a atrapalhar, eu saía. Mas aí a situação mudou, né. Eu tive pelo menos um período assim só trabalhar. Conciliava quando dava, até eu conseguir trabalhar e estudar. Porque eu entrei em padaria mesmo, fiquei muito tempo. Era longe, era à noite, era o dia inteiro, era a maior correria.

P: Quando a Luana nasceu, você tinha quantos anos?

Zapata: Deixa eu fazer as contas.

P: Ela tem catorze e você tem trinta e dois.

Zapata: Trinta e três eu faço agora.

P: Dezenove, é porque você entrou com nove, repetiu. Com dezenove, você estava no primeiro ano do ensino médio. E aí você conseguiu terminar com vinte e três.

Zapata: Vinte e quatro por aí.

P: E às vezes você repetia por falta.

Zapata: A maioria das vezes, na verdade, eu parava e não ia. Mas isso aconteceu pouco. De um ou dois eu não ir e falava assim: “Agora, não dá para eu terminar.” Sempre planejei terminar quando desse uma arrumada na vida. Foi o que aconteceu.

P: Você chegou a morar com a mãe da Luana?

Zapata: De uma forma organizada assim como tem que ser, não. Foi uma coisa assim, uma mudança muito forte no percurso, na vida. Muita imaturidade também. Imagina a pessoa que só tem um “compromisso” com a escola, vivia mais ou menos tranqüila e de repente tudo muda. Também não era nosso objetivo né. Aconteceu.

P: Nesse tempo que você trabalhou na padaria, você ficou sem ler provavelmente.

Zapata: Não.

P: Você continuou lendo?

Zapata: Lógico. Não fiquei sem ler nunca. Acho que, desde que começou, eu acho que foi o tempo que eu mais li, até mesmo mais do que hoje. Eu queria ler Marx, Lênin. Lia tudo né.

P: E aí você já estava com esse pessoal militante e tal?

Zapata: É, eu encontrei quando eu vim para cá. Na verdade, foi quando eu vim para cá. Logo em seguida, encontrei o pessoal, mas nunca deixei de ler. Lia mais do que hoje.

P: E como é que você foi parar na Letras da PUC? Você terminou com uns vinte e três e entrou com uns vinte e oito lá na Letras?

Zapata: É. Eu sempre quis fazer História, mas aí, por conta do *Força Ativa* e do nosso trabalho aqui e como já tinha gente que fazia História, o Wilson e a Fernanda já estudavam História e tinha a Eddie que ela não chegou a dar aula para mim, ela foi professora do Fernando e ela tem muita gente que ela é responsável dentro do *Força Ativa* hoje e ela já é formada em História e dá aula e hoje ela é diretora de uma escola e dá aula em outra, e aí eu comecei a pensar em outra coisa que fosse contribuir mais para a nossa formação.

P: Um caráter mais diverso, mais diversificado.

Zapata: É mais diversificado para a nossa formação e que a gente pudesse tocar nosso trabalho lá fora também. Aí fiquei pensando, pensando e acabei na Letras. Eu fui fazer Letras no Mackenzie primeiro.

P: É mesmo?

Zapata: Fui no Mackenzie, estudava de manhã lá, mas acabei não conseguindo conciliar por causa do meu trabalho. Porque Letras no Mackenzie só tem à tarde, que é Tradução, e de manhã que é Licenciatura e Bacharelado. E aí lá também eu já tinha conseguido bolsa, mas não deu porque senão você vai trabalhar que horas, não é? Aí eu sai de lá e fui para a PUC.

P: E quando você foi para a PUC, você teve que fazer um novo vestibular?

Zapata: Eu optei pelo Vestibular porque, pelas informações que eu tinha, era melhor. Porque você entrava mais fácil pelo vestibular do que a transferência, e aí você pede equivalência do que você já fez.

P: E como foi você se preparar para o vestibular? Fez um cursinho, alguma coisa?

Zapata: Não. Eu me inscrevi, no dia fui lá e nem estudei. Eu fiz o vestibular no Mackenzie e passei e fiquei estudando lá. Quando eu resolvi mudar, eu fiz na Fundação Santo André e na PUC, inclusive na PUC são dois dias, sábado e domingo a prova e na Fundação Santo André foi no domingo. Calhou que foi no mesmo dia, só que na Fundação foi de manhã e na PUC foi à tarde. Eu fiz no sábado na PUC, domingo pela manhã, eu fiz na Fundação e, no mesmo domingo à tarde, eu fiz na PUC. Só que não foi na PUC, foi na UNIP aqui no Tatuapé.

P: Ah, foi mais perto.

Zapata: Ainda bem né. Aí eu saí da Fundação Santo André no domingo e já fui para a PUC. Aí eu passei nos dois e saiu primeiro o resultado da Fundação. Eu fiz minha matrícula lá, só que depois saiu da PUC e aí eu cancelei a matrícula e eles devolvem trinta por cento do dinheiro e aí eu fiz na PUC e estou lá até hoje.

P: Você acha que você fazer Letras lá contribuiu de alguma forma para você gostar mais de ler, mudou sua visão da leitura ou da literatura, seja ela brasileira ou estrangeira ou não? Como foi para sua formação como leitor fazer Letras na PUC?

Zapata: A visão, assim contribuir com gosto não, porque eu acho que a leitura é uma ação como comer, não é uma questão de gosto. Leitura faz parte da sua necessidade. Ela ajudou muito no entendimento das coisas, conhecer a estrutura da língua, as variações, a Lingüística. Na questão da literatura brasileira, a estrutura, análise de texto ajudou muito. E também que inevitavelmente você tem que ler muito mais. Porque, como eu falei, como que eu organizo minha leitura: é meu grupo de estudo porque eu continuo lendo o que eu sempre li e onde eu comecei a ler.

P: Que é esse grupo de estudos daqui?

Zapata: Eu comecei a ler aonde? Nas questões sociais, comecei a ler isso.

P: Quantos anos você tinha?

Zapata: Dezesseis, dezessete. Comecei a ler isso, como eu falei o primeiro livro, livro mesmo que eu peguei e li de ponta a ponta foi *A Riqueza de um Homem*, do Harry Braverman e, depois disso, acho que já de novo umas quatro ou cinco vezes e tem um monte que eu comecei e não acabei também. Por exemplo: *A Idade da Razão*, do Sartre, que era do Wagner. *A Idade da Razão* que é do Wagner está comigo até hoje e eu não acabei de ler até hoje, fazem quase dez anos desde essa época. Tem uns que não terminei, então entrei por essa

leitura. Organizo ela assim, depois que eu entrei na Faculdade, continuo nela através do grupo de estudos, sempre tem que estar lendo um romance porque é fundamental. Porque o romance contribui para a articulação do cérebro. Então, tem que estar sempre lendo romance e os textos que cada dia você tem que xerocar quatro, cinco. Quando tem grana, né.

P: E haja dinheiro.

Zapata: Haja grana.

P: Tem a leitura do grupo de estudos, tem a leitura dos romances e tem a leitura dos textos. O que te agrada mais?

Zapata: Os três. Não tem um mais.

P: Qual a diferença entre eles?

Zapata: No grupo de estudos, a leitura é marxista, análise da sociedade com uma perspectiva marxista. O romance hoje é porque eu vou ser professor de literatura e eu tenho que ler tudo.

P: Mas não que você goste.

Zapata: Não, eu gosto. Só que vou ler pessoas que eu nunca lia se eu não fosse ser professor. Como Rui Barbosa, Machado de Assis eu já li *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, mas tem que ler de novo e mais umas cinquenta vezes e, nessa organização que estou fazendo, tem gente que passaria batido. Eu lia mesmo, brasileiro que seria o *Lima Barreto*, toda a obra. Gostei do *Guimarães Rosa* pela linguagem, uma linguagem, ele é o rei do neologismo e os livros dele têm toda uma linguagem coloquial. Gostei muito e o *Guimarães Rosa* foi pela faculdade. Tinha uma disciplina que deram *Grande Sertão Veredas* que aí eu lê e gostei.

P: E você foi seduzido [risos].

Zapata: E eu até continuaria lendo porque tem um pouco do professor.

P: Como assim?

Zapata: Porque o professor de literatura, lá tem vários, mas esse Erson é um professor muito bom e eu me identifico pelo jeito dele e ele é marxista também e então a gente acaba se influenciando e aí acaba se apegando. E os textos são fundamentais. Agora, se você me perguntar do grau de dificuldade dos textos da faculdade, são muito difíceis, eu acho.

P: Quando você começou a ler literatura, você achou difícil também ou não?

Zapata: Não.

P: Porque, diante dos textos do grupo de estudo, literatura foi fácil.

Zapata: Legal, gostoso. Eu acho muito, embora não é gosto, a literatura mexe com o seu cérebro. Tem vários estudos que fala sobre isso: semear jamais na literatura, né. Embora ela seja, acredito que o romance em geral, a leitura política em geral, eu digo mais do brasileiro, porque, se eu for pegar se eu for pegar o russo, vou falar nessas palavras: em questões políticas, ele dá de dez a zero, de estrutura também acho, embora não li todos. Li alguns, mas a literatura brasileira, ela, você viaja e tal, mas também é uma leitura política, mesmo dos ruins porque é a opinião dos caras.

P: Como assim, dos ruins?

Zapata: Ruins que eu digo é no sentido de ideologia. Por exemplo, você pega Lima Barreto, vamos polarizar. Lima Barreto e Machado de Assis, na minha opinião, hoje, é lógico que eu tenho que estudar muito mais, são os melhores em relação à estrutura, aquele negócio de fazer viajar, descrição. Estrutura no geral, são os dois melhores. Agora ideologicamente, o *Lima Barreto* tem uma posição mais da população, da questão racial, a crítica à sociedade de uma forma mais, diria assim, de classe, porque ele não cita, como é romance tem que abstrair e tomar cuidado do cara não estar falando aquilo. Machado de Assis não, é uma leitura mais burguesa, embora ele fale alguma coisa ou outra, mas... tanto que é um cara que foi logo para a Academia Brasileira de Letras.

P: Quando a gente não estava gravando, você me disse que você não gostava de literatura brasileira inicialmente, porque você achava que é uma literatura burguesa.

Zapata: Eu ainda acho. Eu não lia porque é uma literatura burguesa. Mas eu aprendi, quando li Lima Barreto, que para mim estava no mesmo balaio, e aí quando eu tive contato através de um trabalho de uma professora que era da UNICSUL, hoje ela é de onde era o grupo de estudo ali da UNG, quando eu tive contato com Lima Barreto por causa dessa tese dela, que eu fui questionar e ela falou: “Não. Lima Barreto, quem levou foi Antonio Cândido, Astrogildo, não sei quem.” Aí eu fui ler e eu já tinha indicação do Fernando de ler o *Policarpo*, que eu nunca li. Fui lendo e acabei lendo os principais e pretendo ler toda obra. Li umas duas ou três biografias, porque não acha muito, uma da Caros Amigos e outra do Francisco Barbosa, que é considerado o maior biógrafo do Lima Barreto. Gostei muito, até pela questão da estrutura, mas principalmente pelo que ele escreve. *Clara dos Anjos*, e se eu tivesse que fazer um trabalho de dissertação na literatura eu faria da *Clara dos Anjos*.

P: Por que *Clara dos Anjos*, o que tem de especial?

Zapata: Primeiro, porque tem o que não tem em nenhum autor brasileiro que é a crítica ao racismo. Crítica não superficial.

P: Crítica mais contundente.

Zapata: É, mais contundente, ao racismo, porque *Clara dos Anjos* é o que, pelo título é uma moça que é negra, que convive no subúrbio do Rio de Janeiro, que tem esse nome de Clara dos Anjos e ela, toda vida dela se passa ali no subúrbio, com a dificuldade social, família pobre e que o romance se desenrola assim: tem um cara que é branco e na vila lá ele era o gostoso porque é filho de um, não sei se é juiz, promotor ou alguma coisa assim e ele poderia ficar zoando, coisa que parece bem boba, com as mulheres negras do subúrbio, tanto é que tem uma passagem que esse cara foge e vai para o centro fugido, porque ele engravida a Clara e tem uma passagem que eu não sei se você lembra, que é muito louca essa passagem, que no centro da cidade que ele encontra uma menina com essa situação de rua e não sei o que ele faz que ele arruma confusão e essa menina conhece e começa a falar que ela foi para a rua por causa dele, que ele engravidou ela, Meu! negócio muito louco assim. Na minha classificação, que não importa nada, ele é *top*, Clara dos Anjos. Sem contar com o *Policarpo*, ele é forte, ele critica o patriotismo. Ele acaba com o estrangeirismo, o positivismo. Então, para mim, se for falar, se é que tem um melhor, é o Lima Barreto, que é o que eu mais gosto. Como eu falei, eu aprendi a gostar agora do Guimarães Rosa. Acho que tem vários bons, tem uns contistas, o próprio Manuel Bandeira, que é muito interessante.

P: E a literatura russa, literatura alemã, você já lia antes de entrar na faculdade?

Zapata: Alemã nem depois, não me lembro de ter lido nada de alemã não. A russa sim, já tinha lido alguma coisa. Na faculdade nem se cogita a leitura, nem existe a literatura russa na faculdade. É só brasileira aquele restrito, só Machado, não sei quem e português.

P: Você disse que os romances mexem com o cérebro e que você viaja.

Zapata: Com toda leitura você viaja, né.

P: Explica melhor essa idéia de mexer com o pensamento?

Zapata: Acho que toda essa estratégia de descrição, narração. Ela faz. Tanto é que elas são mais difíceis ao mesmo tempo mas é através dessa estratégia que o escritor consegue prender o leitor.

P: Você estudou Letras né, você me falou.

Zapata: Foi

Zapata: Não sei se você teve contato com essa discussão, na literatura, os novos escritos falam que não pode ter tanta descrição, tem que ter um texto mais enxuto. Eu não estudei isso ainda, mas eu acredito que é por duas coisas. Uma é tornar o texto fácil, porque seu cérebro vai ficar menos capacitado para pensar e outro para vender né. Porque você lê um do Paulo Coelho rapidinho, porque é uma leitura direta, sem muita descrição, sem muita coisa, quer dizer, nem posso falar que é, porque eu não leio Paulo Coelho, mas essas neoliteraturas, se é que se pode chamar assim, elas são assim, tirando alguns caras como o Ratun, caras que são

mais, que ainda preserva um pouco mais essa questão da viagem é isso, os recursos que eles usam, narração e descrição, parece que tem muitos estudos na área de Psicologia falando da literatura que mexe com não sei o quê.

P: Legal. Tem o que equivocadamente chamam de leitura marginal, né. Você curte essa literatura ou não? Tem gente que gosta muito de ler Ferréz, tem gente que não gosta. Como é que você se posiciona?

Zapata: Eu ia perguntar se eu ia ter pseudônimo, mas não ia adiantar, porque os caras estão aqui, mas a maioria para mim é lixo, a leitura marginal.

P: Pode ter pseudônimo [risos].

Zapata: [risos] Não, é que eu queria me esconder do Marley, mas ele vai estar ouvindo. Para mim, a maioria é lixo, mas tem coisa muito boa. Eu acho que o Ferréz não deve para ninguém. O cara é muito bom, na minha opinião.

P: Mas o resto você...

Zapata: Não, é, o resto e eu também nem me impressionei muito, mas chama de marginal porque é literatura feita por pessoas, porque literatura é literatura, mas é literatura feita por pessoas que são marginalizadas, pensando assim o próprio Lima Barreto é literatura marginal.

P: Por isso que eu falei que o termo não é...

Zapata: Ah, sim. É escrito por pessoas que são marginalizadas agora, você pega o conteúdo é tão ruim quanto o amigo dele ali, o Rui Barbosa. Tão ruim quanto esses caras, tão ruim quanto esses burgueses porque...

P: Mas mudou a forma ou o conteúdo?

Zapata: Eu nem vou discutir a forma, porque forma é forma, mas depende da característica do escritor porque o Guimarães Rosa, quando ele escrevia, ele também não era aceito. Muitas editoras, embora o Guimarães Rosa não era da periferia, era estilo dele. Mas ele não era aceito por causa da forma dele escrever, usar o coloquial, igual aquele *Grande Sertão* escrito direto, sem capítulo, mas é por causa do conteúdo, serve tanto a burguesia, tanto a despolitização quanto muitos que têm, quanto Paulo Coelho e sua turma. Eu acho que é isso, mas tem gente boa. Deve ter gente boa. O Ferréz eu acho muito bom.

P: Você acha que o fato de você ter material de qualidade influenciou, te fez gostar de ler? Se você só tivesse Paulo Coelho ou só aqueles romancezinhos que você falou que seu pai curti ler, você acha que a qualidade do material influenciou para você gostar a ler? .Você acha que só tivesse Paulo Coelho da vida, Gasparetto, o que é menos cultuado, digamos assim, menos eruditos, você acha que também teria gostado, de que forma?

Zapata: Isso é só um achar mesmo, né.

P: É um achismo.

Zapata: Eu não sei, porque, quando eu peguei a leitura mesmo assim, para mim, foi por conta de entender a sociedade, tanto que não é à toa que eu queria o OSPB do Frei Beto. Talvez sim, talvez não. Agora eu falo que tudo isso é uma crítica minha, mas na estratégia de leitura talvez, talvez não, essas leituras também são válidas. Até o próprio *Mago* né, a estratégia de leitura, de aquisição, da pessoa começar a ler ou ler como gosto são válidas.

P: Outra coisa que eu queria te perguntar é: se sua filha te perguntasse por que você gosta de ler, por que é legal ler, qual a curtição de ler?

Zapata: Se ela perguntasse de novo?

P: De novo, depois desse papel que você tem aqui. Não sei com quantos anos ela perguntou, mas devia ser bem novinha. Se ela perguntasse agora o que você diria para ela?

Zapata: Eu diria o que até eu disse recentemente, que a leitura é importante para você se descobrir, você se descobre através da leitura, você se descobre como descobre a sociedade, como você descobre sua história, sua identidade. E o Griô já morreu né, se não ler, você não vai descobrir.

P: O que já morreu? Desculpe eu não entendi.

Zapata: O Griô.

P: O que é o Griô?

Zapata: O Griô eram as pessoas mais velhas nas comunidades africanas e que passavam a história de forma oral né, passavam a história da “sociedade” para os mais novos através da oralidade. Então, os Griôs eram esses, porque não existia livros, não tinha o registro escrito pelo menos categorizado como é hoje, e eles passavam as histórias. Figuras que foram muito importantes no processo nas comunidades africanas e aqui nas comunidades nativas tinha alguém que fazia também. E que mantinha a história viva.

P: História oral.

Zapata: E como o Griô morreu pelos europeu e que também pela evolução da história e pela evolução da sociedade, só através da leitura para você se descobrir.

P: O Wagner que você sempre falou não é o Wilhinho.

Zapata: Não, não é. O Wagner é um e o Wilhinho é outro . É o Wilhão. O Wilhão teve um papel importante na nossa formação.

P: Onde anda o Wilhão?

Zapata: O Wilhão anda por aí nos bares da vida.

P: [risos]

Zapata: O William é um cara tão influente que até de umas pessoas irem para a Fundação foi ele e foi o primeiro a estudar Ciências Sociais na Fundação. Ele faz parte hoje ainda, obviamente que nós temos divergências muito aprofundadas. Não é porque tem divergência que vamos esquecer que ele teve um papel importante, inclusive eu trabalhava na padaria à noite e ele ficava lá a noite inteira conversando comigo, o William.

P: É mesmo?

Zapata: É. Porque o Wagner sempre foi um cara solitário e aí ele ia porque a padaria era perto e a casa dele era em frente à minha. Eu trabalhava à noite lá no fundo, fechada a padaria e aí eu abria e a gente ficava conversando tudo o que a gente conversa hoje. Falando da sociedade, se queixando, falando mal de um amigo, de outro. Falando dos livros, dos textos, depois que ele entrou na faculdade também acompanhando as novidades, falando do PT.

P: *Ele fazia faculdade do quê?*

Zapata: Ele se formou em Ciências Sociais.

P: *Ah, Ciências Sociais na Fundação, tá certo.*

Zapata: E ele fez o Fernando estudar isso, porque ele e o Fernando são praticamente a mesma idade. Tinha um grupo de *rap*. E ele hoje ainda faz parte do grupo de estudo do *Força Ativa* e os que foram primeiro para o *Força Ativa* foi ele e o Fernando. Eles que conheceram. Ele foi coordenador até pouco tempo e aí ele renunciou à coordenação, mas continua.

P: Então, ele foi um interlocutor muito importante para a sua formação intelectual.

Zapata: Um dos, sem dúvida.

P: Se você tivesse que dizer, pensando em várias mediações que podem ter existido. A mediação da sua própria família e aí tem sua mãe, seu pai e seus próprios irmãos, a escola pensando assim no nível didático de Língua Portuguesa.

Zapata: Não, mas tinha muita coisa boa que eu tirei. Mesmo meus irmãos, o Edney e o Wilhinho, ficava naquela cartilha lá discutindo os textos, lendo. Não discutindo como hoje, pedindo para eu escrever, mas a gente gostava muito da cartilha, lá que eu tenho que ler porque eu tenho quase certeza que eu não daria para o meu aluno, nem ferrando, mas a gente gostava muito, *Caminho Suave*.

P: Vocês discutiam a Cartilha?

Zapata: Tinha uns textos muito bacanas. Eu lembro que o que a gente ficou mais assim foi “O Quintal da Bicharada”. Tinha o um e o dois e tinha quintal, tinha vários bichos e sempre aquela imitação da fábula, do lobo que ia pegar os bichos, não sei o quê. Discutia assim esses

textos, as narrativas curtas. Eu acho que é importante para a formação do leitor, o problema é como a escola faz.

P: Como assim?

Zapata: Para que tem esses textos na cartilha, que hoje não existe mais, que hoje é o livro didático mesmo. Não era livro didático nessa época, era cartilha. Na cartilha, tinha os conteúdos, Português e Matemática e os outros. Depois esses textos é para que, era para incentivar a formação de leitores. E, por exemplo, no nosso caso, foi importante porque a gente já tinha alguma coisa aguçada para isso porque a forma que é trabalhada a ler, fazer interpretação de texto, responder as perguntas e traz, isso não forma leitor. Por isso que eu falo que é a estratégia de leitura que vai depender da formação do professor.

P: Você acha que esses textos incentivavam vocês que já tinham essa coisa aguçada porque tinham essa prática de leitura dentro de casa?

Zapata: E eu ainda estou falando de coisa de nove, dez anos.

P: Com nove, dez anos vocês já liam?

Zapata: A gente lia, brincava. Discutia assim né. O Marley está imaginando, porque o filho do Marley faz isso né, faz uma assembléia, chama todo mundo, mas eu não tive um pai como ele. A gente ficava lendo e conversando sobre o texto, lia bastante, era isso né.

P: Legal. Depois tem gente que diz que não teve livro didático no ensino fundamental, da quinta até a oitava, e depois no ensino médio e tal, porque não adotava ou o pessoal não podia comprar e o governo não mandava, como foi? Tinha livro didático de Língua Portuguesa assim da quinta à oitava e do primeiro ao terceiro?

Zapata: Era biblioteca. Lembra das bibliotecas que eu ia lá? Não tinha livro didático e os romances você tinha que comprar e como eu não comprava...

P: Quando você não comprava, você pegava lá na biblioteca, e você disse que quando não tinha livro, fazia pesquisa lá na biblioteca. E essa biblioteca que você ia era pública? Não eram nem comunitárias? Não eram comunitárias e na escola não tinha. Tá. Então, pensando assim na sua formação como leitor, se você tivesse que dizer o que não contribuiu nada para você se tornar leitor assim, foi indiferente. O que você acha que não contribuiu, escola, família, biblioteca, Igreja?

Zapata: Eu já identifiquei isso aí. O meu irmão, o Vagner, inclusive hoje ele é Testemunha de Jeová.

P: O Wilhinho?

Zapata: É. O pessoal passava na porta com aquela revista *Sentinela*, sabe *Sentinela*?

P: Ah, sei.

Zapata: E ele era pior do que eu, porque eu só vivia na rua.

P: E ele lia pra caramba?

Zapata: Nossa, ele lia o dia todo. Gibi, ele é o que mais gostava de gibi e começou a adquirir essas revistinha aí, até que hoje ele foi para lá. Para ele, contribuiu. Para mim, a Igreja não contribuiu em nada. Grupos de amigos, pensando em grupo, grupos de amigos, também não. Não sei como é que você está colocando isso aí.

P: Na verdade, não é grupo de amigos é grupo de pares. Então grupo de pares é assim: os seus outros colegas daqui, ou seus outros colegas do futebol ou seus outros colegas da escola, os pares do pessoal do rap, é nesse sentido.

Zapata: Mas na época que eu comecei a ler?

P: Durante a sua formação como leitor, não apenas quando você foi alfabetizado. Durante todo o processo, tem gente que me fala assim: “Para mim, quando eu me alfabetizei, foi importante professora Dorinha, depois eu fiquei sem ler e depois foi importante para mim, na quinta ou sexta série, um amigo que eu tinha que tinha um monte de gibi na casa dele e ele me emprestava e a gente trocava idéia. Depois foi importante para mim porque eu entrei num grupo de *rap* e aí eu comecei a ler coisa de africanidade. Aí foi importante, sabe assim?”

Zapata: Esse foi o Marley né, pode falar a verdade.

P: Não, eu estava me lembrando do André na primeira parte e aí fechei com o Marley na segunda, é verdade.

Zapata: Eu sabia... Está vendo como eu o conheço?

P: Mas eu não falei.

Zapata: Não e tem outra coisa muito importante que é passar batido do *rap*, que contribuiu muito para que eu lesse, que eu já lia né. Mas o que contribuiu mesmo foi um tal de disco chamado: *Escolha seu caminho*. Putz, chorou.

P: Chorou?

Zapata: É que ele chora quando ele escuta esse nome. Esse disco chamado *Escolha seu caminho* é de um grupo que hoje eu nem faço questão de escutar e nem citar o nome.

P: Para não fazer propaganda?

Zapata: Não, é para você não perder tempo com eles, mas foi importante porque o nome do disco era *Escolha seu caminho* e os caras sempre batiam nessa tecla de ler, de se informar. Para o seu trabalho, você poderia procurar essa música.

P: *Escolha seu Caminho*?

Zapata: É dos Racionais. Ai, não era pra falar. O Marley deve ter, mas na internet você acha a letra. Então assim, muita gente posso afirmar para você, muita gente que hoje da nossa idade lê, como muitos voltaram para trás, começaram a ler e depois o Brown disse que não era para ler mais e aí pararam de ler. Muita gente, na vida de muita gente na periferia, teve influência esse disco. Inclusive de conhecer Zumbi dos Palmares. O nome do disco é *Escolha seu caminho*, só que no disco só vem duas músicas. Sabe aquele disco grandão, hoje já tem o cd, mas só tem duas músicas.

P: Mas eu sou do tempo do vinil . [risos]

Zapata: Tinha a Voz Ativa, que era uma música muito boa e a Escolha seu Caminho. Só essas duas músicas nesse mesmo disco. Que na época chamava jingle, né você do *rap*?

P: Single.

Zapata: Single ou jingle, você do *rap*? Jingle mesmo.

P: Single era quando tinha só uma música, é verdade.

Zapata: E aí nem o Movimento Negro, nem o partido que falava de esquerda e muito menos a escola, é lógico, conseguiu mostrar para a periferia quem foi Malcolm X, quem foi Martin Luther King, quem foi o Zumbi dos Palmares. Isso só o *rap* e esses caras foram os principais. O Racionais e a *Força Ativa* que, na época, a gente ainda usava fralda. Mas também o disco do *Escolha seu caminho*, a capa era de um lado um cara com arma ou injetando droga e do outro lado era um cara lendo aquele monte de livros. Por isso é que o nome é *Escolha seu caminho*. Muito boa essa música, influenciou eu e muita gente, o Marley com certeza. O Malik eu não sei.

P: O que diz essa música?

Zapata: Fala da importância de ler, né. Na verdade, o nome da música é “Negro Limitado”. *Escolha seu caminho* é o nome do disco, mas a música é “Negro Limitado” e a outra é “Voz Ativa” mesmo. Ah, Negro Limitado fala das opções, o que a sociedade oferece para o negro ou como ele sai disso. Ele fala: “Escolha seu caminho, seja um verdadeiro preto, culto, informado ou você é apenas um negro limitado.” Inclusive ele diferencia preto de negro. Porque hoje para ele tem até o negro branco. E aí, quando a gente começou esse movimento do *hiphop*, não era assim do Movimento mas já frequentava, você via que isso aí muita gente pode ter certeza. Inclusive porque o X voltou para trás porque o Brown voltou. E está todo mundo voltando.

P: Escuta, que idade você tinha quando você escutou esse disco e começou a entrar mais forte no *hiphop*?

Zapata: O *Escolha seu caminho*, foi no ano de 1993, hein Marley? Foi no ano de 1992. Faz a conta aí.

P: No ano de 1992, você tinha dezesseis anos.

Zapata: É e foi nessa época que esse livro aí forçou a busca de todo mundo para ler. Tanto pela música como pela capa que era uma capa assim...

P: Muito simbólica.

Zapata: Nossa, foi isso. Do que você fez aí, foi a igreja que não contribuiu com nada. Contribuiu para atrapalhar.

P: Porque você não leu *Sentinela*.

Zapata: Não, até que eu li alguns, mas não contribuiu com nada, só para atrapalhar. Família eu tenho uma concepção de família muito diferente.

P: E seus irmãos?

Zapata: Ah, contribuiu bastante. Tanto os mais velhos quanto os mais novos.

P: Por que os mais novos contribuíram para você ser leitor?

Zapata: Porque o novo sempre vem, o Marley, que gosta de MPB, ele sempre fala isso da Elis Regina. Porque a gente está sempre aprendendo com quem está na sociedade. Então, tem coisas que você não lê e que o outro traz.

P: Então, o que você colocaria em primeiro lugar? A família?

Zapata: Então, porque família, porque o problema é que a gente não vive em família. Se a gente vivesse em família, a gente não tinha nem relação, não teríamos boas relações né. Então eu não sei, meu conceito de família é assim. Eu colocaria aí meus companheiros de luta, meus irmãos também. Eu acho que a figura do Fernando e do Wagner, elas foram muito importante para o que eu leio.

P: O Wagner e o Fernando são seus irmãos?

Zapata: Não. O Wilhão, ele deve estar no bar essa hora. Esses caras estão todos de brincadeira, mas o Wilhão não é amigo também não, senão não estava dando certo. Ele é um companheiro aqui da luta.

P: Eu posso colocar o Fernando e o Wilhão como número um?

Zapata: É assim, acho que não tem. Número um sou eu.

P: Ah, então está bom.

Zapata: Mas eles estão aí, companheiros da mesma luta.

P: E a biblioteca pública lá de Itaquera, ela foi importante para você ou não?

Zapata: Não foi. Você sabe que eu fui e fiz um trabalho do índio uma vez e aí, não é que é maltratado, não tem aquela coisa de “Ô volta aí para ler e tal”. Embora, quando a tiazinha foi buscar os livros, já não era para trabalho de escola.

P: Ela foi buscar porque estava atrasado?

Zapata: E muito atrasado. Na verdade, acho que eu não queria devolver. Mas tem que devolver o livro da biblioteca, mas contribuiu muito pouco, se contribuiu, não sei se precisar disso. E a escola muito menos ainda, mesmo tendo a cartilhinha e tal. A biblioteca não sei né, porque a biblioteca tem que pensar mais né. Agora a escola, eu lia o que eu li até hoje sem escola mesmo, que uma hora eu ia encontrar com *Alucinado Som de Tuba* e a escola continu sendo o principal dificultador, me parece, não sei.

P: E o acesso ao material impresso?

Zapata: Muito. Então daqui é matéria que você fala de todo tipo né?, Os textos que são da faculdade, tirando um ou outro

P: Me fala uma coisa: quantos anos você tinha quando leu *Alucinado Som de Tuba*?

Zapata: Foi nessa mesma época de Racionais, foram essas histórias aí.

P: Quando você começou a ouvir esse disco, você começou a ler o quê?

Zapata: Eu continuei a ler o que eu já lia.

P: De uma linha marxista?

Zapata: É.

P: Coisas mais de ficção assim?

Zapata: E aqui a gente exemplifica, mas a questão racial mesmo eu já lia. Lógico que eu não tinha lido Malcolm X ainda, porque não tinha nem como. Mas já lia coisas já.

P: Por que você acha que *O Alucinado Som de Tuba* fez tanta diferença?

Zapata: Acho que ele me mostrou o que é literatura, que por mais, nessa época é lógico que eu não tinha contato embora eu estava, acho que nem estava com o Sartre do Wagner, que está comigo até hoje, mas não tinha contato com literatura, romance. Eu sabia o que era ler porque eu percebi que era um romance, inclusive depois teve aquele dia que a gente discutiu bastante que romance não é amor, que eu até aprendi na faculdade né que Romance não é de amor. Romance para mim era de amor, como a maioria. Então, não tinha necessidade de ler livro de amor, né? Olha como eu era ignorante, mas era desconhecimento mesmo. Então não lia, né e aí eu aprendi o que era, apesar que está mais para novela *O Alucinado Som de Tuba*, mas foi o escritor e foi um livro muito gostoso de ler. Eu não digo bonito, mas, desculpe porque as pessoas aqui não acreditam em livro bonito né, porque numa época recente acabamos lendo *A Mãe do Korck* e *Assim Foi Temperado o Aço*, é russo, mas o autor tem que buscar. Vi um pessoal uma vez numa atividade de esquerda dizer: “Ah, que livro bonito.” Nem sei por que eu estou falando isso.

P: Porque a gente estava falando dessa história de que por que *Alucinado Som de Tuba* te marcou tanto...

Zapata: Aí eu disse, eu não acho os livros bonitos, só tem tragédia. Mas é lógico que é outro sentido, isso que é chato. Me marcou por isso, eu aprendi, eu conheci esse gênero na verdade que eu deveria ter aprendido no mínimo na quarta série. Tem que conhecer os gêneros literários, embora tive o contato lá na cartilha, mas se o próprio ensino não faz a relação, você não vai fazer. E eu gostei para caramba, tanto da questão ideológica, ele faz uma denúncia contra a sociedade brasileira quanto a função dos sentidos. Porque eu gosto assim e acho que foi a partir daí que eu comecei a escrever *rap*, escrevo aí mais na parte do conto, escrevo conto. Não gosto, não é que não gosto, não tenho muita habilidade para poema, mas arrisco alguns também. Mas conto, mesmo sabendo que não tenho afinidade, eu escrevo bastante porque eu acho fascinante essa questão que a narrativa, os sentidos que ela constrói né. Quando fala de viajar é isso né. Na descrição, você ter uma pessoa no local, o sentimento, dor tal. Então, eu acho que o bom é isso. Por isso que muita gente ama Machado de Assis porque o cara é bom nisso. Só que tem a questão do que fala né. E é por isso que eu não gosto da chamada literatura marginal no geral. Não é que eu não goste de se constituir gênero, não é isso. O que eu falo é que a maioria que escreve é a mesma coisa que escreveram e ideologicamente pior do que já escreveram e de estrutura então nem se fala. Porque eu fiquei uma vez na chamada recuperação de literatura, porque eu não lia os livros.

P: Na escola?

Zapata: É. Se não ler esse livro, não vai passar. Tem que apresentar o seminário.

P: Que livro era?

Zapata: *Inocência*, Visconde de Taunay. Ele tem outro nome além desse Visconde de Taunay. Foi um dos piores livros que eu já li. É lógico que vou ler esse livro de novo outras vezes, mas é uma perda de tempo porque eu poderia estar... não aprendi nada. Por outro lado, foi bom porque, em questão da estrutura mesmo, isso que eu acabei de falar do gênero narrativo. Só que foi ambíguo né. Eu não gostei. Esse sim falava da Inocência que era moça e o cara veio, aí ficou com ela e veio não sei quem que matou não sei quem, tipo *O tempo e o vento* e tal, mas a diferença é isso né. Você ainda consegue construir um monte de coisas.

P: Que ano você estava mais ou menos quando ficou de recuperação?

Zapata: Não lembro hein. Mas já era ensino médio, literatura de ensino médio. Aí tive que ler, apresentar o seminário e tal, foi tranqüilo, mas nem lembro do livro direito.

P: E os outros livros assim que tinha que ler, não dava às vezes para comprar e aí você acabava não fazendo.

Zapata: Não, romance não era nem questão de comprar, porque eu ia na biblioteca. É que a maioria eu não lia mesmo. Eu tinha também a ignorância de não saber, as pessoas falavam em romance que eu já falei.

P: Você achava que era alguma coisa assim água com açúcar?

Zapata. É. Essa semana eu até falei, acho que estava debatendo Eu, o Malik e alguém aqui né. Mas é essa visão que a gente aprende, como a gente aprende o que é romance. Chega numa criança e pergunta o que é romance? Novela, paixão, namorado.

P: E casamento no final. [risos]

Zapata: Eu falava: “Eu? Revolucionário, de esquerda, PSTU – nem existia PSTU naquela época – vou ler romance? É brincadeira.” Eu sempre fui, isso é bom em algumas coisas e ruim na maioria, sempre fui muito folgado nesse sentido, falava que não ia fazer e não fazia mesmo. E é lógico que depois você tem que pagar por isso e eu não lia. Lia alguns só. Não li dos piores não, li *Dom Casmurro*, mas não lia. Li esse aí porque era obrigado, mas depois que eu aprendi o que era o negócio, que aí foi quando eu li o *Alucinado Som de Tuba*, Lima Barreto...

P: E a Luana, ela gosta de ler?

Zapata: Tem uma relação com a leitura como todos os adolescentes, mas ela é um pouco mais avançada. Tem algumas coisas que ela ama, Stanislaw Ponte Preta ela ama e se tiver, ela lê. Tem muitas coisas que a gente indica e que ela lê e tem muitas coisas, inclusive o *Dom Casmurro* na escola foi um sufoco. Ela leu, ficou feliz porque foi bem na prova, mas se queixou muito, não queria ler. Ela tem essa relação né, que ela ainda... A gente vive como? Complicado, uma relação dentro de casa e lá fora tem o mundo. A escola fala para ler para uma coisa uma coisa e você fala para outra. Eu classifico e ela lê. Eu acho que ela poderia ler muito mais, mas não lê. Mas ela lê muito mais que as pessoas da idade dela lêem, né. Mas novamente eu, como futuro professor, acho que a escola tem o principal papel de formar um aluno não leitor, porque “você vai ter uma prova dia vinte, lê porque você vai ter uma prova” e aí você começa a ler. Ao mesmo tempo que ele é muito bom, a narrativa é cansativa e você não está acostumado com isso e você começa a não querer ler, porque tem um monte de curso, um monte de coisas que competem né. E aí o aluno acaba abandonando. Ela fala: é muito chato, eu vou ler. A gente teve uma discussão muito leve porque eu acho que tudo tem seu momento. Mas acho que também tudo tem que ser muito leve porque tudo tem seu momento. Mas, se tiver que ler porque é para prova, e aí ela avança, retrocede. Acho que é isso, mas ela lê. Inclusive até mais que a minha irmã que está com uns quinze ou dezessete anos e ela não lê nada. Livros meus mesmo às vezes ficam lá no quarto dela.

P: Hoje moram você, a Luana...

Zapata: Não. Mora eu, a Luana e uma outra pessoa.

P: Que é sua companheira?

Zapata: Isso.

P: Você não está influenciando tão de perto a irmã [risos].

Zapata: Não, na verdade eu nunca... É que a gente sofreu um pouco com isso, minha irmã, meu irmão que também é adolescente e dois depois dele, a gente nunca conseguiu. A gente não conseguiu também porque a gente nunca fez. Como eu falei, o Fernando que é mais velho dos que participam, tem o Nino que é mais velho que o Fernando, eu foi uma coisa “natural”, mas nunca foi de influenciar e com nossos outros irmãos a gente quer que seja assim também, porque se meu irmão quisesse ser um *rapper* ou um jogador de basquete ou se não quiser ser porra nenhuma, isso é um problema deles. A nossa influência nunca foi assim, o Fernando nunca chegou assim e...”Você tem que ler, tem que ler. E aí esses mais novos eles não se identificam com um monte de coisa não. Mesma coisa eu com relação aos mais velhos. Eu

sempre falo para ela: “Eu não vou ficar no seu pé”. Agora, a gente está sempre superando, nos obstáculos, nas conquistas. A gente chama sempre para fazer uma avaliação. A própria Luana mesmo, eu falo que é importante ler por isso, por isso. Isso é o que eu aprendi, mas, se não quiser ler, não leia .A vida é dela, quem sou né? Livros ela tem lá, um monte.

P: Você quer dizer mais alguma coisa?

Zapata: Cadê meu livro?

P: Cadê meu livro? [risos]

P: Então, queria te agradecer pela entrevista

Zapata: Ia ser a semana que vem.

P: E já foi.
